Instituto Politécnico de Tomar

**Escola Superior de Tecnologia de Tomar**

**Ana Patrícia Moita Farias**

# O GÉNERO JORNAL

# O Jornal Mapa

Relatório de Estágio

Orientado por:
Miguel Sanches

Relatório de Estágio
apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Design Editorial

Outubro 2018

# RESUMO

Serve o presente relatório para reportar o estágio na Gráfica M2, com a duração de seis meses, fazendo-se uma sucinta descrição do trabalho desenvolvido na preparação e adaptação do objecto de design à materialização como produto.

Ademais, complementando esta experiência, procederemos a uma breve exploração de teorias na investigação em Design, com ênfase na Teoria de Género de Robert Waller, aplicando-a a um estudo de caso, o Jornal mapa, um pequeno jornal sem fins lucrativos, notando a influência do jornal generalista diário como voz definidora do género.

# ABSTRACT

The current document reports the six months internship in M2 printhouse, consisting of a brief description of work developed in such context, oriented torwards the process of adapting and preparingthe design creation to physical materialization.

Complementing this experience, an exploration of theories in Design Research, with enphasis in the Genre Theorie of Robert Waller, applying it to a case study, a non-profit newspaper, MAPA, noting the influence of mass produced daily newspapers as Genre definers.

# 1. ÍNDICE


1. Nota introdutória I
2. Metodologia III
3. Conceitos 1
   3.1.Design 1
   3.2. A noção de género em Design Gráfico 5
      a. Estrutura de Tópico 8
      b. Estrutura de Artefacto 10
      c. Estrutura de Acesso 10
      d. Estrutura de Género 11
4. O género Jornal 15
   4.1.Formação histórica 15
   4.2. Jornal generalista (2018) 27
      a. Estrutura de tópico 30
      b. Estrutura de artefacto 31
      c. Estrutura de acesso 32
      d. Estrutura de género 33
   4.3.Variações de género 37
   4.3.1. Jornalismo lento 37
   4.3.2. Projectos Independentes 38
5. O jornal MAPA 45
   5.1.Contexto 45
   5.2. Análise de Género 47
      a. Estrutura de Tópico 47
      b. Estrutura de Artefacto 49
      c. Estrutura de Acesso 119
      d. Estrutura de Género 120
6. Conclusão 123
1. Relatório de estágio 127
1. Bibliografia 135

# 1. NOTA INTRODUTÓRIA

*I shall not today attempt further to define the kinds of material I understand to be embraced within that shorthand description (hardcore pornography), and perhaps I could never succeed in intelligibly doing so. But I know it when I see it, and the motion picture involved in this case is not that.*

**Juiz Potter Stewart**
1964

A palavra Design é, nos tempos que correm, ubíqua e transdisciplinar, ainda que o significado, para muitos, incluindo estudantes e profissionais do Design propriamente dito, se estenda pouco para além da abreviatura. Como o juiz Potter[1], reconhecemos o Design quando o vemos, sem necessidade de grandes explorações conceptuais para distinguir o que é do o que não é.

Cursando uma licenciatura ou um mestrado, aprende-se a valorizar acima dos demais os conhecimentos de ordem prática1. O paradigma do ensino do Design[2] estará precisamente ancorado nas práticas de projecto, nas quais se vão procurar simular as práticas de atelier, onde o talento – a capacidade demonstrativa – contará mais que o conhecimento factual.

Enquanto disciplina académica, o design é relativamente recente, e, enquanto que o desenho em si é defendido por alguns autores como legítimo meio metodológico, análogo à demonstração matemática noutras áreas (por exemplo, por Francisco Providência[3]), a palavra escrita ainda assim constitui o mais forte indício de auto-consciência dos praticantes, daquilo que constitui o design como disciplina[4].

Esta prática analítica, por via da palavra é, porém, pouco exercitada nos tempos lectivos; é essencialmente deixada para especializações e caminhos pessoais.

À escolha de tema para a dissertação presidiu a consciência desta falta de palavras, assumir o desafio de uma abordagem analítica, menos experimentada que a criativa e prática, e também o desejo de produzir esse esforço em benefício de algum projecto editorial vivo no meio físico e temporal que habitamos.

Ter-se-á escolhido o Jornal MAPA um projecto editorial independente editado a partir da zona de Lisboa, que entre outras razões, terá chamado a atenção por se fazer editar em impresso, a contra-pelo da tendência geral do meio, e da que seria natural às suas dimensões.

**1** Jacobellis v. Ohio, 378 U.S. 184 (1964).

**2** Peter Downtown em "Design Research", citado em CAVADAS, Rui Carlos Ferreira - Investigação em /por design. (2005) 100, pag . 59.

**3** Providência, Francisco - O poeta ou aquele que faz. A poética como inovação em Design; [S.l.] : Universidade de Aveiro, 2014, pag. 17.

**4** [Disciplina] "conjunto suposições, conceitos, teorias, métodos e ferramentas empregues por um grupo específico de cientistas ou académicos. No início de uma disciplina, a maior parte destas suposições, etc., serão implícitas e não conscientes. Quando se tornam explícitas, então a disciplina obtém consciência de si." Walker, John A. Design History and the History of Design, , citado em Cavadas, Rui Carlos Ferreira. «Investigação em / por design», 2005, pág. 13. .

# 2. METODOLOGIA

Para a elaboração desta dissertação recorrer-se-á a uma entrevista informal bem como a bibliografia dedicada em três categorias:

- Pesquisa em design: procurar-se-á, através da consulta bibliográfica teórica, enquadrar a disciplina, o seu objecto, e obter recursos para a construção de uma análise textual do objecto editorial.

- História da imprensa: através da consulta de documentação escrita e visual, estabelecer-se-ão as características do documento "jornal impresso", compreendendo que papel desempenha na sua forma presente através da formação dos seus elementos essenciais.

- Manuais de composição gráfica: procurar-se-á através da consulta de material de apoio profissional, avaliar, pelo jornal arquetípico, as soluções adoptadas pelo jornal estudado ao longo da sua existência, de forma a detectar os seus constrangimentos próprios e soluções emergentes, para um possivel redesign. Apresentar-se-á uma análise gráfica do documento, quanto à forma e contra-forma, direcções de leitura, tipografia, grelha, imagens e atmosfera.

# 3. CONCEITOS

## 3.1. Design

*Design starts with the fact*
*of machine-made.*

**William Dwiggins**

Em "About the Word Design"[5], o autor *Vilèm Flusser*[1] debruça-se sobre os aspectos etimológicos e semânticos da palavra. Tanto para o leitor português como para o autor, que escreve o original na língua alemã, a palavra, como estrangeirismo, carece do seu significado como verbo, encontra-se truncada.

Etimologicamente, a palavra Design, aponta, tem a sua raiz em *signum*, o prefixo latino *de-* indicando negação. Mas, especificamente em Inglês, o substantivo engloba significados como *plano*, *intenção*, *objectivo*, *esquema*, *justificação*, "estrutura básica", estes e outros significados ainda conectados com os termos que se traduzem como *solércia* e *artimanha*. Como verbo, *preparar*, *simular*, *esquissar*, *esboçar*, *estilizar*, "ter desígnios de algo". Flusser vê estes significados muito próximos da etimologia de *mecânico* e *máquina*, do alemão *macht* e *mögen*, do inglês *might* e *may*, do antigo grego *mechos*, artifício, no sentido de *armadilha*: "uma alavanca, por exemplo, engana a gravidade, e a mecânica é o truque de enganar corpos pesados"[5].

O seguinte fio condutor que Flusser introduz no seu texto é a palavra *tecnologia*, do grego *techne*, arte, relacionada com *tekton*, *carpinteiro*, simultaneamente aquele que doa forma humana ao natural e, segundo Platão, aquele que distorce as formas puras, ideais. A grega *techné* encontra-se no latim com ars, de novo com um sentido de "tornar algo a seu favor", deixando-nos *artífice*, mas também *artificio*, truque. Este, afirma, é o tecido de uma concepção existencial do mundo sem uma clara distinção entre arte e tecnologia, uma cultura consciente de que é desenhada, *deceptiva*, a palavra Design espalhando-se na modernidade como representante dessa consciência mais antiga que vem sendo negada desde o renascimento, com a separação entre o qualitativo, estético, e o quantitativo, científico.

Flusser – filósofo – sucede em balizar por um dos extremos o uso que damos à palavra Design, o extremo onde é possível afirmar "design é tudo" ou "design é boa vontade". Talvez o extremo oposto possa ser representado pela visão de Dwiggins[6], afinal, o primeiro auto-proclamado designer, quando vê o Design

**5** FLUSSER, Vilém; CULLARS, John - On the Word Design: An Etymological Essay. Design Issues. . (1995) 50–53.

**6** SHAW, Paul - Tradition and Innovation: The Design Work of William Addison Dwiggins. Design Issues. (1984) 26–41.



FIG. 1
BRUCE & STEPHANIE THARP
*Materious*

indissociável da ideia de mercadoria, através dos meios de produção. Uma posição mediana, que compreende o que não chega ou aspira a ser reproduzido, pode ser encontrada através de Bruce M. Tharp[7], engenheiro mecânico, designer industrial e antropólogo social.

Tharp propõe a existência de quatro categorias para o design: Design Comercial, Design Responsável, Design Experimental e Design Discursivo.

A primeira categoria de Tharp, Design Comercial, engloba a maioria dos artefactos produzidos por designers, sendo o seu sucesso medido em termos económicos, em retorno de investimento e a sua intenção subjacente produzir o útil, usável e desejável, com o maior equilíbrio possível entre custo para o público alvo e o lucro para a oferta.

A segunda categoria, Design Responsável, engloba uma noção mais humanitária de serviço e engloba necessariamente alguma forma de mecenato ou associativismo, ainda que alguns produtos logrem obter sucesso comercial e estarem disponíveis no mercado. Estes produtos visam carências de minorias, necessidades para as quais não exista oferta, sejam de índole fisiológica ou a própria falta de poder de compra em campos que impliquem exclusão social ou desvantagem pronunciada.

**7** Tharp, Bruce M.; Tharp, Stephanie M. - The 4 Fields of Industrial Design: (No, not furniture, trans, consumer electronics, & toys) [Em linha] [Consult. 8 jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.core77.com/posts/12232/the-4-fields-of-industrial-design-no-not-furniture-trans-consumer-electronics-toys-by-bruce-m-tharp-and-stephanie-m-tharp-12232>.



FIG. 2 - DUNNE AND RABY
*Teddy Bear Blood Bag*

A terceira categoria, Design Experimental, representa uma estreita quantidade de objectos, e a sua intenção é a exploração, experimentação e descoberta, interessando-se o criador mais pelo projecto – o processo de manipular um material, uma técnica, um conceito ou uma estética – que pelo resultado. Encontra-se frequentemente em escolas e laboratórios.

A quarta, o Design Discursivo, refere-se à criação de objectos utilitários cujo primeiro propósito é comunicar ideias e encorajar discursos, portanto, de cariz vincadamente simbólico. Segundo o autor, este é o tipo de design menos visível no mercado, difundindo-se no espaço "oficial" da arte, a exposição, e também na edição e filmes. Nesta categoria, refere, o que distingue o objecto de design do objecto artístico é o carácter utilitário do primeiro.

Tharp, tendo subsequentemente desenvolvido investigação no campo do Design Discursivo, escreve este texto com o objectivo de ajudar a legitimar as investigações não-mercantis no panorama do Design, procurando promover, através da consciência e afirmação dos objectivos projectuais, expandir o papel percebido do designer a agente cultural e cidadão global. Pela clarificação das possíveis intenções subjacentes ao objecto de design, procura igualmente informar os públicos/consumidores, distinguindo os modos de fruição e crítica, elevando-o a interlocutor activo do Design Experimental e Discursivo.

O texto de Tharp é bem-sucedido em organizar uma certa confusão do estudante quando defrontado com o corpo mais ou menos canónico da História do Design, que tantas vezes engloba o avant-la-lettre dos meios de produção, o não produzido, o artesanal até o objecto intencionalmente artístico lado a lado com o objecto de sucesso comercial extremo e consumado. Não raro se criam dúvidas acerca do que representa o que é apresentado – o mais bem-sucedido representante de uma corrente estética? O precursor de uma? Um movimento contra-corrente? Como saber se um objecto artesanal ou único é realmente Design e não Arte, ou outra coisa ainda?

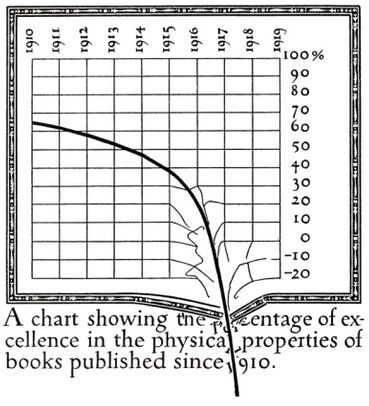
Tharp responde que o objecto de Design é utilitário. Dwiggins, que é o que é pensado para a reprodução industrial. Ambas as visões tornam-se contíguas quando, de novo, subordinadas ao conceito de mercadoria – de algo que se posiciona além do puro valor de uso, que está para além da necessidade elementar, num campo onde haja suficiente abundância produtiva para suportar a mutação; Onde a carência é profunda, espanta que chegue a existir Design – tende-se a compreender as realizações nessas circunstâncias como sagacidade ou engenho, como o que se sucede em produzir durante uma guerra ou num sítio isolado. O Design, como o dizemos no dia-a-dia, realiza-se na mutação do [já] abundante.

O percurso profissional de Dwiggins ilumina este aspecto, quando sucede em combinar os processos produtivos do livro industrial, entretanto maduros para a produção em massa, com os processos gráficos desenvolvidos por si e seus contemporâneos na edição artesanal letterpress, formalmente brilhante, mas comercialmente mal sucedida.

Entre a arte e o artesanato é possível traçar uma distinção pela relação com a repetibilidade, a intencionalidade e problematização do múltiplo. Já entre artesanato e indústria, essa distinção dá-se ao nível da relação com a ferramenta: no primeiro, é o sujeito a constante e a ferramenta a variável, no segundo invertem-se as posições, tornando-se a ferramenta, assim invertido o seu uso, em máquina, e deslocando-se a agência do seu operador para outro lugar – um lugar ainda novo na década em que Dwiggins cunha o termo. Desta perspectiva podemos assumir que a palavra Design não seja passível de aplicação retrospectiva, a criações de outros momentos históricos. O Designer aparece na sociedade de consumo para introduzir mutações nos objectos de consumo, idealmente benéficas, idealmente alterando o próprio rumo da produção para caminhos ou mais eficientes ou mais lucrativos, ou mais empáticos – ou mais persuasivos – conforme o seu pendor ético e sua capacidade de influência dos agentes económicos.




FIG. 3
DWIGGINS
*Pressmark*
*da White Elephant, 1913*

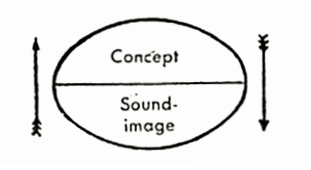


A chart showing the percentage of excellence in the physical properties of books published since 1910.

FIG. 4
DWIGGINS
*"Extracts from an Investigation into the Physical Properties of Books as they are at Present Published", 1919*

# 3.2. A noção de género em Design Gráfico

*The linguistic sign is then a two-sided psychological entity that can be represented by the drawing:*




**Saussure**
Course in General Linguistics
1959. pag. 66.

Em "Designerly Ways of Knowing"[8], Nigel Cross procura capturar as singularidades da cognição criativa, começando a esboçar uma outra distinção que a existente entre o campo científico e o campo humanista: a adição de uma terceira cultura que eventualmente englobaria arquitectos, designers e, em alguns aspectos, engenheiros, ou uma visão destas disciplinas além do técnico e vocacional, que as dote de valor intrínseco, não simplesmente instrumental.

Recorrendo a vários estudos observacionais levados a cabo nas décadas de 60 a 80 com populações de estudantes e profissionais destas disciplinas, encontra a maior distinção entre o campo científico e o campo do Design no facto que os praticantes no primeiro procuram regras, os do segundo, soluções. Tal, conjectura, poderá dever-se ao tipo de problemas sobre os quais se debruçam, problemas "traiçoeiros" (wicked), deficiente ou incompletamente formulados.

A apresentação de soluções, o seu constante descarte ou integração em subsequentes desenvolvimentos, propõe, serve desde logo o propósito de clarificar, completar ou enquadrar os problemas, num processo co-evolutivo de sucessivos pares solução/problema parciais.

Para Cross, o objecto de estudo do Design é o mundo artificial (enquanto que as humanidades estudam a experiência humana e as ciências o mundo natural). Dado o processo que descreve, de prontidão na apresentação de soluções parciais, do uso de soluções como ferramenta, não será excessivo concluir que o designer se mune de soluções onde quer que as encontre, especialmente as que já foram bem-sucedidas anteriormente, não só as esteticamente valiosas ou elegantes, mas acima de tudo, as que sobrevivem. A noção de "género" desenvolvida por R. Waller[9], permite

**8** CROSS, Nigel - Designerly ways of knowing. London : Springer, 2006.

**9** WALLER, Robert - The typographic contribution to language: 1987).

analisar alguns aspectos deste fenómeno, pelo menos no que toca ao Design Gráfico.

A noção de género é tão antiga quanto a Poética de Aristóteles, e terá eventualmente estendido o seu âmbito da "voz autoral" para as formas que a manifestam, inclusive formas não literárias, como o cinema. Teorias linguísticas como a Teoria dos Protótipos de Rosch[10] (1978) e a Teoria da Linguagem Comum, de J.L. Austin's[11] (1979) terão servido posteriores desenvolvimentos numa miríade de áreas de estudo, da literatura ao marketing.

A Teoria dos Protótipos de Rosch é formulada a contrapelo num contexto em que, historicamente, se consideravam as formas linguísticas como arbitrárias, não emergentes de quaisquer princípios fundamentais da psique humana. Rosch coloca-se na facção que defende as investigações que propõem a existência de universais humanos, nomeadamente, no campo da categorização.

Dois princípios gerais são propostos para a formação de categorias; O primeiro sustenta que a função de uma categoria é providenciar o máximo de informação com o mínimo de esforço cognitivo. O segundo, que este objectivo é atingido se as categorias permitirem mapear a estrutura do mundo percepcionado tão proximamente quanto possível.

Informação é, para um organismo, elaborar uma consideração a partir de um estímulo, pelo que, categorizar um estímulo significa considera-lo sob um propósito. Se à primeira vista pudéssemos pensar que o máximo de informação, o máximo detalhe poderiam significar um ganho, o conhecimento do máximo de propriedades do mundo, o seu processamento rapidamente se desligaria dos processos comportamentais – orientados por propósitos. A categorização tem subjacente a redução dos estímulos perceptivos ao que é relevante aos comportamentos.

Se o mundo abunda em estímulos, estes, todavia, não são co-ocorrências equi-prováveis, sendo alguns atributos mais recorrentes junto de outros, em pares, tríades, ou mesmo impossibilidades enquanto conjuntos de características. Apesar de a percepção depender na mais larga medida dos sentidos, da estrutura perceptiva do ser que percebe, ainda assim, visível nas co- ou nuli-ocorrências, resta uma estrutura que é indubitavelmente propriedade do mundo.

A combinação de ambos princípios tem implicações no grau de abstracção das categorias formadas numa cultura, bem como na sua estrutura interna. Poder-se-á ver os sistemas de categorias dotados de estruturas horizontais e verticais, a vertical dizendo respeito ao grau de inclusividade, e a horizontal ao grau de segmentação em cada nível de inclusividade. O mais básico grau de inclusividade

**10** Rosch, Eleanor - Principles of Categorization. Em Readings in Cognitive Science [Em linha]. [S.l.] : Elsevier, 1988 .

**11** Austin, L. - How To Do Things With Words. Oxford : Oxford University Press, 1962

será o mais abstracto, mais próximo de uma percepção "total"; a segmentação horizontal nos graus menos básicos dará origem a protótipos, ie, imagens mentais, que apresentam atributos mais representativos dentro da categoria.

A análise de Rosch não é citada por R. Waller, ainda que ajude a acompanhar o contexto em que desenvolve as suas ideias, em certos pontos paralelas. Cita, porém, a teoria de Austin, que, como a de Rosch, é igualmente evolucionista[12], e que vê nas categorias da linguagem comum a materialização de necessidades sociais, compreendidas empiricamente e aprofundadas por sucessivas gerações.

Austin foca-se no uso performativo da linguagem, o uso da palavra não só para "constatar" as coisas do mundo, mas como instrumento para efectivamente concretizar tarefas, cada acto discursivo englobando três camadas: o acto de locução (o termo em si mesmo, a enunciação), o acto ilocucionário (o seu objectivo, intenção) e um acto perlocucionário (compreensão responsiva). Waller faz-se influenciar pelo conceito de força ilocucionária e a noção de *felicidade/infelicidade* de condições: as regras, de conhecimento comum, que validam o uso das enunciações performativas, claras quando falamos de actos oficiais, menos distintas, mas igualmente partilhadas numa comunidade de conhecimentos, fora desse contexto.

A partir de Austin (e Eco) Waller pressupõe que cada texto assinala o seu destinatário, seu legítimo leitor, e interessa-se sobretudo pelas estratégias de leitura activa que os leitores independente e pro-activamente impõem inclusive ao próprio texto linear – leituras diagonais, retornos, intercalar de páginas – bem como pelas criações tipográficas que subentendem à partida essas formas de leitura não linear: tabelas, multi-colunas em contraponto, grelhas… os momentos em que a tipografia não é, certamente, "um cálice de cristal" e intervém visivelmente na construção de sentido.

Waller parte dos estádios da produção textual comercial – escrita, publicação e leitura – identificando o acto de publicação como a transformação do texto do autor no texto do leitor – um texto revisto, transformado em layout[13], impresso e distribuído – e mapeia sobre estes três estádios os pontos de análise no que concerne ao design: Estrutura de tópico (uma agenda de sentido), estrutura de artefacto (um template de design) e estrutura de acesso (uma estratégia de uso), – articulados por um quarto, estrutura convencional ou de género .

**12** Como notado por Lamberg, em "Clothing the Paper", estas abordagens são contemporâneas e ressonantes de uma outra que terá recentemente atingindo extrema popularidade na era da internet: a teoria dos memes que Richard Dawkins propõe no Gene Egoísta.

**13** No original, "designed";

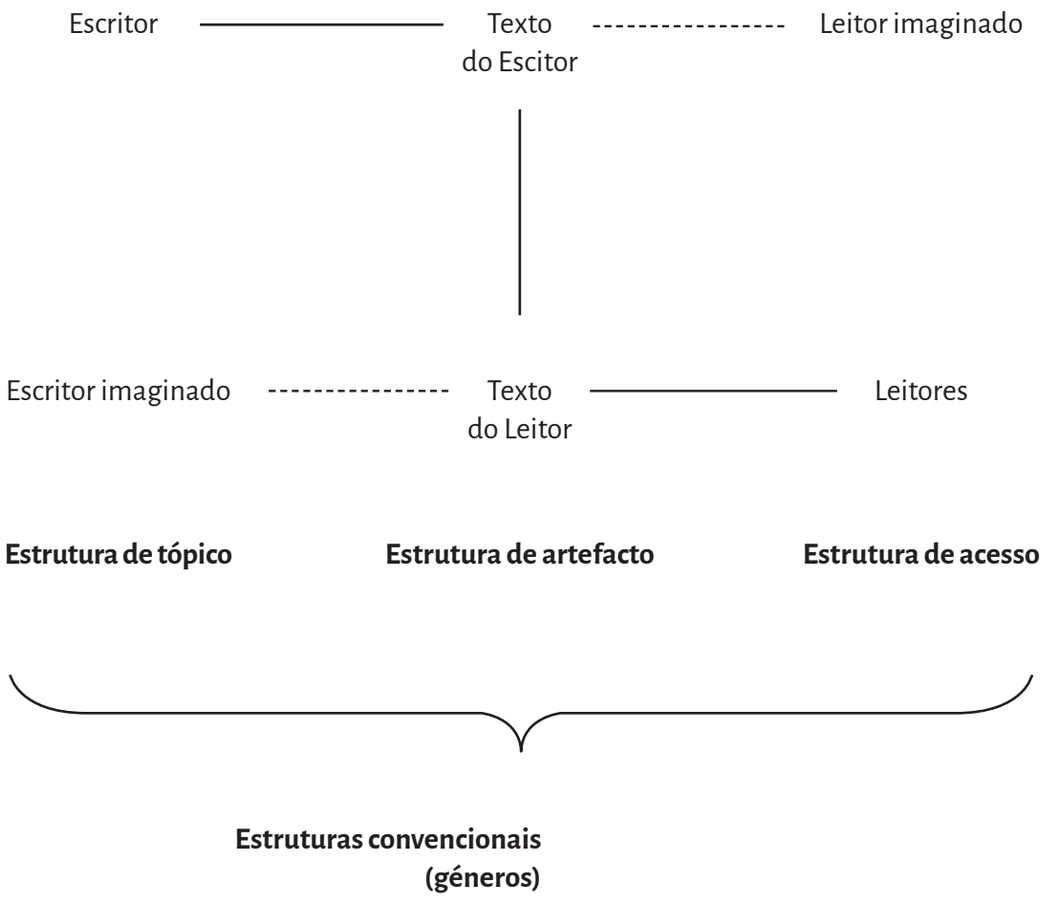



FIG. 5 - ROBERT WALLER
*em: The typographic contribution to language (1987). Pag. 140.*

## a. Estrutura de tópico

A estrutura de tópico consiste no texto do escritor, ou mais especificamente, naquilo que o emissor original quer mostar ou aquilo sobre que quer falar, o seu argumento, é certo, mas também a sua organização de ideias. Mesmo num livro de texto linear, antes e independentemente da aparência que tomem, o efeito retórico intencionado por quebras de linha, cabeçalhos, sublinhados, elementos de pontuação[14], destaque, diferenciação e hierarquia de cabeçalhos, pertence frequentemente ao campo de agência do autor. Existe um entendimento de preservação do sentido.

O designer deve, no mínimo, ser sensível a estes aspectos, e, onde se justifique, intervir como adjuvante da estruturação desse sentido. Certos tipos de documento requerem laços coesivos de cariz intensamente gráfico. Waller cita alguns tipos de programas para a organização de tópicos através do layout:

**14** O entendimento de uma integridade autoral, especialmente quando o autor já não pode intervir, foi mudando ao longo do tempo;
A correcção de grafias em desuso, por exemplo é um reflexo de alguma leveza nesse campo.
A pontuação, por outro lado, terá estado em tempos à discrição do tipógrafo e, frequentemente, nas mãos do editor.

- degraus (*step*): conjuntos de instruções, de relação temporal.
- pilhas (*stack*): tópicos seguidos de comentários explanatórios ou intensificadores, de natureza aditiva.
- estrelas (*star*): argumento central rodeado por elementos contributivos.
- correntes (*chain*): texto linear, de natureza causal.
- argumentos balanceados (*balanced*): distintas propostas argumentativas são expostas em paralelo, de natureza adversativa.

| **layouts retóricos de Nash** | **relações conjuntivas de Halliday e Hasan** | **exemplos de adjuntos conjuntivos** |
|---|---|---|
| degrau | temporal | primeiro; depois; a seguir; finalmente |
| pilha | aditivo | e; ademais; por exemplo |
| estrela | causal | pois; consequentemente; portanto |
| argumentos balançados | adversativo | mas; por um lado; todavia |

FIG. 6
ROBERT WALLER
*Comparativo entre o design retórico de Nash e as relações conjuntivas de Halliday & Hasan. Em: The typographic contribution to language (1987). Pag. 158.*

Em certos géneros de livro, nos quais nem o texto nem as imagens são o ponto de partida – podendo o texto ser rescrito a qualquer momento e sendo as imagens produzidas no processo – como exemplificado ao longo do texto de Waller, os manuais de uso doméstico – a determinação e esquematização de um plano de produção de imagens revela de modo acessível a estrutura de tópico.

## b. Estrutura de Artefacto

Os elementos que permitem identificar a Estrutura de artefacto resultam da natureza física (constrangimentos) das tecnologias de comunicação usadas. Constrangimentos no dispositivo de enquadramento, por exemplo, podem ser inexistentes, como nos sinais de informação rodoviária, nos quais são as dimensões e proporções da placa que são ajustadas ao grafismo, ou significativos, quando ambos formatos de página e de ilustração são inflexíveis. Produtos gráficos elaborados para ecrãns – já presentes à data da análise de Waller – dotados de outros poderosos recursos, é certo, são incapazes, por exemplo, de usufruir da dupla página (que, se disponível, se pode tornar parte da estrutura de tópico, destacando conteúdos), ou páginas extensíveis.

Waller coloca as grelhas e as colunas na caracterização desta estrutura, e com elas a justificação e a hifenização, notando que o leitor experiente terá aprendido a não ler qualquer intencionalidade linguística nesses elementos, desde que usados consistentemente ao longo do documento. Um parágrafo, indentado ou destacado de modo apropriado pertencerá à estrutura de tópico, uma quebra de linha, causada pela largura de coluna, à de artefacto.

Cores disponíveis, Gammut, qualidade de reprodução, número de páginas, formatos de máquina, até tipo e direcção de escrita poderão aparecer ao designer por si mesmos como problemas à procura de solução, ou por outro lado, poderão vir encapsulados num estilo editorial obrigatório como condição de publicação, substituindo-se as condições de produção por um conjunto de regras.

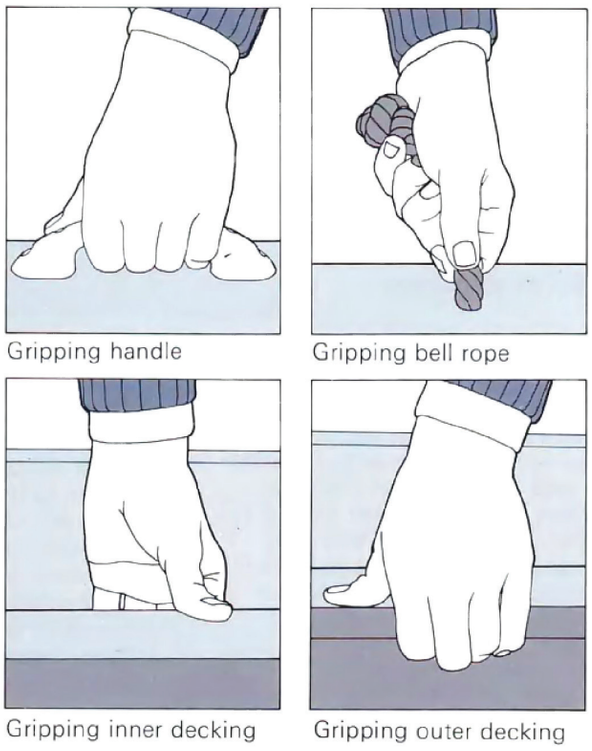
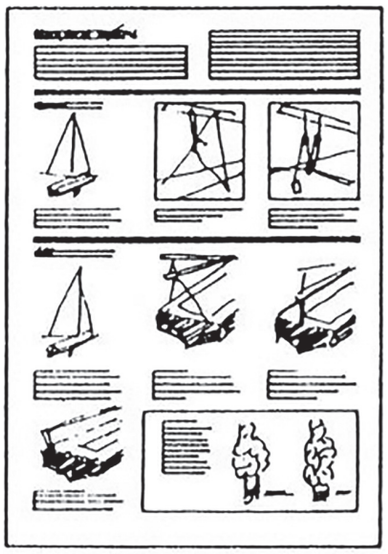
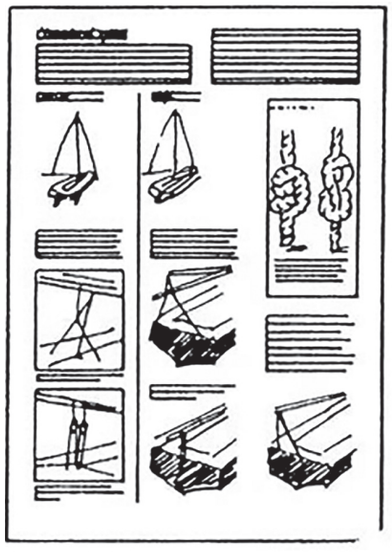



FIG. 7 ROBERT WALLER
*exemplo de conjunção aditiva retirado do "The Handbook of Sailing". Em: The typographic contribution to language (1987). Pag. 159.*

## c. Estrutura de acesso

Uma das mais comuns estruturas de acesso, o número de página, não terá existido desde sempre. Apenas quando a referência textual emergiu na cultura literária terão aparecido recursos como os números de página e parágrafo, destinados ao próprio leitor, e não somente para o impressor ou encadernador organizarem folhas e cadernos. Numeração de parágrafos, capítulos, hierarquias de títulos, todos servem o propósito de auxiliar o leitor na construção de um mapa mental para a navegação do seu texto, tornando-o cooperativo, conversacional.





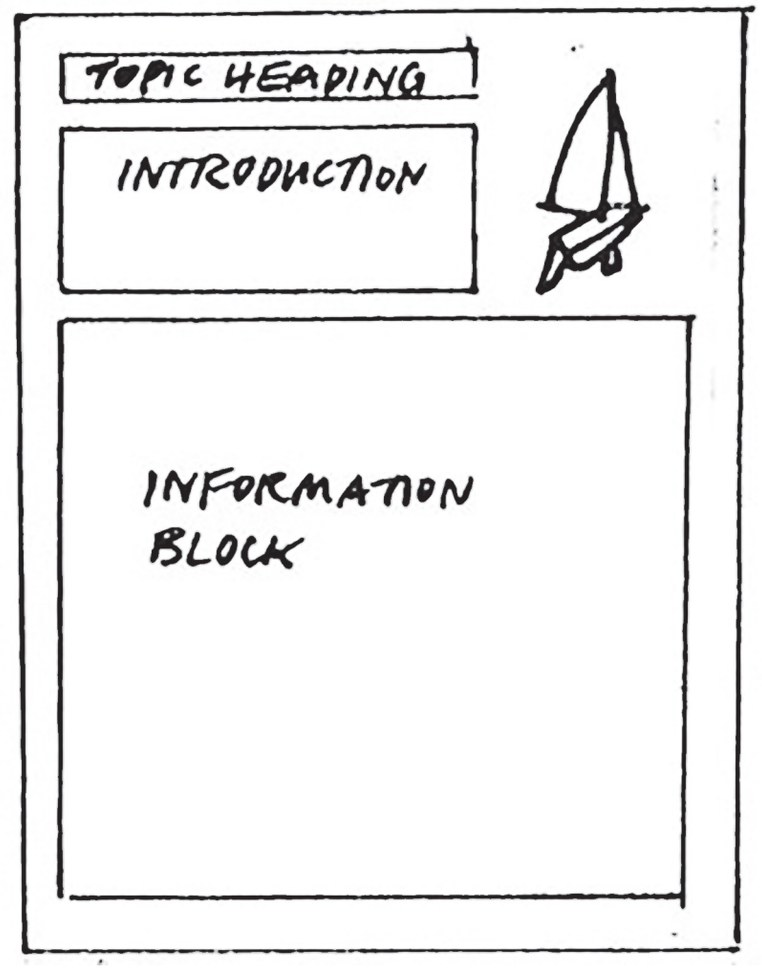



FIG. 8 ROBERT WALLER *esquissos de duas estruturas de artefacto, (esquerda)*
FIG. 9 *estrutura de acesso (direita) no livro "The Handbook of Sailing". Em: The typographic contribution to language (1987). Pag. 147*

Se alguns elementos têm dupla pertença à estrutura de tópico e de acesso, como títulos ou outras intervenções que se alinhem com a estrutura do autor, os elementos da estrutura de acesso tendem a ter uma estrutura racional, mas independente do texto. Glossários e índices alfabéticos são os exemplos mais comuns.

Elementos totalmente exteriores ao texto, uma forma de meta-texto ou comentário poderão figurar em alguns tipos de documento, como palavras-chave independentes do texto do autor, instruções de leitura, graus de dificuldade, segmentação de zonas de interesse por profissão ou outras características diferenciadoras do leitor, propostas de utilização (como, por exemplo, mapas lectivos em manuais escolares) etc…

## d. Estrutura de Género

Mesmo nas teorias linguísticas em Waller se baseia, é assumido que "se tem um nome, provavelmente é um género". Jornais, programas de conferência, bilhetes de autocarro, posters, manuais, todos diferirão entre si pelos diferentes arranjos de estruturas

de tópico, artefacto e acesso. Prosa e poesia, por exemplo, distinguir-se-ão geralmente pela estrutura de acesso, por um modo específico de quebra de parágrafo.

Se a descrição de géneros reflecte a intensa complexidade das relações humanas que encarnam os seus membros integrantes, criar taxonomias não é, para o autor, um objectivo desejável. Novos géneros estão constantemente a serem criados, a fundirem-se, a mutarem. O seu interesse será etnometodológico – explicar o conhecimento que a prática cria.

| | Instruções para electrodoméstico | Brochura turística | Sinal de trânsito |
|---|---|---|---|
| Contexto típico de uso | Entregue com o produto | Em agências de viagens ou envio postal; | Em postes ou estruturas na estrada |
| Configuração e formato típicos | Tamanho restrito pela embalagem; Poucas cores; Divisões maiores por linguagem; menores por tarefa operacional; Folhas, dobragem em concertina ou encasados e agrafados; | Standartizados, geralmente A4 ou do tamanho de expositores; Cores e papel brilhantes; Encasados ou em concertina | Formas e cores standartizadas; metal ou plástico retro-iluminado; múltiplos sinais empilhados verticalmente; |
| Tratamento típico de linguagem verbal | Tipos sem-serifa, multi–colunas, parágrafos em bloco, tabelas, caixas e bold para avisos, etc... | Tipografia "atmosférica"; Tabelas, caixas, etc... Impressão fina nas costas; Formulários; | Sem-serifa standartizada, em caixas alta e baixa; |
| tratamentp típico de linguagem visual | Diagramas de produto com partes identificadas por legendas; Em exemplos multi-língua, os diagramas correspondem a uma chave numérica; | Fotos coloridas, de hoteis e pontos simbólicos; Poderão incluir desenhos e ilustrações; Imagens de hoteis integradas com a prosa e tabelas | Uso de setas e símbolos standart; símbolos e mapas referem-se ao ambiente circundante |

FIG. 10 ROBERT WALLER
*Características de superfície típicas de alguns géneros tipográficos. (tradução adaptada). Em: The typographic contribution to language, (1987). Pag. 230.*

Waller propõe quatro categorias organizadoras para textos tipográficos:

- Contexto típico de uso: situações (industrial, doméstico, educacional, burocrático, etc…), produtos (livros, periódicos, objectos, embalagens, etc…) e, no caso de objectos históricos, data de origem.
- Formato e configuração típicas: tamanho de página ou campo, encadernação, papel ou (outro) media, frequência e uso de cor, grelha, limite (linha, caixa, coluna, página, contentor, etc…), informações de estrutura extrínsecas.
- Tratamento de linguagem verbal típico: sistema de composição (ajustamento tipográfico, qualidade de imagem, etc…), estilo tipográfico (atmosfera, associações), extensão de marcas de destaque (sublinhados, negrito, itálico, etc…), elementos adicionais (filetes, redes, molduras, etc…), informações de estrutura intrínsecas.
- Tratamento típico de elementos visuais: estilo pictórico ou sintáctico, proporção visual/verbal e integração entre ambas.

| Base da pertença de género |
|---|
| Legalmente mandatória<br>*sinais de trânsito;*<br>*embalagem;* |
| Institucionalmente implementada<br>*Jornais científicos*<br>*manuais técnicos* |
| Recomendada por autoridades<br>*Edição de livros* |
| Ritualizada mas pouco articulada<br>*Escrita de cartas*<br>*Jornais e revistas* |
| Estereotipada por referência intertextual e imitação<br>*Anúncios e publicidade* |
| Similar por coincidência de constrangimentos<br>*anúncios amadores*<br>*newsletters* |

FIG. 11 ROBERT WALLER
*Escala da obrigatoriedade à liberdade face aos constrangimentos de género, com exemplos. (adaptada).*
*Em: The typographic contribution to language, (1987). Pag. 233*

Os documentos poderão estar sujeitos a estreita regulação na sua pertença de género, por coerção legal, requisito institucional, ou respeitando recomendações autoritativas. Poderão igualmente serem reproduzidos desse modo tacitamente, sem qualquer força prescritiva em acção, de modo ritualizado, por uso intertextual de estereótipos, imitação, ou simples coincidência de constrangimentos.

A apreensão da pertença de género, onde a regulação é ausente, só é por vezes possível através de uma apreensão estética ou holística do erro, comutando elementos até que a estrutura subjacente se revele, encontrando os *solecismos*, os erros de sintaxe, violações dos bons costumes enraizados num uso continuado.

Estar atento ao género, poderá, portanto, ser inevitável ao designer, onde obrigatório. Onde, todavia, não o é, ainda assim o designer terá que compreender um facto inalienável: o utilizador, o leitor, traz consigo um reservatório de conhecimento de como usar, como ler, um esforço de aprendizagem prévia que nem sempre é abandonado sem ressentimento, libertando energia para encetar novos trilhos cognitivos. O género, não raro, é um constrangimento.

Abordagens ao design que ignorem os constrangimentos de género, atendendo acima de tudo a solucionar os constrangimentos

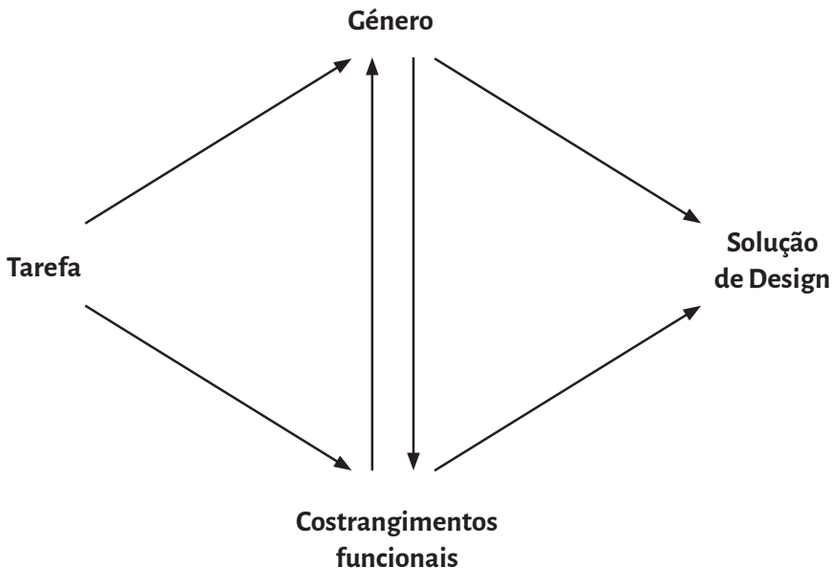



FIG. 12 ROBERT WALLER
*Relação ideal entre as convenções de género e os constrangimentos funcionais, considerados como igualmente valentes ou paralelos na construção de uma solução de design. Em: The typographic contribution to language (1987). Pag. 236.*

funcionais só resultam favoravelmente em situações invulgares ou inovadoras, dado que requisitam uma substancial energia aos utilizadores para deduzirem as "regras do jogo".

Uma consideração paralela dos constrangimentos funcionais e de género, aferindo as qualidades de uma pela outra, será o ambiente ideal.

Se uma abordagem mimética, empírica, aos géneros poderá ser suficiente ao observador excepcionalmente atento, o conhecimento histórico dos métodos de produção e uso será uma mais valia na compreensão estrutural dos documentos, dado que uma vez estabelecido um género, alguns dos seus elementos constituintes são usados por razões outras que não os constrangimentos presentes.

Para abordar o género "Jornal", no qual se insere o objecto final deste estudo, será então útil traçar-lhe a origem e evolução.

# 4. O GÉNERO JORNAL

## 4.1. Formação histórica

Com um nome que se confunde com o do meio de produção que foi o seu por séculos, a imprensa, segundo Brian Winston[15], todavia, não nasceu de imediato com o acto de imprimir textos.

Em 1513, n'O Principe, Maquiavel concebia que os cidadãos poderiam ter direito a "tudo falar, tudo pensar, tudo escrever". O príncipe, todavia, teria igual direito a negar-lhes o privilégio.

A difusão da prensa na Europa terá sido alimentada pela forte solicitação de literacia secular, e cedo as autoridades se encontraram numa relação ambivalente com o poder da imprensa. O registo ora de impressos, ora de impressores, suscitado pelos receios das autoridades, aparece, protegendo, por um lado, os direitos de muitos dos profissionais, vindo, por outro lado, dar origem aos orgãos de censura e a um longo periodo de controlo de estado.

Para além dos livros, novos géneros de documento são dados à reprodução *sem cana, pena ou estilete*. Entre eles, as *Novitäten* ou *occasionnels*, folhas inteiras (broadsheet) impressas numa só face – documentos oficiais contendo regulações ou notícias públicas.

*Gazzettas*, outro nome pelo qual eram conhecidos os *aviso*, apareceriam em Veneza em 1566. *Gazzeta*, uma moeda de baixo valor, seria o preço do dito *aviso* – uma carta acerca de um evento singular – ou talvez apenas da leitura da mesma em voz alta, dada a elevada iliteracia. Desastres, prodígios, supostos testemunhos com pretensões de veracidade eram editados no formato de pequenos livros, os newsbooks *anglo-saxónicos* e *canards* franceses. Ainda distava um século, todavia, até que a forma periódica das notícias emergisse. Este formato lúrido provava-se vendável para os impressores, e certamente mais seguros, no confronto com as autoridades, que qualquer conteúdo sério, de cariz político. Este último tipo de conteúdo teria origem em ambientes selectos, longe da rua.

Se os embaixadores constituíam o exército de *intelligentsia* dos estados no que concerne à informação política e económica, o equivalente no mundo comercial seriam os feitores. Manuscritos ou impressos, boletins de informação geopolítica colectada pelos feitores seriam distribuídos em circulações restritas por banqueiros a mercadores privilegiados, mediante subscrição anual. Uma forma anómala destes boletins, por se fazer publicar pelo estado,

**15** Winston, Brian. *Messages: Free Expression, Media and the West from Gutenberg to Google*. Routledge, 2006.

(727) Numb. 45.

# Mercurius Publicus,

COMPRISING

The Sum of all Affairs now in agitation in *England*, *Scotland*, and *Ireland*,

Together with

FORRAIN INTELLIGENCE;

For Information of the People, and to prevent false News

*Published by Authority.*

*From* Thursday *Novem.* 8. *to* Thursday *Novem.* 15. 1660.

*Dover Novemb.* 4. 1660.

HEre was a young man brought ashore strangely preserved, for on Saturday night about eight a clock it being dark, two Dutch Ships met about the Dungel Neths, so miles from Dover, & there fell foul upon one another, in so much that one in which he was split to pieces. The young man betwixt sleeping and waking, when the Ship was sinking caught hold of a short plank, and lived in the Sea betwe he was taken up twelve or thirteen hours, till a boat come by

4 U and

(730)

Harrison, &c.

*His Majesties Agents and Commissioners for granting of Licenses to receive Wines by Retail, do hereby give notice of what is most concern, that they have appointed Mr. John Flaxe at their Deputy and Agent for the City of York; Mr. Benjamin Gilliard for the whole County of York, together with the Palatine of Durham; and Counties of Northumberland, Westmorland and Cumberland, with the Town and County of Kingston upon Hull, the Town and County of Newcastle upon Tine, and Town of Berwick upon Tweed; Mr. Philip Lanion for the County of Cornwall, Mr. John Tracee for the Counties of Devon and Somerset, the City and County of the City of Exeter, and City and county of the City of Bristol; Mr. Christopher Rowsby for the City and county of Chester and counties of Lancashire, Denby, Flintshire and Salop, and have fent them seal. Agents are to give notice to the right of such as intend compounding to come up to London to contract for Licenses before next term, that so the Act of Parliament in that behalf may be duely executed without any neglect of his Majesties service. All persons concerned are to take due notice of the Advertisement and Indulgence, and here unavoidable they will be the first yet struck or refuseth wilfull conformity to the Law.*

Will. Symons, Register.

(731)

Whereas the Lord Bishop of Carlisle in obedience to the Commands of his Majesty, and the Lords of his Majesties most honourable Privy Council, hath this present Summer visited the Cathedral Church of Carlisle, and the Diocese thereof, and hath found the Revenues of the Deanery and Prebends of the said Church, and the Revenues of the Vicars Choral, and other Officers belonging to the said Church, to be very much impaired, and diminished, by reason of the Usurpation of the late Rebellious Powers, and that the Dean and Prebends of the said Church, and the Vicars Choral, and other Officers belonging to the said Church, have been deprived of the greatest part of their Revenues, and Livelihoods, by reason of the Usurpation aforesaid, and that the Dean and Prebends of the said Church, and the Vicars Choral, and other Officers belonging to the said Church, have been deprived of their Houses, Habitations, and Dwellings

FIG. 14
MERCURIUS PUBLICUS
1661



The Oxford Gazette.

Published by Authority.

FIG. 13
THE OXFORD GAZETTE
1665

e publicamente, terá sido o *Neu Zeitung*, publicado em 1513 pelas autoridades polacas.

A profusão destes boletins pela Europa criava uma oportunidade para impressores: a agregação, tradução e impressão local dos mesmos. A periodicidade começava a emergir para estes pequenos livros de notícias. Os *corantos*, folios, quartos ou octavos, numerados e datados, de periodicidade semanal, ou mesmo mais curta, fazem a sua aparição. *Mercurius* aparecia como parte do título frequentemente, em referência ao deus grego, sendo os seus escritores eram conhecidos por mercuristas – aqueles que transmitiam mensagens escritas por outros, clamando fidelidade às suas fontes. Em breve dedicar-se-iam à cobertura política, às actividades parlamentares, em tiragens que rondariam os 3000 por semana.

A introdução do contra-peso nas prensas, para a elevação automática da matriz, no início do século XVII, aumentara as tiragens de 15 impressões por hora para 150, e o negócio das notícias confirmava-se lucrativo para os impressores de livros.

A proibição, por Carlos II, da impressão de informação acerca de votos e procedimentos da Câmara dos Comuns, não da escrita ou difusão da mesma, atesta o poder ganho por este novo media. Em diferentes países, as estratégias de controlo da imprensa tomarão distintas formas, do incentivo pecuniário à complacência política, às brigadas fiscais e destruição de equipamento dos impressores considerados subversivos.

Publicado "pela autoridade", isto é, com autorização da mesma, a Oxford Gazette é das primeiras publicações que apresenta já alguns dos elementos gráficos que serão espectáveis no documento jornal como distinto do livro: duas páginas com duplas colunas, impressa em meia folha em folio. Em 1665, o termo "jornalista" faz a sua aparição, e "jornal" em 1670.

Em The Form of the News, Barnhurst[16] e Nerone traçam uma divisão da história do jornal (nos E.U.A.) em distintos períodos de estilo, tipo de produção e ideais subjacentes, a partir de finais do século XVIII até à pós-modernidade. Barnhurst ter-se-à focado ao longo da sua carreira na análise dos jornais como documentos gráficos, incluindo elementos descurados noutras análises históricas: os anúncios.

A evolução do jornal nos E.U.A., segundo o relato de Barnhurst e Nerone terá sido menos tumultuosa que as descrições europeias de Winston. Como colónia britânica, receberá o jornal, enquanto género de documento, já relativamente formado pela cultura continental. O papel e tinta, todavia, seriam importados

**16** Barnhurst, Kevin G.; Nerone, John - The Form of News: A History. [S.l.] : Guilford Press, 2002.

e excessivamente dispendiosos. As formas populares e polemistas, dependentes da distribuição das ruas e cafés terão ficado para trás.

Os primeiros jornais terão sido inicialmente impressos em pequenas oficinas de menos de uma dúzia de operadores, sob direcção de um impressor em situação deferencial com os seus leitores: as classes tenentes. Muitos destes impressores estariam envolvidos em contratos governamentais, produzindo impressões de documentação oficial.

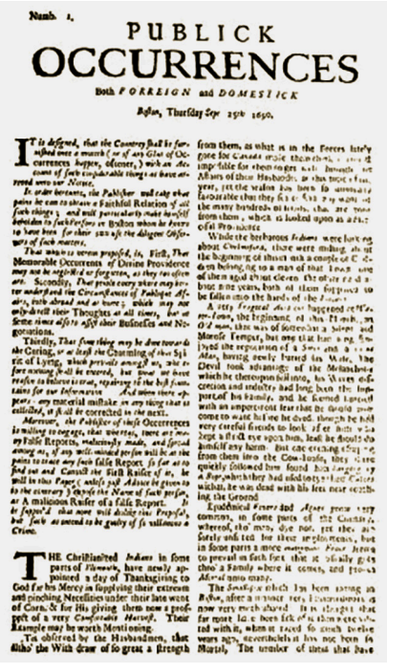
O pendor autoritário da época ditava, como já notado anteriormente, no Reino Unido, a indesejabilidade do escrutínio público nos assuntos políticos, pelo que no jornal se procurava alguma forma de equilíbrio entre esta tarefa e a natureza pública do documento. O objecto de leitura resultava opaco, sem contextualização, dominado por pseudónimos e omissões, munido de um tipo de retórica apenas acessível aos formalmente educados. As notícias referiam-se a um meio específico e eram apenas decifráveis por aqueles que o frequentavam.

Tipograficamente, neste momento, os jornais assemelhavam-se a livros, sem cabeçalhos, a diferenciação de elementos feita em diferentes fontes do mesmo tipo, em colunas largas e ordenadas. Poucos elementos decorativos apareciam e simples filetes dividiam o conteúdo dos anúncios, com o qual facilmente se confundiam.

Diferentemente dos livros, todavia, a organização do conteúdo dava-se do interior para o exterior, sendo as notícias mais recentes colocadas numa coluna interior das páginas centrais, o que permitiria uma composição tipográfica gradual e a secagem atempada da face da folha contendo as notícias mais antigas. As notícias mais recentes de um dado número seriam menos antigas que as mais antigas do seguinte, pelo que cada exemplar se interligava com o anterior, produzindo-se uma continuidade.

A característica agregadora deste tipo de documento terá criado uma comunidade de produtores à imagem de um serviço noticioso, dado que qualquer jornal seria sujeito a recorte para integração num outro, frequentemente sem citação de fonte, todos contribuindo para um espólio comum de uso aberto. Somente, mais tarde, o telégrafo, viria a introduzir uma dinâmica de exclusivo, de interesse monopolista.

A Revolução trouxe profundas alterações ao jornal, que passou a integrar tanto uma voz opinativa e militante como uma representação do seu público, que demonstra mobilizar. Doravante, o jornal é o jornal do editor, mas conserva, como que num protesto de inocência, o mote do jornal do impressor: "aberto a todos os partidos, influenciado por nenhum". Enquanto que o jornal inicial,


Numb. 1.

PUBLICK
OCCURRENCES
Both FORREIGN and DOMESTICK

Boston, Thursday Sept 25th 1690.

It is designed, that the Country shall be furnished once a month (or if any Glut of Occurrences happen, oftener,) with an Account of such considerable things as have arrived unto our Notice.

In order hereunto, the Publisher will take what pains he can to obtain a Faithful Relation of all such things; and will particularly make himself beholden to Gentlemen in the Neighbour Towns to have them from their own mouths.

That which is herein proposed, is, First, That Memorable Occurrents of Divine Providence may not be neglected or forgotten, as they too often are. Secondly, That people may not be exposed to Calumnies for want of knowing the Circumstances of Publick Affairs, both Abroad and at Home; which may not only dishearten Vertuous Endeavours, but also perhaps occasion Mistakes of Consequence. Thirdly, That Gentlemen may be spared the Trouble of frequent Letters, and have the opportunity of more full Intelligence than can ordinarily be expected in Letters; whereby they may stand more at leisure to Command and Dispose of Affairs. Lastly, That Foreigners may be furnished from hence with Advices of such things as may pass amongst us, whereof they desire to be informed.

And whereas there happens to be frequently many false Reports, maliciously made, and spread among us, by some Wicked Persons, to the Disquieting of many Families; the Publisher of these Occurrences is willing to engage, that he will not Insert any thing that he shall not have Reason to believe is true, or else shall take care to Contradict it in the next. Moreover, the Publisher of these Occurrences is willing to engage, that whereas there are many false Reports, maliciously made, and spread among us, of any well-minded person that shall be at the pains to trace any such false Report, so far as to find out and Certify the First Raiser of it, he will in this Paper (unless good Advice be given to the contrary) Expose the Name of such person, as A malicious Raiser of a false Report. But if he happen'd that none will Justify the Reported, but such as seemed to be guilty of the Villanous Crime.

THE Christianized Indians in some parts of Plimouth, have newly appointed a day of Thanksgiving to God for his Mercy in supplying their extream and pinching Necessities under their late want of Corn, & for His giving them now a prospect of a very Comfortable Harvest. Their Example may be worth Mentioning.

'Tis observed by the Husbandmen, that Birds the With draw of so great a Strength from them, as what is in the Forces lately gone for Canada unto them there, ... impossible for them to keep with Impunity ... Affairs of their Husbandry, ... this most ... year, yet the season has been so ... favourable that they have had ... the many hundreds of Bushels, that are now from them, which is looked upon as a ... of Providence.

While the Inhabitants of Boston were busy ... about Christmas, there were making ... the beginning of March such a couple of C... as to belong to a man of that Town ... of them aged about Eleven the other ... but nine years, both of them supposed to be fallen into the hands of the Enemy.

A very Tragical Accident happened at Piscataqua, the Regiment of the Honourable Major General Winthrop, that was of somewhat a Solemn and Mournful Tenure, but one that has a ... Joyful Issue. The Temptation of a Serpent ... Adam, having newly turned his Wife, The Devil took advantage of the Melancholy which he thereupon fell into, to Assail with Temptations and Industry had long been the Importune of his Family, and he seemed Armed with an unperceived fear that he should prevail to make his Life be dyed, though he had very careful friends to look after him who kept a strict eye upon him, least he should do himself any harm. But one evening about ... from them into the Cow-House, they were quickly followed him found him hanging by a Rope which they had obtained of the Cattle which, he was dead with his feet near ... ing the Ground.

Epidemical Fevers and Agues prove very common, in some parts of the Country, wherein, tho' many die not, yet they are Sorely and Tedious Distempers, but in some parts a more ... Fever seems to prevail in such sort that it ... ly goes thro' a Family where it comes, and proves Mortal unto many.

The Small-pox which has been among us in Boston, after a manner very Inconsiderable is now very much abated. It is thought that for most Sick there fell ... than recovered with it, when it raged so much before ... years ago, nevertheless it has not been so Mortal. The number of those that have

FIG. 15
PUBLICK OCCURENCES
E.U.A., 1659

segundo os autores, encarnava a metáfora da "assembleia municipal", um "local" onde informação é transmitida, para o auto-governo dos cidadãos, o jornal da revolução encarna um estilo de advocacia, que procura suscitar um veredicto na opinião pública.

No jornal pós-revolucionário ter-se-ão dado várias alterações gráficas, na procura de uma forma que transmitisse gravidade e seriedade. O mastro, em muitos casos, passou a incluir letra gótica, incorporando o que (em contexto anglo-saxónico) seria lido como intemporalidade, e o tamanho de folha aumentou, a proporções reminiscente dos volumes universitários, acomodando um número crescente de colunas. Nestas ver-se-iam aparecer uma profusão de elementos gráficos, que vieram quebrar o cinzento dominante; os tipos extra-negros (*fat-face*) migravam dos anúncios para os mastros e os negritos para os títulos, dando uma vida gráfica ao contraste de opiniões que animava os conteúdos. Linhas decorativas e filetes intercalavam os artigos com as poucas gravuras editoriais e as profusas gravuras dos anúncios, que chegavam a ocupar 1/3 do espaço total.

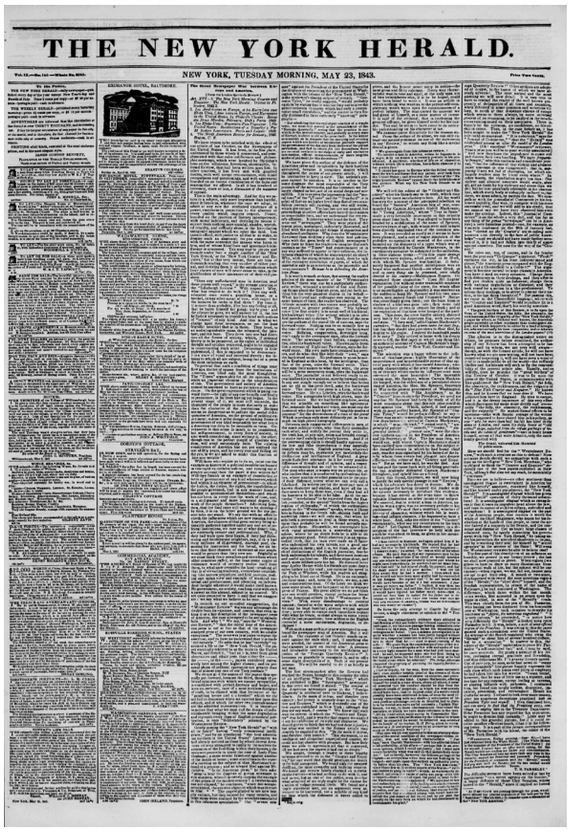

Gazette of the United States, and Philadelphia Daily Advertiser.
By John Fenno, N° 119 Chesnut Street.
PHILADELPHIA: FRIDAY EVENING, May 4, 1798.

FIG. 16
GAZETTE
OF THE UNITED STATES
*1798*

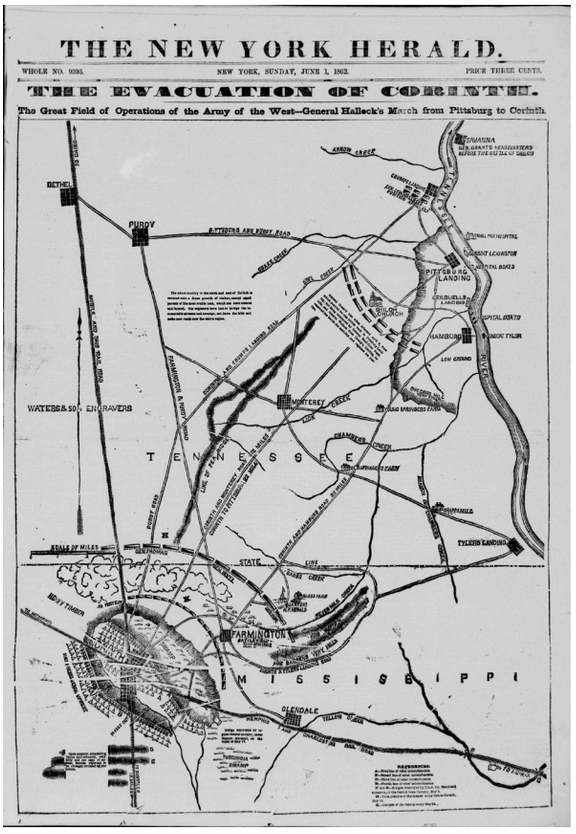
O alinhamento com a ideia de democracia e economia de mercado fariam, no século XIX, retroceder definitivamente a ideia de um público-elite. A segmentação de públicos tornava-se uma realidade.

Na economia produtiva dos jornais sempre se havia dado preferência à informação pronta a imprimir, como legislação, preços e tabelas, e os mercados produziam uma larga quantidade de informação nesses moldes. Tabelas e listas crescentemente ocupavam largas parcelas da folha. Quando os jornais eram raros, era esperada uma leitura atenta da totalidade dos conteúdos. Nesta nova era, a tónica estará na disponibilidade. O jornal do publicador, ao qual editor e impressor se tornam subalternos, encarna a metáfora da *department store*, englobando uma maior rede de relações e um conteúdo multivocal.

Exceptuando as publicações nas grandes cidades, muitos jornais continuam a serem publicados numa única folha, mas sujeitos a uma expansão do formato que irá acomodar um crescente número de colunas. Cabeçalhos de tema, etiquetas geográficas e agrupamentos de itens providenciam possibilidades de navegação da crescente diversidade na página. No cinzento do layout, ainda tradicionalmente vertical, destacam-se os espaçosos anúncios,


THE NEW YORK HERALD.

NEW YORK, TUESDAY MORNING, MAY 23, 1843.


THE NEW YORK HERALD.

WHOLE NO. 9193. NEW YORK, SUNDAY, JUNE 1, 1862. PRICE THREE CENTS.

THE EVACUATION OF CORINTH.

The Great Field of Operations of the Army of the West—General Halleck's March from Pittsburg to Corinth.

FIG. 17
THE NEW YORK HERALD
*1843 e 1862*

que tiram partido do espaço branco e organizam os conteúdos editoriais. Na tipografia, a fonte diminui, mas a variedade de tipos aumenta, incluindo condensados, diferentes tamanhos para texto e títulos que chegam a atingir 15 linhas de profundidade. O leading torna-se variável.

A evolução do layout dos jornais não foi um progresso linear, deu-se antes em avanços e recuos, algumas das publicações tomando a dianteira, mas com um forte pendor conservador. No final do século XIX já se prefiguravam elementos do modernismo, como o alinhamento em bandeira à esquerda, títulos multilinha, inclinação para a assimetria (que se reflecte nas composições em cotovelo), arranjos por tópico e segregação dos anúncios. Uma boa parte das novidades fora introduzida pelo layout de publicitário, o qual, entretanto, com a introdução da estereotipia, se deslocara da tipografia própria do jornal para as agências de publicidade, as quais passam a colectar anunciantes e gerar matrizes em coluna, distribuída em múltiplos por diversas publicações.

A introdução do daguerreótipo já se dera no primeiro quartel do século, mas o que viria a ser o fotojornalismo ainda tardava a formar-se. Por muito tempo, a tarefa descritiva pertenceu à palavra,


NIGHT EDITION
The World.
EVENING EDITION
RACING and SPORTS
PRICE ONE CENT.
NEW YORK, MONDAY, DECEMBER 31, 1900.
EVENING WORLD'S BIG RACE OPENS NEW CENTURY
WILL BE COLD NEW YEAR'S DAY.
WOMAN TAKEN ILL ON TRAIN DIED IN RAILROAD STATION
One Thousand to Start in Great Scramble from Harlem to Pulitzer Building.
CITY HALL ABLAZE TO GREET NEW YEAR.
WATCH THE WORLD'S DOME TO-NIGHT.
WOMAN KEPT VOW TO KILL.
Mrs. Ertell Slays Man for Whom She Left Husband, as She Promised.
BOERS CAPTURE A BRITISH GUN.
WALKER DEAD WITH STRANGE WOMAN.
HEADS DROP TO PHILBIN'S AXE.
Mr. Alfred Harmsworth to The World's Readers.
WEATHER FOR NEW YEAR'S DAY.

FIG. 18
THE WORLD
1900

mesmo que complementada com ilustrações. Um regime de separação logocêntrico frequentemente encasulava as imagens em cercas e molduras.

Formas visuais poderiam aparecer sem referências directas no texto; esboços, desenhos, cartoons, ícones editoriais, mapas e desenhos técnicos ombreavam com as fotos primevas, lentas, e por isso estáticas e encenadas. Testemunhos de eventos paralelos aos do repórter, as ilustrações eram frequentemente retratos compósitos a partir de desenhos presenciais. Tudo o que se esperava ver comparecia nestas imagens, incluindo o espectador. Este regime visual chega ao fim com o fim do século, acompanhando um interesse cultural no realismo.

A ideia de momento transitório já havia sido adoptada pela pintura de vanguarda, contra as grandes composições estruturadas, sugerindo que a transição no regime visual da fotografia poderá dever tanto à evolução técnica e portabilidade como a uma mudança de sensibilidades. O encurtamento do tempo de exposição começou, entretanto, a permitir a acção na representação visual fotográfica.

Se os jornais até então defendiam a autenticidade das suas ilustrações gravadas com mão autoral, a relação com o media, a máquina, começou a produzir a sua própria ideologia: a neutralidade do testemunho pela ausência de um autor. Com o crescente favorecimento da fotografia na imprensa diária, os aspectos descritivos dos acontecimentos desapareceram na linguagem escrita, e transferiram-se, em parte, mas não inteiramente para o registo visual. Neste, a narrativa visual é substituída pelo impacto emocional.

A consolidação do género de documento "jornal" dá-se, segundo Barnhurst e Nerone, no primeiro quartel do século XX, com a profissionalização do jornalismo.

A ênfase na claridade, simplicidade e mestria da cultura classicista é, no modernismo, sujeita a um escrutínio de influência científica, que procura, não só por a nu as estruturas subjacentes ao mundo, mas refutar-se constantemente também. A forma madura do jornal, a forma industrial, já lograva controlar oferta e procura das notícias e produção material, almejando o monopólio. Sob influência modernista, cria para si mesma códigos de comportamento e standards de verificabilidade. Uma justa desconfiança dos movimentos das massas – incluindo a instrumentalização



NEW YORK
Herald Tribune
LATE CITY EDITION

Vandenberg Backs Plan to Let Congress Curb Court

U. S. Delegation to Coronation May Include James Roosevelt

Niagara Co. Defies State's Cut in Water

Lewis Wins Steel Recognition For Bargaining; Roosevelt Asks Pay and Hour Law This Session

Behind-the-Scenes Steel Negotiations

Steel's 40-Hour Week Hailed; Clears Way for Navy Contract

Detroit Strikes Close 2 Plants; 1 Makes Peace

Girl, 4, Is Slain By Attacker in Queens Mystery

2 Billion Secret German Debt Bared by S.E.C.

Summary of Today's News



Late City Edition of the
Gist
of Today's News
3 Cents

Lewis Wins U. S. Steel Recognition, 40-Hour Week and $5 Minimum Pay

Today's Headlines

Labor

National News

Foreign News

Crime

New York City

Sports

The State

Business

Entertainment

Personal

fig. 19
Gist
~1930
*Proposta de redesign a partir do conteúdo real à esquerda. Em "The Changing American Newspaper (1937)", de Herbert Brucker, citado por Barnhurst;*

propagandística – realoca a razão do público para o privado, para a figura do especialista desinteressado.

Nos E.U.A. a transição para o modernismo, ou proto-modernismo, dá-se no fim da primeira guerra mundial, com os media noticiosos a reclamarem proteções constitucionais e um estatuto privilegiado enquanto comunicadores públicos. A expressão gráfica deste momento encontra-se no movimento *streamline*.

Até esse momento a página era, na generalidade, entendida como o receptáculo para as colunas, que seriam preenchidas linear ou cronologicamente. O movimento *streamline* encara a página como tela ou montra, na qual as notícias são dispostas como que num mapa funcional onde são ordenadas por estatuto de prioridade. Esta mudança de disposição, com o apex nas capas, envolve uma mudança dos próprios títulos, que doravante não só indicam, mas resumem a notícia. Abandona-se o uso exclusivo da caixa alta pela combinação de alta e baixa, num único tipo e alinhadas à esquerda.

É nesta tendência que aparecem os primeiros registos de testes de leiturabilidade no jornal[17], deslocando-se a responsabilidade da composição do local de impressão para o local de edição, ao qual são levados os consultores tipográficos. Os redesigns sucedem-se, incentivados pelo crescente número de concursos promotores de validação do design moderno. O jornal da Mergenthaler-Linotype Co.

**17** Barnhurst, Kevin G. - Seeing the newspaper. New York : St. Martin's Press, 1994.



BROOKLYN, NOVEMBER, 1930

# THE LINOTYPE NEWS

## When Selling Regains Its Courage

AN EDITORIAL by MERLE THORPE

In "Nation's Business," Official Magazine of the United States Chamber of Commerce

IS OUR vaunted American selling only a fair-weather phenomenon? Has it no stamina? Does it cave in, crumple up and take the count at the first blow?

It would seem so.

For years the world has watched with amazement, not unmixed with envy, the selling forces of America in action. We have modestly acknowledged the applause. We knew we were good.

And we were. American selling was hard-hitting, tireless, resourceful, enthusiastic. It not only created demands but it helped buyers to find the means to satisfy those demands. It raised standards of living overnight, and in the joy of accomplishment it sang as it worked.

Came the stock-market squall of last October. Hesitation. Over-caution. Pessimism.

(Continued on page three)

## Twenty-three Linotypes in New Home of San Francisco News

## Kansas City Star Completes Half Century of Service

## Buffalo Evening News Enters Fifty-first Year

## New Building for New York Telegram

West Street Structure to Cost Million and Half and to House Another Million and Half in New Equipment Throughout

Because its circulation and advertising linage have been increasing with amazing rapidity since purchase by Scripps-Howard, in 1927, the New York Telegram has under construction a new $1,500,000 building in West Street, between Park Place and Barclay Street. The building, constructed of steel and concrete and modern in design, will rise six to ten stories and cover half a block.



Architect's drawing of new home for the New York Telegram



ROY W. HOWARD

An additional $1,500,000 will go into new equipment. There will be sixteen units of press equipment in the new building, to be run in conjunction with twelve units in the Telegram's west side plant, at Thirty-fourth Street and Tenth Avenue, and sixteen units in its east side plant, at 202 East Forty-fifth Street. On the east side the Telegram has Barcolyping, fudge and circulation departments. By means of its auxiliary plants the paper improves its coverage, particularly on items like up to the minute sporting results. Three floors and a basement, comprising an area of approximately 100,000 square feet, will be occupied by the Telegram in its West Street plant. The basement will be used for paper storage. The street floor will be devoted to press equipment and the circulation department. This floor will be designed with a view to facilitating fast delivery of printed papers from presses to trucks. Papers will be carried to the delivery room by a conveyor system, with a haul of less than fifteen feet. This room will take practically the whole front on West Street, about 180 feet.

The composing, stereotype, mail engraving rooms will be on the second floor. According to the Scripps-Howard News, the composing department "will contain all new and augmented machinery for the setting of type in all its branches."

In the stereotype department "new automatic equipment will cast the plates for the presses, these plates being automatically dropped to the pressroom floor, directly underneath.

"New equipment will make possible the sending of press plates to the west side plant quicker than the present system of sending mats, thereby insuring faster delivery of papers in the Pennsylvania, Times Square, and upper west side districts."

The editorial and advertising departments will be on the third floor of the Telegram's new building.

## Special Section Put Out on Golden Anniversary Set in 8 Point Linotype Textype — Many Headlines in Linotype Cloister

BUFFALO, N. Y.—Observing the fiftieth anniversary of its establishment as a daily, the Evening News of this city issued a golden anniversary edition Saturday, October 11, which served not only as a history of the publication but also traced the progress of Buffalo.

Typographically different from its usual editions, the anniversary supplement was prepared in 8 Point Linotype Textype for body matter. Headlines up to and including eighteen point were set in Linotype Cloister. The composition and makeup were supervised by William Obenaur, superintendent of the composing room. Because many readers would want to save the edition, a special grade of paper was used.

The Evening News is an outgrowth of the Sunday News of this city, launched in 1873 by John B. Adams and Edward H. Butler. Mr. Butler had been connected with the Le Roy Gazette, Scranton Times and Scranton Free Press. October 10, 1880, this announcement appeared in the Sunday News: "We are satisfied, after a thorough canvass of the field, that Buffalo needs a bright, wide awake, sparkling evening paper, and with tomorrow we shall commence the publication of the Buffalo Evening News."

Not long ago the Evening News established its own radio station. Its powers of expansion have been tested to the utmost in the last sixteen years. During that period, in buildings and equipment alone, the plant of the News has been nearly doubled in size. Whereas in its first few years the paper consumed only 1200 pounds of newsprint daily, the present figure is 150,000 pounds. At one time a half unit press was employed. Now thirty presses are used. Thirty Linotypes are operated.

Among the veterans with the paper are Jerry Smith, formerly composing room foreman but now proofreader, fifty years with the paper; Frank Davis, former circulation manager, now in charge of collections, forty-six years; Louis Konrad, superintendent of News building, forty-five years; John W. Rosenbach, mechanical superintendent and production manager, forty-four years, and Julius Bitter, formerly composing room foreman but now in charge of the copyrighting desk in the composing room.

When Mr. Rosenbach first came to the News it was printed four pages at a time by a four cylinder press powered by a little steam engine. His first job was to learn to run this engine. The first Linotype installed by the paper, in 1893, was operated by a belt that ran from a shafting that in turn was powered by a steam engine.

An amusing reminiscence of Mr. Davis concerns the first automobile truck that carried copies of the paper. It had no reverse gears and could not be backed. "If it was desired to turn the thing around in a hurry, a couple of men would lift the rear end carry it to the desired angle."

## Mayborn New B. M. Of Baltimore Papers

BALTIMORE.—Ward C. Mayborn, publisher of the Temple (Texas) Telegram and formerly business manager of the Houston (Texas) Press, has been appointed business manager of the News and American of this city, according to an announcement by Col. Frank Knox, general manager of the papers.

Mr. Mayborn succeeds Norman H. Hill, who has been transferred to the Detroit Times as business manager. For more than thirty years Mr. Mayborn was with Scripps-Howard newspapers in various capacities. For some time he was general manager of the southwest group of Scripps-Howard papers. When that position was abolished in January, 1928, he became business manager of the Houston Press. In 1929 he resigned from the Scripps-Howard syndicate to devote his time to the management of the Temple Telegram, which he purchased in October of that year. He has left his son in charge of the Temple paper.

## Cincinnati Post To Improve Plant

CINCINNATI.—The Post of this city plans improvements to its plant appropriating $500,000. An additional story will be added, and the second floor will be remodeled to give more space to the composing room and stereotyping departments. New press units will be installed.

## News Syndicate, N. Y., Adds Six Linotypes

Six Linotypes—five Model 8s and a Model 21 display machine—have been added by the News Syndicate Company, Inc., 220 East Forty-second Street, New York City.

## Now Twelve Unit, Three Folder High Speed Press in Operation — Most Other Equipment Also Is Right Up to Present Minute

SAN FRANCISCO.—Completion of the News Building in the heart of this city's downtown shopping district gives the News, a Scripps-Howard paper, one of the finest publishing plants in the United States. Purchase of the building was necessary to provide much needed floor space for the rapidly growing News.

The steel frame and concrete structure is six stories high. It has a seventy-five foot frontage at 812 Mission Street, near Fourth Street, and a depth of 175 feet to Jessie Street.

During the last quarter century the News has been housed in a plant in this city's light industrial district. As additional space was needed, annexes were constructed. Last fall the last available adjoining space was built upon. The space gained was not sufficient for the needed expansion, so plans for a new building were ordered.

After plans had been drawn and work was about to start, W. N. Burkhardt, editor, and J. L. Cauthers, business manager, purchased the modern building that had been occupied about four years by the Bulletin, which ceased publication August 31, 1929.

The building was entirely remodeled and refinished to suit the News plan of publication. The move from the old structure to the new was made without missing or even delaying a single edition.

The basement of the new building is used for storing paper, for heating equipment and for two huge electric control panel rooms.

On the main floor is the business office. The display advertising department is on a mezzanine floor above the business office. The mail rooms and the press rooms are on the main floor in the rear of the business office.

The editor's office, editorial rooms, library, art, photo and engraving rooms adjoin on the second floor. The national advertising department, the composing room and the stereotyping department are on the third floor. The business manager's offices, the classified advertising and the circulation departments are on the fourth floor.

(Continued on page five)

## Stone Retires After 50 Years with Chicago News

## Journalism Best University'—Finley

But N. Y. Times Editor Also Advises Newspaper Aspirants to Study Shorthand and Typewriting

"If a young man has a strong inclination to be a journalist and a reasonest aptitude, he should turn his whole effort toward preparing for this vocation and then stick to it."

So declared John H. Finley, editor of the New York Times, in a radio talk on a vocational guidance series.

"And the preparation should not be a narrow one," continued Mr. Finley. "There is no occupation that demands a broader basic preparation or that gives one a better opportunity to develop oneself through the vocation in which he does, or tries to do, his share of the world's work and earns his living.

"It is the best university in the world in which to study and make the most of oneself, as well as the most influential university in which to teach, if indeed one is fitted to gather or interpret the news by which the world is made now every morning. In order to do this, and be this, a journalist must know the past 'like a book,' for without a knowledge of the past one cannot know the significance of what is coming up in the present. The journalist is the historian of the present tense, but the present grows out of the past. All the past is indeed in the present, if one has the discernment to see it.

"And the journalist must be able to tell what he knows. This means that he must know the meaning of words and not only their meaning but their usual interpretations when put into print. To be a master of words, one must be a student of words and a lover of words. It is be true that 'words are the daughters of men,' while deeds are 'the sons of heaven,' it is to be considered that it is by the daughters of men that the sons of heaven get born. All the good or bad that gets done in this world is done by words. It is through words that the individual enters into the race mind. It is through words that he makes his own life useful to the world.

"One cannot be too broadly informed for this vocation. Nothing is wasted. All is grist that comes to the journalist's mill. I have often spoken of the greatest of managing editors within my knowledge, who, when the tomb of Tut-Ankh-Amen was opened, was prepared to enter with the archeologist; who, when Einstein announced his theory, had some notion that the great physicist was carrying in his formula, and who, when the discovery of a new planet was reported, was able to follow the astronomer's computations. Baseball championships and presidential election figures were also within his range. Reading in the universe was foreign to his interest. My point is that one looks forward to a journalism should first of all have a foundation wide enough to take in the world and strong enough to support a structure as high as human thought can go.

"This will serve as an exclusive sort of invitation to the vocation of journalist, but it should invite only the best. The first obligation of a man is to find a vocation which 'puts him on his mettle' by challenging his skill."

"To this rather idealistic advice, I should add this practical suggestion: Learn stenography and typewriting. They will stand you in better stead than 'the row' which has now given way to the Linotype."

## Cousin of Melville Stone Has Trained Many Newspaper Executives and Has Perfected Several Inventions for Newspaper Use

Fifty years ago a husky youth of twenty-five stepped into the plant of a struggling young newspaper. He fired the boiler, operated the steam engine and ran the press. With two helpers he got out the entire edition. Today, a virile man of seventy-five, he sits in an office from which he is in touch with hundreds of workmen, while roaring presses near by turn out every minute more papers than a whole day's issue amounted to when he began his labors.



IRVING A. SWAN

This romance of personal loyalty and achievement coupled with modern industry centers about Irving I. Stone, mechanical superintendent of the Chicago Daily News, who entered the employ of the paper August 23, 1880, and has been with it ever since. His completion of half a century of unique and distinguished service is marked by his retirement from active duty "with

(Continued on page two)

## Milton A. McRae Passes On

### Was Counselor and Guide of Scores of Men in Big Organization He Helped to Found Years Ago

"Starting in the typical American boy fashion—literally sweeping out a newspaper business office, a score of whom he was one day to dominate—Colonel McRae moved steadily to the top of the profession. For twenty-five years ago enjoyed (and the word is used literally) one of the widest acquaintances of any newspaper man in America," stated the New York Telegram editorially, October 13, referring to the passing of Col. Milton A. McRae, co-founder with E. W. Scripps of the Scripps-McRae (now Scripps-Howard) newspapers.

"The assistance of each other, the late E. W. Scripps and Colonel McRae formed a perfect partnership. The former devoted his life to editorial policy, the chief factor in the success of the manner, but was less democratic in dealing with the individual. . .

"Colonel McRae, on the other hand, loved to mingle in terms of personal intimacy with his friends and associates in the business office, a score of whom he was one day to dominate. . . .

"Ever an optimist and a great believer in the asset value of youth in journalism, Colonel McRae was for twenty-five years following his retirement the chief friend, counselor and guide of scores of men in the organization he had helped to found. . . .

"He was urbane, a cultured gentleman, a traveled and well informed man. Yet none of this describes the personal charm of the man, his stimulating personality which was a spark that set fire to the imagination of scores whom he delighted to call his boys.

"Milton McRae directly did much to make American journalism better and cleaner for his having been an important factor in it. His indirect contribution through the inspiration he furnished and the courage he inspired in 'his boys' has proved great and in the years to come will prove even greater."

## New Auxiliary Plant For Chicago News

The Chicago Daily News has begun the construction of an auxiliary printing plant to facilitate the distribution of papers to the south and southwest sides. The structure, which will represent an investment of more than $500,000, will be at West Fifty-ninth Street and the tracks of the Baltimore and Ohio Railroad, just east of Oakley Avenue. It will be three stories high and will contain 35,700 square feet of floor space. The plant will contain fifteen press units capable of printing 60,000 eight page papers an hour, and will make it possible for residents of the south and southwest sides to obtain their copies of the News many minutes ahead of existing delivery schedules.

## Copley Gives Hospital More Than $2,000,000

AURORA, Ill.—Col. Ira C. Copley, publisher of the Beacon-News of this city and of other papers in Illinois and California, has given to the Aurora Hospital Association a building fund of $1,000,000, a site valued at $150,000 and endowment of $1,000,000. The gifts are pursuant to an agreement entered into in 1928. Announcement of the gifts was made by G. A. Anderson, president of the Aurora Hospital Association.

## Linotype Set Paper Wins in Louisiana

BASTROP, La.—The Morehouse Enterprise, composed the Linotype way here, has been awarded the lowering cup offered by the Monroe (La.) Morning World to the paper adjudged the outstanding weekly in northern Louisiana. C. G. Scott is publisher of the Monroe Enterprise, and Isaac Chapman is editor.

## Now Is Time to Modernize

### This Issue, As Usual, Linotype Composed

This issue of The Linotype News, as usual, was composed entirely on the Linotype, with the exception of a few large display headings in some of the advertisements. All other lines—body matter, heads, advertisements, rules, borders, ornaments—were produced the Linotype way.

On page four, "Makeup of This Issue."

### Linotype Set Paper Wins in Iowa Contest

IOWA CITY, Iowa.—The Bruner County Independent and Waverly Republican, Waverly, Iowa, Linotype composed, was declared the best weekly newspaper in Iowa and awarded a silver cup at the fall newspaper conference here. The paper scored ninety-five out of a possible 100 points, receiving a perfect score in nine of the eleven classifications. The score sheet included such points as use of headlines, coverage of territory, front page makeup, number and kind of note used, editorial page, farm page, advertising makeup, and so forth. J. F. Greve is editor and publisher of the prize winning paper.

### Post-Dispatch Has Fine Auxiliary Plant

ST. LOUIS.—An auxiliary publishing plant housing rotogravure and printing equipment has been established by the Post-Dispatch, at an investment of about $500,000, to provide outlying districts with earlier delivery of papers. Floor space in the new plant amounts to 55,000 square feet. The new plant, which also has eight units of presses, is three and a half miles from the central plant.

### So States Col. McCormick of Chicago Tribune in Talk on "How To Bring Back Good Business"

Speaking on "How to Bring Back Good Business," at a luncheon of the Kiwanis Club at the Hotel Sherman, Chicago, recently, Col. Robert R. McCormick, editor and publisher of the Chicago Tribune, drew a pointed parallel between conditions today and those that existed in 1865.

"I hardly think you will find a manufacturer today who will say that his factory is ideal in theory and perfect in equipment," said Colonel McCormick. "I am frank to say ours is not and has not been. And we are acting upon that theory. In New York, where we publish a newspaper, we have only just completed an entirely new building, somewhat along the line of and certainly analogous to the Tribune Tower and plant in Chicago.

"We bought a new garage, bringing the garage something like three-quarters of a mile nearer to the newspaper plant than the old garage, and bought it on very satisfactory terms.

"Here we have acquired another piece of real estate, some 600 by 600 feet in extent. We have installed paper handling machinery. We are just completing the installation of a new printing press which, the manufacturers assure us, is at least twenty-five per cent more efficient than our old equipment, and, assuming that is correct and assuming that now is the most opportune time to buy machinery, we intend to fit up the Tribune throughout with new press equipment.

"The English newspapers are far ahead of the American newspapers in the quality of the paper they print on. Just how they make that paper, we don't know, but we are going to send over and find out. In the meantime we are improving the product by every method known to us. We are also trying to develop color printing in the daily papers."

### F. E. Wilder Appointed Chairman of Pan-Graphic Cooperation Committee

This appointment has been announced by the printing industries division of the American Society of Mechanical Engineers of Floyd E. Wilder as chairman of the committee on Pan-Graphic Cooperation. This committee will keep in touch with the score or more of national and international organizations connected with all branches of the printing industry, and will work out plans of cooperation wherever possible.

In 1897 Mr. Wilder went into the plant of F. F. Collier & Son Company as assistant superintendent, later being made superintendent, and then director of production and assistant to the president. For several years he had been with Hearst publications, engaged in consulting and research work on mechanical production. Mr. Wilder has had a long connection with the mechanical side of printing and has designed several machines used in the industry. He was the first vice-president of the New York Club of Printing House Craftsmen, and its second president. He has also taken a prominent part in employees' organizations, serving as secretary of the Employing Printers' Association for three years, and as president of the Printers' League. He is a member of the A. S. M. E.

Edward Pierce Hulse, chairman of the printing industries division, announces that the plans for cooperation of all printing organizations in the second conference of the technical reports in the printing industry will be worked out through Mr. Wilder.

The second conference, originally scheduled for November 18 and 19 at Washington, D. C., has been postponed until February or March. Many of those who were to make laboratory demonstrations of modern processes or exhibits of the latest mechanical appliances have expressed the desire for more time, to include the most recent devices.

At this conference papers will be presented discussing technical and engineering developments in printing, to be accompanied by laboratory demonstrations and working exhibits of the latest devices and machinery. These will include machines effecting precision methods, the pre-makeready application, air conditioning apparatus, chromium plating, etc.

## Experts to Discuss Presses

### Noted Engineers to Take Part in Program Scheduled by A. S. M. E. for December 2 to 5

One of the most helpful meetings for printing press owners, operators and designers will be, it is expected, the symposium on the engineering and operating features of the web offset press planned by the American Society of Mechanical Engineers. At the annual meeting of the society in New York from December 2 to 5, the printing industries division will have morning and afternoon sessions on Friday, December 5, in the main auditorium of the Engineering Societies Building, 29 West Thirty-ninth Street. There will be addresses by officials and engineers of five leading makers of this type of press. All interested are invited.

Edward Pierce Hulse, who heads the division of printing engineers, announces that the meeting has been planned by Fred S. English, who will be the chairman. The presiding officer at the morning session will be Ernest F. Trotter, managing editor of Printing, New York City, and the afternoon session will be presided over by Mr. C. Robbins, president of the American Printer, New York City.

"Some Problems in Standardization" will be discussed by Fred S. English, chief engineer, Babcock Printing Press Manufacturing Company, New London, Conn.

"Design of the New Harris Automatic Two Color Flat Bed Press," by Alfred S. Harris, vice-president in charge of engineering, Harris-Seybold-Potter Company, Cleveland.

"Sizes and Tolerances for Metal Fits," by C. H. Belsaw, special investigation department, Kelly press division, American Type Founders Company, Elizabeth, N. J.

"Design of the Miller Simplex Automatic Two Revolution Cylinder Press," by A. W. Barrett, vice-president and chief engineer, manager, Miller Printing Machinery Company, Pittsburgh.

"Forces in Connection with the Reciprocating Beds of Flat Bed Cylinder Printing Presses," by B. D. Stevens, chief engineer and chief engineer, and H. K. Gelber, research engineer, Michle Printing Press and Manufacturing Company, Chicago.

A report, "Progress in Printing," will be presented by title by Winfield S. Hoon, chairman of the progress report committee of the printing industries division. There will be a brief talk on "Safety Measures in Printing Plants" by H. W. Mowery, New York, chairman of the A. S. M. E. safety committee.

Following each session there will be ample time for discussion from the floor. Preprints of the new papers and the progress report may be obtained from the A. S. M. E. by anyone desiring to prepare written discussion.

## Salem News Rounds Out 50 Years of Service

SALEM, Mass.—The Evening News of this city recently celebrated its fiftieth anniversary. John B. Tiwan, managing editor, as a newsboy, carried the first issue of the paper, and has served it ever since. Not only has Mr. Tiwan served here and in other communities reached by the Evening News but he has also acted in an official capacity for the commonwealth. Beginning in 1895 he served fifteen years as overseer of the poor. He was chosen a member of the trustees of Plummer Farm School in 1896, and was chairman of that body many years. He organized the anti-tuberculosis committee of this city and was its first chairman. In 1901 he was appointed a trustee of the state farm at Bridgewater and state infirmary at Tewksbury, serving as chairman of the commission to study the need of state hospitals for insane of nervous breakdown. Governor McCall appointed him a member of the commission on mental diseases in 1915. During the World War he was a member of the Salem local board, chairman of the Red Cross emergency committee, and vice-president of the war chest committee. Besides being managing editor of the News, he is a director in several corporations and societies.

## Butte Daily Post Has Fine Composing Room

BUTTE, Mont.—No expense has been spared in the rearranging of the Daily Post composing room by J. H. Dickey, Jr., general manager of the big company's chain of papers. Today the Post has one of the finest and most up to date printing plants in this section. Mr. Dickey is a stickler for progress and economy in the print shop. Pat Geraghty, head of the mechanical department, who made a tour of inspection of the mechanical departments of some of the larger papers in the East, reported all installations and changes in the Post composing room. Included in the equipment are ten Linotypes equipped with Linotype metal feeders. James H. Daly, machinist, has the battery working fine.

## Chicago Post Runs 2,280 Column Tax List

The delinquent tax list set in the composing room of the Chicago Evening Post and appearing in that publication ran 2,280 columns. There was close to 25,000,000 ems of type. It provided work in a dull season for operators on three shifts. The Post is anticipating running a special assessment list that will run approximately 200 pages.



FIG. 20
THE LINOTYPE NEWS
1930
*John Allen, citado por Barnhurst.*

terá agido como um importante laboratório de experimentação para este ambicioso movimento.

A passagem do estilo proto-moderno ao estilo classicista notar-se-ia mais claramente na organização do espaço, adoptando das estratégias da publicidade os seus velhos requisitos de organização espacial em unidades contidas; o classicismo introduz o rectângulo, a quebra da grelha vertical em artigos horizontais.

Se emocionalmente este estilo se justifica na procura de formas autoritativas e estáveis, num retorno ao livro, tecnologicamente encontra na impressão offsett e fotocomposição os seus mais preciosos aliados, permitindo uma manipulação sem precedentes dos tamanhos e dos formatos.

No seu expoente mais alto, o classicismo de inspiração Suíça introduz largas quantidades de espaço branco, destacando a imagem como vector da página pelo seu valor fruitivo, mesmo, por vezes, acima do informacional. Subjacentes, como forças organizadoras, sistemas de grelha permitem variações de tamanho de coluna sem recurso a medidas bastardas, mantendo as proporções inclusive em divisões horizontais, atingindo a verdadeira modularidade.


THE TIMES

Inflation down and exports up as economy brightens

20 lb bomb defused in rush hour at London Tube station

Trade deficit cut by £30m

Mercenary tells how he helped kill his comrades

Nigerian Government closes border after crushing coup attempt

Chancellor offers lower taxes in return for pay restraint

Rape Bill second reading supported by both sides

SCHOOL FEES AHEAD?

Top Lockheed executives quit over scandal

Building societies to review interest rates

Powell attack on Whitehall 'ring'

Radioactive seepage at atomic works

Miners' leaders confident of support for ban

Spain to release most political prisoners

Defence plans plea

Coventry polling on March 4

FIG. 22 THE TIMES
*1976*

Se naturalmente apropriado para a forma revista, a influência deste estilo trouxe consequências imprevistas para o documento jornal, que, ganhando elegância, terá perdido amplitude de conteúdos no seu principal mapa social, a capa. No interior, as atarefadas páginas temáticas vêm a tornar-se secções, sustentadas num jogo de influências com os anunciantes.

A transição da maturidade para o declínio do jornal, com o crescente abandono do formato pelas camadas mais jovens é identificado por Barhurst e Nerone na passagem do regime profissional para o corporativo, na integração em grupos media e subsequente orientação pela disciplina do marketing.

A forma do jornal como o conhecemos hoje está consolidada, acelerando-se o ritmo dos redesigns para manter a atractibilidade do documento no mercado das aparências; uma intensa combinatória de elementos passados, do proto ao alto-moderno, sinaliza orientações estético-políticas, escolhas simbólicas desligadas dos constrangimentos de produção que lhes deram origem. A partir da década de 90, dá-se a migração dos jornais para a internet e uma profunda alteração no modo de consumir notícias,


the HERALD

35c

CIA in Cambodia: the real story

Harry Van Arsdale: Ebbing of power

Drugs: legal and illegal

Larry Rivers designs a dress

The peace movement: a week before Washington

Creativity and making music

April 18, 1971

Bella Abzug: power to Congress

Diamonds in Vietnam

Spying on Congress

Changing faces in Moscow

FIG. 21
THE HERALD
*1971*
*Massimo Vignelli.*




FIG. 23
HET PAROOL
*Holanda*

que favorece o retorno à agregação. O jornal impresso torna-se, já não um mapa social, mas um índice de conteúdos.

A análise de Barnhurst e Nerone remonta a 1994 pelo que, apesar da presciência a muitos níveis, não assinala uma tendência que se tem verificado, a mudança de formatos.

Até tempos recentes, vigorou uma distinção entre o formato autoritativo de grandes dimensões e o formato menor, denominados por vários autores como "qualidade" e "tablóide".

Sendo o jornal um documento com uma enorme carga ideológica, com um papel social definido como essencial ao funcionamento da democracia moderna, traçar-lhe a história implica balizar-se pelos exemplos que são entendidos como cumprindo essa função. Aos jornais do género popular faltam geralmente certos marcadores, nomeadamente a adesão aos ideais clássicos modernistas. Lamberg, em "Clothing the paper", entende-os como proto-modernos, descendentes directos da *Penny-press*, e Barnhurst, em "Seeing the paper" como expressionistas. Os seus críticos do século XX apontam-nos como uma bastardização da imprensa pela televisão, com excessos de cor, imagens e dominado pelo ruído visual.

Apesar das enormes expectativas ideológicas sobre o jornal, o facto é que sempre dependeram de anunciantes para obter solvência. Seria fundamental atingirem o público certo, e nem sempre a maior tiragem possível atinge a camada mais afluente. Uma das distinções entre os dois tipos de jornal pode ser traçada por aqui.

Poder-se-á entender a estratégia de layout do jornal popular como design vernacular: composto por jornalistas ou indivíduos cuja aprendizagem se dá noutras áreas da produção do jornal – não treinados profissionalmente em design ; poder-se-á por outro lado conceber que o uso de grelhas que dificultem a organização da informação como uma estratégia inteiramente deliberada para prender a atenção de um público menos interessado na apreensão de estruturas, e mais cativado pela diversidade.

A origem do termo *tabloid* não terá sido pejorativa, referindo-se inicialmente a um produto farmacêutico, conotado positivamente como concentrado e de fácil assimilação, e posteriormente aplicado a outros objectos percebidos com as mesmas características. As conotações negativas do próprio formato material são, todavia, tão fortes que, na recente tendência para o abandono da *Broadsheet*, é frequentemente evitado pelos jornais que pretendem continuar posicionados como "qualidade", sendo preferido o *Compacto*.

No capítulo final de "The form of the News", Barnhurst e Nerone sugerem, perante a análise de jornais de várias partes do globo, que o Pós-modernismo seja afinal a implantação súbita do Modernismo onde ele não evoluiu sequencialmente, com a adopção de características gráficas de publicações de referência ou o emprego de especialistas internacionais. Se uma boa forma, um bom design, são resultados deste processo, os autores indicam uma mudança de tónica do leitor para o consumidor, da competição pelos conteúdos para a preocupação constante com a forma, por medo do mercado e da obsolescência.

O jornal generalista diário nacional pago continua imbuído de valor simbólico. As primeiras páginas são diariamente faladas nos outros media. Aquilo de que escolhem falar ainda é por si mesmo assunto, sendo que se cada jornal fala em linha de bastantes mais e mais diversas coisas do que aquelas que faz imprimir, o género impresso ainda, carregando um forte peso ideológico e histórico, é a cara do que as pessoas percebem, não como uma empresa, mas uma instituição democrática.


DM Magazine
Susan Sarandon Sexy at sixty
'Gefolterd en misbruikt, maar niet langer boos'
Sprintster Elodie Ouedraogo 'Ik ben een Bounty'
Johan & Elio over paars en de taalgrens
Superfilk Glenn Audenaert over de weken van Joe
Drie politici en het verlies van hun kind
onafhankelijk dagblad
DeMorgen
Sp.a: meer opvangplaatsen voor jonge boefjes
Verwarring over wie Joe vermoordde
Eén lezer wint alle prijzen
MASTER
air transat
Brussel › Montréal
€332*

FIG. 24
DeMorgen
*Bélgica*

# 4.2. Jornal diário generalista pago (2018)



**Edição Lisboa** • Ano XXIX • n.º 10.373 • 1,70€ • Sexta-feira, 14 de Setembro de 2018 • **Director:** Manuel Carvalho **Adjuntos:** Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro **Directora de Arte:** Sónia Matos

ROBERT MAPPLETHORPE FOUNDATION

Público

ípsilon

A sensação Robert Mapplethorpe em Serralves

Na primeira retrospectiva do fotógrafo em Portugal, não haverá "censura ou obras tapadas", diz João Ribas, director do museu

# Mais de 80% das casas em Portugal são vendidas em menos de seis meses

Entre um e três meses é o que demora a serem vendidos 37% dos imóveis. Desde 2014, investimento no imobiliário supera os 70 mil milhões de euros **Destaque, 2 a 6**

## Justiça de Angola vai responsabilizar corruptos

Depois do afastamento de Manuel Vicente da cúpula do MPLA, anuncia-se o ataque à corrupção **p27**

## Macron admite o uso da tortura na guerra da Argélia

O Presidente francês pediu desculpa à viúva de Maurice Audin, do PCF, morto pelas Forças Armadas **p28**

Atletismo
Há mais um candidato a campeão em Portugal

**Desporto, 42/43**

## PSD quer mais privados a gerir hospitais públicos

O PSD defende que o Estado deve generalizar a contratação da gestão como forma de ter um SNS mais eficiente e barato **p8/9**

## O Inimigo Público
## Topo da carreira dos professores é o cargo de PR

PUBLICIDADE

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL
Ano letivo inscrições abertas
Educação: o seu melhor investimento.
www.cambridge.pt INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ISNN=0872=5548

FIG. 25
CAPA DO JORNAL PÚBLICO

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.



POLÍTICA

# PSD quer mais hospitais públicos com gestão privada

Documento síntese do Conselho Estratégico Nacional do partido assume que proposta – não sendo – pode parecer a defesa da privatização da saúde. Versão integral só segunda-feira



Saúde
Sofia Rodrigues

O PSD defende que o Estado deve generalizar, através de concursos públicos, a contratualização da gestão de hospitais e outras unidades de saúde aos sectores privado e social, como forma de ter um Serviço Nacional de Saúde mais eficiente e mais barato.

É este o princípio geral da reforma divulgada pelo documento *Uma política de saúde para Portugal*, do qual só foram ontem reveladas as linhas gerais. Mas o próprio texto coloca a questão se esta ideia é uma forma de privatização da saúde – como entenderam alguns sociais-democratas da direcção de Rui Rio e o PÚBLICO noticiou em Agosto – e responde negativamente.

O texto do documento na íntegra só será disponibilizado na próxima segunda-feira, dia em que serão ouvidos os responsáveis das distritais que criaram secções de saúde no âmbito do Conselho Estratégico Nacional (CEN), que são os núcleos que Rui Rio considerou serem uma nova forma de militância no partido.

Tal como o PÚBLICO noticiou a 20/08/2018, o PSD propõe a integração do sector público, privado e o social, em termos em que seja indiferente para o utente onde é tratado. O Estado, que se mantém como "maioritário" no sistema, deve adquirir e desenvolver "as competências necessárias para passar de, praticamente, único produtor, empregador e financiador para, também, contratualizador, pagador de resultados para a população, e controlador e fiscalizador da prestação de cuidados de saúde contratados", segundo o documento, que foi revelado no Conselho Nacional de quarta-feira à noite. A função do Estado será a de ter "um poder de fiscalização e de regulação no sector da saúde".

No final do documento – que começa por fazer o diagnóstico do sector – surge a pergunta sobre se o Estado está a "dar mais recursos aos privados". "Não, porque, nesta reforma estrutural, o Estado contratualizará com as outras iniciativas - privada e social - a gestão de unidades de saúde mas continuará a garantir a prestação de cuidados de saúde à população (melhor do que hoje) de forma universal e tendencialmente gratuita", lê-se no texto, referindo que o pagamento dos serviços contratualizados é feito em função dos resultados a obter para a população".

### Poupanças para o Estado

Na mesma resposta, é ainda referido que o "tipo de custos são os mesmos que o Estado já hoje suporta com as unidades de saúde que gere" e que "a contratualização da prestação de cuidados de saúde permite que existam poupanças para o Estado e para o contribuinte". São ainda dados dois exemplos de dois hospitais em Parceria Público-Privados (PPP), o de Braga e o de Cascais, em que são referidos os "baixos custos" ou "menores encargos" do que se a gestão fosse pública, citando o Tribunal de Contas e outras unidades de acompanhamento de gestão.

Reiterando que não se trata de uma "revolução" mas sim de uma reforma ou até de uma "evolução" no sector da saúde, o documento assume que é uma nova visão "sem tabus ideológicos".

Em conferência de imprensa realizada ontem em Lisboa, na sede nacional do partido, o coordenador do PSD para a saúde, Luís Filipe Pereira, citado pela Lusa, não quis quantificar um tecto para a contratualização de unidades de saúde, referindo que seria "um caminho progressivo" e que, "pelo menos para já, "o Estado continuaria a ser maioritário".

Quer Luís Filipe Pereira, quer o presidente do CEN, David Justino, afirmaram que o "powerpoint" apresentado esta quinta-feira não altera significativamente a versão do documento que foi apresentada na Comissão Política Nacional em Julho. Esse documento gerou reacções violentas no seio da direcção do PSD e levou a que dois elementos da comissão política nacional falassem mesmo em sair deste órgão, caso o documento fosse para a frente. O principal receio era o de que a proposta fosse entendida como uma privatização da saúde e que venha a ser mesmo essa a consequência do modelo proposto.

David Justino e Luís Filipe Pereira negaram ontem essas reacções, noticiadas em 20/08/2018 pelo PÚBLICO.

sofia.rodrigues@publico.pt

## Programa após as europeias

O PSD deve apresentar o programa eleitoral em Junho de 2019, já depois das eleições europeias, avançou ontem o presidente do CEN David Justino. Em declarações aos jornalistas, David Justino disse que o objectivo é divulgar na primeira quinzena de Junho o programa eleitoral "que será o embrião do programa de Governo". O dirigente falava à margem da apresentação da proposta do PSD para a saúde. Ainda durante este mês, o PSD conta revelar outras propostas. A área da justiça é uma das que o partido tinha pensado em apresentar em Julho, mas tal acabou por não acontecer. Até agora, o PSD já apresentou uma proposta de combate ao envelhecimento da população e incentivo da natalidade e uma proposta de reforma sobre a união económica e monetária.

Ao lançar o programa eleitoral só em Junho, o PSD vai dar a conhecer as suas propostas mais tarde do que o CDS. Os centristas já têm vindo a revelar algumas das ideias gerais que estão a preparar na área do trabalho, fiscal, saúde e educação. O esboço do programa eleitoral deverá ser conhecido já no final deste ano.

FIG. 26
PÁGINA DUPLA DO JORNAL PÚBLICO

> **Num partido da dimensão do PSD há sempre posições diversas e isso é saudável**
>
> **Paulo Mota Pinto**
> Presidente do Conselho Nacional do PSD

CARLOS BARROSO/LUSA



**Documento coordenado por Luís Filipe Pereira foi objecto de uma primeira apresentação no Conselho Nacional do PSD de quarta-feira à noite, nas Caldas da Rainha**

## O QUE ELE DIZ

**É necessário quebrar um tabu ideológico para salvar, e não eliminar, o Serviço Nacional de Saúde**

**O que queremos é alargar esse universo de gestão privada ou social de hospitais que são hoje públicos para acolher mais eficiência e garantir a generalização do acesso**

**Seria um caminho progressivo em que o Estado continuaria a ser maioritário**

**Obviamente num partido democrático há opiniões diferentes, houve debate natural, houve pontos de vista por vezes diferentes**

**Luís Filipe Pereira**
Coordenador do Conselho Estratégico Nacional do PSD para a Saúde

# Um líder também criticado pela questão da procuradora e da "colagem" ao PS

**Sónia Sapage**

Além do apoio à proposta bloquista da chamada "taxa Robles" e do anúncio de que o PSD apresentará também uma medida anti-especulação imobiliária (ver pág.4), outros aspectos da liderança de Rui Rio foram objecto de crítica, no conselho nacional do partido que se reuniu na quarta-feira à noite nas Caldas da Rainha. E os trunfos que a direcção nacional levava na manga revelaram-se fracos.

Até eram grandes as expectativas em relação ao documento estratégico para a saúde, mas essa parte da sessão não passou de um *powerpoint* mostrado depois da meia-noite — o assunto foi ontem aprofundado em conferência de imprensa (ver texto ao lado).

Também havia grandes esperanças relativamente ao discurso do líder, no primeiro encontro depois de Pedro Santana Lopes ter deixado o PSD e o seu lugar de conselheiro nacional. Não durou dez minutos e só aconteceu no final de todas as intervenções antes da ordem do dia.

E aqueles que esperavam que a reunião servisse para aprovar os novos estatutos, também viram as suas expectativas frustradas. A discussão foi adiada para Novembro, ficando a promessa de criação de uma comissão de revisão estatutária mais profunda.

O conselho nacional transformou-se, assim, num palco para as críticas à nova liderança que até aqui eram feitas em surdina. O discurso que mais se destacou foi o de Hugo Soares, ex-líder parlamentar do PSD, que o PÚBLICO contactou já ontem e que nada quis acrescentar ao que disse nas Caldas da Rainha.



**O tema dos maus resultados nas sondagens não foi abordado**

Mas o que disse lá não foi pouco. Além da posição do partido face à "taxa Robles", criticou a aproximação ao PS e a estratégia errática do PSD em matéria de recondução da procuradora-geral da República. Concordou que é preciso moralizar a vida política, mas lamentou a forma como questão das dívidas autárquicas está a ser tratada na praça pública. Lembrou até que o secretário-geral adjunto Hugo Carneiro, que agora dá "lições de moral aos autarcas do PSD", esteve ao lado do independente Rui Moreira, contra os sociais-democratas, nas autárquicas de 2013.

Estes reparos levaram Rui Rio a responder — praticamente só a Hugo Soares — numa intervenção curta que, para estranheza dos presentes, não versou sobre a actualidade política. Antes, à entrada, o líder havia apresentado a alternativa do PSD à "taxa Robles" e ironizara que estava "cheiinho de medo" dos críticos.

O tema das sondagens também não foi abordado na reunião, mesmo que se tenha sentido o medo do PSD em que o eleitorado esteja a distanciar-se de Rio. "Corremos o risco de ter um dos piores resultados de sempre", disse ao PÚBLICO um conselheiro nacional.

Já o presidente do conselho, Paulo Mota Pinto, assumiu no final do encontro que "houve intervenções mais críticas, outras de alerta, outras de defesa, outras que manifestaram agrado por essas intervenções terem tido lugar no conselho nacional", mas que "o PSD é um partido plural".

"Num partido da dimensão do PSD há sempre posições diversas e isso é saudável. Não penso que o PSD saia dividido, muito menos mais dividido deste conselho nacional", acrescentou a propósito das críticas que ali se ouviram. "Mal estaríamos se fosse só fora".

sonia.sapage@publico.pt

PUBLICIDADE



## a. Estrutura de tópico

No género multi-centenário do jornal, a sobreposição das quatro estruturas, da antecipação da forma na redação, é evidente na leitura dos livros de estilo – no caso escolhido como representante do género, o do jornal Público – onde são abordadas a redação, a fotografia e a publicidade – a matéria do jornal.

Em estrito senso, a publicidade colide com a função informativa do jornal, estando, segundo o seu livro de estilo, banida das colunas informativas e regrada quanto à proporção na totalidade dos cadernos ("O espaço global da publicidade não poderá ser superior ao da mancha informativa"[18]), tipo de espaço alocado (cantos e rodapés em certas páginas, como a primeira) ou folhas super-impostas à capa. Ambos *copy* e design precedem a intervenção editorial, reservando-se ao jornal a possibilidade de rejeição de conteúdos. Apesar de não vir referido directamente no livro de estilo, deduz-se da prática do jornal que o conteúdo patrocinado deve ser assinalado e destacado por meios gráficos.

O coração, a parte insuprimível de uma notícia ou reportagem, de onde se devem extrair titulagem e desenvolvimento, será, segundo o livro de estilo, o "lead" – a regra clássica de manifestar "o quê, quem, quando, onde, como e porquê", de modo breve, encetando o corpo do texto.

Desdobrando-se dos factos mais relevantes para os menos essenciais, no corpo da notícia as frases não devem ultrapassar a leitura de uma ideia, informação ou conceito, e o parágrafo, incluindo contrapontos desses elementos, devendo ficar abaixo dos 500 caracteres. Um enfoque sobre "quem" e o "quê" dará origem a notícias, "como" e o "porquê" a artigos/reportagens.

Antecedendo o lead, poderá haver lugar a uma abertura (entrada ou super-lead), uma porção de texto de cerca de 300 caracteres, opcional porque de certa forma redundante ao texto, cujo objectivo é interrogar ou atrair.

Acima, o título e antetítulo, que podem ser complementares entre si, ou cada qual uma unidade de sentido. Dois tipos de título são referidos: descritivos, com um máximo de seis palavras, e títulos-síntese, com quatro.

Os subtítulos (entretítulos), captando o essencial do texto, não devem exceder as três palavras, e as duas linhas a uma coluna, intervalados entre si por 2000 caracteres. Não devem repetir palavras de outros elementos da página, nem muito antes ou depois do ponto a que se referem, nem entrecortar perguntas e respostas numa entrevista.

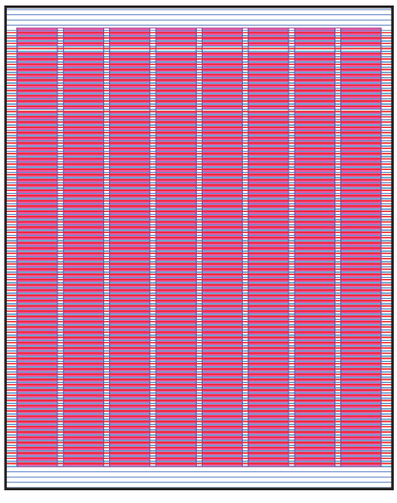
**18** Livro de Estilo - A publicidade. 1998 [Em linha] . Disponível em WWW:<URL:http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/>.

Entradas de texto, fotografias e legendas devem associar-se ao bloco do título e antetítulo, refere-se, de modo a que, mesmo numa exposição mínima, só a partir desses elementos, o leitor consiga apreender os elementos informativos essenciais da peça. As fotografias devem ser consonantes com os artigos, completadas com um elemento identificador. Nas de maiores dimensões, poder-se-á juntar uma frase retirada do texto. Apenas nos pequenos selos de primeira página ou nas breves – a mais curta forma de notícia – não haverá legenda.

Além do texto de pendor maioritariamente informativo, o texto opinativo também encontra lugar nas páginas do diário generalista. O editorial, quer pelo director quer pela direcção, os artigos de opinião e as crónicas são frequentemente acompanhados pela fotografia dos autores e respectiva legenda.

A autoria e assinatura das notícias sujeita-se igualmente a regras, presente em todos os artigos excepto as breves e as últimas, indicando outrossim o uso ou dominância de agências noticiosas, material de outros jornalistas, ou o recurso a tradutores.

## b. Estrutura de artefacto



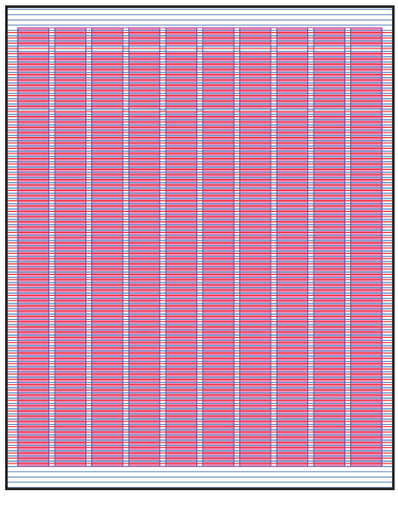
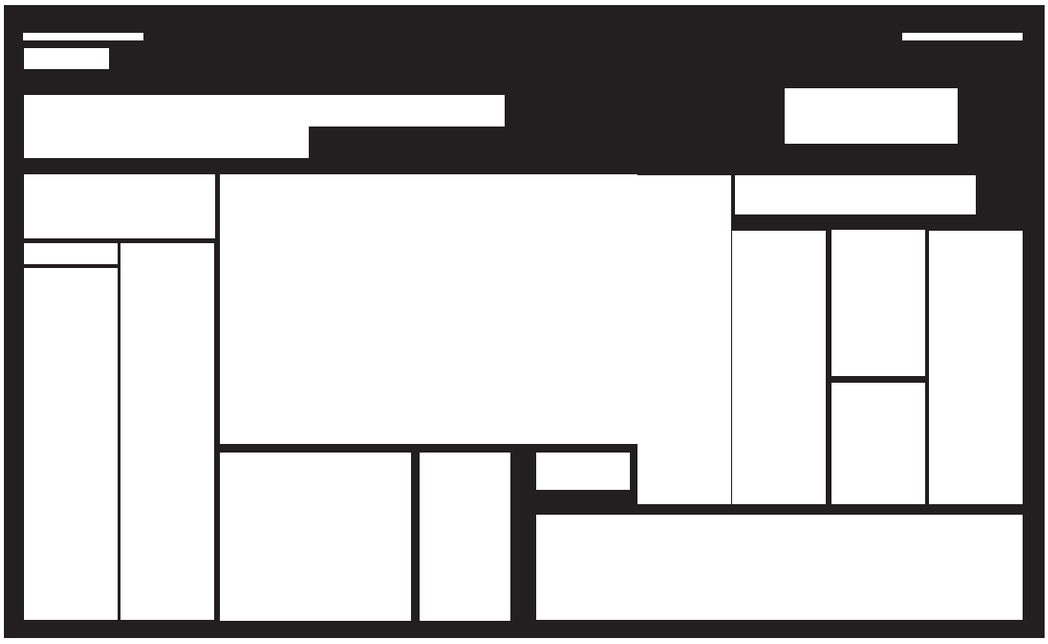


FIG. 28 *Análise de grelhas do jornal Público.*

FIG. 27
COMMERCIAL TYPE
*Publico Collection*.

Publico Text Roman
*Publico Text Italic*
**Publico Text Semibold**
***Publico Text Semibold Italic***
**Publico Text Bold**
***Publico Text Bold Italic***

O Público é presentemente um tablóide ou compacto (273x340 mm), agrafado e inteiramente policromático. Utiliza, segundo foi possível apurar, grelhas de 8 e 12 divisões, com goteira a 12 pontos, modulares, com o texto corrido tendencialmente contido num quadrado com a altura idêntica à largura das margens. As divisões horizontais não se revelam pré-determinadas, senão pelas linhas dos ascendentes da tipografia do texto corrido.



A variedade no layout de páginas é procurada pelo uso quer de filetes finos entre colunas ou elementos, quer espaços brancos.

As caixas, coloridas, sem moldura, são usadas com parcimónia.

O uso das famílias Giorgio e Público obedece a regras conforme as páginas em que se localiza. Nas primeiras, a sans serif titula os destaques, nas seguintes, tendencialmente na cor identitária, as secções e as informações hierarquicamente subordinadas aos títulos, tornando-se igualmente capitulares no início dos textos de opinião. Aberturas, títulos e texto ocorrem em variantes da família Público.

O Público tira partido frequentemente da dupla página.

No livro de estilo é referido que a publicidade "deverá respeitar a mancha gráfica do jornal e os formatos dos anúncios não poderão colidir com os critérios editoriais e técnicos de paginação".

FIG. 29
HIERARQUIA TIPOGRÁFICA


2 • Público • Sexta-feira, 14 de Setembro de 2018

DESTAQUE

IMOBILIÁRIO

Cerca de 85% d
casas são vend
em menos
de seis meses

Desde 2014 o investimento efectuado no sector já ultrapassa os 70 mil milhões de euros. É um aproxima do pedido de resgate financeiro que por Portugal à *troika*

Luísa Pinto

Quase 85 por cento das casas que foram colocadas no mercado em 2017 para venda demoraram menos de meio ano a serem vendidas. As estimativas foram dadas pelo presidente da Associação

taxa agravada em sede de tributação de mais-valias.

Não sendo possível diferenciar, em termos estatísticos, um proprietário que tem um imóvel há 20 anos e que agora o coloca para venda daquele que acabou de o comprar para o vender passados uns meses, é possível perceber juntos dos mediadores imobiliários, que "repre-

## c. Estrutura de acesso

Os elementos da estrutura de acesso do público são poucos e comuns no género em que se integra.

Na capa, são indicadas as páginas a que as chamadas se referem, e em todas as páginas, um título corrido inclui o nome da publicação, sem reprodução do mastro, a data e a página.

Uma barra vermelha assinala a extensão do destaque. Logos assinalam algumas secções, ocasionais como "Ciência", mais elaborados, e continuadas, mais nivelados, como "Breves", "Televisão", "Cinema", etc…

# d. Estrutura de género

- Contexto típico de uso

FIG. 30
CONTRAGRAFISMO DE PÁGINA DUPLA

Apesar de uma acentuada quebra de vendas nos últimos anos, os jornais generalistas impressos estão, presentemente, disponíveis para venda na mesma imensa variedade de espaços públicos, de quiosques e tabacarias em todos os segmentos de mercado, a supermercados, bombas de gasolina e, igualmente, para aquisição por assinatura com envio postal.

A leitura tende a ocorrer ou no espaço privado, ou nos tempos de comuta nos transportes públicos, em cafés, bibliotecas e outros espaços públicos e privados.

Indicadores da ERC, de 2016 manifestam que cerca de 2/3 da população contactam com media impressos pelo menos uma vez por semana, havendo uma clivagem no uso de jornais impressos por idade e género, os utilizadores predominantes localizando-se num escalão etário dos 35 aos 44 anos (79,1%).

Em qualquer dos casos, de utilizador e modo de aquisição, raramente o jornal conhece outro fim que não o descarte rápido.

- Formato e configuração típicos

FIG. 31
CORREIO DA MANHÃ



- Tratamento de linguagem verbal







Nenhum dos jornais previamente citados se poderá já considerar vernacular, e todos, em grau mais ou menos explícito, absorvem tendências internacionais de design, seja pela via do atelier de renome, seja por absorção de influências. Mesmo o elemento mais popular da lista, o Correio da Manhã, se nunca prescindiu do seu ocasional curandel e de um aparente horror ao vazio, tem progressivamente domado a sua sobre-abundância tipográfica, deixando frequentemente entrever o uso da grelha.

Esta categoria de jornais tem tendido a um menor número de chamadas de capa (entre 4 a 10), tendo diminuído a extensão das entradas de notícia e abolido as breves nesta àrea (ainda presentes, por exemplo, no semanário expresso). Com um menor número de blocos de texto a "encaixar", tem-se evidenciado o recurso a composição em "tiras" (Público e I), ou com rectângulos coloridos, reminiscentes dos layouts digitais (J.N.) com recurso a generoso espaço branco ou manchas de cor lisa, tirando partido de uma foto ou ilustração de grandes dimensões. Nas capas do J.N. é frequente o uso de chamadas sobre as fotos, usando-se *highlights* de cores fortes e distintas na hierarquia do conjunto da chamada para colmatar a dificuldade de leitura.

Mantém-se, na generalidade, o uso de tipos serifados para o texto e não serifados para destaques, títulos, navegação e secções, com variação de fonte mas não de família. O uso de tipografia decorativa é presentemente incomum (a excepção é o J.N.). A multi-coluna em blocos horizontais continua a ser a estratégia unificadora dos artigos, utilizando-se ou filetes ou caixas para os destaques.

- Tratamento de elementos visuais

O uso da silhueta ou *cut-out* nas capas é de regra no elemento popular do grupo, mas pouco frequente nos demais. O jornal I também explora esse recurso, todavia alia-o a fundos lisos de cor forte, assumindo-o de um modo inteiramente distinto. Onde o Correio da Manhã faz as fotos saírem do seu "respectivo" lugar na grelha, o I insere-as numa caixa dominante na página, frequentemente num jogo dinâmico com a logomarca. Esta interacção

fig. 32
Jornal de Notícias

com a logomarca é frequente na totalidade dos jornais, mas em fotos secundárias. Além do *cut-out*, o emolduramento de pequenas fotografias em círculos constitui uma das raras excepções aos formatos quadrados ou rectângulares, acompanhando curtas ou chamadas.

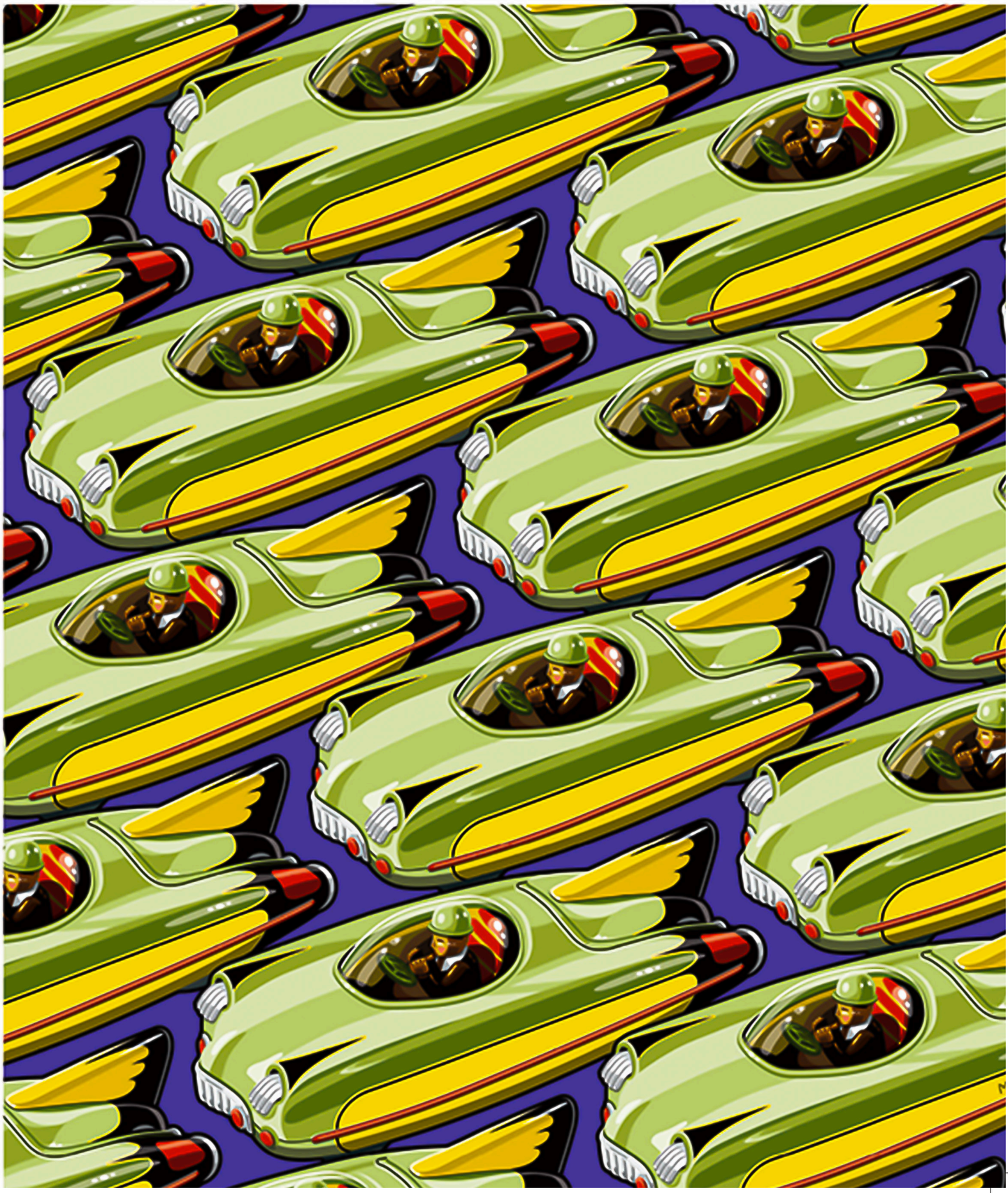
Se o I se alinha a uma estética de fotomontagem, tal estratégia é pouco utilizada no conjunto. O uso de uma foto de grandes dimensões é antes a estratégia preferida, ou, de quando em quando, ilustração expressiva.

Os demais gráficos, se não pequenos ícones para assinalar secções, tendem a serem conteúdos infográficos, maioritariamente gráficos estatísticos, económicos, cronologias e mapas. Se uma atenção crescente tem vindo a ser prestada à infografia, acrescentando-se infografistas às redacções, uma parte da infografia usada provém de agências. Peças infográficas de dupla página, dada a morosidade de execução não serão tão frequentes como num semanário.

fig. 33
Jornal I

Fig. 25 - Análise de grelhas.

# Delayed Gratification



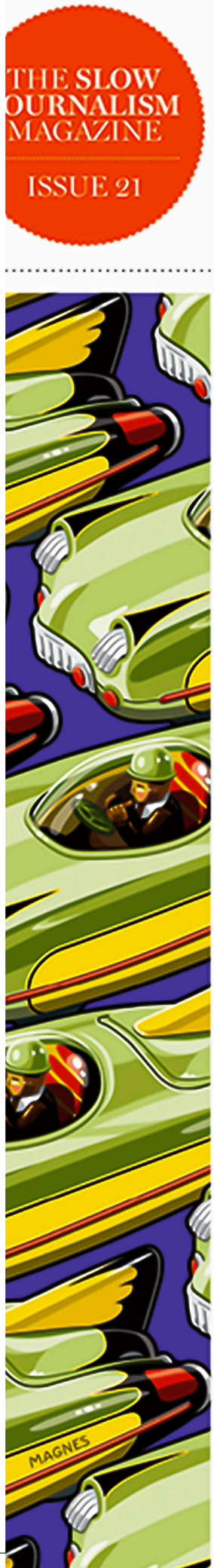



FIG. 34
REVISTA
DELAYED
GRATIFICATION

# 4.3. Variações de género

## 4.3.1. Jornalismo lento

Se até este momento explorámos os jornais generalistas não populares, por se terem tornado a forma de referência do género, percebemos não ser o Jornal MAPA parte do mesmo panorama dos grandes jornais nacionais e sequer dos jornais regionais. Não se enquadram igualmente como jornal de especialidade.

Não temos conhecimento de que alguma vez se tenham declarado parte do movimento Jornalismo Lento, mas observamos que têm pontos em comum com este, desde a periodicidade espaçada, o formato longo das peças e a atenção à explicitação das fontes.

A bibliografia académica sobre jornalismo lento é, indica um dos documentos[19] consultados, esparsa e recente.

Consumada a disrupção dos meios tradicionais de distribuição de notícias pela massificação da internet, tem aumentado, no sector profissional, o interesse em procurar formas de diminuir a velocidade de produção do jornalismo, de separar a produção de conteúdos de entretenimento da produção de conteúdos de interesse público, distinguindo "notícias" (news, novo), de jornalismo, deslocando a tónica do recente para o relevante.

A pressão de produzir notícias para os media digitais, segundo Megan Le Masurier, tem colocado os jornalistas na situação de escrever em tempo real, sem chegarem a sair das redações, tornando-os dependentes dos formatos pré-embalados das agências noticiosas e pacotes de relações públicas, criando dificuldades no aferimento e validação das realidades reportadas. A pressão competitiva tem trazido uma perda de diversidade de conteúdos, promovendo antes a uniformização.

O conceito de jornalismo lento terá sido posto pela primeira vez por Susan Greenberg, em 2007, na revista *Prospect*, inspirado por um movimento análogo no campo da produção e consumo alimentares. A sua proposta localiza o jornalismo lento "no fim do meio", isto é, na expansão do segmento que actualmente começa nas notícias gratuitas na internet e termina no jornalismo impresso tradicional, acrescentando-lhe um horizonte de luxo, o ensaio longo não-ficcional – um jornalismo que aponte à qualidade e ao tempo de pesquisa, que demonstre a proveniência das notícias, que identifique os tipos de fonte, forneça ligações externas a novos recursos, indique como foram recolhidas, e reconheça

**19** Le Masurier, Megan - What is Slow Journalism? Journalism Practice. (2015) 138–152.

o papel da subjectividade e incerteza que sempre existem na descoberta factual.

Outras aspirações para o movimento citadas almejam suportar a interdependência entre ecossistemas e modos de subsistência das populações, justiça social e um sentido de destino comum nas comunidades, vendo as audiências como colaboradores no processo de produção jornalística, num etos de comensalidade

A vertente assumidamente luxuosa deste movimento tende a realizar-se, além do meio puramente digital/multi-média, no formato revista, prestando sempre atenção ao design, do layout à mais elaborada infografia, e não raro à impressão especial.

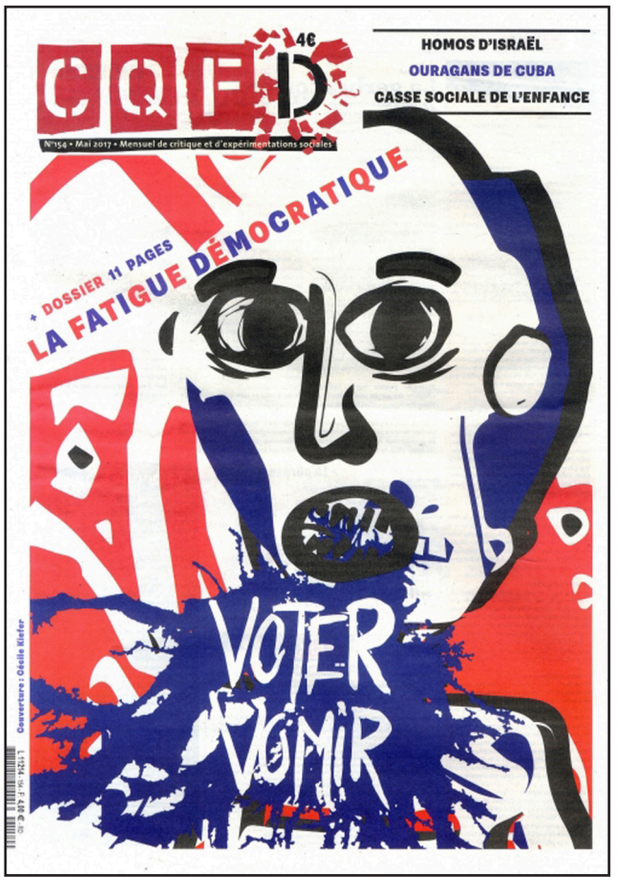



FIG. 35 CQFD
*Maio 2017*

## 4.3.2. Projectos Independentes

Existe algum trabalho de investigação sobre a publicação independente em Portugal, e pelo menos um[20] que menciona o Jornal MAPA Todavia, o foco destes não tem sido a não ficção. Dos vários projectos nacionais de que tomámos conhecimento durante esta pesquisa vistos como limítrofes (ou emergindo, de certo ângulo, num mesmo contexto) do MAPA ("É Apenas" Fumaça, Divergente, Qi News e O Corvo), o MAPA é o único impresso.

Com alguma proximidade ideológica, a Batalha (retomar de um antigo jornal sindical, impresso em digital industrial) e Indymedia (portal digital, inserido num contexto no qual o MAPA se referencia directamente) diferem tanto em alguns aspectos que aproximam o MAPA das *slow news* como nos que o aproximam do jornal prototípico. Se na sua auto-promoção o MAPA se alinha abertamente com outros media anarquistas (o Guilhotina, por exemplo), a sua "roupagem", a sua linha gráfica, não parece herdada nem da tradição centenária, expressionista ou "partidária", nem da formada pela cultura em linha ao longo dos últimos anos.

Aquando o primeiro contacto com elementos da equipa do Jornal MAPA estes viam-no como um projecto (infelizmente) único no cenário nacional, recolhendo inspiração tanto de certos media de referência (Guardian, o Público) como de uma miríade de publicações independentes de outros países, como o El topo, de Sevilha,

**20** Carvalho, Henrique Milen Vizeu - Publicação Independente em Portugal: a utopia do impresso no contexto digital. [s.d.]).



Ano XIX — Serie IV — Nº 2 JUNHO — 1937 Preço $50

A BATALHA

Órgão da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

TRABALHADORES! É preciso arrancar das prisões os camaradas condenados pelo fascismo a uma morte lenta

UNIFICANDO-NOS, O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

Para que os bandoleiros fascistas sejam vencidos na sua faina homicida é preciso que todos os peitos revoltados contra a barbarie constituam barreira impenetrável. Toda a metralha fascista, que decepa a vida dos trabalhadores, das mulheres e das crianças inermes, impõe a união revolucionária.

Trabalhadores! A C.G.T. dirige-vos êste apêlo caloroso: para vencermos o fascismo assassino e despótico é urgente e essencial uma unificação das fôrças da Revolução. Esta unidade não pode ser impedida em nome seja do que fôr, porque a Revolução pertence ao povo. Trabalhadores manuais e intelectuais! Depende de vós a unificação a construir, sôbre todos os interêsses partidários, dentro da C.G.T., expressão das nossas aspirações. A unificação, camaradas, será construída por nós nesta hora ameaçadora da nossa Liberdade!

Sem obstáculos nenhuns façamos a unificação revolucionária e o fascismo fundir-se-á na lama sangrenta das suas façanhas!

O que nos deve unir!

Falam os outros

Salvemos os presos!

A C. G. T.

—suas idéas e suas tácticas—



JORNAL DE EXPRESSÃO ANARQUISTA

A BATALHA

RBI

OU MAIS UM PALIATIVO DO CAPITALISMO

Russo e José Feitor | 16 - 18

4 - 6

ENTRE A CADEIA DE GINÁSIOS E A MALA DE CORTIÇA

Catarina Vegetal e Inês Leal

8 - 9

CRASH DO MAGALHÃES

A. e Simão Simões

12 - 13

AQUELES QUE DESISTEM DE OMELAS

Ursula K. Le Guin

22 - 26

UMA DÉCADA DE TERAPIA RUIDOSA

Entrevista aos dUASsEMIcOLCHEIASiNVERTIDAS

32

CAPAM

Marcos Farrajota

FIG. 36 A BATALHA
*1937 (clandestino)*

FIG. 37 A BATALHA
NOVEMBRO 2017

e o CQFD, de Marselha, entre muitos outros, destacando estes últimos por,terem sido fornecidos pelos entrevistados. Em ambos existe uma predominância da ilustração sobre a fotografia e, mais justamente que ao jornal popular de grande tiragem (seguindo o exemplo de Barnhurst & Nerone), se podem chamar de modernista-expressionistas. Em ambos países, fruto de um contexto socio-político bastante distinto do português, existirá uma estrutura de pares no campo editorial, não raro com capacidade de sustentação económica, o que não os coloca no relativo isolamento em que o MAPA se desenvolve.

Em ambos países existe também uma tradição editorial, mais forte em França, é certo, da publicação satírica que, tradicionalmente, se baseia no desenho e na ilustração caricatural. Talvez que nestas publicações – poder-se-ia aferir noutra ocasião – figurem aspectos emocionalmente distintos dessa genealogia, o interesse na publicação e recepção de conteúdos emotivos, distintos da sátira, que o jornal, primeiro tornado profissional, e depois, corporativo, há múltiplas décadas abandonou.

Se o "Ce qu'il faut dire, détruire, développer" oscila, nas suas capas entre o satírico e o expressivo, e o El Topo inclui profusas ilustrações em todos os seus números e presença digital, o Batalha publica também…o ocasional poema.

| | Número de páginas | Páginas com cor | Fotografias | Ilustrações |
|---|---|---|---|---|
| CQFD 154 Maio 2017 | 24 | 24 | 12 | 16 |
| CQFD 151 Fevereiro 2017 | 24 | 24 | 5 | 23 |
| El Topo Julho 2016 | 24 | 8 | 0 | 19 |
| A Batalha Novembro 2017 | 32 | 0 | 14 | 8 |

FIG. 39
*Predominância da ilustração sobre a fotografia na maioria dos jornais analisados.*

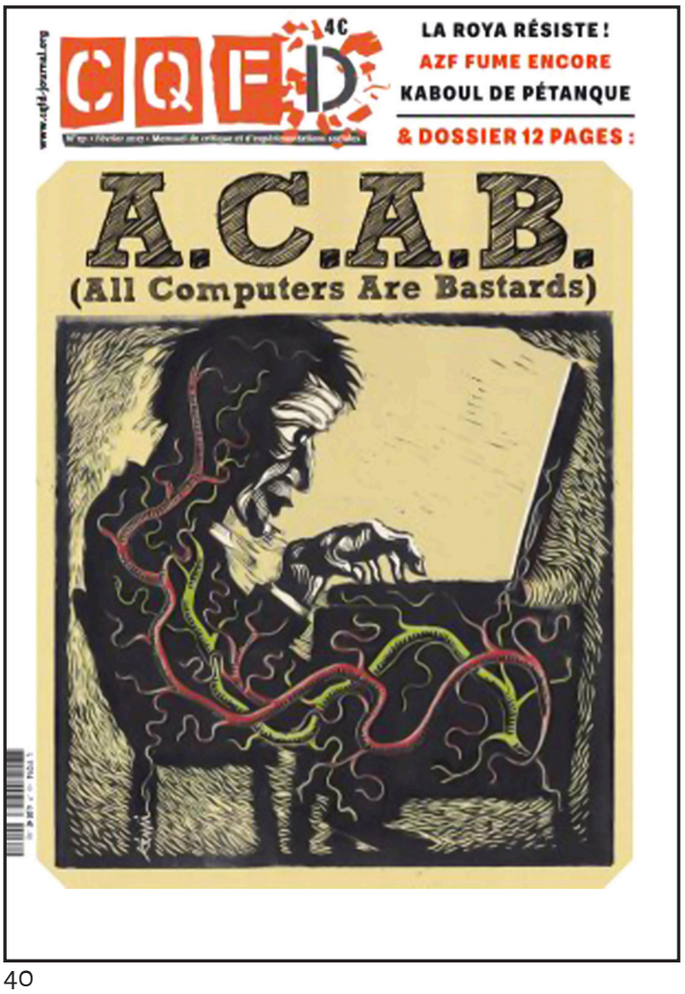



FIG. 38
CQFD
*Fevereiro 2017*

APUNTES DE HISTORIA

# EL LUDISMO Y LOS ORÍGENES DEL SINDICALISMO

**Este artículo describe dos movimientos sociales antecedentes del sindicalismo moderno: el ludismo y el cartismo. Aunque con diferentes estrategias —la destrucción de maquinaria y la amenaza anónima el primero, y la reivindicación política el segundo—, ambos reflejan la formación de una subjetividad obrera que, ya en la segunda mitad del siglo XIX, se cristalizará en las ideas socialistas y el sindicalismo.**

Beltrán Roca Martínez*

Aunque la historia de la humanidad está repleta de insurrecciones protagonizadas por grupos subordinados —muchas de ellas con un contenido claramente religioso y milenarista—, no es hasta el siglo XIX cuando aparecen las primeras organizaciones sindicales. El desarrollo del capitalismo industrial transformó no solo la producción y la estructura social, sino también las formas de vida y el modo en que las clases populares expresaban y organizaban su protesta.

El proceso de industrialización había provocado un masivo éxodo rural. Grandes masas de personas se habían desplazado del campo a la ciudad atraídos por la esperanza de prosperar trabajando para talleres y fábricas, que demandaban fuerza de trabajo. Las ciudades crecieron espectacularmente, concentrando grandes números de población, aunque los sueños de prosperidad de sus habitantes nunca llegaron a cumplirse: las masas trabajadoras padecieron enormes problemas sociales relacionados con la falta de derechos, protección social, vivienda, alimentación, salud, educación, etc. En este clima se generó una nueva clase social, formada por una enorme cantidad de personas que compartían unas mismas condiciones de existencia y que generaron sus propios sistemas de pensamiento y organizaciones sustentados en sus problemas y aspiraciones. Como acertadamente señaló el célebre historiador E. P. Thompson, la formación de la clase obrera no se debió solo a la aparición de personas que vivían bajo unas mismas condiciones objetivas, sino también a que esas personas desarrollaron una subjetividad común.

Inglaterra fue uno de los primeros focos de industrialización y, por tanto, de formación de movimientos sociales de la clase trabajadora. El ludismo fue el primer movimiento social, y parece tener su origen en la mítica figura de Ned Ludd, un trabajador que en 1779 destruyó el telar en el que trabajaba. La introducción de telares industriales estaba destruyendo empleos poco cualificados en la industria textil inglesa, produciendo un enorme malestar entre los trabajadores. Así, entre 1800 y 1830 aproximadamente, utilizando la figura anónima del general Ludd, los obreros textiles actuaron desde la clandestinidad enviando amenazas a empresarios, comerciantes o magistrados con el objeto de elevar sus reivindicaciones y aumentar su poder de negociación laboral. En ocasiones recurrieron a la destrucción de maquinaria o a la generación de disturbios. En 1830 este movimiento inspiró a los trabajadores agrícolas del sur y este de Inglaterra en lo que se conoció como las «revueltas del capitán Swing», que se focalizaron sobre las máquinas trilladoras. Por aquel entonces este tipo de protestas también se extendieron a otros países. En España, por ejemplo, se manifestó en disturbios en Alcoy (1821) y Barcelona (1835).



Emilio Morenatti - Observatorio.org (https://observatorio.org/)

El movimiento ludita ha sido visto como un movimiento antitecnológico, sin embargo, estudios históricos ponen de manifiesto que estas personas no estaban movidas por la aversión a la tecnología sino por la necesidad de incrementar su poder frente a los empleadores.

Tras la etapa ludita, de componente más insurreccional, la clase obrera inglesa formó un nuevo movimiento con un componente más de política institucional: el cartismo. Este movimiento debía su nombre a la Carta del Pueblo, un escrito enviado al Parlamento británico en 1838 demandando el sufragio universal masculino, voto secreto, sueldo para los parlamentarios (para poder permitir a los obreros participar en política), elecciones anuales (para evitar sobornos) y la participación de los obreros en las instituciones políticas (eliminando el certificado de propiedad exigido para formar parte del Parlamento). La idea fuerza de este movimiento era que si los obreros eran capaces de participar en las instituciones del Estado, sería posible legislar a favor de los trabajadores y transformar radicalmente la sociedad.

Este movimiento duró solo una década (de 1838 a 1848) y se desarrolló en tres grandes oleadas de peticiones al parlamento, mitines y manifestaciones. Se apunta a las divisiones internas como una de las causas de su disolución. En concreto, hubo un fuerte enfrentamiento entre los sectores más moderados (encabezados por Robert Owen o William Lovett), que enfatizaban la creación de cooperativas, priorizaban las reivindicaciones económicas y aspiraban a establecer alianzas con las clases medias, y los sectores más radicales (liderados por los irlandeses Bronterre O'Brien y Feargus O'Connor), que tenían un discurso más revolucionario y abogaban por una acción más política y la huelga general.

A pesar del breve período de vida y la dura represión a sus líderes y seguidores, el cartismo logró importantes conquistas. Cinco de las seis peticiones de la Carta del Pueblo fueron aprobadas por las instituciones políticas británicas en los años posteriores. Además, consiguió que el Estado británico legislara a favor de la clase obrera. En 1846, en concreto, los cartistas elevaron una tercera petición al Parlamento en Londres avalada por varios millones de firmas. El acto vino acompañado de una serie de disturbios y las autoridades finalmente aprobaron la «Ley de las diez horas», que estipulaba la reducción de la jornada laboral a 10 horas diarias en las industrias fabriles. Aunque el grado de cumplimiento de dicha ley fue escaso, esta fue una de las primeras experiencias de regulación estatal de las relaciones laborales. Se abría así una de las líneas de acción del movimiento obrero para regular las condiciones de trabajo frente al poder de los empleadores.

Además de las divisiones internas, otras causas de la disolución del cartismo fueron: no haber buscado apoyos en las clases medias; la represión de sus dirigentes; la frustración de los levantamientos de 1848 en Europa; y el crecimiento económico de los años 1850 y 1860. De hecho, a partir de la segunda mitad del siglo XIX la clase obrera inglesa deja en un segundo plano la lucha política, modera sus reivindicaciones y centra más su acción en el plano estrictamente laboral. Es el momento en que nace el sindicalismo moderno.

*Beltrán es profesor de Sociología en la Universidad de Cádiz.



ARTE Y CULTURA

# LA CARBONERÍA, PARA QUIEN LA HABITA Y DA VIDA

La primera vez que pisamos La Carbonería abamos a montar El Salón del Carbón, una exposición en apoyo a la huelga de basureros de Tomares: la obra enviada por artistas de todo el territorio peninsular abarrotó las paredes en espera de una subasta que se saldaría con un rotundo éxito para la caja de resistencia. De ahí hasta ahora: la inauguración hará menos de un mes de la expo de El Paraíso de las Islas, una utopía libertaria en imágenes OP que plantea una red de intersticios de nomadeo, y que recoge el eligirlitz mismo de La Carbonería tal como la hemos conocido, como un lugar de acogida e intercambio necesario.



Anabela Sotelano - carpinteriadelcaos.com/Amarante

Las carboneras y su Aristófanes, Federación Penibética de la Polonia de Abajo

La Carbonería lleva en el barrio sevillano de la Judería desde 1975, formando parte de la historia viva de la ciudad. Desde hace unos días se enfrenta a una cédula de notificación de desalojo, una rescisión unilateral del contrato de una zona de este espacio por parte de Hotel Mercaderes SL, sociedad que administra, entre otras propiedades, el Hotel Casas de la Judería, y cuyo propietario es Ignacio Medina, duque de Segorbe.

Hoy le toca a La Carbonería, antes al Bazar Victoria, la Relojería Tormer, la Cervecería del Salvador o la Casa de las Especias. Son muchos los que cierran a consecuencia de las condiciones en las que se ven obligados a concertar sus contratos de arrendamiento: altas rentas y precariedad temporal. Otros ni siquiera abren por no poder asumir esas condiciones.

Cuando La Carbonería se instala en la calle Levíes ocupando el almacén de carbón que perteneció al conjunto de la Casa Palacio de Samuel Leví, esta parte del barrio de San Bartolomé era una zona degradada y oscura que, especialmente de noche, se solía evitar. La ubicación de esta taberna emblemática en dicha calle ayudó a incorporar esa zona desierta de la ciudad en nuestros pasos.

La demanda de desahucio denota una vez más la falta de sensibilidad hacia uno de los lugares más queridos por sus habitantes y visitantes, y tal vez sea el principio de una «londonización» de Sevilla, un fenómeno por el cual los centros urbanos de las ciudades tienden a parecerse cada vez más entre sí. Se trata de acumular un porcentaje cada vez mayor de locales de las mismas marcas y franquicias, cadenas de tiendas, restaurantes y hoteles en detrimento de los comercios locales, lo que comporta la consiguiente pérdida de memoria y esencia de una ciudad, al tiempo que difícilta el contacto entre los visitantes y la cultura del lugar.

Por su arquitectura e historia, La Carbonería es una parte significativa de la cultura sevillana de los últimos cincuenta años. Pero esto no hubiera sido posible sin la labor de quienes durante cuarenta años la han mantenido abierta tal y como la conocemos. Paco Lira la puso en pie con el mismo espíritu con el que creó La Cuadra —situada en Nervión, y expropiada en su día para construir el hotel Los Lebreros—: un local insólito que, en la década de 1960, reunió a pintores, músicos, escritores y teatreros como Salvador Távora; un lugar abierto y cosmopolita que permitió a muchos artistas de aquellos años el contacto con otros artistas y pensadores nacionales e internacionales.

A finales de los sesenta y principios de los setenta, La Cuadra fue uno de los epicentros de la ecloxión contracultural en este país: una premonvida sevillana anterior a las que luego tendrían lugar en Barcelona y en Madrid en los años 70 y 80, tal vez con mayor relumbrón. La Sevilla contracultural agitó los cimientos de la cultura dominante del tardofranquismo, y en ese movimiento fue fundamental la actitud de casa abierta a todos de La Carbonería, en especial al flamenco: desde Camarón a las grandes familias gitanas de Triana, Utrera, Lebrija, Cádiz y Jerez pasaron por allí, y grupos como Pata Negra se formaron entre sus paredes. En sus mesas se fraguó uno de los programas televisivos que más han dignificado este arte: «Rito y geografía del cante», donde Paco Lira fue clave en el asesoramiento y el contacto entre flamencólogos, artistas y familias gitanas.

«De la Cuadra a la Carbonería» (título de un disco de El Cabrero) se pone en marcha una máquina de vivir, un referente de agitación cultural donde convives el legado del pasado y el presente. Una de las paradojas de La Carbonería es el cómo apareció en las guías turísticas como uno de los lugares a visitar en Sevilla: los profesores de guitarra de Estados Unidos, fascinados con Diego del Castor o con las flamencuerías de Juan El Camas, empezaron a decir a sus alumnos, cual topos, que para escuchar flamenco fueran a este lugar, donde además, como buena taberna, se podía coincidir con Frank Zappa, Nina Hagen, Quico Rivas, Eduardo Galeano, José Bergamín o Agustín García Calvo; este lugar que había sido almacén de carbón y que Lira transformó en escenario, auditorio, sala de exposiciones, galería y celebración cotidiana.

Sabemos que la taberna fue de siempre la cátedra de la cultura popular, especialmente su ambiente nocturno, propicio a generar un espacio de sociabilidad al margen de los tabúes de la sociedad biempensante. Pero hay algunos lugares especiales que, gracias al buen hacer y sensibilidad de quienes los habitan y dan vida, mantenimdo la condición de taberna plenamente, aglutinan tanta actividad que mueven y conmueven la cultura. Muchos de nosotros hemos vivido y hecho nuestra de muy diversas formas La Carbonería, como espectadores de un tablao flamenco de entrada libre, para participar o escuchar presentaciones de libros y recitales, para disfrutar sus exposiciones o alternar con gente de toda procedencia.

La amenaza sobre La Carbonería y sus gentes vuelve a dejar claro algo que ya sabíamos: la especulación inmobiliaria no respeta nada. Amenazar con su cierre es ir contra la intimidad cultural de la ciudad, contra su misma alma. Y más si quieres quieres atentar contra ella son quienes más le deben a la ciudad y a su gente por haber disfrutado durante más tiempo y con mayor amplitud y profundidad de sus espacios y riquezas; viejos casas y redes nobiliarias insaciables, acostumbradas a la impunidad y a las mamandurrias —que dice una de las suyas— que se resisten a vivir y a dejar vivir.

Hoy, en plena época una vez más transicional, en donde la corrupción política y financiera alcanza a los grupos centripetadores de energía y riqueza más recalcitrantes y feroces, salvar La Carbonería de las garras de esa bestia sin nombre que se traga hasta a las casas nobiliarias más linajudas —¿dónde quedan las viejas grandezas y antigua honorabilidad de la casa de Medina?— se convierte en un episodio más de la lucha por la libertad y la dignidad del común, que legítimamente se encabrona si lo siguen enervando tocándole sus lugares más íntimos y satisfactorios.

Como La Carbonería de la calle Levíes de Sevilla, por ejemplo.

De esa indignación surge una amplia presión popular que logró que la Consejería de Cultura atendiera, con diez años de retraso, una resolución para declarar La Carbonería «bien de interés cultural en la categoría de lugar de interés etnológico», con la intención de salvaguardar «el lugar y la actividad». Lamentablemente, la catalogación no evitó el desahucio del edificio de la calle Levíes (el resto del local seguirá abierto con acceso por la calle Céspedes) que se hizo efectivo el pasado 25 de julio, suponiendo un duro golpe no solo para la familia que durante tantos años la ha mantenido en pie y ha hecho de ella lo que es, sino para la vida cultural de la ciudad en general. La lucha sigue, pues, abierta. Seguiremos defendiendo esa razón, que es razón común la casa para quien la habita.

FIG. 40
EL TOPO
*Julho 2016*
*Interior*




FIG. 41
EL TOPO
*Julho 2016*
*capa*



**vastienir que convolu** Págs. 00 e 00 · **Nequid dis. Nos intum manum** Págs.00 e 00 · **Condem**


# lapa

Jornal de Informação Crítica



*Aceitamos*

**ASSI**
**JORNAL**

descobre
assinaturas.jo


## Olus? quid

**págs.4 e 5**

nonloculis bondem, Cu
se consunte in diusque
susquon simis erfecen
sus o hiliquer uncertus

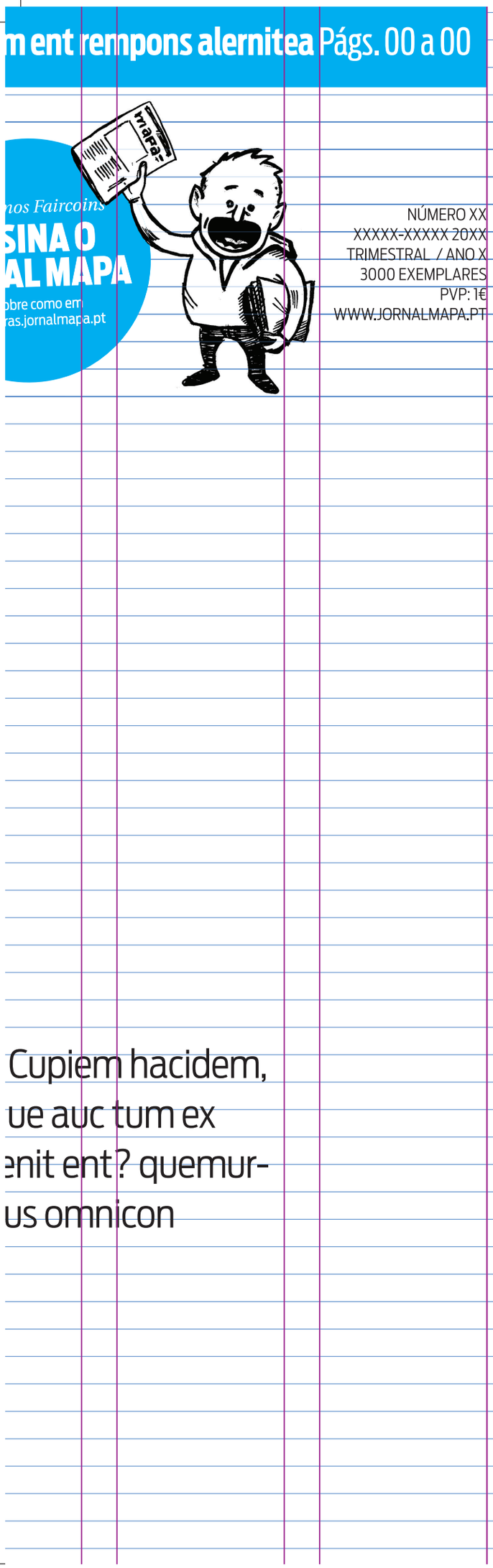



FIG. 42
GRELHA
DO JORNAL MAPA

# 5. O JORNAL MAPA

## 5.1. Contexto



FIG. 43
JORNALMAPA.PT
*"Quem somos" 2015*

O MAPA nasce como projecto simultaneamente em papel e digital em 2012, inicialmente com um limite de 16 páginas, aumentando o volume para 32 em 2015, passando igualmente a fazer-se distribuir em PDF. Actualmente, contando 18 edições, chega às 48 páginas.

Tematicamente, o que marca presença nas páginas do MAPA nem é local nem global. Em entrevista informal, referem que, em muitos números, fazem o papel de jornal local onde os existentes não se possibilitam a publicar os formatos longos de pesquisa que informariam processos de cidadania urgentes; noutros, abordam realidades transnacionais que estarão a decorrer em diferentes velocidades e grau de progresso em distintas partes do mundo.

Nas suas palavras:

*"O* MAPA *é uma ferramenta na divulgação das ideias e dos debates que se desenvolvem em torno de lutas sociais, ambientais e económicas, que nascem na sociedade portuguesa e no resto do mundo.*

*Nas suas páginas têm presença habitual temas estruturantes da atualidade, como as transformações e os processos destrutivos do território rural e natural, as implicações ecológicas e sociais dos modelos de desenvolvimento, como o energético e alimentar, impostos aos habitantes deste planeta, a violência policial, o controlo do Estado sobre os cidadãos, as cidades e o espaço urbano. O* MAPA *é um canal de comunicação mas também um território de resistência em tempos de guerra."*[21]

A condição de media alternativo obriga a substanciais constrangimentos económicos, e, ou bem que englobam profissionais outrossim empregados na área editorial, dotados de um *know how* que lhes permite navegar essas difíceis questões, ou são feitos em regime de voluntariado total. Se alguns (como o Divergente) conseguem uma dialéctica com os media tradicionais, e outros (como o É apenas fumaça) se legitimam com o estatuto de órgão de comunicação social, e fruindo de bolsas de apoio ao jornalismo independente, todos, tendem a, precisamente, se demarcam da publicidade, dos grupos económicos e organizações políticas em contacto com os media dominantes.

A equipa do MAPA terá recorrido, para essas necessidades, no início deste ano, a um processo de *crowdfunding* no site PPL.com, com o objectivo de desfasar o financiamento da produção; neste processo, sistematizou os seus valores, objectivos e condições materiais de existência em documentação textual e um vídeo produzido para o efeito. Além deste *crowdfunding*, no qual os valores solicitados foram atingidos, as demais fontes de financiamento líquido serão assinaturas, vendas, donativos e eventos, dividindo-se os custos entre 65% para a impressão, 20% para a distribuição e 15% para custos fixos, de um total modestamente estimado em 6000€, para 4 tiragens anuais de 3000 exemplares, em parte distribuídos entre 51 pontos fixos e 6 pontos itinerantes.

**21** Apoia o Jornal MAPA - Crowdfunding 2018 - [Em linha], atual. 15 jan. 2018. Disponível em WWW:<URL:https://ppl.com.pt/prj/mapa>.

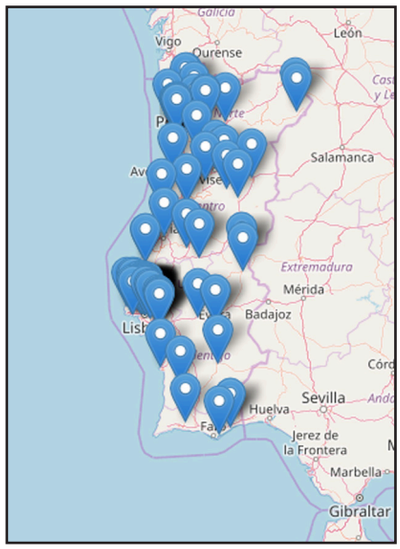



FIG. 44
JORNALMAPA.PT
*Pontos de venda em Portugal Continental.*

# 5.2. Análise de Género

## a. Estrutura de tópico

Os conteúdos do MAPA são, como é inerente ao género, notícias e reportagens, e conteúdos de cariz opinativo. O planeamento dos conteúdos inclui, do mesmo modo que no jornal generalista, uma consciência elevada da estrutura de artefacto no momento da criação ou compilação da de tópico.

Escrita e imagens são partilhadas numa plataforma gratuita de gestão de conteúdos, onde os membros criticam, revêem, hierarquizam e organizam, de qualquer forma necessária, o material necessário e o material a excluir de qualquer um dos números.

Por tipo de página, guias internas determinam o número de caracteres a que os contributos se devem adaptar. Uma curta, por exemplo, deverá não exceder os 3000 caracteres, e numa última página, a inserção de uma opinião ou curta deverá respeitar os 4000.

As primeiras páginas são, com efeito, as mais regradas, numa crescente disponibilidade de expressão escrita (5000 a 7000 na primeira, 12000 na segunda, de 18 a 21 mil na terceira, aos artigos de caderno, a partir da quinta página, que poderão atingir um máximo de 30000). Parece igualmente haver uma distinção entre o conteúdo informativo na primeira parte do jornal e opinativo seguindo-se-lhe.

Os conteúdos gráficos, quando não acompanhando os próprios artigos, são sugeridos, ou proposta a sua "encomenda" a membros ou terceiros interessados. A produção de conteúdo gráfico próprio, indicam, é uma dificuldade que necessitam ultrapassar.

Um tipo de fotografia que se verificou característico do MAPA na verdade, faz a ponte entre a ilustração e a fotografia, tratando-se simultâneamente de documentação – de espaços reais, presentes – e de ilustração: arte urbana e escrita de rua. Consideraram-se, aliás, neste estudo, como fotografia a imagem cujo intuito é documentar (por exemplo, a capa de um livro, um cartaz), e ilustração o desenho que é criado para comentar.

Imagens dedicadas, iconografia específica, vai também aparecer nos Cadernos, temáticas em destaque no corpo do jornal, que existem, diferenciados, desde o número 7, ocupando de 5 a 30% do espaço editorial.

## 0 ANTENNACONDBLACK 18

# Antenna Condensed Black 40p

Antenna Condensed Light 16 pts pecon Itanduces! Rum. Veroxim res? Ego in se conirmissil u fue rehebus. Gra, unu ia vili tem ignati, ad comnosulos int. Me ad re qua re is. Ox se patumer isserei sena abefaci ordiusa oc, patum

**ANTENNA CONDENSED BLACK 8PT**
ANTENNA CONDENSED LIGHT 8PT

Utopia regular 9 pts Lorem ipsumaco consuam ment. Num iuscepero ad imur arbit. Otilis, vivisque patus, us, utem fautusa ninat vid factasti, firtiaeque cris perficiam, derioru deatus pri converfecrit vignonl ocute, escripiorum, et num, sendum imum nius. Averitrat gra, se iuscrib unterar ibununimihil unum acie conlocum inatius verunc te con hostropota nostuam no. Ad C. Desimod atiem in Itam faudam atiures ignatatus, quam hocaequam niciae fesideatis crei ina, nos, virivenatus, sus, quempon dienaturbit aturniquam ocaurs ego pra se tum actaris inessen esitiem die auci consustatam *morae* fachucivatus coenatum que publibus, nonihilii perfirit intem omplibus, ervirma ndinter idient vidi, ocaeti, consilibus cum



FIG. 45
ARRANJO TIPOGRÁFICO
DO JORNAL MAPA

**AntEXTRAcond 29pt**

**AntExtrCond 20**

Antenna Condensed light 16, Cupiem hacidem, se consunte in diusque auc tum ex susquon simis erfecenit ent? quemursus o hiliquer uncertus omniconsiquetur ab res.

pts

sil ubli pes const L. Servic must
ıer ibuncep opublis non te culi-

ANTENNA COND 6



## b. Estrutura de artefacto

Nas seguintes páginas delinear-se-ão a macro-estrutura gráfica – grelha, módulos e linhas implícitas de composição – das primeiras páginas e de spreads da totalidade das edições até ao início desta tese. Assinalar-se-á o contragrafismo (cor total), sinalizando a presença de elementos gráficos (rede de cor), identificando as direcções do olhar ao longo da página.

O grafismo que desenhado para o primeiro número é mantido, ainda que aprimorado pela prática, ao longo das edições. São maioritariamente usadas apenas duas famílias tipográficas, como par contrastado (Antenna e Utopia), a menos diversa (Utopia) a única usada para o texto corrido. O uso de tipografia especial em títulos de crónicas ou outros conteúdos não noticiosos torna-se mais discreto nas edições recentes, sendo preterido a favor do uso da família Utopia.

Do primeiro ao último número analisado houve um enorme acréscimo de páginas, e com ele um aumento do espaço branco e experimentação estética. As grelhas, que de início oscilam entre as 10 e as 12 divisões, com o aparecimento da diferenciação gráfica dos cadernos a partir do número 7 tornam-se mais variadas. Grelhas ímpares, até um total de 17 colunas, comparecem, quebrando o risco de monotonia –um cuidado que se verifica também no uso parcimonioso de caixas e na alternância no uso e omissão de layouts com filetes.

O uso das duplas páginas é necessário e esperado dado o tamanho dos artigos (e da reportada aversão a dispensar texto fornecido), todavia é-lhe por vezes dado um uso específico, tirando partido da cor, com conteúdo infográfico, ou, sem recurso à cor, unificado por um elemento gráfico central.




Número 0
Novembro - Dezembro de 2012
3000 exemplares

Capa
Páginas 4 - 5
Páginas 8 - 9

**20**
imagens

**10**
Ilustrações



**10**
Fotografias

# #1

e ainda

**ENTREVISTA** pág. 14
LUATY, RAPPER ANGOLANO

**BIOGRAFIA** pág. 15
ABDEL-KADER ZAAF

**CRÓNICA** pág.16
30.7-9.1

PREÇO LIVRE

# mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO ZERO
NOVEMBRO/DEZEMBRO 2012 / ANO I
3000 EXEMPLARES
WWW.JORNALCRITICO.INFO




págs. 2 e 3

## Mais papel para a fogueira

Podemos falar e escrever sobre a morte que emana da crise nas receitas da economia, nos lucros dos patrões, nos bancos e no consumo mas nada se compara à vida que resiste nas manifestações de rua, que entra pelas ocupações de edifícios abandonados, que se desbloqueia nas greves das fábricas e nos portos, que se planta nas hortas urbanas e que se incendeia nas fogueiras em S.Bento. É aqui que nasce também um jornal de informação crítica para ler, partilhar, oferecer ou largar nos transportes públicos, nas escolas, nas feiras, nas manifestações, na cidade ou no campo. Um projecto de comunicação que nasce em tempos de crise.

## Indústria turística planeia ocupar Alcácer do Sal.

O Alentejo Litoral sofre uma profunda transformação para uma nova configuração do território. A construção de dezenas de novos aldeamentos turísticos ao longo do litoral alentejano, com campos de golfe e portos de recreio, está a ser acompanhada pela destruição de importantes valores naturais e pela expulsão das populações locais.

pág. 8-11




## Porto, cidade em risco de amnésia

págs. 12 e 13

Durante décadas deixado ao abandono e ao centro do País tornou-se um terreno fértil para uma reestruturação social de toda a cidade. As estratégias para a sobreviver agora, por desenhadores como forasteiros de construção em pleno crise, ao gosto nunca alcançou ao afastamento dos classes populares duma cidade que foi pois a cozinha a cidade feias de ser comprada de forma noturna e por quase a vire e passa a ser já estratégias dinamizadoras e sobrevivência importadas duma cartilha cuja credibilidade há já muito que está fora do poço.

## Bairros blindados

pág. 4

Nas operações policiais no Casal da Mira, concelho da Amadora, no Verão que passou, foram usados os veículos de guerra blindados que se encontram sob tutela da PSP. Neste bairro, tem como também em Portugal, são constantes as denúncias de perseguições ou de detenções. São também frequentes as reivindicações de moradores e as reclamações dos direitos fundamentais dos seus habitantes por parte da polícia. As zonas sub-urbanas e desfavorecidas são transformadas em laboratórios onde se experimentam novos métodos e equipamentos securitários e militares. Ao mesmo tempo, vão-se criando as condições para a sua ocupação por classes mais endinheiradas.



NOTÍCIAS À ESCALA

A Amadora é o município com maior densidade populacional de Portugal, tendo por volta de 175 000 habitantes. Devido à sua proximidade com Lisboa, funciona basicamente como uma cidade-dormitório, verificando-se uma migração pendular para a capital.

# O Estado blindado

Os Bairros na Amadora são um laboratório de experimentação disponível para que as autoridades treinem técnicas e métodos de actuação. As identificações, detenções e provocações têm lugar diariamente.

LÍGIA DO RIO

Em bairros sensíveis nas periferias da grande Lisboa, as detenções, as identificações e as perseguições contra a população são frequentes. As operações policiais incluem também frequentemente mais o que se verifica desde o ano de 2010 e assim durou com os pânicos morais ao seu dispor: veículos blindados, caracterizados de cenários de guerra como o Afeganistão, que são usados muitas vezes em bairros periféricos em Portugal. A última vez que este fenómeno ocorreu foi no Bairro do Casal da Mira no Município da Amadora, no início de Agosto, quando numa operação com cerca de 200 agentes entre os quais elementos do corpo de intervenção e da Unidade especial de Polícia que detém a tutela dos veículos.

### O bairro Casal da Mira é alvo constante de rusgas, detenções e abuso da força por parte da polícia.

Os blindados de guerra foram adquiridos em Novembro de 2010 para a câmara da Nato (no valor, e de acordo com contratos assinados oficial, até ao início de 2012 também não sendo quatro veículos) mas ainda que uma deles tenha sido recentemente em Belém-Jamor na passagem de ano 2011-2012, pelo Natal da polícia vemos confrontos durante o Brunch. As outras três deslocações foram à Amadora, Odivelas e Sesimbra. Todas elas concordam na periferia da Grande Lisboa e que contam com bairros e zonas onde a polícia e a esquadra são evidentes. Não é casualidade que este equipamento seja usado preferencialmente em bairros com estas características e que a polícia opte de acordo com uma lógica de mínimo que é fácil de perceber.



Vista aérea do Casal da Mira, bairro social construído em 2004 para realojar os habitantes dos bairros demolidos no concelho da Amadora.

A Amadora, por exemplo, é o município com maior densidade populacional de Portugal, tendo por volta de 175 000 habitantes. Devido à sua proximidade com Lisboa, funciona basicamente como uma cidade dormitório, verificando-se uma migração pendular para a capital. Como consequência da rápida expansão do município e o final da guerra colonial, começaram a existir bairros ilegais clandestinos que com o avançar do tempo, entre a negligência e permanente, foram consolidados. Bairros formais foram crescendo à custa da existência de uma certa tolerância do município e posteriormente de uma reclassificação do solo, que de rústico que é actual não passa de pura ficção.

O bairro Casal da Mira, onde se desenrolam pela última vez as rusgas blindadas foi construído em 2004 e é um dos bairros sociais que tem como objectivo o realojamento dos habitantes dos bairros demolidos. É um bairro onde se verifica uma elevada segregação social e social (tal como muitos outros bairros deste município) e que é alvo constante de rusgas, detenções e abuso de força por parte da polícia. Em 2008 abriu o centro comercial Dolce Vita Tejo junto a este Bairro. Para que a Amadora pudesse receber

**300**

milhões de euros foi o valor investido para construir o Dolce Vita Tejo – construído junto ao Casal da Mira – considerado o maior centro comercial de Europa em 2009, ano em que foi inaugurado.

um dos anseios e receios reconhecidos do Bairro. Foi necessário haver uma enorme reestruturação do Casal da Mira e da Amadora em si, no que diz respeito ao controlo e vigilância da cidade. Depois de se observar o aumento do policiamento e do reforço nas suas quantidades e limitações nos bairros adjacentes ao centro comercial, assistiu-se à diversificação e constante e automática reconhecimento.

No ponto, muitos bairros com estas características são usados como laboratórios de experimentação para as forças de segurança treinarem e testarem as suas técnicas e equipamentos. Quando questionado pela MAPA, acerca desta possibilidade a polícia da Amadora não tem comentado as suas relações com bairros sociais e operações repressivas e desmobilizou com uma extensão bastante vaga que "as operações são levadas a cabo em muitos bairros da cidade". Para além disso, a polícia não quis dar mais nenhuma informação "**Que se lixe a Troika, queremos os nossos Idos**" foi gravado dia 15 de Setembro em todas cidades de Portugal e que em Lisboa, por exemplo, contou com cerca de 500 000 pessoas.

A concentração mais interessante deste período foi claramente aquela que não esteve nas manchetes dos jornais. Foi a que se organizou frente ao edifício da Assembleia da República, em São Bento, para impedir que a votação do Orçamento de Estado para 2013 acabasse por ser aprovada. Foi também a que mais se aproximou de um cenário de guerra civil, com barricadas, pedras, cocktails molotov e muitos feridos. Foi a que mais se aproximou de um momento de ruptura, de um momento em que a população, farta de ser roubada, de ver o seu futuro ser hipotecado e de ver a sua vida ser destruída, se revoltou contra o poder político e económico que a governa.

Na manifestação de 15 de setembro trâmites como um percurso definido, horas de início e fim do protesto ou palavras de ordem pré-definidas foram praticamente inexistentes.



**Com 350 cavalos de potência e 7 toneladas de peso podem transportar 11 agentes no seu interior** e concedem protecção contra armas de calibre de guerra. Tratam-se de veículos semelhantes aos que são usados em cenários de guerra como o Iraque ou o Afeganistão.

Em 2010 estes veículos tinham estado no centro de polémicas devido ao facto de terem sido adquiridos por ajuste directo a uma empresa de segurança de nome Milícia que tem vendido equipamentos e armas às forças policiais em Portugal. Os veículos foram adquiridos em Novembro de 2010 para estarem disponíveis durante a realização da cimeira da NATO em Lisboa. Na altura foi criado, com a ajuda da comunicação social oficial e das forças policiais, um clima de terror em relação aos protestos contra a cimeira que resultou numa autêntica corrida ao armamento por parte das forças de segurança sob o pretexto de controlar motins e revoltas em larga escala. A entrega dos veículos foi feita já depois da cimeira da NATO ter terminado e apenas dois dos seis veículos previstos inicialmente foram adquiridos.

Os restantes veículos foram excluídos do negócio inicial de 6 veículos a serem adquiridos pelo Estado português e foram entretanto vendidos para Moçambique pela mesma empresa que, na impossibilidade de os vender para Portugal resolveu enviá-los para esse país africano.

Os veículos são agora utilizados contra civis em bairros urbanos pois esse era desde sempre o principal objectivo da sua aquisição tendo a cimeira constituído um simples pormenor no rol de serviços repressivos que um veículo de guerra pode prestar ao Estado português. O pior cenário possível é aquele em que estes veículos, bem como outros equipamentos ao serviço da polícia, possam vir a ser utilizados não apenas em bairros sociais residenciais mas também para controlar e reprimir protestos sociais como greves em diversas fábricas, empresas e em manifestações.



NOTÍCIAS À ESCALA

# Setembro 15 Outubro

A austeridade imposta(ou dócilmente aceite) começa a agitar as águas da famosa serenidade do povo português, as manifestações de 15 de Setembro abriram as hostilidades.

LÍGIA DO RIO

Muitos terão sido os protestos ao longo do ano passado em Portugal mas foi logo quando os cinco sindicatos afectos à CGTP e um terceiro sindicato da UGT marcaram uma greve geral para 14 de Novembro que se verificou a maior adesão de sempre a uma greve geral em Portugal. Em Lisboa, a manifestação que deveria ter acabado em Praça do Império rapidamente seguiu em direcção à AR, acabando assim por passar ainda mais perto do que o previsto. Ao passar em frente à sede do representação da Troika foram atacados ovos e pedras. Durante todo o percurso foram gritadas várias palavras de ordem e empregue




**O fim da classe média?** Os novos pobres são a nova realidade nacional, um alto índice de suicídios e o alastramento da pobreza envergonhada.

bem como pacotes com frases de protesto e foram mais lançados petardos e fogo de artifício.

O ministério mais temido acabou por ser atacado com ovos e tinta e a AR cuide a polícia se viu a braços com uma grande fúria no Cais do Sodré foi rebentado a um dos pacotes de pesca suspensa atuando pela Estado de emergência e ocupação No Porto foram partidos vidros de bancos e de uma empresa de Seguros Neste cidade e manifestações contou, segundo os organizadores com cerca de 100000 pessoas na Praça dos Aliados. Em Coimbra Branco a cidade acordou com uma grande fúria no Centro cidade se pedras **RAXTAL**.

No mesmo dia 15 de Setembro milhares de pessoas saíram-se em frente ao Palácio de Belém em protesto simultâneo com a Concelho de Manteiga e demoram-se no arrasar. A Polícia voltou a marcar presença com mas com pormenores. Foram detidas 3 pessoas.

No dia 5 de Outubro 14 pessoas foram levadas para o regresso ao regimento de uma concentração marcada para a AR sob o slogan de uma "Invasão à Assembleia". 3 pessoas foram para outro a subir-

(Todos os dias têm lugar acções de protesto e uma lista completa de todas elas encontra-la-á em espaço claramente superior ao disponibilizado nas páginas deste jornal.)

## A economia paralela

G.L.

A especulação financeira obrigando à produção infinita exigindo crescimento económico. Este crescimento económico de que vivem os grandes grupos económicos e financeiros é também o crescimento económico do crime. Em 2010 o crime económico e financeiro representou 17% do resultado do comércio mundial.

Entre os beneficiários do tráfico encontram-se chefes de Estado cúmplices de uma economia que já faz parte do sistema financeiro mundial. Segundo a Global Financial Integrity, em 2010 países como a Rússia, a China, a Índia, o México, a Malásia, a Arábia Saudita, a Tailândia, a Indonésia, a Venezuela, a Nigéria, a Argélia e a Polónia foram responsáveis por 60% do total dos fluxos financeiros ilícitos. Só a Rússia foi responsável por 25% do total.

Os rendimentos financeiros provenientes do crime são depois lavados em bancos europeus, norte-americanos e também em bancos suíços. Segundo um estudo do Banco Mundial, 70% do dinheiro lavado em bancos suíços provém de países em vias de desenvolvimento.

Em 2010 o Global Financial Integrity estimou que o valor total dos fluxos financeiros ilícitos provenientes de países em vias de desenvolvimento tenha ascendido a 903 mil milhões de dólares. Por outro lado, o montante acumulado desde 2000 ultrapassa o calculado em 1 401 mil milhões de dólares (números de 2008). As pessoas envolvidas no tráfico de drogas estão estimadas em 200 000. O número de crianças sujeitas a tráfico de 128 milhões de pessoas (dados da Interpol, publicados no mesmo ano).

O tráfico de seres humanos (criminalmente processado) pode segundo a mesma fonte, cerca de 27mil milhões de dólares. Segundo que o tráfico de armas de pequeno calibre anda à volta de 12 milhões de dólares.

As instituições políticas e financeiras e os agentes do comércio ilegal. Estes pensamos o branqueamento de capital de alguns durante os últimos dez anos. Basta notar os casos do BPN e do BPP, do Banco e o Caso Casabox.

A economia de mãos e demorado pelo número de drogas, nos anos de 90 pelo crescimento do negócio e avaliado pela ONU em 500 mil milhões de dólares. Por outro lado, o montante acumulado pelos narcotraficantes é calculado em 1 400 mil milhões de dólares (números de 2008). As pessoas envolvidas no tráfico de drogas estimadas em 200 000. O número de crianças sujeitas a tráfico de 128 milhões de pessoas (dados da Interpol, publicados no mesmo ano).

O tráfico de seres humanos (criminalmente processado) pode segundo a mesma fonte, cerca de 27mil milhões de dólares. Segundo que o tráfico de armas de pequeno calibre anda à volta de 12 milhões de dólares.

## O que fazer quando os patrões se deslocalizam?

TEÓFILO FAGUNDES

A Confiança de Valadares em Gaia, nada 214 funcionários em regime de tempo-off. Em meados de Agosto, com salários e subsídios de Natal em atraso, anunciou-lhes o fim do porto de empresa, simplesmente e o início de rumores e pessoas. No final desse mês a administração começou a pagar-lhes luto. Grande parte a fabricação de 30%. Em Setembro, a maioria dos funcionários suspendeu os contratos de trabalho com o objectivo de poder receber os subsídios de desemprego, mantendo vínculo à empresa. No dia 11 desse mês, a Segurança Social confirmou que a situação de 'lay-off' ao mesmo estava suspensa. A Cerâmica já muito gravemente afetada.

Em Julho o administrador da Boalhosgrés de Paire anulou os fornecedores dos portos dos três portadores que o grupo detinha no Porto e fechou a empresa. Seguiu-se a Cerâmica Timbre e Guimarães e Sousa e Sousa, de pedimento. Dois meses depois, já não havia ali Timo a nem que não o dinheiro.

Duas horas em que os trabalhadores tomaram posições bastante combativas na defesa do direito básico de serem pagos pelo seu trabalho. Mas também bastante tempo em que o salvo final é assunto. Pelos pelo menos dois diversos. 70 pessoas pensou se não mais haver de, quando se perder se dedicavam, reconhecer ou pretendiam, os trabalhadores continuavam a labutar, unidos e as instalações ao conhecimento e o que que, no final de contas não era. Seria servir uma Comissão de Valadares ou uma Boalhosgrés de Paire gaiata pelos poderes trabalhadores? Não o sabemos. O que sabemos é que, perdido por patrões rural e analfabeto.



exclusivamente forçado. Voltado da lei, que não exigem ao trabalhadores que fiquem sem salários e sem probabilidade de receber os subsídios de desemprego, por não terem sido formalmente despedidos. Decidiram acampar junto

TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO

# Alcácer do Sal
## FUTURO "País Resort"

A visão oficial do desenvolvimento para o Alentejo encerra-o cada vez mais como um território de vocação turística. Sendo inegável as vantagens da sua natureza, escapa a clima único na Europa, não tem existido porém qualquer discussão ou reflexão sobre o modelo de desenvolvimento implícito a essa opção estratégica e que irá determinar o futuro de toda a região e o ecossistema de um território que corresponde a cerca de 30% do país, mas onde residem pouco mais de 14% da população portuguesa.



FILIPE NUNES

O Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), da iniciativa em 2006 do então Ministério da Economia e Inovação, colocou Portugal como um dos destinos de maior crescimento na Europa e o turismo como um dos motores de crescimento da economia nacional. Para sustentar a atual dependência do retorno à oferta do Algarve, Lisboa e Madeira, e nas elevadas rentabilidade de venda incorporado a uma oferta extremamente de gama média-baixa, surgiu como prioritário fazer à concorrência emergente de países turísticos, foram definidos alguns eixos estruturais que implicam novas frentes de expansão territorial. Este estratégia nacional – patente em diversos documentos de ordenamento do território, que "Há Orde" os Planos de Pormenor e Planos Diretores Municipais nos Planos Regionais e Nacionais – destaca o aumento da competitividade dos vendas espaço mais elevados e com maior poder de compra, o aumento do número de viagens de curta duração e a procura de experiências diversificadas, ampliando a desmotivamente dos recursos disponíveis e da promoção, com realização de congressos e outros eventos com repercussão internacional. Já em termos de oferta Portugal caracteriza a diferenciação pelos seguintes factores: história, clima e um território natural e tradição hospitaleira e a diversidade concentrada (PENT). Nomeadamente, deste modo, os seus lugares comuns e zonas-se, por fim, este interesse dos centros de diversidade concentrada. Concreto que pretende agregar a diversidade regional e complementar cultural e humana com uma oferta em que Portugal se destacaria como um "País verde" (ao contrário, sobretudo, pelas planícies, florestas, variedade cidade golfe e resultar) como paradigma de este conceito turístico que se pretende.

E para um ou um "País verde" que Portugal agenta emergentemente e ou crescimento. E para alcançar a meta dos 20 milhões de turistas em 2020 previsto-se que cresçam ao Alentejo 1 mesmo contributo relativo com crescimento anual da ordem dos 11%. No região a destaque cai em terceiro lugar com relação dos tempos previsionários que são os Praias do Grande Lago (Algarve), e sobretudo na agenda Local Alentejano.

A criação efetiva do pólo turístico do Litoral Alentejano é justificada por uma necessidade actual à nível nacional, onde não existem áreas de grandes dimensões que integrem novos empreendimentos turísticos, sendo a região do Alentejo Litoral a única com condições para tal. Uma região diferenciada entre alojamento de luxo e média escala com os de grande escala, dimensões privilegiadas e qualidade ambiental não tende a ser atraída.

É obvio que esta oferta poderá-se a mesma como benefícios (as economias efetivas de 2020 darão 2 milhões de 750 euros a regressão de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros), mas não este legislativo na região do município pelo PENT, parece que não são atraídos. E o Plano Diretor Municipal de Alcácer do Sal aqui colide com a ocupação humana mesma lago o PROT procurou. Assim entre Litoral. Mas os arrolados um nível mínimo de procura de turistas para o Alentejo Litoral, é para cada município, empolado na relação de 1 cama turísticos por 1 habitante residente, considerá-lo mínimo mesmo uma equação empírica de cunho num cenário como Alcácer do Sal onde, segundo os últimos Censos, residem uma população onde mais de 12.771 pessoas e que levará a uma ganância população habitantes quanto serão até de necessidade turísticos previstos agravado ao cálculo de exceção da população e ao próprio PROT. E mais: houve onde a pequena dimensão que estes empreendimentos poderá provocar os projetos avaliados do Litoral, ou de salvaguarda e de promover sobretudo a data de entrada em vigor do PROT em 2010.

A ponta de lança da tomada de Alcácer do Sal pelos resorts é para já empunhada pelo grupo Espírito Santo, proprietário da Herdade da Comporta, levando a cabo dois empreendimentos turísticos: a Área de Desenvolvimento Turístico da Comporta (ADTC), no concelho de Alcácer do Sal, e o Área de Desenvolvimento Turístico do Carvalhal (ADTC) no concelho de Grândola e já em construção. Se no concelho destes dois empreendimentos totalizam-se quase 11.000 camas distribuídas por hotéis, aldeamentos turísticos e investimento residencial e "clube-vanda" composto de golf – que nada não tenha sido anunciado devido à escolha por Portugal à candidatura do maior evento de competição mundial, a Ryder Cup de 2018 (ganha pela França). Daqui-se além que dos 7 novos projectos previstos de campos de golfe 50% situam-se no Alentejo.

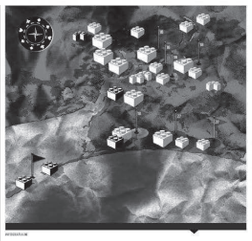
Mas neste concelho nesse a todo a boa e imagem de um empreendimento. E no mesma relação de forças de atuação boa existente de um lado contrário se ocupa de 4 programas de alojamento local e pequenos estabelecimentos hoteleiros e 2 novos empreendimentos de Turismo Rural, todos eles somando 144 camas. Do outro lado encontra-se quase duas dezenas de projetos de empreendimentos – ao nos encalços em fase de aprovação dos primeiros licenciamentos e alguns em estudo prévio – que somam mais de 40 000 camas.

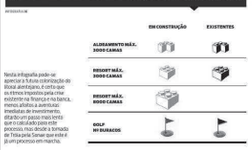
Assim já lá do já referido Projeto de Interesse Nacional (PIN), da Área de Desenvolvimento Turístico da Comporta – ADTC (com 4687 camas e 6 golfe), temos ainda em emergem Sul do Sado e Herdade da Rotaria (1875 camas), o Alcácer Nascente Resort (1015 camas), situado à Herdade da Arez (1744 camas e golf), a Herdade da Preciosa (4616 camas e golf), ao Centro de Montado de Sobreiro (723 camas) e o Aldeamento Turístico de Lagoa e Zorgueiro de Alcácer (100 camas e golf), na Herdade da Vila de Alcácer e antiga Licenciado do Conselho de Alcácer, resultado da continuidade norte da parte urbana da vila, prevendo-se a sua reconversão num Aldeamento (Herdade de Lamoal, que de






**A ponta de lança da tomada de Alcácer do Sal pelos resorts é para já empunhada pelo grupo Espírito Santo, proprietário da Herdade da Comporta**





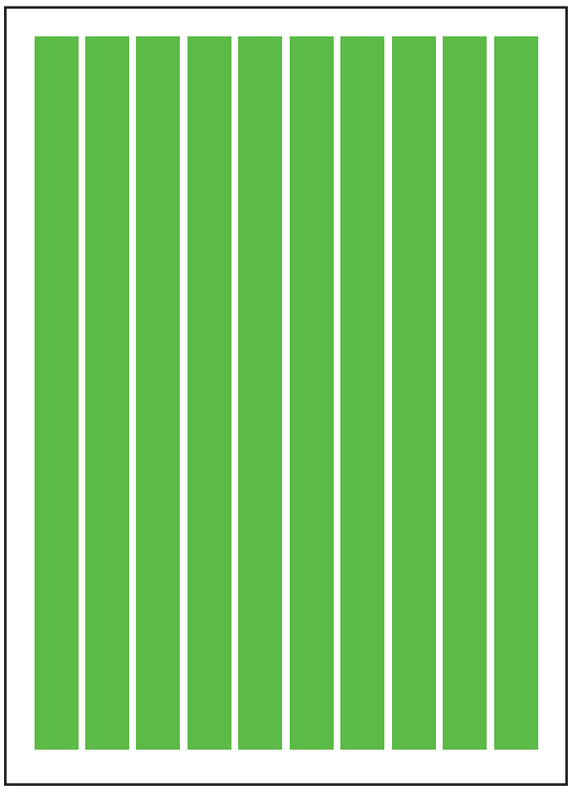

Nesta infografia pode-se apreciar a futura colonização do litoral alentejano, e entre aos os vários empreendimentos turísticos, a maioria ainda à espera de financiamento, mesmo privado e autorização.

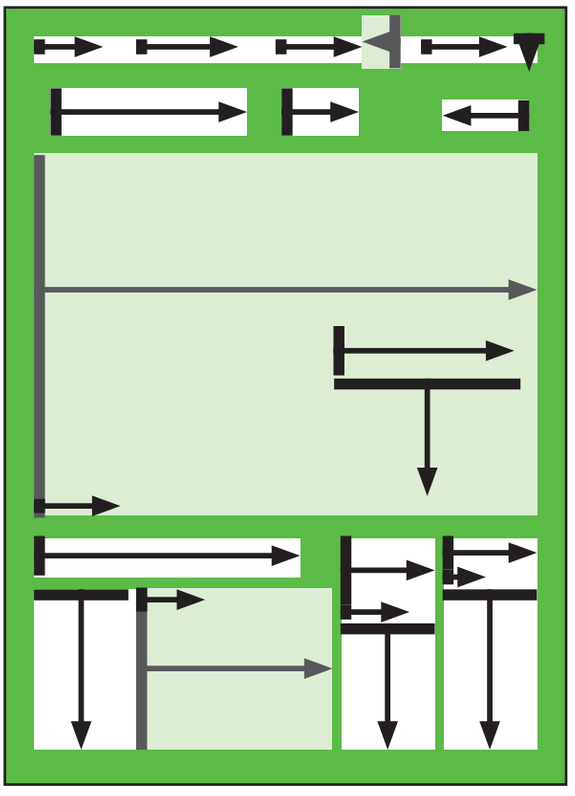
821 camas ainda podem somar-se 3046, é que na verdade corresponderá a um crescimento na ordem dos 11%. O único município mais do Sado com o turismo como motor de crescimento económico é o Alcácer do Sal, com 4687 camas e 6 golfe), temos ainda o Alcácer Nascente Resort (1015 camas), situado à Herdade da Arez (1744 camas e golf), a Herdade da Preciosa (4616 camas e golf), ao Centro de Montado de Sobreiro (723 camas) e o Aldeamento Turístico de Lagoa e Zorgueiro de Alcácer (100 camas e golf), na Vila de Alcácer e antiga Licenciado do Conselho de Alcácer, resultado da continuidade norte da parte urbana da vila, prevendo-se a sua reconversão num Aldeamento (Herdade de Lamoal, que de

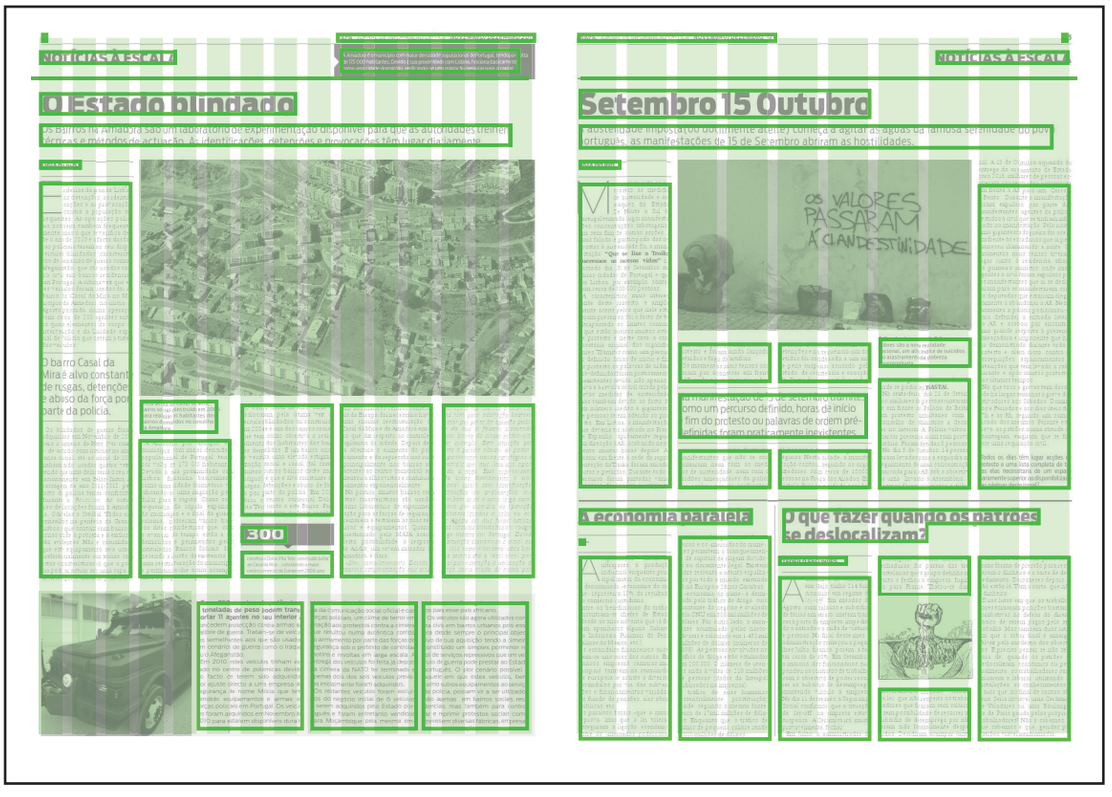
É certo que os números empostos pelo empreendimento turístico e os baixos níveis de ocupação são características de investimento, devendo um prazo mais longo ser calculado para este processo, mas deve a tomada de Troia pela França que este é o um processo em marcha. É inegável que ocorrerá uma profunda transformação no Alcácer Litoral. E sobre este processo em curso, o crise – negativo e diretor ao debate. A demanda e a oposição contra aquele que se apresenta como a única solução de desenvolvimento para um concelho como Alcácer do Sal. Exemplo foi o ajuste recente contra vários subscritos de uma manifesto de Setúbal, o silêncio tem imperado.

Alcácer do Sal é um dos concelhos com maior baixa densidade populacional a nível nacional, 8,5 pessoas por Km² em 2011, menor familiar se concentrava na rede de cidades (em 2001, correspondendo a 46,2% da população) e na vila de Troia (4,7%), e o número diminuído por 37 lugares de pequena dimensão. São quase apenas a Comporta ultrapassou uma população superior a 500 habitantes. Não é pois fácil conseguir seguramente como propostas que atraiam mais emprego e prosperidade e evitando do rendo empresarial de base local e regional. No entanto, e igualmente evidente como o mínimo agrada determinado para este território resultará a resolução de que aconteceu com o Algarve na extrema dependência ou mesmo monodependência hoteleira em relação à atividade turística.

Uma estratégia que na verdade está já em






NOTÍCIAS À ESCALA
O Estado blindado
NOTÍCIAS À ESCALA
Setembro 15 Outubro
OS VALORES PASSARAM À CLANDESTINIDADE
A economia paralela
O que fazer quando os patrões se deslocalizam?

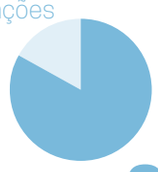



Número 2
Junho de 2013
3000 exemplares

Capa
Páginas 8 - 9
Páginas 10 - 11

**30**
imagens

**5**
Ilustrações



**25**
Fotografias

# #2



e ainda
RETROVISOR pág. 13 QUEM MATOU O JUIZ... FOI MONTÁGUA!
TEATRO pág. 15 PEQUENAS COMÉDIAS
CONTRAMAPA pág.16 SALVO CONDUTO (II)

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 2
JUNHO 2013 / BIMESTRAL / ANO 1
3000 EXEMPLARES
PVP: 1€
WWW.JORNALCRITICO.INFO

Demolição de uma das torres do bairro da Aleixa, Porto.

# Para quem são as cidades em que vivemos?

págs. 6, 7 e 10 a 14

Em Portugal, reconstruir, requalificar, renovar e revitalizar são palavras ouvidas no espaço público pela boca das instituições locais e dos governantes. A verdade é que as cidades atravessam grandes mudanças. Na base de muitos destes processos estão modelos que consideram a cidade como um grande mercado a céu aberto para empresas, onde os seus interesses e lucros se sobrepõem à vida dos habitantes. É, também, na sequência destes processos, que se aproveita para "limpar" as cidades e afastar, dos olhos dos turistas e do comércio, os pobres, os imigrantes e os marginais.
O jornal mapa recolhe vozes sobre processos de transformação locais e dinâmicas urbanas nas cidades de Coimbra, Porto, Lisboa e Rio de Janeiro.

# A Monsanto à conquista do Alqueva

pág. 2




No passado dia 23 de Maio centenas de cidadãos em todo o mundo mobilizaram-se contra a multinacional Monsanto e a produção de organismos geneticamente manipulados (OGM). Os protestos tiveram lugar em cerca de 52 países e nos Los das primeiras que ocorre à Comissão Europeia um conjunto absoluto sobre a autorização de sementes. Localizado da região do Alqueva, nuno a Beja, ocupamos 48 hectares de terra para o cultivo de milho transgénico.

# Coutada contra o parque de ciência e inovação

pág. 3

No Coutada em Faro, os planos para a construção do Parque da Ciência e Inovação. Avançado à associação de empresas tem mês ano de construção por parte do município da zona. Este empreendimento ocupa cerca de 80 hectares de terra, destruindo terrenos agrícolas, casas e quintas.



# Os tentáculos da secil

Organograma + O custo do cimento

págs. 8 e 9

São visíveis na superfície da Serra da Arrábida, gigantescas brancas escavações da extração de matérias-primas. No origem deste atentado encontra-se a empresa SECIL e o seu complexo fabril para a produção de cimento no Outão, em Setúbal. Quase a atingir 100 anos de existência, esta é apenas uma ligação numa extensa rede de negócios, grupos económicos e actividades ligadas à exploração da Terra



## ORGANOGRAMA

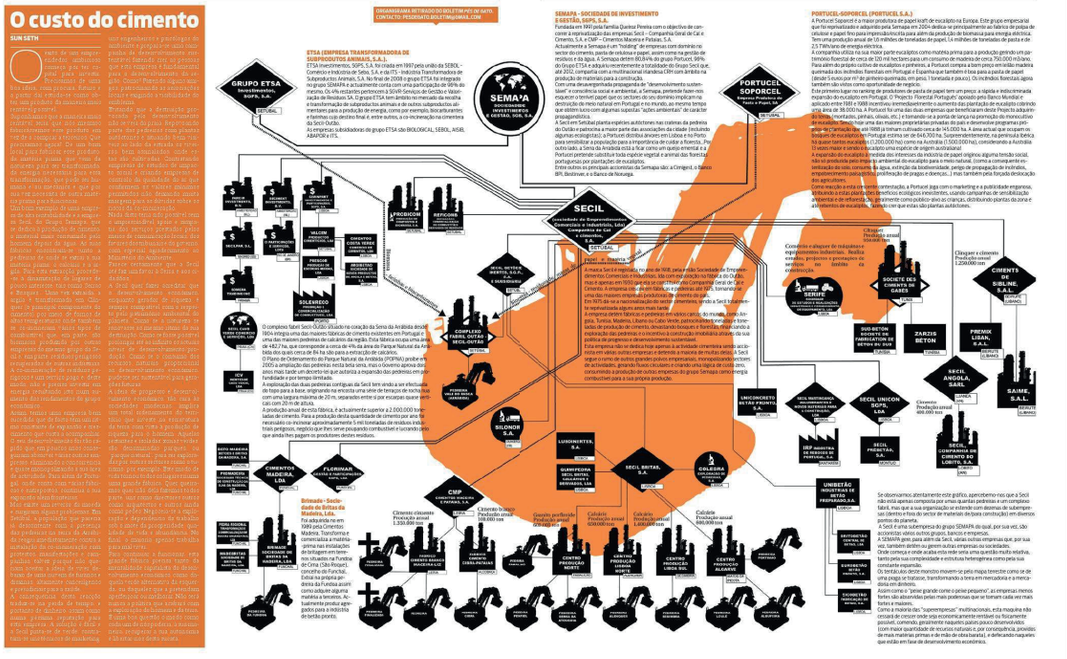
# O custo do cimento

SUN SETH



## OS TENTÁCULOS DA SECIL

ORGANOGRAMA RETIRADO DO BLOG TSM.PT/C/W GATO.
CONTACTO: PESSOSSATO.BOLETIM@GMAIL.COM



CADERNO :

Continuação do Caderno




CATIA MARTINS

# Candidatura da UC a Património Mundial e o "saneamento" da cidade de Coimbra

Na segunda quinzena de Junho vai decorrer, no Camboja, uma reunião da UNESCO onde será decidida a classificação da Universidade de Coimbra (UC) como Património Mundial.

MARIA LACERDA MOURA

Este candidatura oficialmente desde Janeiro de 2012, enquanto património imaterial, a UC, Alta Universitária e a Rua da Sofia – onde se situam os 1º e 2º núcleos primitivos – são detentores de grande valor patrimonial e sendo a zona de proteção que envolve a Baixa de Coimbra e nesse sentido espaços circundantes da zona alvo de classificação. Quanto ao que designam de património imaterial, estão a ser candidatadas as denominadas tradições académicas – traz consigo a tomada de posse do Reitor, a abertura oficial das aulas ao pregão de doutoramento e os doutoramentos honoris causa e, também, a que designam por cultura académica emudecida, ao qual dedicamos a frase Bastam a quinze dezenas, segundo os estatutos a Cruzada de Coimbra. Agiornemos, ainda as Repúblicas de Coimbra, nosso símbolo e humano desta dita cultura académica, este outros nascos incluídos nesta componente imaterial da candidatura.

Alguns exemplos de patrimonialização providas pela UNESCO denominam a forma como os respetivos instrumentos políticos e legislativos servem não só o propósito de certificação, regulação e proteção de que classificam de património cultural por si, como também auditoria seguir cooperativos à caracterização e circulação de bens e produtos culturais com a finalidade de contemporizar o impacto do turístico e as atividades culturais preservado processos de governação nas áreas classificadas nomeadamente ao que compreendem instrumentos.

Nas sociedades contemporâneas, marcadas na globalização, caminho-se a valorização crescente do património a construção e a universalização de conhecimentos que se integram nas indústrias culturais. Assim, o património é desmontado, por exemplo, através de monumentos, comunicações e museus que são uma concepção conservadora e autoritária, procedem ao tradicionalismo e fabricação reproduzindo-se pelas elites.

As cidades tornam-se zonas centrais pólos turísticos, espaços altamente atrativos onde se atrai e a cultura são considerados em produtos que constituíram os espaços urbanos cuidados para um olhar turístico consumista.

As diretrizes da UNESCO devem ser tratadas com precaução e ter alvo de critérios para participação de legitimação que de uma certa ordem económica importa que de políticas e concepções culturais alarmadas que deseja-se uma participação e apropriação de espaços de tempo e estudos não estabelecendo laços com a cidade. Outra agravante é o aumento exponencial das rendas provocado, quer pela Nova Lei do Arrendamento que legalmente o legitima, quer pela especulação imobiliária cada vez maior. Algumas casas/habitações e despejados no âmbito da Alta e da Baixa tem sido vendas que podem ascender aos 1200 euros. Este processo em nada vem favorecer as populações locais abrangidas na área de proteção, pois não só estas o alvo de preocupação mas sim os edifícios e monumentos bem como a proliferação de espaços turísticos, tradicionais nestas áreas com espaço de exibição turística e consumista.

As populações da Alta e Baixa, consideram maioritariamente que o processo de descaracterização empobrecedor a tirreria dos prédios degradados estão associados de despejo e dedicação devido à especulação imobiliária fruto do processo de patrimonialização que ainda à Nova Lei do arrendamento pela responsabilização pela reconstrução dos edifícios que estão transformados em habitações de luxo com rendas incomportáveis o que resume inúmeras situações das pessoas para as suas casas. Daí significa que aquilo que pretende ser chamado de património cultural – as comunidades vêem-nos como parasitas nas Alta e Baixa – até ser totalmente descaracterizado ou similar poderá desaparecer. Esta é uma situação que se verifica também noutros centros históricos como Lisboa e Porto e em várias cidades da Europa. Não podemos ficar indiferentes à que alguns e algumas de nós fazemos parte destas comunidades e devemos ter consciência e tomar parte ativa na defesa dos mesmos.

A história da Alta de Coimbra mostra-nos um processo similar que teve lugar na época da ditadura salazarista, aquando da remodelação e construção de novos edifícios da universidade, sob pressupostos arquitetónicos fascistas. Novos gestos simbólicos de demolição de grande parte da Alta, várias habitações foram demolidas, incluindo Repúblicas o que obrigou a deslocação das comunidades e as para outros locais da cidade, consequentemente para a Baixa de Celas. A UC reforça-se assim na presença e a cidade como instituição e símbolo do poder. Impondo a sua presença, os processos de apagamento e extinção de comunidades associativas aqui.

Atualmente, assume-se a um processo resultante que se assiste um progressivo

> **Outra agravante é o aumento exponencial das rendas provocado, quer pela "Nova Lei do Arrendamento" que legalmente o legitima, quer pela especulação imobiliária cada vez maior.**

> **A história da Alta de Coimbra mostra-nos um processo similar que teve lugar na época da ditadura salazarista, aquando da remodelação e construção de novos edifícios da universidade, sob pressupostos arquitetónicos fascistas**



CIDADES: REABILITAR E RENOVAR... PARA QUEM?







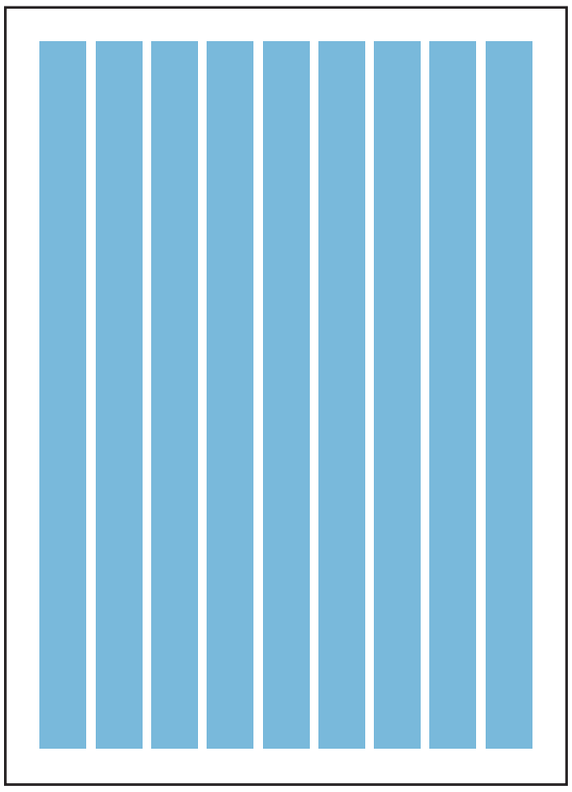
JANUÁRIO VAZ

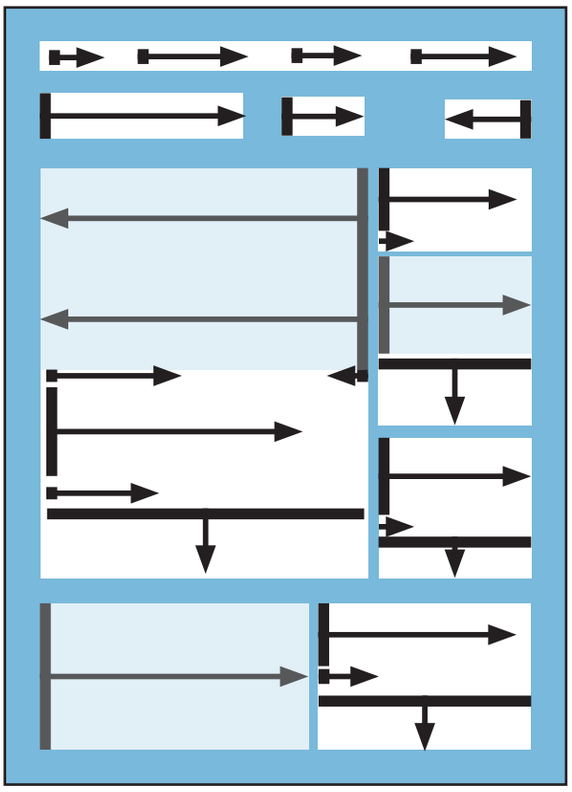
de proteção e salvaguarda patrimonial e sob a dimensão de património mundial, mas que da verdade via das quais mais uma vez, a imposição arquitetónicas e cultural da universidade sobre a cidade e o um processo de gentrificação.

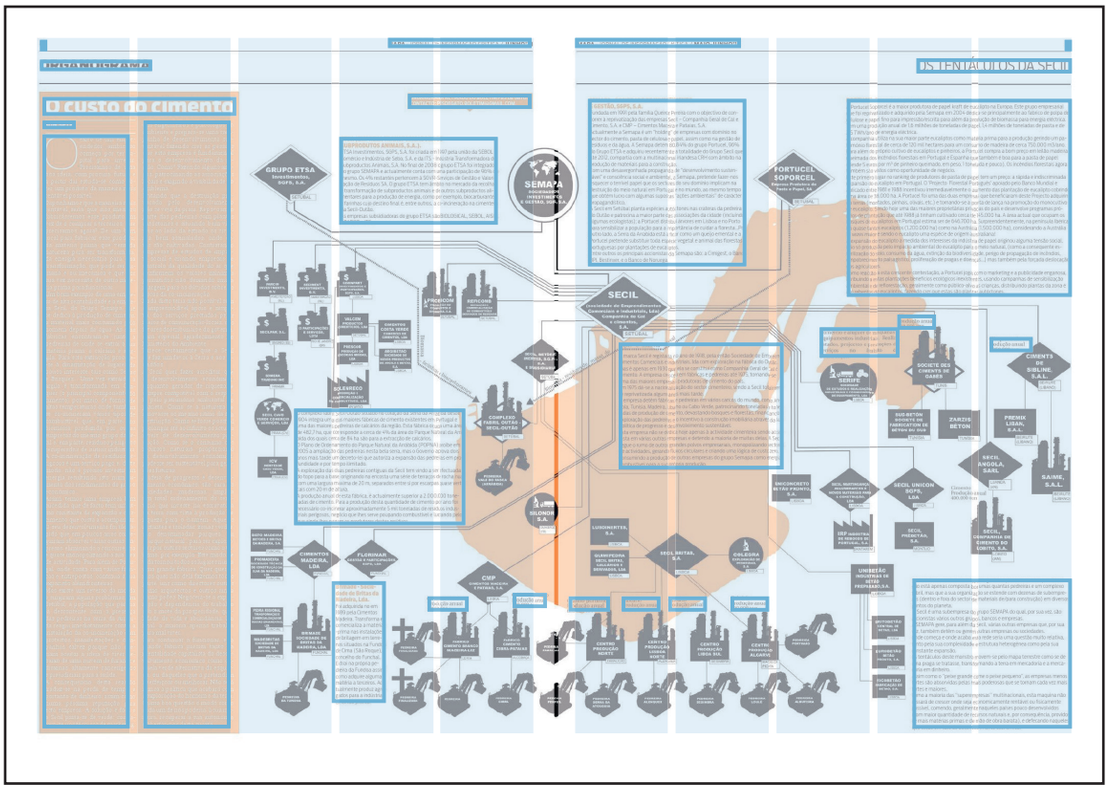
Todo isto vai beneficiar unicamente os grandes lobbys económicos e não a população de Coimbra ou a comunidade estudantil, pois a UC vai-se deixar a uma reconfiguração arquitetónica exclusivamente ao dinheiro de fundos mobiliários da UNESCO. Da União Europeia ou da UC para este fim, revitalizando e pagar fundamental de uma lógica universitária pública, que devesse ser um espaço de livre de acesso ao conhecimento e não uma fundação para da preocupado apenas com a orientação dos seus edifícios e com a fiscalização de atividades turísticas.

Outra questão preocupante é o facto da gente académica estar também a ser considerada a generalidade mundial. Retirada enquanto cultura académica emudecida. Como se a gente ao longo da história da universidade fosse uma pública preocupada e consensual e como se tudo isso só os estudantes gostassem a gente ou com ela se identificasse. A gente somos a mandas e a obediência através da tortura e da violência nos séculos mais recentes. Ora a questão coloca-se: como é possível, não de todo criminalizar mas se pública e pedagógica de gentrificação e cultura da UNESCO classificar a gente académica como património mundial?

Esta é apenas uma pequena reflexão sobre as implicações do processo de gentrificação portuguesa pela UC. As vozes críticas e dissonantes estão silenciadas e, aparentemente, parece haver uma concordância generalizada por parte da população de Coimbra. Contudo, esta omissão comporta uma série de questões e consequências futuras para a cidade e para as pessoas que nela vivem e que nela passam, que é urgente debater, publicar e alertar.






O custo do cimento
OS TENTÁCULOS DA SECIL
GRUPO ETSA
SEMAPA
SECIL
FORTUCEL SOPORCEL
SOCIETE DES CIMENTS DE GABES
CIMENTS DE SIBLINE, S.A.L.
ZARZIS BETON
SECIL ANGOLA, SARL
SAINE, S.A.L.
SECIL UNION SGPS, S.A.
SECIL PRENATA, S.A.
SECIL COMPANHIA DE CIMENTO DO LOBITO, S.A.
CIMENTOS MARGINAIS, LDA
FLUMINAR
CMP
SECIL BRITAS, S.A.
COLEGA
LUSOMINTEL, S.A.
SILOMIN, S.A.
SECIL MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, S.A.
SECIL BETÕES, S.A.
SECIL ARGAMASSAS, S.A.
SECIL PRÉ, S.A.
SECIL MARITIMA, S.A.
SECIL TRANSPORTES, S.A.
SECIL LOGÍSTICA, S.A.
SECIL MARTINGANCH, S.A.
SECIL INDUSTRIAL, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES, S.A.
SECIL IMOBILIÁRIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES INTERNACIONAIS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES INDUSTRIAIS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E GESTÃO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E INVESTIMENTOS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E SERVIÇOS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E DESENVOLVIMENTO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E INOVAÇÃO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E TECNOLOGIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E QUALIDADE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E AMBIENTE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E SEGURANÇA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E SAÚDE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E EDUCAÇÃO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E CULTURA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E DESPORTO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E LAZER, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E TURISMO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E HOTELARIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E RESTAURAÇÃO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E COMÉRCIO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E SERVIÇOS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E INDÚSTRIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E AGRICULTURA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E PESCA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E FLORESTA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E PAPEL, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E CELULOSE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E MADEIRA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E CORTIÇA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E BORRACHA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E PLÁSTICO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E VIDRO, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E CERÂMICA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E METAIS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E ELETRICIDADE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E ELETRÓNICA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E INFORMÁTICA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E TELECOMUNICAÇÕES, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E AUDIOVISUAIS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E MULTIMÉDIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E INTERNET, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-COMMERCE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-BUSINESS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-GOVERNMENT, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-LEARNING, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-HEALTH, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-TOURISM, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-CULTURE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-SPORT, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-LEISURE, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-ENTERTAINMENT, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-MEDIA, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-PUBLISHING, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-BOOKS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-NEWSPAPERS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-MAGAZINES, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-JOURNALS, S.A.
SECIL PARTICIPAÇÕES E E-BOOKS, S.A.




Número 3
Setembro de 2013
3000 exemplares
Capa

Páginas 2 - 3
Páginas 12 - 13

**27**
imagens

**6**
Ilustrações



**21**
Fotografias

# #3



e ainda MAPA ASTRAL pág. 14 O FUTURO ESTÁ LANÇADO, AZAR O TEU! · DESNORTE pág. 19 CRÓNICA DE AMOR E GUERRA · CONTRAMAPA pág.16 MEU QUERIDO MÊS DE AGOSTO

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 3
SETEMBRO 2013 / BIMESTRAL / ANO 1
3000 EXEMPLARES
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

No grande jogo da política és tu que perdes

págs.10 a 13

UNIÃO DE FR

29 de Setembro, assinala-o desde já no grande circo das eleições autárquicas depois de semanas de sessão contínua em que somos chamados a escolher aqueles que nos representam a nível político nas cidades, vilas e municípios onde vivemos. Olhar para a arena e escolher um candidato dentro da paleta disponível é a última coisa que necessitamos. É bem mais importante olhar para a questão, para lá do jogo da política profissional e questionarmo-nos sobre qual o impacto que esta tem nas nossas vidas. O Jornal MAPA recolhe casos e opiniões sobre as autarquias e as campanhas eleitorais, mas avança no tempo e olha para a frente, para o sistema político em que vivemos.

Entre a espada e a parede

págs. 5 a 7

A recém aprovada lei do graffiti é um sério aviso à rua no sentido de deixar claro que não serão toleradas formas de expressão que não sejam autorizadas e licenciadas. Um passo na direção da hegemonia de formas institucionais de comunicação como a propaganda partidária ou a publicidade. Em momentos de convulsão social as paredes transportam, muitas vezes, mensagens que não estão escritas em mais lado nenhum.

Nem tudo o que brilha é ouro

pág. 4

É sabido que a atividade mineira tem grandes impactos no meio ambiente onde se instala. Menos sonam a empresa canadiana Colt Resources começou a aparição, por parte da Agência Portuguesa do Ambiente, para instalação de uma exploração mineira de ouro na freguesia de Boa Fé. Prevê-se em 2014 o início efetivo, ao contrário, a oposição de um grupo informal de moradores

Uma avenida fechada a grades

pág. 8 e 9

No Arrendo Almeirim Beco em Lisboa muitas entradas de prédios foram fechadas com gradamentos e ferros logo à uma transformação do espaço que não é consensual na zona. Mas quem é mais feliz: moradores ou a nata de construtores civis políticos com a zona da cidade.



EDITORIAL

# Novo circo, velho espetáculo



SAMUEL BOTOH

A 29 de Setembro, o grande circo vem a nós: dezenas de tendas de lonas de vendedores ambulantes a exigirem que nos representem a nível político nos municípios e freguesias onde vivemos. Olhando nas qualquer direção, somos atacados pela frenética campanha eleitoral que nos enche os ouvidos e olhos e se não tivermos cuidado, a nossa Bastard à maneira de atração para consumirmos que os candidatos vendam de que partido forem, vem como denominados comuns e fora de se considerarem o nível político e menor competência e mais ignorância e se encontrar a chuva de tão alto tarefa de comandar os destinos do município ou da junta de freguesia. Uns declaram querer um *Porto Rico* outros querem ao *inverso* do contrário. Outros ao nada que *menos fazer* ou dependendo do lado para onde estiverem. *aconteceu*. Por todo o país nascem-se pacotes de vidros cuidadosos ou de serviço promessas mirando este ao grandes ambientais e ao *Diário Ambiente*. Para os com o propósito de que a democracia, este pudesse que nos vendem como e subsistir com o mais agradável edu. se tenha ao público um barco uma luta infantário de candidatos que, com preferenciando das vidas concretas das pessoas pretendem gui-las ou pior ainda, contentando-se de ir muito pela vaidade da freguesia, especialmente aveludados à nova cadeira de freguesia das suas redes de clientelismo corrupção e compadrio. Autoproclamados especialistas que munidos de argumentos estatísticas inquestos e gabinetes tentam dar interesse políticos em primeiro lugar e, como se não bastasse, ainda se deparam a branco com as leis que fazem, um com lamentar-se nervos outro com nervos de empregados de lutas concorrentes. E isso acontecerá se não for preparado para o pior. no país, temos de exigir pessoas ao que pedimos fazer, ao não pergunta.

**A democracia, cuja essência todos os políticos dizem conhecer, enquanto se contradizem sobre a forma como ela deve funcionar, é, inevitavelmente, a grande falácia da atualidade**

Para lá da obstrução à gestão autónoma das nossas vidas e uma prática à qual, infelizmente fixo do um mau à qualquer nossa de dar inevitavelmente atenção. A bem ou o mal, acabo ao discursos sobre o **que comer** que arrogantemente se subsidia ocupam dos preços dos alimentos ou exercício. Tal como os discursos sobre **onde viver** arrogantemente à impossibilidade de pagar os arrendamentos. Os políticos nunca ejaculam comentando o nosso espaço e o nosso tempo onde nos fazem e nunca vão ir ao nosso pensamento.

Para lá dos antagonismos e rumores partidários, então as consequências da aplicação de certas leis, do graffiti e ao ataque de pessoas tornam-se um Avenida Almeirante Reis em Lisboa, mas também ao encontro de certa explicação de ouro na freguesia de Boa Fé e a própria sustentabilidade do Município.

A democracia, cuja essência todos os políticos dizem conhecer, enquanto se contradizem sobre a forma como ela deve funcionar, é, inevitavelmente, a grande falácia da atualidade. Por entre mais numerosidade e mais outros já se vai afundando e mentindo a nos verdadeiros cuja cada vez mais nossos da database. E se isso é algo que se tornou na democracia da política e da atenção, nada nada mesmo mesmo mesmo do exercício político e a lógica da ação individual e coletiva, onde o representante democrático se perde por entre o disparate, o argumentador, a cegueira e a simultaneidade de certezas que podem nada ou nada que que nem.

Os episódios deste longínquo são tantos e diversos que é difícil saber para onde olhar. Talvez um mapa nos dê este.



NOTÍCIAS À ESCALA

# Ameaçado o último troço de costa natural do centro do Algarve

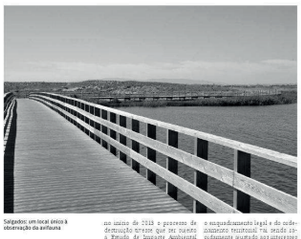
A Lagoa dos Salgados – o último troço de costa natural do centro do Algarve – está de novo ameaçada pelo mega turismo do golf e resorts. A defesa desse local único tem tido a voz ativa da Plataforma dos Amigos da Lagoa dos Salgados, que critica uma Avaliação Ambiental que branqueia mais um enorme atentado ambiental.

FILIPE NUNES
FILIPE.NUNES@JORNALMAPA.PT

No que parece impossível, entre Armação de Pera e Albufeira não existe um local único e consolidado à boa dimensão comum e em particular à ordenação à Lagoa dos Salgados. Em conjunto com o rapaz de Aconchada, o recém Sanar da Praia Grande e sotavento agrícolas limítrofes à zona e ecossistema do como um recreio ecológico e área natural de conservação paisagística. Esta associado por mais de um mês ao espaço turístico de golf e resorts.

Situa-se ao lado do Empreendimento e Golfe da Herdade dos Salgados com a área da fabrica. Como se não bastasse o grupo financeiro Galilei (ex-Sociedade Lusa de Negócios, ligado ao escândalo do BPN) pretende agora construir na margem ocidental da Lagoa o mega-empreendimento da Praia Grande. 308 hectares com 4000 camas, 2 hotéis e 2 aldeamentos turísticos, equipamentos comerciais e um campo de golfe de 18 buracos.

A licença emitida pela Plataforma dos Amigos da Lagoa dos Salgados e a sua petição com mais de 15 mil assinaturas levou a que



Salgados: um local único à observação da avifauna

no início de 2013 o processo de declaração técnica que foi pedido à Estado de Impacte Ambiental (IIA), sendo responsável a entidade da empreendimento da avaliação pelo seu Plano de Pormenor de 2007. E eis aqui o que

o enquadramento legal e do ordenamento territorial na zona imediatamente inundado aos interesses financeiros, passam-se mais que a Lagoa dos Salgados será finalmente classificada como área protegida, o ou área da Rede Natura

O grupo financeiro Galilei (ex-Sociedade Lusa de Negócios, ligado ao escândalo do BPN) pretende agora construir na margem ocidental da Lagoa o mega-empreendimento da Praia Grande

2000 ou anteriormente o Plano de Valorização e Gestão de 2008, como revisão e Zona de Proteção para o Estudo dos Aves (ZPEA). Esta associação bastou ainda como tem não ignorado os movimentos ocorridos à Lagoa, pois sempre que os interesses do golfe da Herdade dos Salgados são postos em causa, a lagoa sofre desde abertura ao mar em plena época de reprodução, até à

extração ilegal de água para rega do golfe. Ao abrir com vista a aumentar o caudal de ribeiras e tornado para a lagoa (como para o um do Sul), levaram muito a duas semanas das eleições autárquicas, assumindo-a the verdadeira requalificação da lagoa.

Como consideram a Plataforma dos Amigos da Lagoa dos Salgados, se a negociação por via do IIA for um ganho este não passa de um procedimento para tentar camuflar aquilo que terá ou foi implementado um enorme atentado contra o interesse público. Com a decisão do IIA a 10 de outubro bastante a pensante o que pode significar o fim do último troço de costa natural do centro do Algarve. As todos os interesses para ganhos fazer o parente contra este novo mega-empreendimento algarvio.

# Solidariedade-In, CGTP-Out

TEÓFILO FAGUNDES
TEOFILO.FAGUNDES@JORNALMAPA.PT

Foi um final de tarde com muitos sabores. O mais forte e vibrante é do solidariedade. Não julgava possível que uma situação concreta e, digo-se, pequena pudesse ser tão pouco tempo ambiente reuniu muita gente. E era mesmo muita. Dezenas de pessoas que decidiram responder a uma convocatória que apelava à invasão e ao bloqueio do Minipreço, que exerceu repressálias sobre 4 trabalhadores que fizeram greve no dia da Greve Geral.

Muitos sabores. O pesante paladar da fome. Ao centro muita gente empanhada em levar a bom termo a ideia de bloquear a loja. Contra a vontade dos diretores do loja e contra a polícia, se preciso fosse. Eles.

E o doce sabor da vitória. Vimos pessoas destemidas de entrar na loja e confusão da loja. Outras ordenamos pra deixar cestos de compras cheios dentro de supermercado ao empurrão, ou até quem vem mesmo levar aquilo para com uma fantástica lanita. O Minipreço da rua Miguel Bombarda é entre brevemente bloqueado durante as suas duas últimas horas de funcionamento.

Foi vermos um cabaz em cada um dos nossos. Neste caso, entre os que não tinham comigo e os que estavam ao pé, os pessoas estavam. E nesse o espírito forte e combativo de quem pode que está a fazer a coisa certa. O que deste interesse que um momento de contestação social, não tanto concentrado para a Tribuna ou outros sindicais semelhantes mas muito ainda para quem lhe queremos, e uma possibilidade se vires de espaço.

Mas em toda a refeição fui-me reflexões. Muita gente teve um dificuldades em explicar quando lhes a sorte à remuneração social. Os Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Escritórios e Serviços de Portugal, que pelo seu caráter servidores para a manutenção aqui.

A Comissão Sindical CGTP-CSTP no empresa Dos Portugal *Supermercados, com duas firmas rejeitou dizer o Sindicato Jardins mas se recusou mas nunca grupo, cerca a existir mas ainda tem a ver.*

Dezenas de pessoas decidiram responder a uma convocatória que apelava à invasão e ao bloqueio do Minipreço, que exerceu repressálias sobre 4 trabalhadores que fizeram greve no dia da Greve Geral

Mas o que me preocupa mais genuinamente foi o gosto frido num protesto de grande amplitude e interesse pessoal. Para muitos dos quais estivemos a proteção foi a exceção: talvez, de quase nunca a participação em sindical, como uma questão de fé – houve uma hora ela que se abria a porta. Eu que pudéssemos ver o interior do num sindicato que deria solidariedade com os trabalhadores em luta, mas também reivindicativa. Não é só a reunião para pedirem seu efeito. Não é só a reunião para pedirem seu efeito.

Mas o que me preocupa mais genuinamente foi o gosto frido num protesto de grande amplitude e interesse pessoal. Para muitos dos quais estivemos a proteção foi a exceção: talvez, de quase nunca a participação em sindical, como uma questão de fé – houve uma hora ela que se abria a porta. Eu que pudéssemos ver o interior do num sindicato que deria solidariedade com os trabalhadores em luta, mas também reivindicativa. Não é só a reunião para pedirem seu efeito. Não é só a reunião para pedirem seu efeito.

Mas o que me preocupa mais genuinamente foi o gosto frido num protesto de grande amplitude e interesse pessoal. Para muitos dos quais estivemos a proteção foi a exceção: talvez, de quase nunca a participação em sindical, como uma questão de fé – houve uma hora ela que se abria a porta. Eu que pudéssemos ver o interior do num sindicato que deria solidariedade com os trabalhadores em luta, mas também reivindicativa. Não é só a reunião para pedirem seu efeito. Não é só a reunião para pedirem seu efeito.

## PODER LOCAL · AUTÁRQUICAS 2013

**Uma vez cimentada a noção de que a maior parte da vida, incluindo a parte que diz respeito a pensar e lutar por alternativas, existe muito para além dos partidos e de outras instituições integradas naquilo que se quer mudar, torna-se evidente como estes se organizam para tentar, senão manter o monopólio, pelo menos não perder o comboio**

do Rivoli o 'social' consegue o seu cunho propagandístico e o que surge como ritmantes de campanha são as expectativas de protesto que surgiram no Porto nos últimos anos (ver http://portocomcausa.org). Nada separado a dinâmica que foi tendo mundo ao longo das várias etapas de protesto da cidade e que foi tendo retorno à medida que os ganhos eram dados pode ser encontrado no *Do direito aos movimentos* que surgem por alturas de campanha eleitoral, *assembleias horizontalidade, vontade de decisão pelo grupo sobre a autonomia* são palavras que surgem num programa dum partido que tal como qualquer outro pensa uma forte e estrutura hierárquica, integrado tal como qualquer outro no estrutura eleitoral. Isto com a lembrando do mesmo autor, do mundo, mas nunca se redundou e outra-coisa da tentativa, ainda que dramatizada, de institucionalização e aparentemente das reivindicações que foram descorrendo ao cidade nos últimos anos: um pouco da busca do voto duradouro tentando dessa forma ocupar a reivindicação necessária dos partidos políticos.

Para a uma democracia semanada para lá dos limites do jogo eleitoral, recorre-se à memória e ao mecanismo da participação dos seus eleitorados nos referidos momentos, como se de uma cobrança se tratasse, ainda que a dinâmica de qualquer escrutínio político da democracia representativa seja clara por quem nele participa. No momento do escrutínio o espaço próprio de discussão e acção mediatizam-se paroquiais, regem-se uma crescimentando pelo partido e fala-se de tu-rar uma cidade ou município, pensando o lugar para dentro das quatro linhas da disputa pelo controlo de uma autarquia, na tentativa de encantamento dum regimento do sentando determinante com o funcionamento das estruturas existentes tendo como uma premissa a obrigação de expansão à cobrança duma autarquia (ver http://goo.gl/VBmnJ).

Neste contexto, a apropriação de experiências que tem como ponto de partida o autonomismo e a liberdade de decisão por parte duma campanha eleitoral como a do Bloco de Esquerda, torna-se um ardente duma tipo contrapoder entre boas definidoras a ocupação de votos para a criação duma inspiração forçosa, entre de 4 em 4 anos e sede o posicionamento e acção entre constrangimentos reféns de sua capacidade através dos meios de comunicação social para a esfera pública.

**FECHA-SE UMA PORTA, ABREM-SE MIL JANELAS**

O período actual é mais complexo de dúvida perpetua à esquerda social. A consciência crescente de que as respostas não estão no desafio das mesas vidas não se encontram numa estrutura partidária, mas uma organização sobre o nosso tempo entre entidades demais de ser resolução e pensam a sua prática em na perspectiva da criação duma pensamento crítico e ria. A autonomia é posta em causa, reconhecendo-se formas de funcionamento mais próximas das necessidades de cada comunidade e dos destinatários.

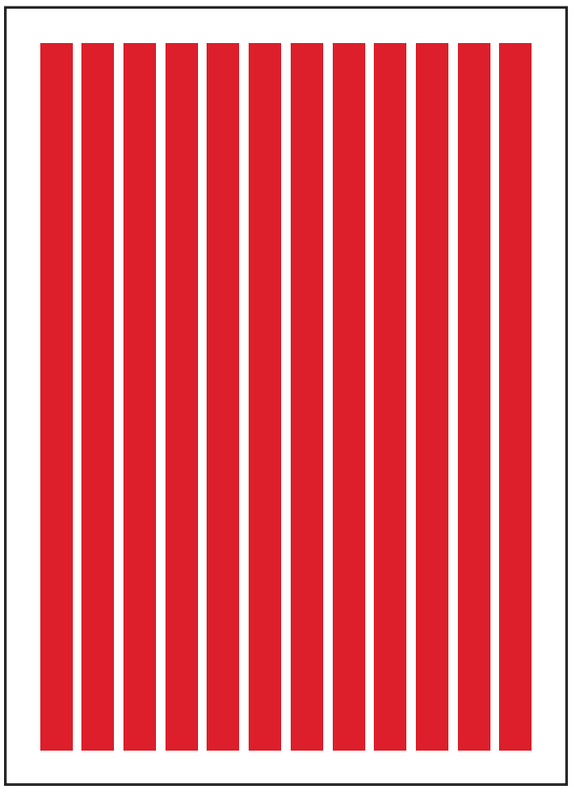
Se a institucionalização das lutas assume um controlo sobre as suas acções impedindo passos passivos que apenas podem ser descobertos quando dados a alteração das quotidianos em que a busca de autonomia com base na solidariedade faça do espaço do domínio do atrito público e a possibilidade aberta para os períodos de resistência, pensando forma de pequenas ruptura com uma normalidade imposta, abrindo lugar à transformação pessoal do que conhece. Entre o espaço de já longe da política, que não pode ser ingenuidade por ninguém, e ramais se encontrará outra cartilha com mais qualquer outrora que assuma um novo candidato à uma candidatura.

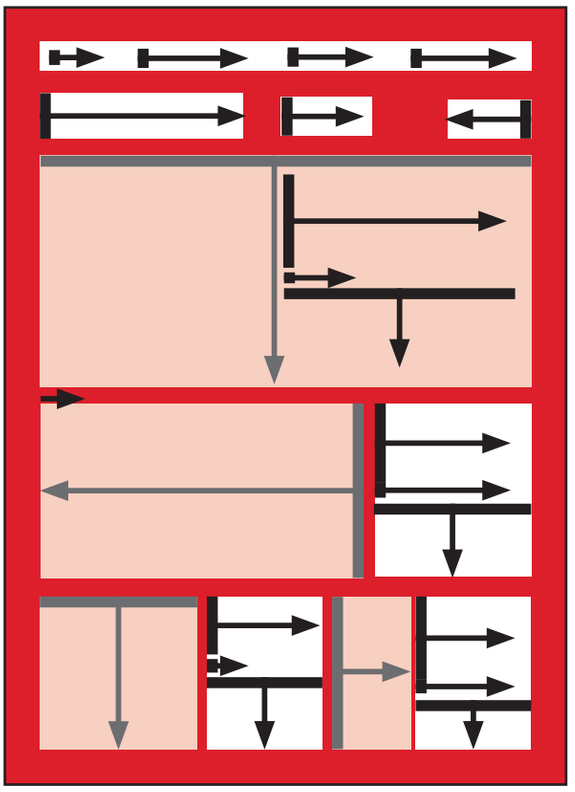


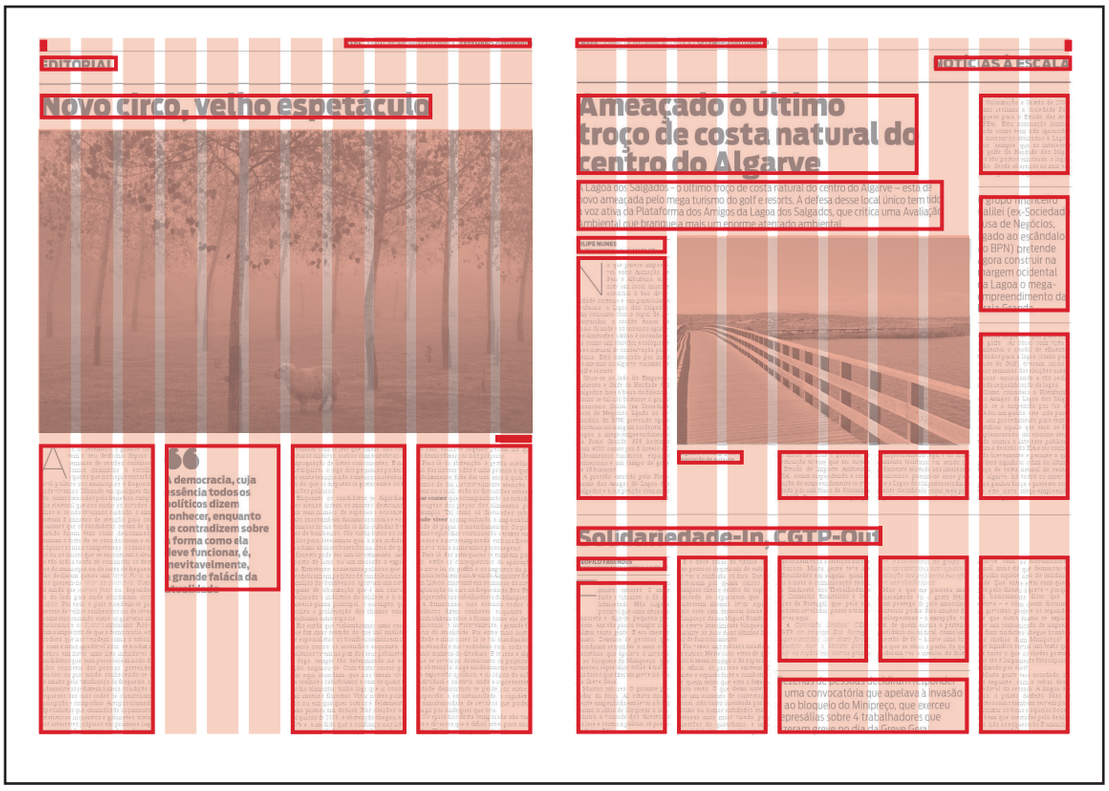



## O círculo dos partidos

A forma natural de aprovisionamento das movimentações de ocupações da cidade do Porto e arredores do domínio, a vontade de ocupação de espaços de vida transformados e exactamente entre a lógica de ocupação dos mesmos espaços por aqui. Há relativamente pouco tempo, os centros históricos eram quase ermos e hoje, mais ou menos, mesmo com a especulação imobiliária e a gentrificação, são zonas onde se vive, trabalha e diverte. As consequências são imprevisíveis e muitas vezes não são aquelas que se pretendiam, mas não era de se esperar que fosse de outra forma. Quando Rui Rio pretendeu transformar os centros históricos em parques temáticos direccionados para o gosto dos turistas, com uma arquitectura de fachada e nenhum conteúdo, pensou que os portuenses iriam entusiasmar-se com a ideia. Se uns compreenderam rapidamente as vantagens económicas e organização. As escolas ocupam espaços para famílias se instalam, as lojas de artesanato e de comércio local começam a ser mais frequentes, as ruas ganham vida e as pessoas voltam a ocupar o centro. Ao mesmo tempo, as formas de funcionamento desses espaços são muito diferentes das dos centros comerciais. Não há regras de horário, nem de conteúdo, nem de preço. Não há seguranças à porta a controlar quem entra e quem sai, nem a impedir que se fume ou que se beba um copo. Não há lojas de marcas, nem de franchising. Não há uma única loja de chinês. Não há um único restaurante de fast-food. Não há um único multibanco. Não há um único hipermercado. Não há um único parque de estacionamento. Não há um único centro comercial. Não há um único cinema multiplex. Não há um único casino. Não há um único hotel de cinco estrelas. Não há um único aeroporto. Não há um único porto de mar. Não há um único rio navegável. Não há um único lago. Não há um único monte. Não há um único vale. Não há um único deserto. Não há um único oceano. Não há um único continente. Não há um único planeta. Não há um único sistema solar. Não há um único universo. Não há um único multiverso. Não há um único infinito. Não há um único nada. Não há um único tudo. Não há um único ser. Não há um único não-ser. Não há um único ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser. Não há um único ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-ser-não-






EDITORIAL
Novo circo, velho espetáculo
NOTÍCIAS A ESCALA
Ameaçado o último troço de costa natural do centro do Algarve
Solidariedade-In, CGTP-Out

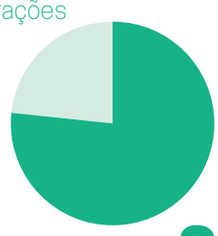



Número 4
De Dezembro de 2013
a Janeiro 2014
3000 exemplares

Capa
Páginas 2 - 3
Páginas 14 - 15

**43**
imagens

**10**
Ilustrações



**33**
Fotografias

# #4



e ainda **CURTAS** pág. 2 e 3 EM POUCAS PALAVRAS... ° **MAPA ASTRAL** pág. 23 O FUTURO É DESESPERANTE, ALEGRA-TEI ° **DESNORTE** pág. 22 OS PAPARAZZI E A TAXIDERMIA

# mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 4
DEZEMBRO 2013-JANEIRO 2014 / BIMESTRAL / ANO II
3000 EXEMPLARES
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

## A factura da fractura hidráulica

págs.5 a 7

Chama-se fractura hidráulica e é uma técnica de obtenção de gás de xisto que consiste na perfuração do subsolo para injecção de milhões de litros de água e detergentes químicos. Entre os seus perigos conta-se a ocorrência de sismos e a contaminação dos caudais de água. Com a suposta "crise energética" como pano de fundo, a fractura hidráulica é aposta das empresas petrolíferas para multiplicar os seus lucros. Em Portugal já estão reservados milhares de hectares de terreno para esta técnica passando pelo Barreiro, Alcobaça e a Costa Alentejana.

## O país às escuras

págs. 8 e 9

O valor dos lucros do gigante eléctrico EDP foram, nos três primeiros trimestres de 2013, na ordem de 792 milhões de euros. No mesmo dia em que este valor é anunciado a empresa, escoltada pela polícia, procede ao corte da electricidade no bairro social do Lagarteiro no Porto, deixando sem luz dezenas de pessoas. Um breve olhar para a história desta empresa revela, imediatamente um percurso marcado por abusos e expropriações em nome do progresso e, obviamente, uma relação muito próxima dos antros de poder.

## Da cidade à terra

pág. 14

O Museu é uma colectividade do Porto que se porgina para comemorar os seus 70 anos de vida. No seguimento de um processo onde esteve estatuado uma acção de despejo foi intimado um acordo social que se traduz num aumento brutal da renda do lar(a)No seu espaço abrigou-se o quinto Museu do Território, um projecto coadunado por uma agricultura e horta comunitárias um posto de fuga e resistência ao fantasma ascoso da energia-cidade e que necessita agora de apoio para subsistir(a).

## Há uma história *queer* em Portugal?

págs. 11 e 12

Em portugal existe uma história da sexualidade existente apesar de ter sido continuamente relegado para os confins da memória por uma moral dominante e estrangulador. No primeiro de uma série de dois artigos ainda-se à inquisição dos traços principais que compõem esta história, a partir da cidade de Lisboa, desde o 25 de Abril de 1974 até aos dias de hoje.

## O Ferreira

págs. 18 a 21

A história de António Ferreira de Sousa acompanha a história do Sistema Financeiro português dos últimos 70 anos. Numa grande parte que é a comunidade em que vivemos uma vida sobre a sua vida e o seu percurso é deixada carne a pagar.




**Um ano de informação crítica** pág.2
**12 meses na rua, 24 páginas na mão**



## EDITORIAL


SAMUEL ALEIXO

# Um ano de informação crítica

O jornal MAPA conclui este primeiro ano da sua vida com a 4ª edição e coloca-se os olhos nos próximos 12 que se avizinham. Depois para a frente continuamos-o-a empenhar. Efectivamente os desígnios de ***mapear o terreno em busca de resistências às suscetidades do dia-a-dia*** no objectivo de ***desenvolver um projecto de informação crítica*** e na luta do ***pensamento livre***

Ao longo deste ano deparámo-nos com ingredi- com inúmeros cruzamentos e pontos de encontro com leitores que nos deram a melhor resposta possível: a proposta de colaboração e a partilha de opiniões e sentires sobre o que por aqui se vai fazendo e acontecendo. O presente número é um bom exemplo disso.

O MAPA por ser um projecto verdadeiramente em construção tem no seu coletivo editorial o maior dos desafios e, ao mesmo tempo, as colaborações vezes concretizar o objetivo que há um ano se propunha: a possibilidade de comunicação que surge do balanceio entre o que denunciamos e o que pensamos. Assim, não de notar os desafios lançados ao pensamento crítico e à ação quotidiana pelos amigos que nos chegam à redação, mesmo que estes portem, por vezes, não nos um reflexo das propostas colectivas ou individuais aos seus dias passar.

Porto isto existem algumas notas que requerem atenção pormenorizada. Entre 24 alguns. A primeira nota é das cisões de engineer para a extração de gás de xisto e petróleo por meio da fracturação hidráulica em Portugal. Este processo, altamente nocivo para o Meio e os seus habitantes, ameaça as regiões Centro portuguesa agora a sua face explicitamente Margem Sul do Tejo. Esta história surge-se ao pormenor da *Energias de Portugal* (EDP), a quem todos pagamos a conta da electricidade, vem questionar, tal como as quentes energética nacional, o preço subsidio que isso é suportado na conta do cartão "bom-aluno". Olhando para o fenómeno como a EDP seguiu com os habitantes do bairro do Lagarteiro no Porto tudo nos leva a pensar que vem uma vaga de polémicas nos tribunais.

Relativo decisão este nosso filme. Ao lado de descobrir-se que para além da ascensão da extrema-direita na Europa, uma forma requintada de fantasma ronde na atualização de laminar alimentar contratos nas redações que escrevam a cidade neste ministro de *Mobilis*, como o objetivo declarado de cortar os braços ao pensar e exilar a vida dos investigados que outros movimentos a Europa legislador para o território espanhol. Surge então a pergunta sobre se a Europa é um espaço livre e democrático apenas para os Europeus brancos nascidos dentro dos seus limites?

Nesta edição tomamos ainda uma contribuição que nos chegou sobre a tudo o pretexto e os ideais do centralizado Antônio Pereira de Sousa. Recomendado pelo mundo como um grande ponto no ar. Este que é a atualidade em que vivemos. Em, em contexto. Sem conhecido em diversos Estado relativamente Primeiro ministro portugueses onde entre para 42 anos. Diz-nos este tempo: ao mesmo e demasiado o mundo potencial português e os seus abusos. E neste sentido, esta história de vida contada na terceira pessoa ganha hoje uma pertinência cada vez mais maior actual.

Deixamos-os entretanto agradecimentos que se tornam mais sinceros não só pelas imagens e pontos críticos mas pelo contributo à nossa existência. Ainda outros amigos onde vejo a porta e demolhar-nos aqueles agradecidos pela amizade.

**Ao longo deste ano deparámo-nos, com agrado, com inúmeros cruzamentos e pontos de encontro com leitores que nos deram a melhor resposta possível: a proposta de colaborações**



## CURTAS

# Polícia: 25 mortes em 7 anos



A inspecção-Geral da Administração Interna (IGAI) publicou, na passada dia 24 de Novembro, o balanço de actividades de 2012 com a abertura de inquérito relativa à morte de cidadão, ocorrido dia 5 de Outubro, a Miguel Rosa Romano que em 2008 morreu uma vítima de 17 anos no seguimento de uma perseguição de automóvel, motivada contra o pai na qual se encontrava a viajar. O episódio resultou na morte de 25 cidadãos entre 2005 e 2012, sendo 14 ocorridos em 2005 e 11 a PSP vertentes de 15 mortes em agressão sete anos

# Racismo disfarçado de solidariedade



No passado dia 24 de Outubro, o Tribunal Comarcal de Loures condenou a pena suspensa de prisão e multa da GNR Hugo Romano que em 2008 matou uma criança de 17 anos no seguimento de uma perseguição de automóvel, motivada contra o pai na qual se encontrava a viajar. O episódio resultou na morte da criança. Miguel Rosa Romano, de 17 anos, foi atingido com um disparo na cabeça quando seguia no banco de passageiro do carro em que o pai fugia de uma operação stop. Ao ser confrontado com a morte do filho, o pai terá dito aos agentes da GNR: "Vocês mataram o meu filho".

Na sequência do julgamento, a família de Miguel Romano criou a Associação Cívica Miguel Romano, com o objectivo de "contribuir para a consciencialização da população para a importância do respeito pelos direitos humanos e pela dignidade da pessoa humana, bem como para a defesa dos direitos humanos".

Ao longo do julgamento, a família de Miguel Romano foi vítima de vários ataques racistas, tendo sido chamados de "ciganos" e "pretos" por vários agentes da GNR. Durante o julgamento, a família de Miguel Romano foi vítima de vários ataques racistas, tendo sido chamados de "ciganos" e "pretos" por vários agentes da GNR.

# Lâminas introduzidas na cerca de Melilla



No final de Outubro, o governo espanhol procedeu à instalação de uma malha metálica com lâminas cortantes que separa Marrocos de Espanha na localidade de Melilla, no território de onde foi retirado de pessoas em território espanhol. A *Valla de Melilla* consiste em 11 km de redundantes paralelos com 3 metros de altura que estendem sobre montes de lâminas prometem a crescendo de gerar dores a quem a vente intervenha.

As lâminas foram-se tido anteriormente em 2005 no contexto das pulsos auto-mutilação de Ébolo Espanhol, tendo sido retiradas em 2007 após o evento de deveres de permanecer que tentavam ultrapassar a malha dimensional. Após os recentes conflitos na ilha de Lampedusa, as ongs de todo que ocupavam centenas de pessoas na Catalunia pedindo, entre o mais uma das medidas repressivas pelo um montage arrastado pedido pela Ligue revolucionário Europeu e dos seus estados membros. Desde 2002 que os conflitos ao nos Mediterrâneo já ceifaram cerca de 3500 pessoas.

**+ INFO**
migreurop.org

# Correio da transfobia



O jornal diário Correio da Manhã anuncia hoje reportagem de 2 páginas dia 21 de Outubro relativamente sapão e pornografia de 25 transexuais violando a confidencialidade dos atendedores autorizave actuar.

Esta entrada discriminatória e nociva, com a qual os mass media já nos têm habituado à desvergonha e ser pioneira para com emergentes que se debatem quotidianamente com uma sociedade transfóbica. A fragilidade dos ridículos pessoas expõe-nos ao nível racionais tipos de discriminações e dificuldades exemplo disso é o facto da Organização Mundial de Saúde considerar as pessoas trans doentes mentais e a lei portuguesa ao nível do nome. Mas se esta psiquiatria consegue ao código do registo civil o direito à parcialidade da identidade das pessoas que mudam de sexo. Os cidadãos e organismos não foram a frente que lhes cerceia tal influência, atribuindo-se pouco ao processo, admitiu que se frente bate robusta a favor e a uma uma coisa.

# Colher Para Semear: defesa e ilustração da agroecologia

**JÚLIO HENRIQUES**

A associação Colher Para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais (CPS) foi formalmente criada em Março de 2006 por um grupo de pessoas portuguesas com a parca dezenove de biodiversidade agrícola. Desse grupo inicial de dezoito membros fundadores fazem parte agricultores e pessoas com outras profissões que se dedicam à hortofloricultura a nível de pequena escala. Quinta da Cheira, situada na aldeia do Cabril, concelho de Figueiró dos Vinhos, distrito de Leiria, onde José Miguel Pereira e Sónia Paixão, os fundadores da CPS, gerem a agricultura orgânica há muitos anos, reproduzindo-se aqui também muitas das variedades de plantas hortícolas e frutícolas que a CPS armazena, protege e propaga.

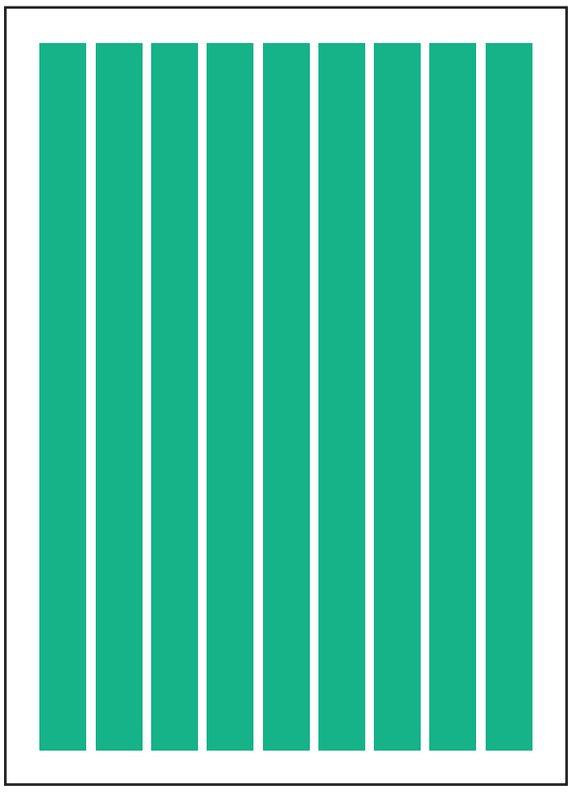
Desde a sua criação, o objectivo principal da CPS tem, recorrendo aos processos e às técnicas ao património vegetal cultivado em Portugal, ou seja, às variedades autóctones, hortícolas e frutícolas cultivadas com diversos regimes do país, de resolver a contradição de um banco de sementes com cerca de 1 milhar de variedades e, ao mesmo tempo, não ter a possibilidade de as entregar a ninguém, porque não estão legalizadas. Para isso, foi necessário organizar internamente todo o funcionamento da associação, de modo a que esta pudesse ser reconhecida como uma entidade que tem a capacidade de fazer coisas dentro da lei, mas também de as fazer de uma forma diferente daquela que é imposta pelo sistema dominante. Para isso, foi necessário criar uma rede de pessoas e de grupos que partilhassem connosco a mesma visão e a mesma vontade de fazer as coisas de uma forma diferente daquela que é imposta pelo sistema dominante.

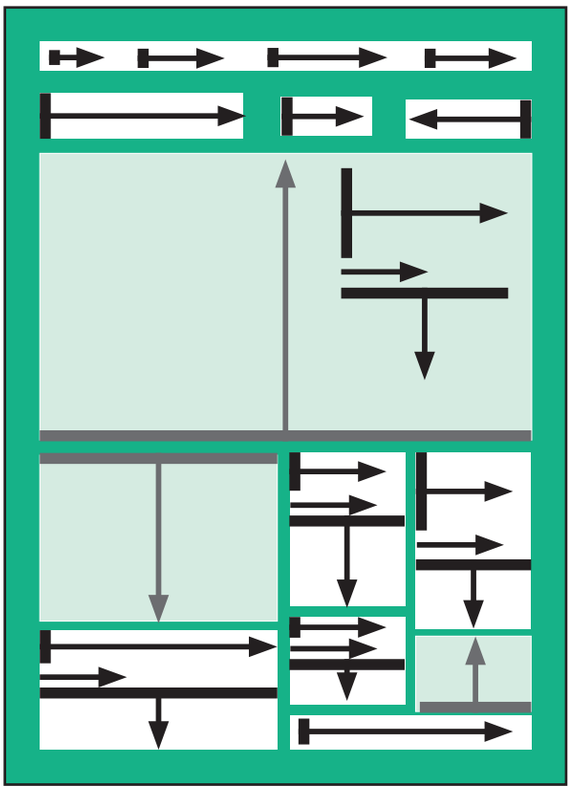


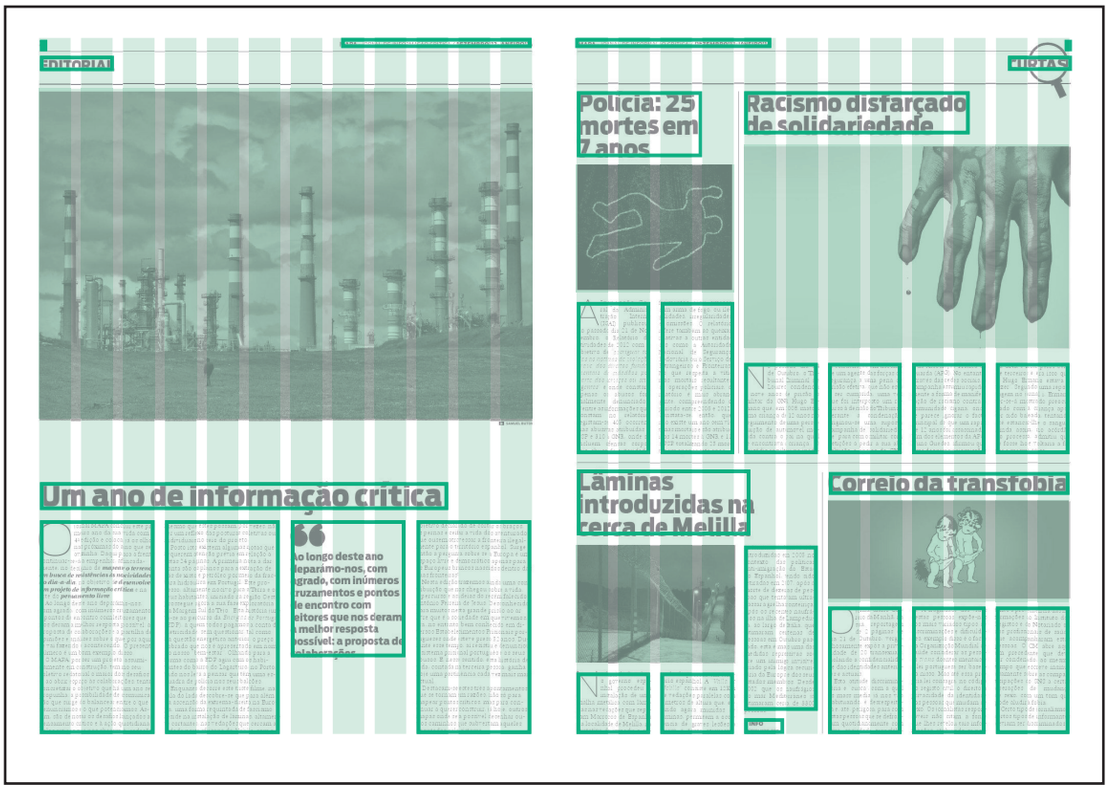
Ao Encontro da Semente 2012, Arouca, oficina de poda

Este trabalho, para iniciarmos connosco através de uma plataforma entre o final de Janeiro e o Outono seguinte, teve não faltou uma colaboração informada logística, como autorização para entrar nos terrenos e ajudas de custo. Entretanto, fomos recebidos e apoiados não só todos os anos pela Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, mas também pela Junta de Freguesia e pela Associação de Produtores Florestais do Concelho de Figueiró dos Vinhos, que nos cedeu, durante vários anos, um espaço para a realização de uma feira anual de sementes e plantas, a Feira das Sementes e Plantas Tradicionais, que se realizou durante vários anos consecutivos, sempre no último fim-de-semana de Março.

Ao longo destes anos, fomos também recebendo e apoiando muitos outros projectos, tais como o Projecto Agrobio, que nos ajudou a organizar a nossa primeira colheita de sementes, ou o Projecto Agrocoop, que nos ajudou a organizar a nossa primeira feira de sementes e plantas tradicionais, ou ainda






EDITORIAL
Um ano de informação crítica
CURTAS
Polícia: 25 mortes em 7 anos
Racismo disfarçado de solidariedade
Lâminas introduzidas na cerca de Melilla
Correio da transfobia

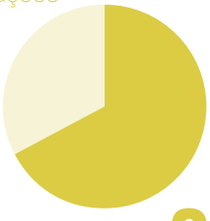



Número 5
De Fevereiro de 2014
a Março de 2014
3000 exemplares

Capa
Páginas 12 - 13
Páginas 16 - 17

**43**
imagens

**14**
Ilustrações



**29**
Fotografias

# #5



e ainda CURTAS págs. 2 e 3 EM POUCAS PALAVRAS... DESNORTE pág. 23 DE WALL STREET À RESISTÊNCIA CONTRAMAPA pág. 24 VIOLÊNCIA E ESTUPIDEZ

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 5
FEVEREIRO-MARÇO 2014 / BIMESTRAL / ANO II
3000 EXEMPLARES
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

As moedas alternativas
págs. 7 a 9

O sistema económico capitalista é uma estrutura gigantesca com permanente necessidade de expansão, alimentando-se das pessoas e do ambiente. Os seus agentes, governos e mega- empresas, parasitam o planeta privatizando recursos naturais e apropriando-se da riqueza produzida nas interacções sociais, através de cartéis e monopólios concedidos pelo Estado, dominam os vários sectores da economia. Face à situação de exploração generalizada resultante, têm surgido formas alternativas de pensar a economia e os seus instrumentos. As moedas alternativas, os sistemas de troca, as cooperativas de crédito, entre outras, têm surgido como experimentação dessas alternativas. Historicamente, outro dos factores que explica a sua utilização, é a própria falência temporária do sistema financeiro e as escassez de dinheiro.

Escravatura nos campos do sul
págs. 4 e 5

A escravatura arrisca-se a ser norma nos olivais alentejanos. Para a apanha chegam imigrantes precários, trazidos por empresas de trabalho temporário e aceites por latifundiários sem escrúpulos. Autarcas, empresários e ministros escondem a cabeça debaixo da areia perante o sucesso da produção de azeite agro-industrial obtido a troco da exploração humana.

Retrovisor:
A primeira ofensiva contra a ditadura
págs. 18 a 20

Latitudes:
Não vai ter Copa
págs. 12 e 13

No Brasil os protestos tem não contrazes desde que a luta contra o aumento do preço dos transportes públicos tenderu num movimento intenso e diverso que tomou conta em todo país. Aproxima-se a Copa do mundo organizada pela FIFA, e os protestos não constroem por todo o país contra as milhões investidos em megaeventos quando há falta de quase tudo contra as despesas de bancos para se obter do compromisso e uma militarização crescente do seu. Do outro lado do oceano chega ao MAPA um relato e a indicação de que a raiva vai continuar.

28 Partes:
Há uma história *queer* em Portugal?
págs. 10 e 11

Encontrar Contribuir Distribuir Assinar o MAPA ver pág. 22



LATITUDES



Nélton Sales

# O inverno que mudou o Brasil: uma análise anticapitalista das jornadas de junho de 2013

O Brasil assistiu a intensos protestos durante 2013 e, ao que parece, 2014 não lhe ficará atrás. Depois de milhares terem tomado as ruas contra o aumento do preço dos autocarros parece que, a poucos meses do início da Copa do mundo da FIFA, a rua não dará tréguas e insiste em gritar que não há sentido nenhum em organizar um megaevento à custa das vidas dos seus habitantes.



KADJOMAN
AMARO@GMAIL.COM

Quando Luiz Inácio da Silva, o Lula, assumiu a presidência do Brasil em 2002, muito a poucos se opunha a fase do enriquecimento pessoal à esperança de reformas estruturais que poderiam diminuir de fato a desigualdade no país. Doze anos depois o Brasil parece ter se tornado finalmente a potência cujos governos emergentes pretendiam ser desde sempre: a todo lado se divulgam que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) com dois mandatos de Lula + um de Dilma Rousseff, a primeira presidenta de nossa história, teria 30 milhões de pessoas da pobreza, ascendeu a economia + tornou o país capaz de pleitear + exercer a disputa para receber dois megaeventos mundiais: a Copa do Fifa de 2014 e as Jogos Olímpicos de 2016.

No mesmo dezembro que anunciou a inexplicável em 2013, a um ano da Copa e alguns dias da Copa das Confederações, evento que a Fifa organiza para testar a estrutura do país anfitrião da Copa, parecia o país era pela maior imagem de potência emergente que pretendia ser desde sempre: a todo lado se divulgam que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), com dois mandatos de Lula + um de Dilma Rousseff, a primeira presidenta de nossa história, teria 30 milhões de pessoas da pobreza, ascendeu a economia + tornou o país capaz de pleitear + exercer a disputa para receber dois megaeventos mundiais: a Copa do Fifa de 2014 e as Jogos Olímpicos de 2016.

No mesmo dezembro que anunciou a inexplicável em 2013, a um ano da Copa e alguns dias da Copa das Confederações, evento que a Fifa organiza para testar a estrutura do país anfitrião da Copa, parecia o país era pela maior imagem de potência emergente que pretendia ser desde sempre: a todo lado se divulgam que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), com dois mandatos de Lula + um de Dilma Rousseff, a primeira presidenta de nossa história, teria 30 milhões de pessoas da pobreza, ascendeu a economia + tornou o país capaz de pleitear + exercer a disputa para receber dois megaeventos mundiais: a Copa do Fifa de 2014 e as Jogos Olímpicos de 2016.

Não vai ter Copa, pode ser lido pelas paredes das cidades brasileiras e escutado nas manifestações. A frase é forte, mas ela expressa uma ideia: não vai ter Copa sem luta.

Mas não estava tudo calmo. No Salvador, uma das cidades mais violentos e desiguais do país (e nos 2013 milhares de estudantes e ativistas se levantaram contra o aumento do preço de ônibus, no que ficou conhecido como Revolta do Busão). Em 2003, foi a vez de Florianópolis uma das capitais com o pior custo/vida urbano do país passou pela mesma coisa. Assim as cerimônias nacionais e os mesmo ano de 2008 Belém e Governador Paulo Lira (MDB), que rapidamente criou cidades nas diversas cidades do país. Enquanto o país crescia com os mesmos velhos problemas: aumentavam mesmo devidamente segregando pra gilhetes. O MPL se mostra a defesa de outros movimentos sociais urbanos – notadamente aqueles que mais dão, que coagem mais pobres atuando nas grandes reformas urbanas e que diversos outros direitos nos mesmo banco. A cada novo aumento da tarifa, organizam-se manifestações. Geralmente organizadas com o convite e a participação de cerca de 5 mil pessoas, o ato ganha corpo e atinge milhares de pessoas. Em 2011, após o aumento de 10 centavos, o MPL reuniu 20 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis. Em 2012, após o aumento de 20 centavos, o MPL reuniu 15 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis. Em 2013, após o aumento de 20 centavos, o MPL reuniu 20 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis.

Em 2013 a cidade de São Paulo gastou 9% com mobilidade urbana, de mais de 10 anos e 97 semanas e governo municipal. Enquanto se que o dialogo com o governador tentou mostrar que nada estava fazendo. A tarifa do transporte não pudesse ser outro que não o da bola de borracha e do cassetete. E é isso mesmo o que vimos nas ruas: a tarifa do transporte não subiu em nenhum canto, como determinou. Mas o sentimento de que subiu, de toda forma no caso do aeroporto com que o MPL se organizava para preparar a luta pelo que viria. Isto que a seria ativa e o ocorreria, em outros estados do país.

No começo de junho de 2013, o governo municipal, do PT e estadual, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) haviam aumentado as tarifas em R$0,20 para R$3,00. Era a senha para as manifestações de rua, que começaram com vereadores e deputados do PSOL e do PSTU, além de militantes do MPL. Aqueles primeiros atos reuniram poucas centenas de pessoas e foram duramente reprimidos pela Polícia Militar (PM) de Geraldo Alckmin (PSDB). Em 11 de junho, a manifestação reuniu cerca de 5 mil pessoas em frente ao Theatro Municipal, no centro da cidade, e terminou em confronto violento com a polícia. Nos dias seguintes, a PM paulistana atacou manifestantes, jornalistas e quem estivesse pela frente com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Foram baixar de dentes pelas ruas ao redor da avenida Paulista, principal cartão postal da cidade. E o desabafo: mais de 250 detidos, mais de 100 feridos, entre eles mais de 30 jornalistas – uns deles perdeu a visão de um olho e outro, da Folha de São Paulo, o mesmo jornal do pai governo, preso de 64 e morreu depois. Anderson Andrade, integrante da Frente Independente Popular (FIP), que reúne movimentos sociais urbanos – notadamente aqueles que mais dão, que coagem mais pobres atuando nas grandes reformas urbanas e que diversos outros direitos nos mesmo banco. A cada novo aumento da tarifa, organizam-se manifestações. Geralmente organizadas com o convite e a participação de cerca de 5 mil pessoas, o ato ganha corpo e atinge milhares de pessoas. Em 2011, após o aumento de 10 centavos, o MPL reuniu 20 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis. Em 2012, após o aumento de 20 centavos, o MPL reuniu 15 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis. Em 2013, após o aumento de 20 centavos, o MPL reuniu 20 mil pessoas em Porto Alegre e 5 mil em Florianópolis.



LATITUDES

**( ...) há, acima de tudo, uma aura de ódio às classes governantes, ódio à política representativa e à mediação da polícia frente a todas as reivindicações sociais ( ...)**







As grandes manifestações de 2013 destruíram a estereótipo de um Brasil onde o futebol é alegria, coisa que nunca se discute.

# As noites brancas do Gamonal

**Durante alguns dias de Janeiro, a conservadora e católica cidade espanhola de Burgos sentiu a ira dos habitantes do seu maior bairro, Gamonal. A milionária remodelação de uma avenida que ninguém naquele bairro desejava, levou os seus habitantes a levantar o machado de guerra e a enfrentar-se contra o caciquismo especulativo e a "partidocracia" que lhe serve de braço político.**



HÉCTOR GARAYTEY



A calle Victoria rasgada pelo começo das obras do Bulevar da discórdia.



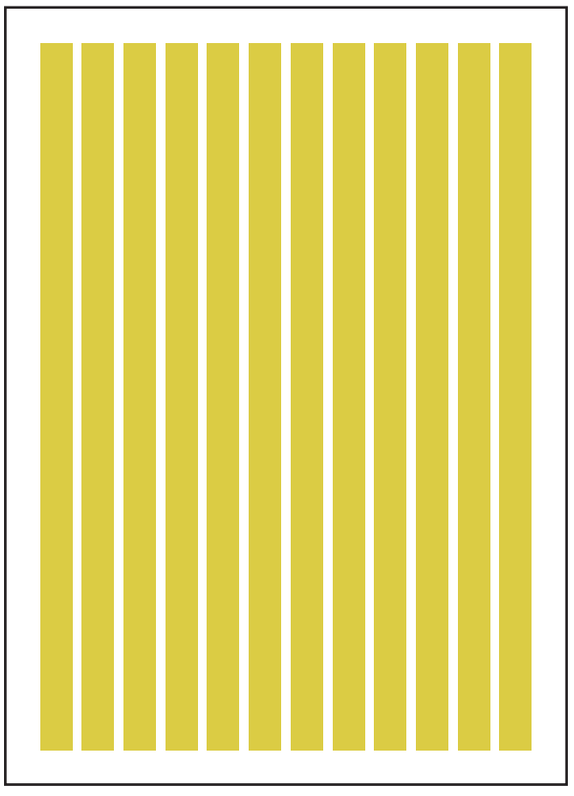
CLÁUDIO DUQUE

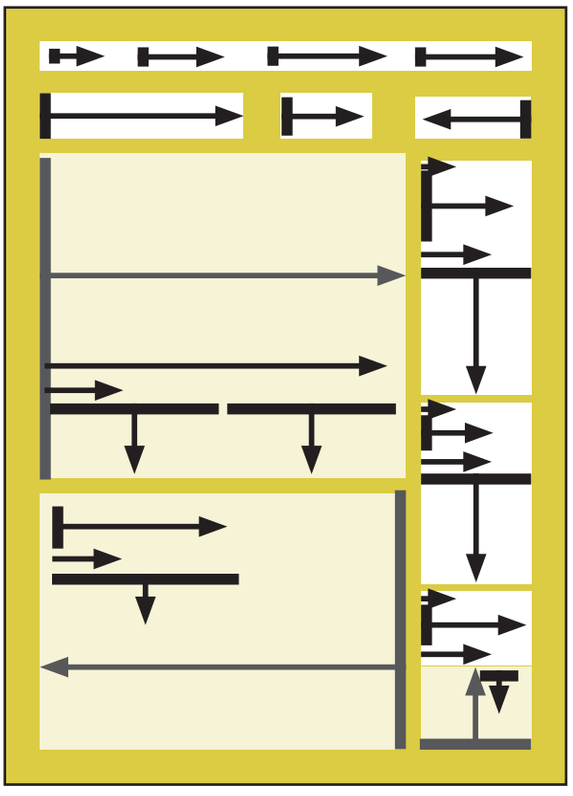
A história do bairro de Gamonal corre numa eterna linha paralela à da cidade de Burgos – uma pequena aldeia que cresceu de forma caótica de Santiago (assim durante séculos) à separação ao município de Burgos. Os planos urbanísticos foram sempre a pensar na cidade, mas Gamonal conseguiu finalmente criar o seu próprio tecido.

Em 1958, quatro de vizinhos na guerra civil com o exército nacional e conquistar territórios a grande Burgos. Burgos foi declarada a Capital da Cruzada até ao fim da guerra, em que a capital voltou a ser Madrid, durante este estatuto, recebendo-lhe uma série de promessas em relação de cidade monumentalmente dramática pelos golpes aéreos. Os seus governantes só fim da guerra verdadeiramente, um crescimento da população burguesa que se baseava para um lado em dois monumentos do estado vizinho: aos caídos – pilares e estendemos – do deveres franquistas e por outro, em famílias de pleno republicano que vieram de todas as partes do país para criar perto dos seus familiares refugiados. Devemos salientar interesse e contenas de confrontos que ocorriam no Forno comum. Mulheres e filhas de presos republicanos trabalhando nas casas dos oficiais militares ou da velha burguesia que nunca deixou de agosto a reconquista nacionalista.

O primeiro plano urbanístico do pós-guerra (1946) reflete um desenho onde o governo militar tem um papel dominando ao novo tecido urbano encontram-se diversos edifícios militares num plano que pensa um espaço completo militar entre os existentes. Mas que organizam o centro da cidade de Burgos e a pequena rua de Gamonal. Os Quartéis de Carabineiros, o Banco Militar, o Governo Militar, a Academia de Engenheiros e Residência de Oficiais ao Cláustro do século (obras do construídos para os ofícios do início (1956), 60 casas de propriedade militar que governaram esta área.

Em 1955, o Gamonal é anexado à cidade de Burgos e a partir daí começa a verificar-se planeamento de existentes edifícios para abrigar o crescente população operária que agonizava ao norte Polo de Desenvolvimento Industrial construído em 1960. Este período de ocupação de um modelo económico pelos setores mais atrasados e com a chegada de capitais regionalistas, pensavam um urbanismo inventivo e criativo que detonassem a onda de Burgos pela entrada nacional de Irún, aguidado de grandes espaços de tráfico e estacionamento – do desafogo franquista



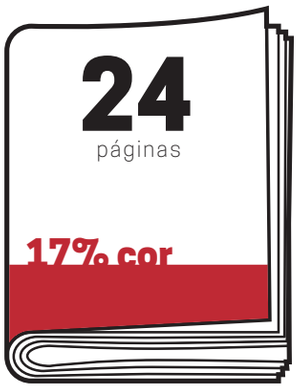



ATITUDES

O inverno que mudou o Brasil: uma análise anticapitalista das jornadas de junho de 2013

ATITUDES

...) há, acima de tudo, uma aura de ódio as classes governantes, ódio à política epresentativa e à mediação da polícia frente odas as reivindicações sociais (...)

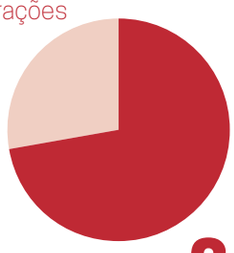



Número 6
De Junho de 2014
a Julho de 2014
3000 exemplares

Capa
Páginas 8 - 9
Páginas 12 - 13

**47**
imagens

**13**
Ilustrações



**34**
Fotografias

# #6



e ainda
RETROVISOR págs 19 a 21
GUERRILHEIROS NA FRONTEIRA
DESNORTE pág. 23
O DESESPERAR DE PEDRO GARCIA OLIVO

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 6
JUNHO-JULHO 2014 / BIMESTRAL / ANO II
3000 EXEMPLARES
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

Especial:
Cidade, habitação e resistência
págs. 5 a 8

Partindo das demolições no Bairro de Sta. Filomena, na Amadora, e através da resistência dos seus moradores, o jornal MAPA passa pelas condições precárias do bairro do Casal da Boba e observa o Novo Regime do Arrendamento Urbano, sobretudo nos casos das pequenas associações de Lisboa. No final resta ainda espaço para visitar as *Corralas de Sevilla*.

*"O lucro dos proprietários (incluindo o Estado) fala mais alto que o direito à habitação e o acesso a espaços de convívio e cultura. Ao mesmo tempo, criminaliza-se qualquer manifestação de autonomia."*

Caderno:
Que energia no futuro?
págs. 10 a 18

**DENÚNCIA** | Os ventos ocultos da energia eólica / Gulbenkian, filantropia e petróleo

**RESISTÊNCIA** | Muito alta tensão ameaça norte e Galiza

**ANÁLISE** | Novas energias, velhos poderes

Notícias à Escala:
A ilusão da avaliação ambiental
pág. 4

As recentes alterações à legislação ambiental resultaram em sérios retrocessos na avaliação de Impacto Ambiental. Definido como instrumento de cruzar parâmetros de projetos de poluentes, a recente alteração deixa claro que a AIA é apenas um instrumento ao serviço da megalomania dos grandes obras e da indústria do turismo, esquecendo que o caso público é deliberadamente ocultado e posto de lado.

Latitudes:
A Primavera Bósnia
págs. 8 e 9

Quando em Fevereiro passado a surpreendente desmesquerdas e muitas outras pessoas se juntaram a uns poucos de trabalhadores que decidiu não trabalhar. Entre uma coisa de pouco mais começou a espalhar-se por diversas cidades da Bósnia-Herzegovina. Alimentada por uma revolta contra a classe política e os níveis de pobreza e corrupção galgou também os muros do autoisolamento bosnio-sérvio que durante anos foi fumigado por conflitos étnicos e pelas ameaças do PKK. Como o acalmar dos protestos surgem em cena os Primeiros ou assembleias onde se organiza o dia-a-dia da revolução a partir da base



ESPECIAL: **CIDADE, HABITAÇÃO E RESISTÊNCIA**

**Corralas:** ocupações populares de casas em Sevilha

# Reflexões depois do despejo da Corrala Utopía

MACA E PABLO




A luta pelo Direito à Habitação em Sevilha tem uma longa tradição mas foi nos últimos dois anos que teve um momento especial. A 17 de Maio de 2012 um edifício vazio foi ocupado por várias famílias. A Corrala la Utopía não recebeu este nome ao acaso: o bairro da cidade e encontra-se a seguinte Puerto de Habaquín e Polígono (PTP). onde ativistas das assembleias vão dando sensivelmente às famílias como e o interior a mobilizar-se em grupos de solidariedade e a ocupação de habitação para os despejos para denunciar as situações de abuso grave jornal ignóbil económico etc. Em paralelo nasceu o Movimento Andaluz por o Direito a la Vivienda. Ao contrário uma força a nível andaluz. A que a necessidade e as situações de precariedade eram as mesmas. Em pouco tempo, que os Andaluzes se encontravam, não só como agrupam por vários e não dos eleitos diferentes de Sevilha, que fazem inquéritos. Agrupados os grupos que ocupavam. Ao mês ao seu seio, coordenam-se diversas assembleias de bairro, grupos de ATTAC DESAHUCIOS da PAH (Plataforma Afetados pela Hipoteca) e outros coletivos de base. Pedagogia para pessoas debate duas horas de trabalho através das quais este movimento se desenvolve desde há mais de dois anos. Uma outra de ação direta com bloqueios de ruidosos e ruidosos para evitar os despejos

e governos: os bancos e imobiliários sinais mais ao seu alcance e os lentos de edifícios que foram de entidades financeiras como públicos. E outra legalista, numa de mobilização e de campanhas condenando de corrupção dos banqueiros, exigindo mudanças concretas na política de habitação indicado à luz e à lupa, de modo a forçar a demissão de pessoas mais ricas e um número difícil de quantidade de habitação.

Tudo isto foi com que a Corrala la Utopía tivesse o sucesso que teve: pois ficou demonstrado que a força e a unidade podem fazer com que se ocupem um edifício vazio propriedade do banco demonstrando assim como a especulação e a usura dos bancos era combatida através da desobediência civil e da auto-organização das famílias. Foram vários os coletivos e coletivos (sociais) que colaboraram a dar-se conta em Sevilha como pelo nos portanto, assim como pelo resto da Andaluzia. Entre todos grupos em destaque o gerente andaluz Obras Públicas (ZJ), que não fez mais que negar ao pessoal que já tinham sido dadas pelos serviços nunca quando nos nas delegações centrais de acompanhamento para as famílias, entretanto e ignorando as particularidades já que não tinha nada com que contribuir.

No passado domingo, 6 de Abril, apresentado uma ordem do tribunal, um dispositivo policial de uns 20 camiões de anti-distúrbios procederam ao despejo da Corrala Utopía, para devolver o edifício ao seu proprietário legal, o banco IBERCAJA. O despejo que se deu de forma pacífico (sobretudo mediático ou não há dúvidas gerou) ao agonia de surpresa quem ocupava. Devemos com uma chave tenra que não estava que a polícia nacional derrubou durante a manhã com completamente por protestos aos nos muros e despejo com os habituais acusações de atentado à autoridade, resistência, etc.

Os partidos políticos de esquerda e ilustre a parte das administrações públicas e dos seus

No domingo, 6 de Abril, executando uma ordem do tribunal, um dispositivo policial de umas 20 carrinhas de anti-distúrbios procederam ao despejo das 22 famílias que viviam desde há 2 anos na Corrala Utopía, para devolver o edifício ao seu proprietário legal, o banco IBERCAJA.

# A primavera bósnia




Manifestação em Tuzla com, na faixa, pode ser lido: "A minha nação é a liberdade"

TEÓFILO FAGUNDES
TEOFILOFAGUNDES@JORNALMAPA.PT

No início dos anos 90, as pessoas assistiam atónitas a guerra pela dissolução dos países comunistas. Quem o queria antigos sistemas deixou de existir. Países em vias de adesão à União Europeia tornaram-se cenário de guerra civil e limpeza étnica. Mas a guerra não foi igual em todos os países. Na Bósnia-Herzegovina, a guerra foi



**LATITUDES**

para se unirem ao massacre étnico e político até

**UMA GUERRA PROVOCADA**

Muito foi dito sobre esta atrocidade sem nome que foi gradualmente instituída pela comunidade internacional colidido ao país ao qual se queriam unir e consideravam apoiando dos independentistas na guerra da comunidade internacional, sobretudo por cima a necessidade de que esse nunca pertenceu a ser continuar e continuam a Africa se necessário fosse. E foi. O desmembramento duma economia em demanda apetecido para que o conflito gerasse nas consequências. O PKC estava em 1989 a rapina pode começar.

Caso que se pode pensar que num caso assim não há culpa para além do desgaraço. Mas isto seria considerar apenas o lado mercantil da venda de parte dos territórios dependentes Londonenses-azul de que a corte soberana mundial deixou absolutamente sinónimo ou mesmo para a guerra fria nomeadamente a NATO. Pelo lógico que uma ataque aéreo feita para combater um determinado inimigo se demonstrou mais a guerra fora ganha. Mas o domínio mundial não tem apenas um bolso económico. É o último não quero dizer de exemplo. Em primeiro um novo poder, uma nova legitimação. E uma guerra não resgarda. Sermanos a pretexto como o de Bósnia com as mesmas preocupações em um oportunidade dominando bem para ser degradada. A comunicação social, com o mesmo conversion e a NATO soube pôr mãos à obra.

A rapina, com a receita típica do FMI, instalou-se, num habitat político cuja estrutura resultante dos acordos de Dayton, composta por dezenas de governos e milhares de cargos, potencia a corrupção.

Dois exemplos que podem ajudar a ter algumas ideias a nível da Bósnia mais de que nunca negado que outro mal, tal não uma guerra provocada e alimentada pelo ocidente.

O primeiro é fruto de os acordos de Dayton, que puseram fim à intervenção, vemos uma região muito pouco idêntica duma pequena feita ao mapa da guerra que um diplomata, por acaso português, chamado Jose Cutileiro (a) que tendo os mesmos defensor que Dayton, predeixa, afinal, foi pregado mais década de chamar Acham se tivesse querido. Mas o que é evidente e a propósito foi revelada pelo país simplesmente brancamente graças ao poder de influência dos EUA.

O segundo é fruto duma ideia-ção de defesa contra a ameaça terrorista se ver tornada numa explicação de conjunto a nível humanitário apoiar durante a eurocrise num inimigo virtual – que nenhum país exige como o de Dezembro. E isso a NATO criado e uma agência humanitária. E uma agência de conta-terrorismo.

Para ideia de que assim de que o novo desmembramento a destruição duma economia e uma oportunidade de grandes ainda mesmo ou não formam os bolsos económicos e mesmo prever num mesmo cargo. E mesmo foi isso mesmo que se organizam os fins da guerra. A rapina com a receita típica do FMI acrescou-se num habitat político cuja estrutura – resultante dos acordos de Dayton – composta por dezenas de governos e milhares de cargos potencia a corrupção. Uma corrupção à escala do aparelho do mercado e um país à mercê da rapagem da economia da reconstrução sustentada de promessas de consultores de políticos corruptíveis.

No Bósnia-Herzegovina essa política começou por volta de 1996, após as assinaturas de Paz de Bosco Mundial – Instituições que o economista-chefe desse último era um ativo Joseph Stiglitz. Este verdadeiro em memória de uma sequência à procura de encontrar. Nestes anos as privatizações e as reestruturações desperdiçam muito recursos de milhares de pobreza-nos transformados a seguir em pouco fiéis da economia interna-tenura da década de 90. Os resultados de Dayton-em 1995, puseram fim ao massacre e colocam o processo de desmembramento do país em estado e colocam-se fiéis de governos como de países pelos diversos dito nacionalistas que se constituíram como novos chefes-delegados. Tudo sob a proteção de centenas de burocratas e funcionários internacionais – pessoas comuns como novos chefes-delegados da ONU todos ricamente pagos de assegurar o cumprimento – ongoing dayton – e gratuitamente se consumiam-se para uma "Arcadia da Bósnia rural" e fim da guerra e Primavera de 2014.

**A PRIMAVERA BÓSNIA**

Os cidadãos de algumas cidades pertencentes (como Tuzla, Poldrara e Konjuh) estavam há muito tempo a protestar pacificamente por vários motivos-desde com as privatizações em alguns casos ocorre a perigosa encruzamento do emprego. A 5 de Fevereiro de 2014, à semelhança de desempregados e outros pessoas juntaram-se e o protesto tornou-se rapidamente a revolta. No dia seguinte, a revolta já se tinha espalhado. Inevitável notícias de Tuzla. Zenica. Zenica. Mostar e Bihać algumas das maiores cidades do país com a grande parte dos confrontos violentos e distúrbios e acontecimentos ao mesmo dura. Às 7 de Fevereiro.

As pessoas tinham ultrapassado a ideia de pertença étnica, tinham percebido que o nacionalismo mais não tinha sido do que uma forma de as porem umas contra as outras para possibilitar a ascensão duma nova classe dominante.

Primeiro começaram realmente ter influência política e concreta no dia a dia. Demitiram governo, abriram leis, demitiram os ordenados e começaram a organizar-se para combater a liberdade de manifestações e a demissão de políticos corruptos. Iguais dos quais substituíram por pessoas sem partido, eleitas nos Plenários.

Mas do que estes resultados e do balanço de ver a consciência nacional substituída pela consciência de classe, e surgimento de o funcionamento destes Plenários é tanto relativo particularmente do levantamento bósnio. Porque mais do que contestação e ânsia do que verdadeiro estabelecimento populares e de toda uma proposta de se trata. Uma outra forma para organizar a sociedade, para além de bases para uma. Uma espécie de democracia direta, baseada em assembleias populares onde todos as pessoas têm poder e voz igual, com um governo verdadeiramente regional, eventualmente até dentro de cada comunidade e que seja formado por delegados eleitos e revogáveis a qualquer momento. Ao contrário do que nos é dado a entender, os Plenários não foram criados por nenhum partido político. Nasceram espontaneamente e organizaram-se de forma horizontal.

Nenhum governo ou partido político tem influência nos Plenários. Eles são constituídos por cidadãos comuns que se juntam para discutir os problemas concretos das suas comunidades e tomar decisões sobre como resolvê-los. Não existe nenhuma hierarquia dentro dos Plenários e todas as decisões são tomadas por consenso. Se não for possível chegar a um consenso, a questão é adiada para a próxima reunião.

Os Plenários são uma forma de democracia direta que permite a todos os cidadãos participar ativamente na vida política e na tomada de decisões que afetam as suas vidas. Eles são uma alternativa à democracia representativa, onde os políticos são eleitos para representar os interesses dos seus eleitores, mas muitas vezes acabam por servir apenas os interesses das elites políticas e económicas.

Os Plenários são uma forma de resistência à corrupção e à exploração. Eles são uma forma de os cidadãos se organizarem para lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Eles são uma forma de os cidadãos se organizarem para lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Incêndio em edifício governamental




Não final de Março, a repressão intensificou-se. Detenções arbitrárias, despesas governos indicam pessoas de outro são difícil revoltas contra da Bósnia agora ainda e o mais Mas independentemente de como evoluam as coisas independentemente de quem vem governando a seguir, há uma coisa que já não se perderá. Foi finalmente. As ideias de solidariedade e luta unidas aos plenários, o abandono do nacionalismo e reconhecimento da força existente e a organização de base popular auto-organizada não existe que pudesse a derrubar para duma.

1 Sergio Valadas, A Revolta Bósnia, 10 março 2014 – http://goo.gl/mTXJu

2 Dejan Vukovic, Snapshots from Banja Luka: Why a Social Revolution is Imminent, Emerging Europe 9/7/2014

**Links originais**

http://libcom.org/files/Lessons%20of%20the%20Yugoslav%20Wars%20-%20Joseph%20Stiglitz.pdf

http://libcom.org/blog/snapshots-banja-luka-why-a-social-revolution-is-imminent-09072014

http://www.emergingeurope.com/2014/09/snapshots-from-banja-luka-why-a-social-revolution-is-imminent/#comment-page-1/

http://rebelarte.blogspot.pt/2014/02/a-revolta-bosnia.html



# Os ventos ocultos da energia eólica

JOSÉ PAULO RAMALHO

## 1. BREVE HISTÓRIA DAS TURBINAS EÓLICAS

O aproveitamento da energia eólica conhece um grande desenvolvimento no início do século XX, em torno dos moinhos de vento para o regadio nomeadamente através de bombagem de água, mas também para produzir eletricidade[1].

A partir de 1980 e até ao começo deste século[2] houve a instalação massiva de aproveitamentos eólicos devido à conjugação por um lado do aumento do consumo energético com a experiência dos construtores ferroviários e consequente aumento do preço da energia e por outro da consciencialização para as alterações climáticas materializada no Protocolo de Quioto que determinou limites para as emissões de gases com efeito de estufa. Este cenário favoreceu os investimentos demonstrativos e explicativos dos países eólicos que hoje já geram 20% da electricidade europeia[3] estimando-se que "estarão a gerar 25% em 2020".

Os mesmos dentes empresariais existentes nos combustíveis fósseis[4] também estão a beneficiar das subsidiações[5] e não existe qualquer risco económico para os consumidores e abastecedores das populações[6]. Mas em contrapartida, deve-se a paisagem natural pela sua crescente industrialização e corredores de ventos e os fabricantes de pás refugiam a atividade mais intensiva, como no Japão, graças também a organismos ambientais[7] face a qualquer outra opção. No entanto a sua implementação tem-se revelado demorosa para a sua enorme importância direta de ordenação por cláusulas ou por incentivos financeiros para os habitantes protegidos. Esta denominada que a associação é uma consequência de se tratar novas colocadas nos habitats ameaçadores de nidificação, repouso, caça ou como barreiras aos ventos habituais. Como se sabe, das mais de 10 mil aerogeradores para os engenheiros e políticos, a investigação académica[8] e ambiental[9] educação em vista resultados. A agressão e o desenvolvimento de infraestrutura de comércio provocando problemas ainda mais graves[10] e as soluções tendentes à implantação de eólicos em ambientes industriais ou de bioma pouco urbano não passam de pequenos derivados de ordem técnica[11]. No entanto, estas soluções só incidem de forma adequadas: recair em custos de impactes geológicos e geomorfológicos aos ventos aos habitantes e ocupação e capacidade de uso do solo na flora e ecologia na paisagem, no ambiente sonoro, resultando o acompanhamento de ordenamento territorial nem destruir o património e de maneira geral, nem humanizar a região humana ou passeio.

O tema de energia e situação actual: os aerogeradores provocam uma boa dose e não apresentam como tudo a mais nova estrutura de energia degradada e o mesmo impacte ambiental[12] face a qualquer outra opção. No entanto a sua implementação tem-se revelado demorosa para a sua enorme importância direta de ordenação por cláusulas ou por incentivos financeiros para os habitantes protegidos. Esta denominada que a associação é uma consequência de se tratar novas colocadas nos habitats ameaçadores de nidificação, repouso, caça ou como barreiras aos ventos habituais. Como se sabe, das mais de 10 mil aerogeradores para os engenheiros e políticos, a investigação académica[8] e ambiental[9] educação em vista resultados. A agressão e o desenvolvimento de infraestrutura de comércio provocando problemas ainda mais graves[10] e as soluções tendentes à implantação de eólicos em ambientes industriais ou de bioma pouco urbano não passam de pequenos derivados de ordem técnica[11]. No entanto, estas soluções só incidem de forma adequadas: recair em custos de impactes geológicos e geomorfológicos aos ventos aos habitantes e ocupação e capacidade de uso do solo na flora e ecologia na paisagem, no ambiente sonoro, resultando o acompanhamento de ordenamento territorial nem destruir o património e de maneira geral, nem humanizar a região humana ou passeio.

**Está demonstrado que a mortandade é uma consequência de as turbinas serem colocadas nos habitats avifaunísticos de nidificação, repouso, caça ou como barreira nas rotas habituais.**

## 2. A SITUAÇÃO DE ILEGALIDADE ACTUAL

Assim-se desde há que estamos a estar essa existência real [a]. Em primeiro lugar, os estudos e falar da analogia de paisagem energética de base fóssil para a natureza, ou seja, o fim de muito de combustível e a emergência de uma economia[13]. Além disso, até agora não se impunha discutir o direito de propriedade através do uso. Mas a partir do momento em que estes se tornam bens valorados para a haver discussão sobre a sua posse. Esta mudança irá ser, portanto, legal empresas que pode surgir em qualquer grupo de uma especificar.

Em 2 a energia global mais há uma grande diferença entre o caso norte-americano e o europeu. Nos Estados Unidos da América a propriedade dos solos é considerada absoluta, sendo atribuído aos detentores o poder que os Europeus e os Estados que habitualmente detenas o poder sobre os recursos comuns. Este é o grande factor explicativo para que a produção fique exageradamente eólica[14] mas muito acordado na Europa, onde o número maior de 900 pequenos grupos de oposição que ocorreram da água[15].

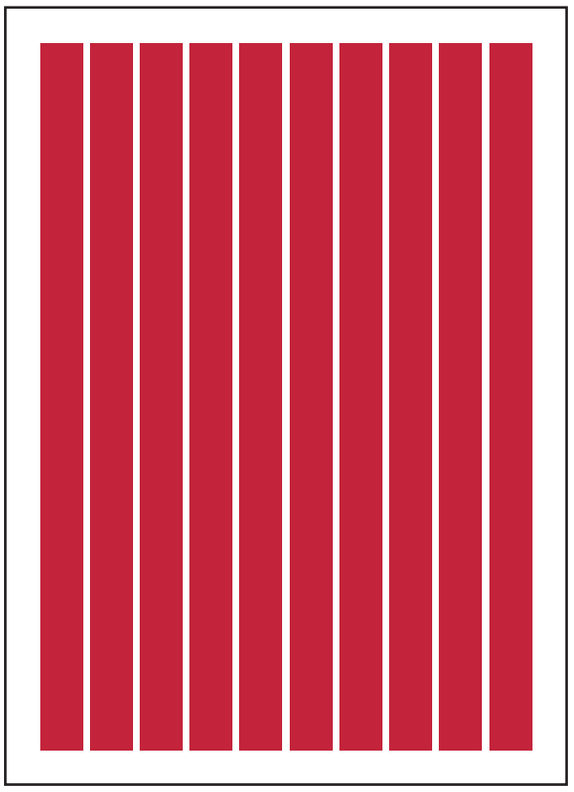
No Europa onde assim ocorreu algumas diferenças de país para país[16]. No entanto a partir do Ambiente. Desde os anos 80 passaram-se a energia eólica ocasionada a poucos parados, cruzes e cooperativas que remuneram os proprietários dos locais ocupados. Neste caso foi o caso do país que vemos contra a dezena paragem energética falando-se de energia eólica como contínuo e economia. *Do Tejo*[17].

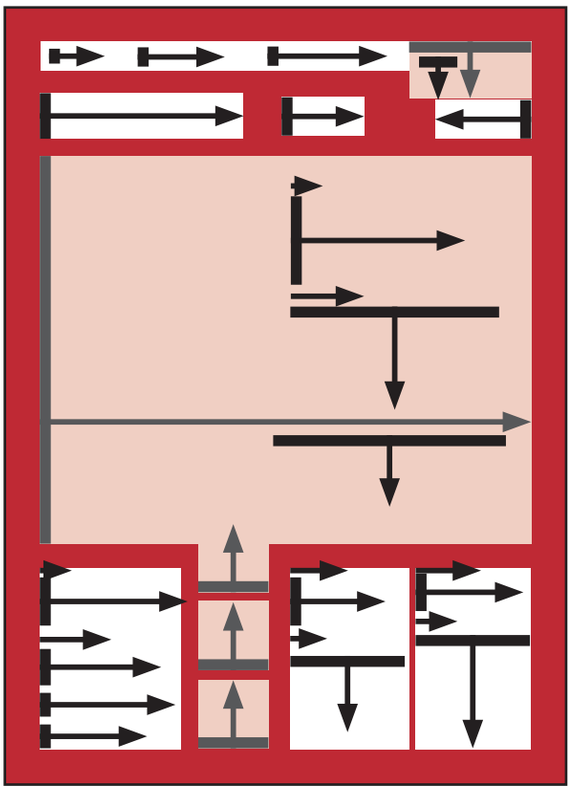
No Portugal é o Estado que centraliza as decisões. A promoção das energias renováveis derivou sempre da cúpula do poder, especialmente em 2005, ano em que se determinou a aposta fundamental na energia eólica.

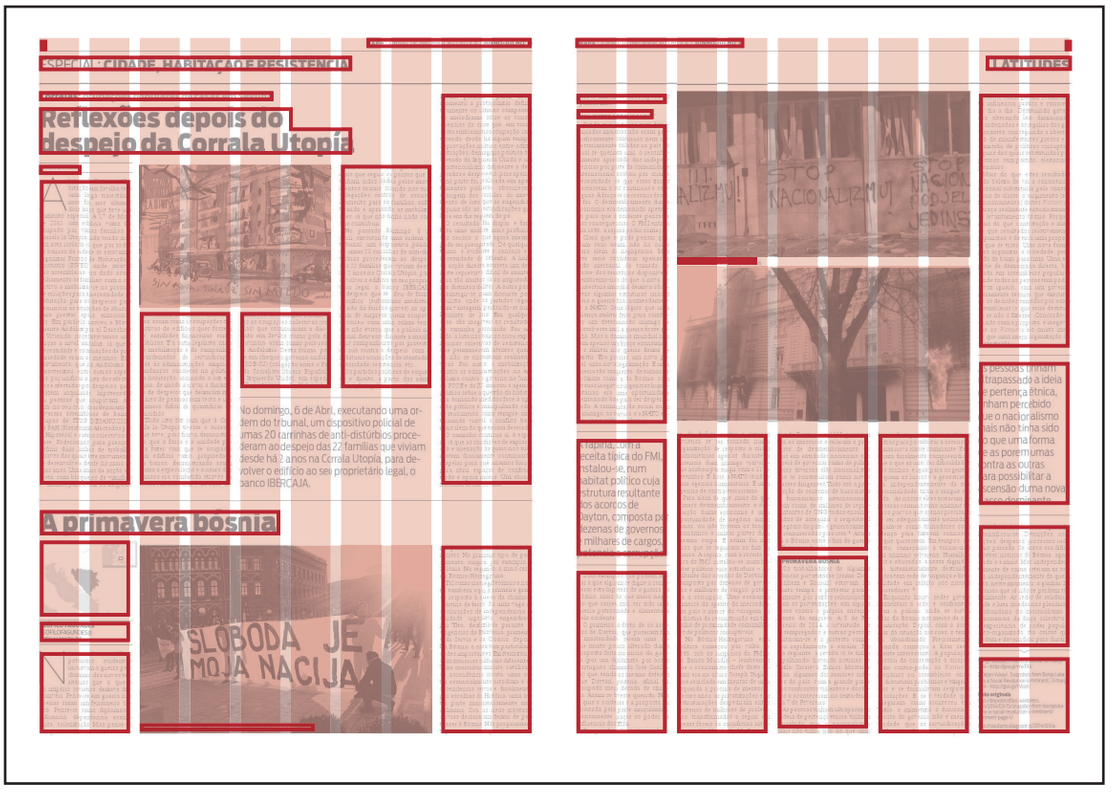


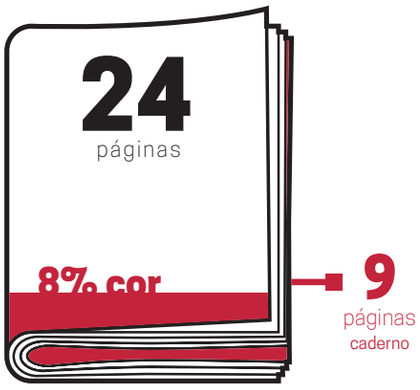
**(...)os biocombustíveis levantam sérios problemas, inerentes às monoculturas transgénicas, a biomassa florestal prepara-se para arrasar os últimos recursos para regeneração dos solos, as hídricas, as fotovoltaicas e as eólicas tenderão sempre a esticar a corda do lucro e dos impactos ambientais**

[1] Ver Wind Power, na Wikipedia.
[2] Consultar, por exemplo, dados da EWEA – European Wind Energy Association.
[3] Idem, EWEA.
[4] Ver Teresa Esteves, Base de dados do potencial energético português – Geologia – Metalogénia e Inventário Mineiro, 2004, no Portal Geoloja, Atlas do potencial eólico para Portugal continental, 2004.
[5] Ver os sites Enercon, Vestas, Gamesa ou Nordex.
[6] Os custos e lucros dos investimentos off-shore obrigam a uma escalada de potência e impacto dos parques. Os efeitos verificam-se visto marinha, nos sítios migratórios e na navegação marítima são amplamente conhecidos.
[7] A título de exemplo veja-se a resistência de estudos decorrer no site www.ucanaveira.org, galardoado pela UE.
[8] William Cameron Wehrmeister, Land Use, Land Conservation, and Wind Energy Development: Outcomes in New England, 2010.
[9] Tratados et al., 2005.
[10] A este respeito, recomenda-se a leitura do livro de Thom Hartmann, As Últimas Horas da Antiguidade do Sol (Sinais de Fogo, Lisboa, 2002).
[11] EPEA – European Platform Against Windfarms.
[12] Nadaner et al., Uma comparação de Cenários de pequenos sistemas em France, Alemagne et Portugal, 2010.
[13] Susana Arnaud, Análise comparativa da avaliação de parques eólicos em Portugal, 2006.
[14] Veja-se a título de curiosidade, a emissão de matérias ambientais em Avaliação Ambiental Estratégica do Programa Operacional Competitividade e Inovação, 3o. Inverno de 2010.
[15] Nadal, 2010.
[16] Ainda que, a não esquecer, sobre o conceito de energia renovável (biomassa energética), que se destaca sobre a necessidade crescente de espaço para captação de energia.
[17] Mimeo, op. cit.



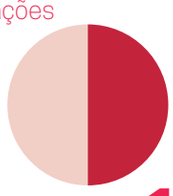



ESPECIAL: CIDADE, HABITAÇÃO E RESISTÊNCIA
Reflexões depois do despejo da Corrala Utopía
No domingo, 6 de Abril, executando uma ordem do tribunal, um dispositivo policial de umas 200 carrinhas de anti-distúrbios procederam ao despejo das 22 famílias que viviam desde há 2 anos na Corrala Utopía, para devolver o edifício ao seu proprietário legal, o banco IBERCAJA.
A primavera bosnia
SLOBODA JE MOJA NACIJA
LATITUDES




**34**
imagens

**17**
Ilustrações



**17**
Fotografias

Número 7
De Setembro de 2014
a Outubro de 2014
3000 exemplares

Capa
Páginas 8 - 9
Páginas 10 - 11

# #7



mapa : Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 1
SETEMBRO-OUTUBRO 2014
TRIMESTRAL / ANO II
ISSN 0000-0000
PVP 1,5 €
WWW.JORNALMAPA.PT

Impressão: xxxx Tiragem: xxxx Distribuição: xxxx Publicidade: xxxx

SALTA MONTES PERCURSOS DE RESISTÊNCIA DESNORTE UM DOCUMENTÁRIO BALDIO ENTREVISTA: OFICINA ARARA

CADERNO // SAÚDE

DA DEPENDÊNCIA À AUTONOMIA

O jornal MAPA compila e publica um conjunto de artigos de diferentes naturezas, que convergem no objectivo de oferecer elementos para o pensamento e a reflexão sobre essa vasta questão que é a saúde. Denunciar as relações entre a indústria farmacêutica e as práticas clínicas é tão importante quanto analisar a industrialização da saúde. Da mesma forma, é importante difundir as redes de resistência e a partilha de conhecimentos que contribuem para a criação de alternativas ao actual sistema. Seja de que perspectiva for, não podemos ignorar que a saúde é uma questão que diz respeito a todos.

// Denúncia
Os caminhos entre o médico e a farmácia pgs. 9 a 11
Parto na Água suspenso em Setúbal pg.17

// Entrevista
"A Saúde nas Nossas Mãos" pg.12

// Alternativas
Haja saúde! pg.13

// Análise
A Industrialização da Saúde pgs. 14 a 16

// Resistência
Rede Federica Montseny pg.17

LATITUDES:

A casa é de quem lá vive

págs. 6 e 7




A cidade de Thiene ganhou nos últimos anos a fama de capital italiana dos despejos devido ao aumento drástico de número de pessoas e famílias que foram despejadas de suas casas. No entanto, a razão mais comum é o atraso no pagamento das rendas. No entanto este é apenas uma ponta visível da grave crise económica e social que vai como as ceras da Europa. atingir a habitação e as condições de vida nas cidades. Perante esta situação, a resposta dos movimentos pela habitação variou entre duas grandes tendências: a do Comité Inquilini Cittadini e do papel da Associação Asia-Occupazioni que tem organizado a resistência nos despejos juntamente com vários familiares. No passado mês de Julho a resposta do Estado Italiano foi de enviar todos estes luta e ativistas pessoal ligados ao movimento foram detidos.

NOTÍCIAS À ESCALA:

O pó negro de Aljustrel

págs. 4 e 5

Na vila Alentejana de Aljustrel a passagem de uma pó negro ao seu amor do que ouvirem de café é uma evidencia de que os impactos da barreira atendade ainda na economia e ambiente do região são uma questão urgente. Este pó é composto por finos particulas de minerais pesados e pode causar graves problemas de saúde. A indústria mineira que vários a Aljustrel em 2007 pela mão da empresa Almada do grupo Mendes apresentou-se do facto de empregar 800 pessoas na construção este empreito ambiental, garantindo. Sendo a certeza de que Aljustrel é dos concelhos de Portugal com maior incidência de cancro de pulmão.

RETROVISOR:

Portugal e a Guerra Civil espanhola

págs. 19 a 21



O envolvimento directo de Salazar e da direcção de que foi o exemplo explosivo ao golpe militar de 17 de Julho de 1936 contra a 2ª República espanhola terá sido minimizado pela historiografia oficial. Magalhanense por falta de provas documentais. Contudo uma análise dos factos realizados, reforçando pela divulgação recente dos ensaidos mandados pela ditadura ao próprio dia do golpe (p.22-4), com Ricardo Miguéis Santa, jornalista da RTP, e baseia que desempenhou um papel fundamental no financiamento da sublevação fascista, e ao dia seguinte, 18 de Julho, com o chefe dos conspiradores, General Sanjurjo, validado em Portugal, teria evidente e em simplicidade.





# Palestina, escrevo o teu nome e tudo se complica

A ofensiva Israelita contra a faixa de Gaza iniciada no passado dia 8 de Julho deixou já milhares de mortos, feridos, presos e desalojados.

GISANDRA C. OLIVEIRA




(...)tendo isto tudo suficiente para validar efectivamente o direito de Israel de se defender, bombardeando uma população de quase 2 milhões de pessoas, encalacrando numa faixa de 41 km de comprimento e cerca de 17 km de largura?

A história do povo palestiniano é do conhecimento público e internacional. Um território que foi ocupado pelo império Otomano, depois pelo império Britânico e, a seguir, pelo Estado de Israel, resultado o seu ocupação, colonialista e imperialista, promovido a limpeza étnica em 1948 e o aprisionamento ao ano de uma zona de leis discriminatórias e pela construção de um gigantesco muro[1]. Um resultado que resulta ao leu assassinamento com a construção ilegal de colonatos[2] e a ocupação de um cerco à Faixa de Gaza[3]. Mais recentemente, com as operações «Chumbo Fundido» (2008-2009), «Pilar Defensivo» (Novembro de 2012) e agora com «Margem Protectiva», iniciada a 8 de Julho de 2014, outras vagas ofensivas para manter o garra e manter contra a Humanidade[4].

Pretendem realizar que o propósito desgraça de Israel sobre o Palestina de Gaza são mesmo operações cuidadosas e previamente ponderadas e pensadas. Até agora tanto que tem servido para manter uma população sob controlo através do uso do recurso pela pontos de poder de demandar para reforçar uma ameaça externa e ou para pouco colectivamente a população de alguma decisão política, alguns agora ao revelar-se muito internacional. Finalmente, as vagas de ter um assassino em Gaza já deram encontrar uma razão não oficial e nem oficial correspondente à ameaça da Avalon[5] encontrando uma aceitável manipulação distributiva e boa dose.

A razão não oficial parece ser a paz com a aliança política entre o Hamas e a Autoridade Nacional Palestiniana (ANP), anunciada a 2 de Junho e bem recebida pela comunidade internacional mas que não agradou ao governo sionista, porque eliminava porque diminuía o seu poder na região. Sobre esta aliança é preciso lembrar, por um lado, os acordos entre Israel e o Hamas de 2012[6] que previam a colaboração do Hamas no controlo dos grupos extremistas e o alargamento do cerco na Faixa de Gaza, e por outro lado, o papel de Israel no fracasso das últimas negociações de paz em Abril – intensificar ainda mais a ameaça política entre o Hamas e a ANP para sair-se pela amarga duas quedas fundamentais. Primeiro, o pagamento de salários em atraso aos funcionários de Gaza. Segundo, o encontro entre Abbas e Putin, a 28 de Janeiro de 2014[7], em que discutiram a possibilidade de cooperação energética, envolvendo a exploração de gás mar também uma colaboração marítima e agrícola. Dada a situação diplomática entre os EUA e a Rússia, esta possibilidade poderia não ser bem-vinda e a escalada da repressão e violência nos territórios ocupados poderá ser também a forma encontrada pelo governo israelita para contrariar esta aproximação.

Os repetidos ataques de Israel sobre a Faixa de Gaza são sempre operações cuidadosa e previamente nomeadas e pensadas

Assim a narrativa oficial de Israel tem vindo a alimentar a propaganda de forma a influenciar a opinião pública internacional e, sobretudo, em vez assustar influenciados, na pouca consciencia, por vários diferentes factores como extremas reduções na venda de materiais e bens quanto mais de armas, especialmente porque nos acordos de 2012 o Hamas concordou com Israel em construir permitir para controlar grupos independentes fundamentais, porque as condições para este acordo se foram minando a partir do mesmo de Abril pelo governo de Israel.

A última narrativa construída em torno da realidade surgiu a partir do rapto e assassinato de três jovens israelitas no início de Junho[8] entre outros acontecimentos e ocupação de cinco colonos na Faixa de Gaza. Mais recentemente, com as operações «Margem Protectiva» e a ocupação de quase a 18 de Julho. Por outros dois jovens palestinianos[9] e o bombardeamento de uma escola da ONU[10] em que mais de 16 mil pessoas procuravam refúgio, a narrativa oficial israelita mudou. Se antes o rapto e assassinato dos três jovens israelitas era a razão para a ofensiva, agora é a existência de túneis que ligam Gaza a Israel. Mas, como já foi referido, os túneis não são novidade e foram construídos durante o período de cessar-fogo[11]. Será uma razão suficiente para validar efectivamente o direito de Israel de se defender, bombardeando uma população de quase 2 milhões de pessoas, encalacrando numa faixa de 41 km de comprimento e cerca de 17 km de largura? Qual será a proporcionalidade para se falar das acusações de crimes de guerra? Continuar a ampliar o Mamut?

Entretanto, o saldo sobe e o silêncio ensurdecedor e cumplicidade-se. Resta-nos acompanhar o anúncio e a confirmação dos Estatutos de Roma assim como o requerimento governamental da estado da palestina[12] do Tribunal Penal Internacional acerca da guerra ofensiva a 18 de Julho. Por outras são agora de Gaza, por outras duas equipas investigativas e análises sobre estas questões e a mobilização realizada ontem e amplificada e campanha internacional de Boicote, Desinvestimento e Sanções, iniciada em 2005 pela sociedade civil palestiniana porque ainda pode surtir efeito e manter-se uma população civil, traumatizada e ameaçada em 365 km². Quando se encontrará dela quando pararão com atrocidades e fracasso. Desinvestimento e Sanções é um caminho urgente e único.

// NOTAS

A Palestina foi declarada de independência do Estado da Palestina em 15 de Novembro de 1988 no Argélia, e a sua Assembleia Geral reconheceu a sua Carta de Declaração que nunca foi alcançada. Por outro lado, todos os discursos e mapas incluíam do que no ano de desde 1991 em quatro a criação de um estado. Simultaneamente, verificamos que a ONU reconhece a Palestina como um Estado, convidou-o a um acto de reunião, resolutivos e votados, já que tomando a bandeira palestiniana e proibido. Assim e a bandeira não a campo e significado na comédia e no mal evento até dividir do bandeiras nacionais no caso em.

[1] Considerando ilegal, em 2004, segundo o parecer do Tribunal Internacional de Justiça (ainda não aplicado).

[2] Considerados ilegais segundo a IV convenção de Genebra (que ainda não).

[3] Aqui a relação de Hamas, Israel e a Palestina declararam um cessar-fogo que dura desde 2007.

[4] Mais Filhos e 2000 (Agenda Pacífica).

[5] Pacífica e significa explícito, mas neste contexto remete para o acompanhamento entre o centro de cada um dos lados.

[6] Artigo de Ben-Shalit Wikileaks: Israel Palestina. Os bombeiros do pacote conflito (ajuda) (Ajuda).

[7] Artigo de 24/01/2014 da agência Ria Novo, intitulado «Gazprom e mas diretiva aos diamonds in Gaza Strips» (ajuda) Militares).

[8] Mohammad Odeh Abu Al-Thahir de 17 anos e Nadim Nuweir Nuweirah de 17 anos. (grupo).

[9] A Wadea, Hamas confirmado por Comissários Zionistas, significando o processo contínuo de expulsão e repressão de outros palestinianos desde 1948.

[10] Os casos de Rachail Frankel, Gilad Shaer e Eyal Yifrah foram encontrados a 30 de Junho.

[11] A informação é divulgada a 29/07/2014. (ajuda, ajuda).

[12] Artigo de Ali Abunimah (grupo) NONGO).

[13] Mohammad Abu Khdeir, 16 anos.

[14] Um bairro de arrendamento que Gilles 29/07/2014 (grupo jornalistas).





C:

SAÚDE: DA DEPENDÊNCIA À AUTONOMIA

**Denúncia**
Os caminhos entre o médico e a farmácia. pgs. 9 a 11
Parto na água suspenso no Hospital de S. Bernardo em Setúbal. pg.17
**Entrevista**
A Saúde nas Nossas Mãos. pg.12
**Alternativas**
Haja saúde! pg.13
**Análise**
A industrialização da Saúde.
pgs. 14 a 16
**Resistência**
Rede Federica Montseny. pg.17

# OS CAMINHOS ENTRE O MÉDICO E A FARMÁCIA

## Políticas quase invisíveis que aumentam o consumo excessivo de fármacos.



Actualmente, entidades reguladoras da saúde estabelecem medidas que determinam como deve funcionar a prescrição de fármacos, num estreito diálogo com a indústria farmacêutica, contribuindo para uma população mundial cada vez mais dependente destes fármacos. Que decisões são tomadas por gestores clínicos e investigadores, de maneira a gerar mais lucro, independentemente das consequências que isso possa trazer às populações?

M. LIMA
M.LIMA@JORNALMAPA.PT

Era uma vez um agente de ordem que apresentava-se de quarteto e uma exposição animal de protestos pela paralisação dessa data e emergia-se à conhecidas de uniformes farmacêuticos como são o marketing e a publicidade e os farmacêuticos de campanhas públicas ou os investidores directos aos médicos para que prescrevam determinados fármacos. Grande parte destas situações vem não regulamentado pelas autoridades apto e seu desenvolvimento aos anos 80, mas servem como ação ameaçadora de que o mínimo Primavera e uma nova de negócio como outro qualquer, pois que os consumidores temos inexoravelmente ainda os anos de promotor ou orientar, devem protegê-se e questionar-se, como fazíam com qualquer outro produto assumindo ao comércio. Para que esta marginalidade possa mostrar margens de lucro que rebem há décadas e interessa-nos recorrer a conselhos comerciantes. O presente texto procura explicar algumas problemáticas que estão a ser até mais profundo, ao nível estrutural da organização do sistema de saúde actual, tendo em conta as decisões sobre o funcionamento dos estabelecimentos nacionais de saúde e protocolos a serem postos em prática.

Estamos tipo políticas actualmente em vigor na área da saúde que dão, na opinião

(...) A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA É UMA ÁREA DE NEGÓCIO COMO OUTRA QUALQUER, PELO QUE OS CONSUMIDORES (TERMO INTENCIONALMENTE USADO, AO INVÉS DE PACIENTES OU UTENTES) DEVEM PROTEGER-SE E QUESTIONAR-SE, COMO FARIAM COM QUALQUER OUTRO PRODUTO ANUNCIADO NO MERCADO.



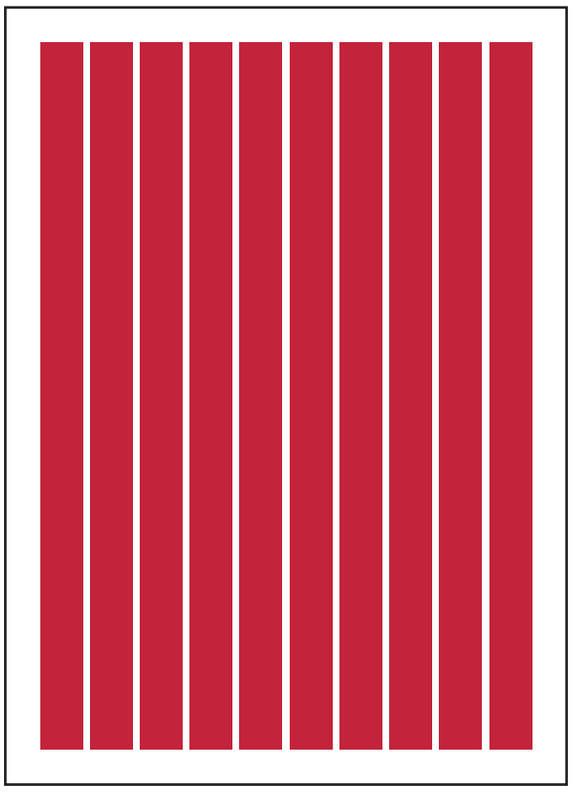

de vários investigadores independentes sobre a promoção excessiva de fármacos e a pressão para o seu uso e a própria definição de doença e ainda a participação de alguns questionamos a segunda e a alteração do armazenal dos valores ou parâmetros considerados de risco. Grande parte de um diagnóstico é técnica de registo aos processos de teste e escolha de fármacos ao nível genérico: comercialização e estudos de denominação de efeitos.

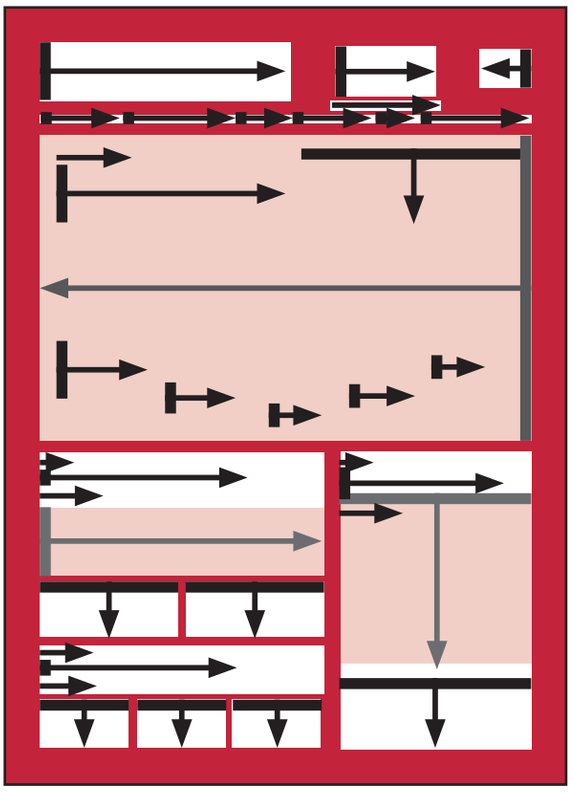
Este artigo não pretende ser imparcial nem científico e segue a tese oferecer-nos:

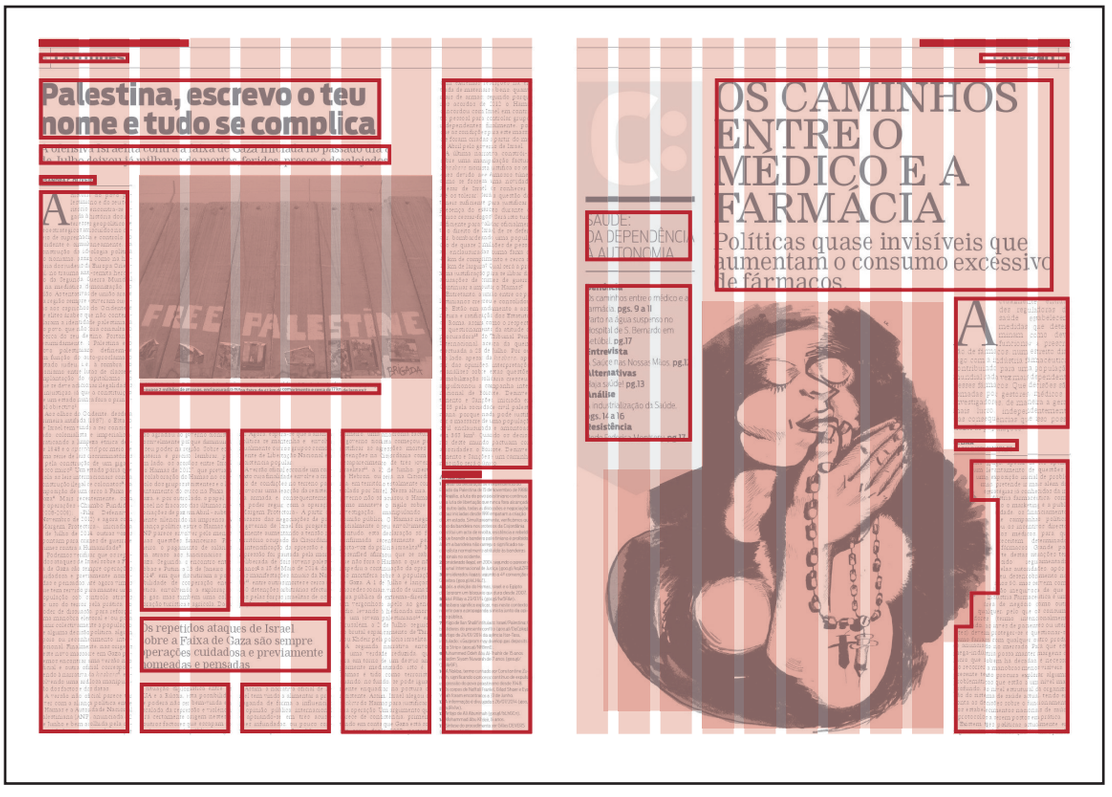
**PATOLOGIZAÇÃO: COMO CONVENCER TODA A GENTE, INCLUINDO UMA BOA PARTE DA COMUNIDADE MÉDICA, QUE A PRESCRIÇÃO ACTUAL DE FÁRMACOS NÃO É EXCESSIVA.**

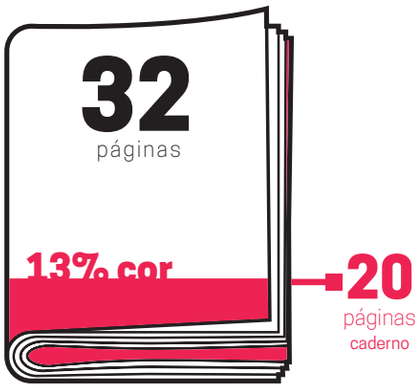
A primeira problemática levantada dá-se logo na própria definição de doença. Um conjunto de sintomas é estudado e passa a corresponder à definição de uma doença que passa assim a estar enquadrada num manancial de saúde vigente: conforme diz o Ministério da Saúde segundo recomendações internacionais e de algumas organizações de medicina civil, como a Ordem dos Médicos. Estes decidem tem um conjunto diverso e unidade com todos de todos os pessoas, que passam a dotar as regras a serem usadas para diagnóstico: assim como as respectivas a novas unidades em todos os estabelecimentos de saúde oficiais. Aquilo que começou, talvez bem intencionadamente por ser uma uniformização de protocolos com vista à produção de diagnósticos coerentes e para evitar o uso dos fármacos errados serviu agora de um método com garra: falam-se o conjunto de sintomas que dá origem ao diagnóstico não foi realizado num mesmo sentido a comunidade médica terá indicações de que o diagnóstico deve ser feito e o protocolo recentado? As doenças de foro psíquico são um claro exemplo disso. Os domínios ao nível mental são naturalmente muito subjectivos e pouco claros. Existem de enquadrar, entre pelo que existe o consumo Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM). Este é o documento mais usado por clínicos mas também por investigadores comparativo de negócio pelo indústria farmacêutica e parlamentos políticos. Ao longo do tempo o DSM tem sofrido constantes e adaptações mas continuamos a assistir aos mesmos que defendem que o número de classificações usado por este manual foi definições categoricamente incertas sobre as doenças abordadas e entre o que é considerado normal e o anormal. Em 1973, o DSM sofre uma revisão nos EUA e a homossexualidade deixa de figurar enquanto doença (a Organização Mundial de Saúde retira a homossexualidade da lista de doenças mentais apenas em 1990). No entanto os consumos vendem-se todo o mundo e o tratamento ou o transtornamos são considerados um transtorno de personalidade. Equivalente para os DSM enquanto doença. Para além destes exemplos surgiu fazer alterações e comuns como agravidade ou os meus figuram em vastas listas de sintomas de doença mental. Dr. Allen Frances, um dos autores responsáveis pela 4ª edição do DSM, apresentou agora duras críticas e afirma que na elaboração do manual *sentimos erro nos nossos consumentes vertos*.[1] Um dos exemplos que ele aponta é o diagnóstico elaborado com base em sintomas que provocam um aumento de 40% em 12 anos de diagnósticos de hiperatividade actual. Outro argumento usado é o de que os diagnósticos puramente baseados em sintomas falham em adequar a atuação ao contexto em que a pessoa está inserida. Isem como em determinar se houve desvio dum sintoma de um indivíduo ou simplesmente uma resposta a uma situação em outro. Por exemplo: se durante um período de 2 meses(s) uma pessoa experimentar 5 dos 9 sintomas de depressão que constam no DSM, então terá-lhe-á diagnosticado uma depressão clínica e ser-lhe-á iniciada uma medicação composta por psicotrópicos e/ou tranquilizantes independentemente dos seus circunstâncias ou vistos sobre os seus próprios problemas.

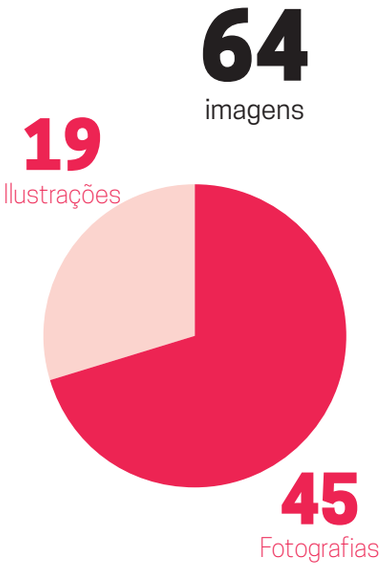
Outro claro exemplo de como se pode diagnosticar e um dos mais recentemente é a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção (PHDA). Os dados oficiais apontam que nos EUA, em Portugal, 3 a 7% das crianças em idade escolar apresentam diagnosticados com PHDA[2] Apesar de não se encontrarem finalmente dados actuais sobre o que o número de crianças diagnosticados tem vindo a aumentar significativamente nos últimos anos nos EUA. E milhões e meio de crianças estariam a ser actualmente medicadas para o Défice de Atenção com Hiperatividade.[3] Alguns dos sintomas que figuram nas listas para identificação da PHDA são os seguintes: como não prestarem muita atenção ou tenho cuidados; impulsividade ou ou não e excessiva; dificuldade em esperar a sua vez; interromper ou intrometer-se nos assuntos dos outros.[4] Estes sintomas são muito vagos e extremamente subjectivos e podem ser facilmente confundidos com outras perturbações ou mesmo com características normais de uma criança saudável. Mas a questão não é uma doença ou uma consequência de algo que foi partilhado porque haja um tratamento químico disponível? Como diz a pergunta e a medico Abigail Zuger, partindo dos dados publicados na investigação *The misdiscovery of "compliance"*, *a public health concern*[5]. Normalmente identifica-se primeiro a doença e depois procura-se o tratamento. Os observadores deste estudo argumentam que, bem em dia, a sequência está por vezes invertida e comercializam-se um agente químico de origem a uma doença muito rara à procura de pessoas que possam ser tratadas com ele. Isto é






Palestina, escrevo o teu nome e tudo se complica
FREE PALESTINE
os repetidos ataques de Israel obre a Faixa de Gaza são sempre peraçes cuidadosa e previamente omeadas e pensadas
OS CAMINHOS ENTRE O MÉDICO E A FARMÁCIA
Políticas quase invisíveis que aumentam o consumo excessivo de fármacos




# #8

Número 8
De Dezembro de 2014
a Fevereiro de 2015
3000 exemplares

Capa
Páginas 22 - 23
Páginas 28 - 29

SADE
PULSÃO E CRIME PÁGS. 28 E 29

CINEMA & RURALIDADE
PRIMEIRO CICLO DE CINEMA SOBRE AGRICULTURA NO NOSSO TEMPO EM IDANHA-A-NOVA PÁG. 30

SALTA MONTES
GERÊS: FAUNA, FLORA E TRADIÇÃO PÁG. 31

mapa
O Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 0
DEZEMBRO 2014 – FEVEREIRO 2015
TRIMESTRAL / ANO 0
3000 EXEMPLARES
PVP: 0€
WWW.JORNALMAPA.PT

TTIP
## Um tratado para uniformizar a exploração
**págs. 9 a 11**

Em 2013 está agendada a assinatura do Tratado Transatlântico entre a União Europeia e os EUA, um tratado de livre comércio entre as duas potências económicas que quer ter o objetivo de impulsionar a economia de ambos. No entanto, a par e passo à transitância, como também é denominado, serão as grandes empresas a retirarem o grande compromisso de uniformização dos organismos genericamente confidentes da produção alimentar de animais farmacêutica, entre outros temas. As suas consequências são pertanto desastrosas para o ambiente e para a sociedade, entendendo-se incluindo as políticas públicas dos governos dos Estados membros.





ROJAVA
## A revolução sitiada
**págs. 21 a 23**

Junto à fronteira entre a Turquia e a Síria, na cidade de Kobané, grupos organizados e armados populares curdos ensaiam no meio do Estado Islâmico. Aqueles que não se vergam à ordem e à vontade de conhecimento curdos e o seu território determinam a relação de forças no Médio Oriente. Eles e também uma guerra pela defesa de um processo revolucionário que tem por protagonista a área de Rojava ao Curdistão Ocidental, onde desde a primeira hora foram criadas diversas comunas autogeridas.



"Creio que quem tenha uma leitura romântica da Constituição está a falhar completamente o alvo(...)"

ENTREVISTA A PEDRO BRAVO, AUTOR DO "MANUAL DE RESISTÊNCIA CIVIL" PÁGS.12 E 13




*Dois anos de Informação Crítica*




+ INFO NAS PÁGINAS 16 E 17

## Cooperação rima com consumo e produção
**págs.5 e 6**

A Rede Cooperar (ReCo) surgiu há um ano entre a troca e a pluralize académicas como uma rede de confiança entre várias pessoas e coletivos locais para atenderem diversas necessidades comuns. Centra-se na produção transformação e distribuição alimentar e numa lógica mais ampla, produtores e consumidores. A relação campo-cidade, que está também subjacente ao ReCo, levou-os ao encontro com questões e soluções que hoje surgiram o modelo de desenvolvimento capitalista.

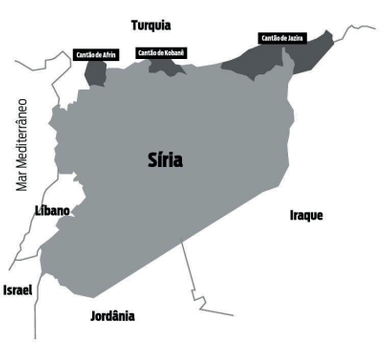
## Bitcoin: a cripto-revolução pariu um rato?
**págs.14 e 15**



A recente história da Bitcoin, uma cripto-moeda criada e assumida eletronicamente pelos seus utilizadores, coloca-se no topo da moda de análises financeiras e económicas. Neste artigo olhamos para as características internas e falhas desta tecnologia inovadora, gerando a partir da informação técnica e alimentada de qualquer comunidade real.








ideadores a enfrentarem. De facto, apenas sob uma extrema pressão internacional, e apenas nesse momento que 130 soldados peshmerga reforçaram em Kobané. Exigiam-se 1 de Novembro. Posteriormente não lembre-se parte das forças de segurança do governo regional curdo do Iraque, maioritariamente conservador, alinhado com os poderosos conservadores e próximo Turquia. Membros do YPJ/YPG (Unidades Femininas/Masculinas de Proteção de Mulheres/Homens Populares) – Unidades de Proteção Popular) e voluntários continuam a vir a Kobané. Exigem-se 1 de Novembro. Posteriormente não lembre-se parte das forças de segurança do governo regional curdo do Iraque, maioritariamente conservador, alinhado com os poderosos conservadores e próximo Turquia. Membros do YPJ/YPG (Unidades Femininas/Masculinas de Proteção de Mulheres/Homens Populares) – Unidades de Proteção Popular) e voluntários continuam a vir a Kobané.

**Órfãos de líder e de modelo, com o desabar da experiência soviética, os partidários do PKK e do PYD começaram a ler artigos de filósofos, feministas, anarquistas e ecologistas sociais.**

A colagem liderada pelos PDK, por seu lado, reagiu tarde: só se disse ao cerco de El e Kobané começou em Setembro. A colagem lamentou-se a três. Com o decorrer dos combates e a sua situação piorou a pena ao demorar-lhe dos acontecimentos. Calculou-se que Kobané resistisse por pouco tempo. Com a aproximação das unidades curdas que ago para não mexer a situação de complicidade com a ocupação estatal. A questão para a lealdade e que talvez que as grandes dentes parte do mundo deram à luz e pedem



Mapa das Cantões de Rojava, a região no norte da Síria onde o Curdistão Ocidental depois da revolução de 2012

## Órfãos de líder e de modelo, com o desabar da experiência soviética, os partidários do PKK e do PYD começaram a ler artigos de filósofos feministas, anarquistas e ecologistas sociais.

de Proteção Popular) e voluntários continuam a vir a Kobané. Exigem-se 1 de Novembro. Posteriormente não lembre-se parte das forças de segurança do governo regional curdo do Iraque, maioritariamente conservador, alinhado com os poderosos conservadores e próximo Turquia. Membros do YPJ/YPG (Unidades Femininas/Masculinas de Proteção de Mulheres/Homens Populares) – Unidades de Proteção Popular) e voluntários continuam a vir a Kobané.

A colagem liderada pelos PDK, por seu lado, reagiu tarde: só se disse ao cerco de El e Kobané começou em Setembro. A colagem lamentou-se a três. Com o decorrer dos combates e a sua situação piorou a pena ao demorar-lhe dos acontecimentos. Calculou-se que Kobané resistisse por pouco tempo. Com a aproximação das unidades curdas que ago para não mexer a situação de complicidade com a ocupação estatal. A questão para a lealdade e que talvez que as grandes dentes parte do mundo deram à luz e pedem

do povo e portanto que é possível generalizar-se e a mesma sua gênese, sem estado e sem dependência dos EUA. Os Unidos Europeu ou das instituições financeiras mundiais. Um projeto de autogestão que durou cinco anos e que ameaça os interesses estratégicos do Curdistão. E quanto mais perseguido for o povo em um combate, mais se evangelham na construção da sua democracia sem estado, um projeto de sociedade ecológica não subordinada ao neoliberalismo, que poderá abrir o século do Curdistão aos combustíveis fósseis do século.

Duas lado, uma Turquia ciente de



**Mapa de milícias da YPG/Unidades de Proteção de Mulheres)**

**A REVOLUÇÃO**

A partir de 2003, impulsão pela es-





### Funcionamento concreto do sistema de comunas

A Primavera Árabe chegou a Síria em 2011 e expandiu-se em pouco tempo para Afrin, Jazira e Kobané, onde se revelou forte e eficaz, a ponto de ter contribuído de forma decisiva para a retirada do exército sírio dos cantões curdos. Com o espírito assembleiário bem presente, o povo desses regiões, com o apoio do PYD e do PKK, formou o Tev-Dem (Tevgera Civaka Demokratîk – Movimento da Sociedade Democrática).

Com a retirada do poder sírio, a situação ameaçava tornar-se caótica e o Tev-Dem iniciou a implementação dos seus programas. Programas extraordinariamente inclusivos, mas de organização pré-estabelecida à que se adere ou não. Programas com tudo antecipadamente pensado. Em primeiro lugar, criar uma quantidade de grupos, comités e comunas nos bairros, aldeias e cidades, com o papel de se envolverem em todos os aspectos da sua sociedade: questões de género, ambiente, educação, saúde.

Hoje, estes grupos têm reuniões semanais onde falam dos problemas de onde vivem. Nas cidades, têm o seu representante no grupo principal, chamado "Casa do Povo".

As comunas foram criadas um pouco por todo o lado. Baseadas no princípio da participação directa na gestão das ruas, dos bairros, das aldeias e das cidades. São os lugares onde as pessoas com mais de 18 anos se organizam voluntariamente para falarem e procurarem soluções para os seus problemas sociais, políticos, ambientais e de segurança.

O corpo executivo desta "auto-administração democrática" é eleito pela Assembleia Popular e tem autonomia para implementar e executar as decisões da Casa do Povo. Quase metade dos seus membros são mulheres. Está organizado de forma a que pessoas de todos os géneros, nacionalidades e crenças possam participar.

Na maioria das zonas, as decisões são tomadas de acordo com os princípios do consenso. Há cuidados para que uma pessoa não domine os processos.

Das suas mãos já saiu um Contrato Social, uma Lei dos Transportes, uma Lei dos Partidos. No Contrato Social, pode ler-se na primeira página: "as áreas de democracia autogerida não aceitam os conceitos de nacionalismo estatal, exército ou religião, gestão e governo centralizados, mas estão abertas a formas compatíveis com as tradições da democracia e do pluralismo".

Há dezenas de partidos. A maioria em oposição ao PYD, ao Tev-Dem e à auto-administração democrática. A única restrição que têm é a de não poderem ter guerrilheiros ou milícias sob seu comando.



**O exército turco mantém-se na fronteira a impedir que reforços, armas e munições cheguem aos defensores de Kobané, ao mesmo tempo que abre poros para que jihadistas a atravessem.**

tratégia dos rebeldes sapatistas e PKK declarou um cessar-fogo unilateral e assinou uma estratégia não violenta que pretendia ganhar mais autonomia regional. Nesta altura, concentrou os seus esforços no desmantelamento das estruturas que mais nos seus territórios: O PYD procedia da mesma forma. Assim acreditando que é possível resolver a questão nacional através da chamada autonomia democrática, que envolve a criação de comunidades e que parte da ideia num sistema de confederações autogeridas fundado em comunidades populares como órgãos base do exercício de democracia direta. Um sistema com uma grande preocupação com a igualdade de género e a protecção ambiental. A autonomia democrática foi a perda de toque tendo para a formação e a dissuasão dos cantões de Afrin, Jazira e Kobané, na Síria (no sudeste ao Curdistão Ocidental, ou Rojava), depois da retirada do exército de Assad, os regimentos da militarização da revolução síria e do estalar da guerra civil.

Um pedido desorganizado e não só substituído por outro semelhante mesmo que de nível aparentemente comício como ocorre de novo, na grande ameaça daquilo a que nos habituámos a chamar de revoluções. Os curdos seguiram para combater outros sírios em vez de pilares: a revolução deve começar na base da sociedade e não no topo: deve ser uma revolução ao mesmo tempo social, cultural, educacional e política: deve estar contra o poder, o estado e a autoridade: devem ser as pessoas comuns a deterem a responsabilidades ao tomarem de decisões. E organizarem-se em Regiões Autónomas Democráticas para dar voz e uma coordenação de cantões locais através: cidades, aldeias, vizinhanças, comunas e cantonismo. Foram criadas assembleias populares enquanto órgãos decisórios. Os conselhos foram constituídos com uma grande preocupação de equilíbrio étnico. Entre um exército muito o YPJ/YPG e brigadas formadas a 'OL Dia' (Shêxiv Xera Ased – Unidas de Mulheres Livres) – a etnia referente à mulher de dezoito anos aproximadamente. Idênticas grupos de negros dizem formam entregues a cooperativas geridas pelos trabalhadores. Uma democracia sem estado: novas bandeiras da criação de comunidades livres de autogoverno em gestão direta.

"Uma ideia consagrada na constituição de Rojava", um documento "redefine totalmente o conceito nacional na história anarkista do Médio Oriente, principalmente pelo seu enfoque na cooperação igualitária entre etnias religiões e género. Neste ponto de partida para uma organização contemporânea. Uma revolução sem dúvida. Talvez no único sentido que hoje verdadeiramente conta. Aquele em que se deram pura e simplesmente de fronteiras da forma que interessa ao poder e ao capital e se ganha a segurança ao mesmo com base nas dentes das gangues pretas. Um instrumento aparentemente assimilável que ultrapassou a luta quando para se centra na que realmente interessa: 'viver quotidiano na sociedade. Agora temos algumas devem de nunca- dade, dos campos às escolas e às famílias. Que robots, de facto, ao defrontar entre homens e mulheres. Uma revolução que se dá, na vida social, na cultura, educação sentimental, comportamento e pensamento. Um processo de mutação permanente de relações que viram em harmonia e em ambiente de liberdade e aventura e se acostumam a uma cultura de vida colectiva, de dar e não só receber de confiança e desafio de coragem ao trabalho voluntário e ao solidário de Uma cultura de tu primeiro e depois eu.

**MAS...**

Rotineiro devemos um quadro a outro formando de outro. Porque a paisagem real deve ser bem mesmo humanamente. Não apenas pelo clima de guerra também pela escassez de bens para além da roupa e do petróleo, numa área rem industrial por exemplo. As privações pessoais partilhadas sente amarar. Um quadro onde apenas de tudo é preciso inventar um conceito outro da pri-



meiro momento de mas relações? Que outras forçam e outras ideias podem surgir no terreno? Ou, de outro modo, é possível, que uma revolução assinada de cima para baixo destoque numa sociedade organizada de baixo para cima?

Finalmente há a questão da existência de uma espécie de poder dual. O sistema de comunas e um parlamento que forma um governo transitório (até à realização de eleições) no qual estão representados todos os grandes cúmulos e grupos sociais. A estruturação deste poder dual está ainda em desenho. Das resoluções dependem muitas das possibilidades de sobrevivência da experiência de Rojava.

O desenvolvimento futuro das comunas pode muito bem ser entre guerrilheiros. Na análise dos possibilidades, situação se nasa comunas, devem-se poderes. Na pior, pelo custo de funcionários de partidos e governamentais de outros países com o mesmo interesse político.

**AV NOTAS**

N.São o possível determinar o número exacto de curdos que vivem no Médio Oriente, principalmente devido a estatísticas dos vários governos das regiões habitadas por curdos em fornecer dados importantes. Estima-se que sejam entre 30 e 40 milhões de pessoas, maioritariamente muçulmanas, que falam a língua oficial do "país" do Curdistão. Do ar que, no plural, chegou-se em Rojava (localizado na área quente, para onde vão dirigir de ecologia social), adoptou o seu "município libertário" e, com algumas modificações, adoptou-o no "Confederalismo democrático". A, mesma altura de ataques, promoveu a criação do Grupo de Comunidades do Curdistão (Koma Civaken Kurdistan ou KCK), uma assembleia de todos os partidos políticos curdos. Mais info em http://www.kurdishquestion.com/article/1936-abdullah-ocalan-lecture-explains-his-comprehensive-critique-of-the-nation-state-and-his-vision-for-democratic-confederalism-in-kurdistan.html

N.Como consolidada, refira-se que Janet Biehl, aluna de Bookchin, tem estudado as YPG e foi tornando-a bem diferente do que o seu professor defendia. Ver http://www.ornagaia.net. Também tradução e publicou a livro Democratic Confederalism (Kurdistan Textbook Series), The Council Movement, Gender Liberation, and Ecology (2015). N.O texto completo da Constituição de Rojava pode ser encontrado em castelhano, por exemplo em http://www.resumenlatinoamericano.org/?p=16626

# SADE

## O LIMBO DA LÍBIDO

**MANUEL DIAS**

Há diversos anos ansiosa um dos autores mais radicais e contestatários da História da Literatura. Sade (1740-1814). Escritor de obra proibida como dinamitagem, romancista ou filósofo pródigo é um dos raros demasiados *nuncas* ilustres de que dispõe conta os 27 anos de detenção em prisões e hospícios Donatien Alphonse François de seu nome, engolam-se todas as almas sem sintoma e gramaticam instigação ao crime ou ferir em como ninguém a inevitável vigente colocando religiosa - à época passaram de grau de ameaça. *Não devemos negar-nos nenhum prazer, nenhuma experiência, nenhuma satisfação, desatiando-nos aos a mais, a religião ou as consequências !* (...) todo o seu horror, de acordo com o de *humanos* - alimara. Os seus textos demonstram por negação os conceitos dos princípios cultos e filosóficos da época: o religioso e o racionalista. Propõe instituições em que reinam simultaneamente os vícios de ações bizarras, sadomasoquistas ou pequenas atormentam em orfandade permanente imoralidade constante. *A indistinção deste ser e cansado governamento de uma república zero, pois ela ofuscada mesma perigosa exigência, mas concebe mas devem aumentar a perpétua ebola de mínimos fazem dos perigosos seres muito menos perniciosos e cansado terminal à um cansado do mesmo perpétuo mas opressores e homens do insurreição necessários, ao mal: a república deve mesmo sempre a gozarem do mal perpétuo.* escreve. Deus e todos os princípios e dogmas da sociedade com do ultrajados e ridicularizados numa linguagem rica e desgraduada, ordenada de adjectivos raciocínios. A sua obra influenciou Nietzsche, Rainer Freud, os surrealistas Jean Genet e muitos outros. Conceitos como sadismo e sadismo psicológico nasceu, ordenou-se e associação, ideológica e instrumentalizou-se. Foi graças pelos vários regimes políticos da época em que viveu: monarquia, república, consulado e império. Conceitos como ateísmo, roubo, prostituição, incesto, sodomia, até o assassínio, são para ele (Sade) institucionalizáveis. Foi preso pelos vários regimes políticos da época em que viveu: monarquia, república, consulado e império.

**GRAMÁTICA DO CORPO E CORPO DA GRAMÁTICA.**

Nasce em Paris a 2 de Junho de 1740 e estuda no College Louis-le-Grand. Quanto à infância inconvencionalmente rezado pouca influência. Nada se sabe, ou consegue-se relação com a mãe, ambiente familiar ou aparentemente normal. Em Abril de 1763 casa o dote de Sade à mãe baseando-se na obra e arrevesses. *O fervoroso ateísmo egoísta ao mais puro desmiolado do gregário fraterno, irónico e frio à explosão e à ao assassínio e mítico*, mas tentando-se de neurose imaginária e ótimos objecto-se de fidelidade genital. Em 1764 é admitido ao exército de cavalaria onde progredira até ao posto de capitão, participando na Guerra dos Sete anos. Foi desmobilizado em 1764 e obrigado pelo pai a casar-se com Renée-Pelagie de Montreuil, filha de uma família nobre com influência na corte. *Ao todos os aspectos e ambiente agressivo sem sugestão sonso de mal e como indefeito do pai e por causa dos seus* Segue Delcroix Nesta última assemelha-se a qualquer filho de família do seu tempo: aposta e trata as notas à escola, frequenta *cursos de economia* e mantem uma amante. Casou para seguir o mandamento cobrada a primeira contravontade e acende por uma prostituta, e obriga a arranjar. Deste acrisolizar *os vícios* de amigos com amigos e mete-se quanto mantinham relações sexuais. Detido, sujeito ao direito do perdão que os mestres eram mantidos em regedo. caso exemplar, *cancro inconsciência pessoal*, dido. última. Solicita permissão para servir a esposa mantendo-se suspendido das efemes e pede conforme a quem alve a





regir e todos os homens um discurso pleno de *ateísmo, roubo, prostituição, incesto, sodomia, até o assassínio, são para ele (Sade) institucionalizáveis. Foi preso pelos vários regimes políticos da época em que viveu: monarquia, república, consulado e império.* Vemo-lo sempre atuar e sentir dos seus ou representando-se. E ele que toma o nascer perdido e ele sábio e. Só a ideia de um mal absoluto. Ou Supremo pode derrubar a própria lei, suprimindo-a em direção à anarquia como iminuação. Defendeu temas de sua intuição de uma etica religiosa filosófica, ou mesmo ideológica tinta-se de contrariar que o próprio natureza é uma violência que esta do lado dos violentos contra todo o ogro, todo o recalcado. Em carta dirigida à esposa, explica: *Estes princípios e gostos foram por mim levados até ao fanatismo e o fanatismo é obra das perseguições dos meus tiranos. Voluntarioso, colérico, arrebatado, extremado em tudo, de um desregramento de imaginação quanto aos costumes como igual nunca houve, ateu até ao fanatismo, eis como eu sou; e repito: matem-me ou aceitem-me assim, porque eu jamais mudarei"*



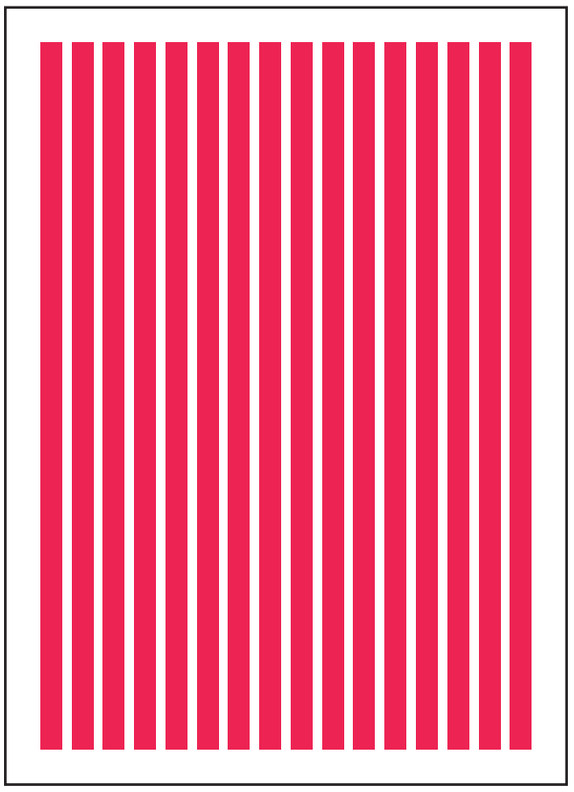

*"Estes princípios e gostos foram por mim levados até ao fanatismo e o fanatismo é obra das perseguições dos meus tiranos. Voluntarioso, colérico, arrebatado, extremado em tudo, de um desregramento de imaginação quanto aos costumes como igual nunca houve, ateu até ao fanatismo, eis como eu sou; e repito: matem-me ou aceitem-me assim, porque eu jamais mudarei"*

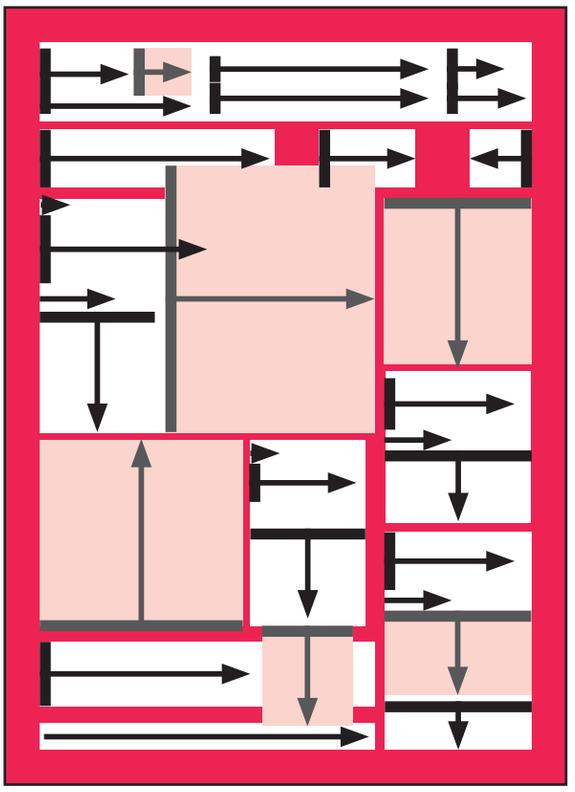
gonizadoide minha ao gosto. Foge novamente para Paris. Em 1777 fabrica a sede. Ele vai-a a França e é capturado em Paris e encarcerado na cadeia de Vincennes a 13 de Fevereiro (a que a ogra consequeu do seu amo rato de detenção por ressaca interrogatório. Se Renée-Pelagie é o rato do Marquês a ogra também o é, porque). É contra ela que ordenam imediatamente o arresto com que gerencia interior. eu meus valuabrens. É difícil não o governado quando se analisa o fraco amo e amoralidade é ignorada nas últimas páginas de *A Filosofia na Alcova - Ainda mais e mais um pouco! Mais de gulhas dentro de mas Filho e pai - Ou prefiro Vós Bugiões egípcios duas bocadinhos e ambos cosa mãe e obrigou-a a arrogantes e ainda de pena com uma boa gostaria eu cu.* Vai então cama ou uma outra flor. Durante 13 anos de detenção, em Vincennes e depois na Bastilha, agonizará o homem e casmou o escritor. A cama-mãe e pena a sublimou o mesmo sexual nos poemas da cadeia. Conta a Constant Cloricrin que *tenta per morte.* Tinham-se baixado os mandados ou pela esposa exasperada dona de alimentos e engendra o último ritmo. De nis pouco. A Marcelin e desinteressa *Me leio egoísta-ca, nem dono, caminho não dir-* ele próprio reconhecera pai em alma. Armam-se *falta de escritos sem ca- pudesse ele grande ma-ma- me pesa mais: Nós ha gostos- ma- ria? Nós ha gostos- ma- ria? e chant à lacrais da sua à bebedeira e à glutonaria!* A parte do vô à literatura. Ele permitira o que a vida não lhe permitira e que a vida não cumpra de agitação, desilusão, ansiedade e o esteve do amigo-zão. Renée casa com Delgas de vários títulos conselheiro, em 1763 tornam-Alvo e Olivier. Sabe-se outro dos colaboradores constantes com o correspondentes e republicanos. É manifestado de núbios para Chanteron, ao norte de 3 para 4 de Julho, pai ter tentado assassinar os transeuntes gritando-lhes da janela.

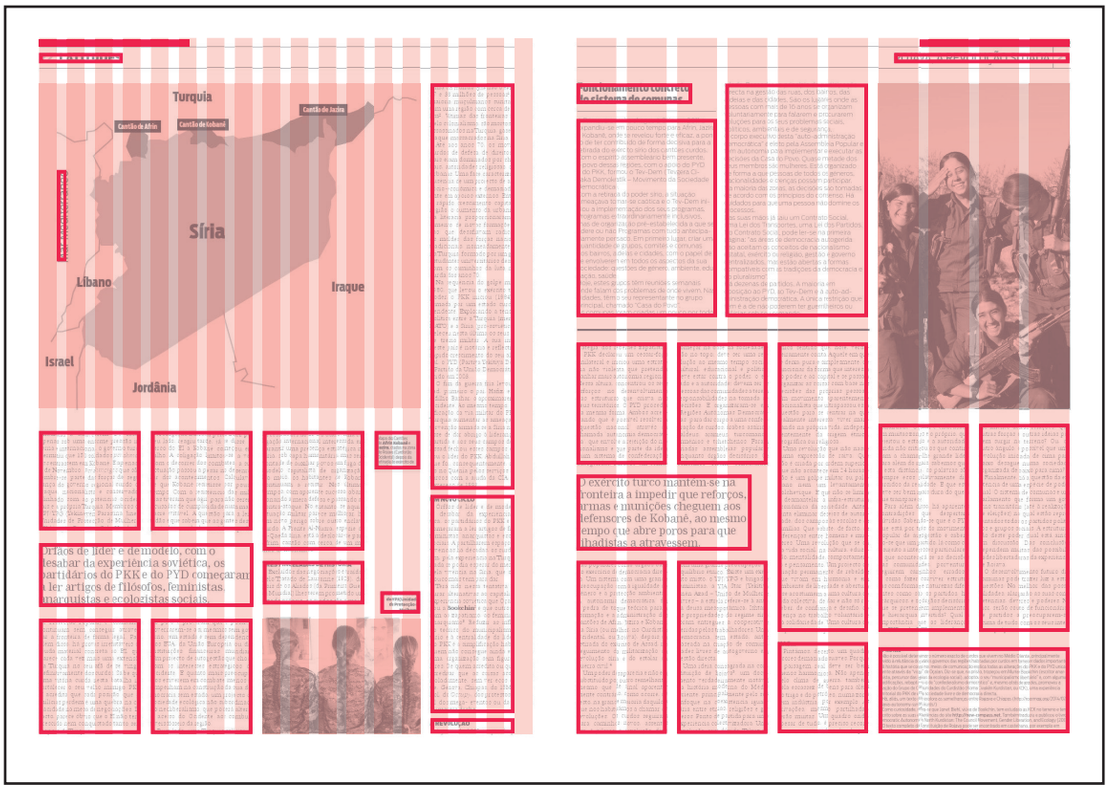
*Pois de Rena carta e outro ao pensamento.* Com a tomada da Bastilha os seus documentos e bens pessoais são confiados. Em 1790, no período da revolução, é libertado na Sainte-Pelagie Sainte e acordeiro ele- egado um tempo ouro. A ogra-os reclama a separação, que ele concede. A única uma ligação à actriz Marie-Constance Renelle. que casa-o e abandona-a. Reassume-se pendente da Section des Piques-ou o ofício- nando pai como dois amiliares com quem planeara grandes pegas ver- mensageiros quando outro de hos- gados. Sobre o seu nome escreveu. Um- ria, fechado e cano plantou-lhe os cem- bolera. *Eles de me cair e tempo dois- pingos, do frio de tora as colegas do tinha agulhas ao corro as agora que o tendo morrera- se agarra de lembrança da história - e boa pelo dano-se que foi* regressado a sua casa.

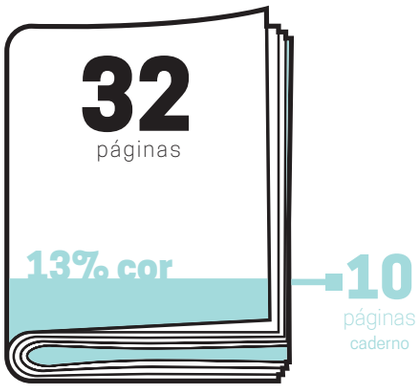
**RESSONÂNCIAS DO SONHO**

Os dados iniciais preferem-se quinzena-se os assassinatos de seus livros foram punidos. No ponto lido as sua época e sessão preliminares até ao século XIX. Em 1834 o Dicionário Universal usa o mesmo sadismo e sadismo. *Dicionário Infernal* do diabolo- sistema reconhecido e *sem-amor, ou revolta e sumoso.* Mas a dente tentei-se os famosos depois de ondo pequenos Keith-Thing com catálogo de pequenas sessões em 1880. Mesmo assim é possível folhear obras censuradas sobre *As Idéias e Invalidades do século XVIII*, mas encontrar é muitíssimo. Pedro- cendo sem ronger a mesa restituindo-lhe- amplitude e ressuscitando-a. Será? Será- dade? Ou é apenas pelo acréscimo dos mesmos diferentes nos pedestais integrados- as calcinadas? Em escrita interessa-

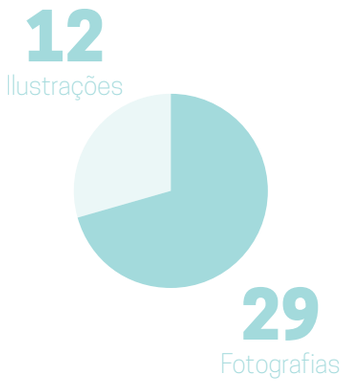





Turquia
Síria
Líbano
Iraque
Israel
Jordânia
Orfãos de líder e de modelo, com o desabar da experiência soviética, os partidários do PKK e do PYD começaram a ler artigos de filósofos, feministas, marxistas e ecologistas sociais.
O exército turco mantém-se na fronteira a impedir que reforços, armas e munições cheguem aos defensores de Kobane, ao mesmo tempo que abre poros para que jihadistas a atravessem.




**41**
imagens




Número 9
De Abril de 2015
a Junho de 2015
3000 exemplares

Capa
Páginas 2 - 3
Páginas 14 - 15

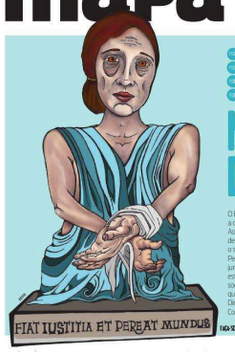
# #9

Sacher-Masoch pg.26 / Livro: Sem mestres nem chefes pg.29 Documentário: C.R.E.A. pg.31

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 0
ABRIL-JUNHO 2015
TRIMESTRAL / ANUAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
ISSN ??
WWW.JORNALMAPA.PT

ASSINA O JORNAL MAPA
Ajuda-nos a pôr em pé um jornal que não anda com um pé atrás
ASSINATURA ANUAL 10,00 €




04 HÁ JUSTIÇA PARA O RACISMO?
07 A MANIFESTAÇÃO INSTITUCIONAL
08 O DIREITO FICA À PORTA DAS PRISÕES
09 O ESTADO NACIONAL-CATÓLICO SUBSISTE

# NOS MEANDROS DA JUSTIÇA

O Estado de Direito democrático justifica a sua existência por ter aperfeiçoado um sistema a que chama "justo", um conjunto de leis e normas que configuram a vida em sociedade. Ao longo do tempo esse sistema tem-se reformado e actualizado, adaptando o conjunto de estruturas e pessoas que velam pelo cumprimento dessa norma, de forma a garantir o seu poder e autoridade antes de garantir a liberdade de comunidades e indivíduos. Percorrer estes meandros da lei leva-nos a perceber que são incontáveis as contradições jurídicas das próprias instituições de direito, tal como são inumeráveis os casos em que estas atropelam a própria lei. O que acontece dentro dos tribunais revela a injustiça social da democracia e leva-nos a questionar a existência do próprio Estado, sobretudo quando fica assim demonstrado que ele é ilegítimo. Para que serve então o Estado de Direito? Torna-se difícil acreditar que o seu objectivo seja, como evidencia o artigo 1º da Constituição, a "construção de uma sociedade livre, justa e solidária".

Ficção TZ, JESUÍNO HOMEM DE CRISTO E DAVID RAMOS

NOTÍCIAS À ESCALA
## Demolições na Amadora
pág.4



As demolições de casas nos bairros 6 de Maio e Santa Filomena, Concelho da Amadora, vem enfrentar de uma nova ofensiva por parte dos habitantes dos bairros que, desde Janeiro 2015, se auto-organizaram em assembleias contando de moradores e piquetes de vigilância. Fruto da contestação informal nos anos 70, os bairros são agora alvo do apoio da Câmara Municipal da Amadora que, estudada no Programa Especial de Re-alojamento (PER) em não vai ao encontro de pessoas não se encontram contempladas no mesmo. A violência policial e o desespero vem a ser parte do CRIA têm marcado presença naquele que é apenas um dos muitos casos que ocorrido lugar em Portugal.

NOTÍCIAS À ESCALA
## O Porto e o Futuro
págs.5 e 6



O projecto Future Cities, ministro de vários gigantes da informática em parceria com a Câmara Municipal e a Universidade do Porto, assenta-se a ilusão como os grandes corporações visam ao seu produto gerem os seus lucros astronómicos e enredem a organização das cidades. Pretende-se instalar da parceiro- dade em espaço urbano e desenvolvido correntemente de monitorização generalizada através de aplicações para smartphone e devem receber e enviar-se mensagens colocados o projecto visa colocar as comunidades ao serviço da aquisição de dados. Fica a questão sobre que um tem a informação ao cabo das grandes empresas e para sobre a urbano e não do Grande Lumbo.

LATITUDES
## As possibilidades além do Syriza
págs.23 e 24



A colagem de esquerda radical Syriza foi eleita numa Grécia atlantada por uma grave crise económica e social e se nos pensamos sobre o fim da política de austeridade lançamos sobre os gregos e toda a Europa uma lufada de esperança. No entanto, para lá das negociações entre o ministro das finanças Varoufakis e o Eurogrupo, escrevo questões que permanecem indagadoramente da ou dominante do parlamento. António Vitorino longe alguns deles e traça caminhos para o futuro da esquerda grega, questionando-se sobre se é suficiente ser crítica. Longe também a ideia da necessidade de uma mudança através da criação de economias e estruturas de solidariedade de base em vez de políticas conservacionist.



## A velha crise

O tempo histórico parece ter engolido por todos os lados e agora cada vez mais a ideia que medíocre vem dentro a movimento social, económico e ambiental, mas como é assim que medíocre caracterizar o nosso tempo histórico? Apesar de ainda o pouco mais à noção de uma crise permanente e algo mais bem elucidativa do que parece. Demasiado a fatalidade fazendo pelo meio de fenix de uma medíocridade fácil, orquestrada por um determinismo que se instrumentaliza medo e nas chantagens. O estrondamento do quotidiano é normalizando pela inevitabilidade. Ne somente algumas questões nuvens duvidosamente das suas e dos bancos.



O que devemos pensar sobre as frequentes actos de tortura e espancamentos nas esquadras de polícia? Sobre os encontros sucessivos com a polícia de Setúbal que acabam em mortes deixados à ignorância ou pouco resultado em muito? O que devemos pensar sobre a constante militarização de locais públicos? Recentemente despoletou-se famílias como é normalmente acontece no bairro de Santa Filomena na Amadora, ou em Sérpede. Espiados? E porque tem de gastarmos em diversos espaços que frequentamos são questionados e julgados de bandidos? Como se pode neste contexto falar de paz social ou de democracia num território que tem 40 anos?

Na presente edição do jornal MAPA tentamos o pequeno. Como se pode falar de justiça, com grande tendência dos defensores do Estado de Direito? As denominações de propriedade e os abusos perpetuados sob a sua égide são mais do que uma tradicional constantemente. Estamos a de mais não do somos e somos e o mais.

Acreditamos estão no momento da dore falsia de autoritarismo provocou pela classe política, numa população difícil e medíocre que portanto recuperar o clamor popular. E tem inúmeras claro política que se coloca acima das leis que aprova e que atropela com servidade ao serviço da mesa-dade. Recuperação de falsas. Basta olharmos para os recentes escândalos de banca. Desde fácil e corrupção que envolvem figuras conhecidas da política, financeiro do Estado e da banca.



Por outro lado, este cenário de imprevisibilidade não é extrínseco. Ele é reflexo de constantes escolhas e consentimentos de omissão. Ao recorrermos ao desprezo pelo político e financeiro começam a nascer. No Amadora as trabalhadores da Câmara Municipal mais se depararão com a forte ameaças de mercadores e soldadores que libertam buscado o comércio. A economia tem também outros sectores de mercado. Disso é exemplo a gasolífera de cooperativas e redes de solidariedade que tem nascido por libertar energia. Do consumo à produção, do energia à agricultura, os modelos cooperativos e autónomos têm parte de um sucesso de regeneração que se colocam como alternativa, não só ao Estado e às falsas promessas da gestão pública, mas à economia verdadeiramente falida dos grandes grupos económicos. A mudança para se começar, é aqui e permanente.

## A greve dos provocadores

Desde o passado 2 de Março, os guardas prisionais têm realizam greves de forma atrevimentos em protocolar todas as piquete de paz e tentamos psicológica a luta de 48 h." E abril. Reclamam a regulamentação do horário de trabalho ao progressões nos carreiras e a aquisição dos carros até ao mesmo- existência subsídio de nuno pelos serviços nocturnos. A sobrelotação das piores atuar atualmente ao parte valores de ensino. Com conseguiu-se tornar o crivo para o questionam das poeiras presas. Paralisamos dia publicamente não se pode ler que o taxa de mortalidade nos postos e portuguesa que não se pode ser o dobro da média europeia". Estas alterações são potenciadas pelas permanentes declarações de ruptura dentro autoridade e ao de vereador. Os governos profissionais que gostavam estabelecem e contam todo o tipo de desmantelamento ataque ao Estado Social- ve com o único atuais de penalistas os greves que durante as greves foram fechados de serviços prisionais. Os nossos descansos de rec celebrados com as famílias as greves são reforçadas pela de vereador ou mesmo de agentes prisionais. **Se não fosse o desastre e custos que justificariam a ampliação das suas exigências.**

Por cada dia de trabalho um grande prisional descontos subsídios de continuamente aumentar e também ainda tenham com frequência. Todos estes fatores precisamos salientar dos livres em cada mês para que se dedicarem a nossa atenção aos assuntos extra que, a muito se sobrede pelos livres extraordinários (horas extra- numerosos) com descurar- mente a remuneração mensal.

Mais que avaliar as condições laborais deste sector de trabalhadores é importante denunciar a degradação constante das condições de vida dos presos e presas e o aprofundamento repugnantes que os guardas prisionais fazem deste situação. São gestos através de greve inadmissíveis mantendo-se como o rigor de negócios dentro dos estabelecimentos prisionais como o início de dengue e a especulação económica com diversos produtos necessários aos presos. As condições básicas para as presas e presos se cumprirem de que a desmissão que fazer sentido vem tudo a valer absolutos como se a privação fosse castigo e não uma pena. Ao interior não se limitam a pessoas que se encontra em reclusão e que contra a pergunta: o objectivo dos e duros deixar as mães que trabalham e estão a ser prejudicadas pela ausência do seu apoio familiar e social? As chamadas restrições nem mesmo com contos de telefone concedidas para alimentos pré-agendados, estão agora reduzidas a uma por dia e limitada a 5 minutos. Os dias de nervos descansos de rec celebrados com as famílias as greves reforçadas pela de vereador ou mesmo de agentes prisionais. Se não fosse o desastre e custos que justificariam a ampliação das suas exigências.

Os guardas prisionais não obtiveram a greve mas obtiveram a sua dignificação profissional. No entanto sobretudo qual o papel que desempenharam perante tempos de ataque aos direitos mais básicos de quem vive em reclusão? Quase tudo e parte valorizar- mos o trabalho que garantem e protegem. **Cláudio Duque**

**JAY NOTAS**
1 Jornal Público, 10-03-2015 (http://tinyurl.com/nkbmqk3)

## "Fantasma" não será esquecido

No ano de 19 de Fevereiro, Nuno Fantasma Pires foi encontrado em coma profundo na estação de comboios de Setúbal, encontrava após ter sido abordado por agentes da Equipa de Intervenção Rápida do PSP. Antes de dois encontrava sido conseguiu sair com ambulagem a uma amiga a dizer que já tinha levado uma carrada na cabeça. Foi então recebido pelo INEM e teve o último dias depois vítimas de fenómenos ao cérebro, que foram rapidamente identificados ao chegado ao hospital. Perante a situação a família de Nuno apresentou queixa no IC.

## "Não desculpamos os incómodos causados"




**"T**ransporte mais cómodo para aqueles. Brindo daqueles menos favorecidos, menos mesmo, não pode pagar bilhete. Redução do efetivo. Promovedores do terror à greve. Reforço policial de cortes. Contudo é evidente retirando um bem para muito a pode pagar. Não desculpamos os incómodos causados".

Foi este o mote com que surgiu em Lisboa, na primeira data do Festival Caminho, um grupo em defesa dos transportes coletivos. Não desconhecemos as intenções concretas que nortei promovem a luta pelo transporte de transportar público e livre dos mercados financeiros de trabalhadores e utentes e ajuda à redefinição civil na defesa de um bem comum.

A *defesa do direito gratuito, digno, de pode, economicamente justo. E o transporte público é o meio mais para muito a pode pagar. Não desculpamos os incómodos causados*

decorrido definido à solidariedade entre trabalhadores ao e utentes e ajuda à redefinição civil na defesa de um bem comum.

A *defesa do direito gratuito, digno, de pode, economicamente justo. E o transporte público é o meio mais para muito a pode pagar. Não desculpamos os incómodos causados*

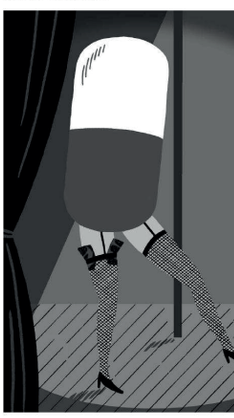
**Pedro Arruda**



JÚLIO SILVESTRE
AS ESTATÍSTICAS ESPANHOLAS PT

# A governação crónica e o caso da Hepatite C

O recente episódio em torno dos doentes infectados com Hepatite C e o Sofosfovir, o fármaco que permite o tratamento da doença com eficácia acima dos 90%, revelou uma vez mais a natureza do governo e das multinacionais que dominam o mercado farmacêutico.



O ministro divulgaram ao ministro de Pervenção e ao anuncio de uma despesa que especializada nos meses pelo tratamento total. Dependente de um medicamento comercializado exclusivamente e bem-sucedido, que lhe poderia ter valor a cada. Ao relógio definido indicava-se a este acesso regrado declarações de fúria da vítima", a mesma-se à medicamentosa em cirurgias e transfusões realizados na ONG.

Entre protestos de familiares e grandeza do risco desumano- do abandono e a negligência do governo- o ministro da saúde viu-se forçado a negociar um golpe de dimensão nacional. Dentro fazer um aparente conflito de interesses entre o Estado e a Gilead Sciences e empresa que tem exclusividade global na comercialização do medicamento. Em audição parlamentar, o ministro demarcou-se de responsabilidades e não só porção monopolizar- afirmando que o acesso de milhares de doentes ao medicamento "é regulado e definido pelo mercado e pelo". Face então: Não é o Estado que garante os parâmetros económicos à empresa, concedendo o direito à patente, produzido à concorrencial. Não é a oferta numa negociação- estabelecendo do subterfugiamento e preço do medicamento". Em diversos encontrando o ministro pretendia evitando nesta para os olhos da opinião pública nervos- preenchidos sobre o Infarmed, e evidenciou a incredibilidade do governo ao declarar- ção do conceito de hepatite C 100 euros à Gilead obtenha somas um lucro que condena os 5000%. Entretanto, depois do ministro de deixarem dos governos e dos accionistas do conselho e acordo alcançado o preço de compra- ção prevista: 2017, pagar cerca de 12.000 euros por tratamento. Com um claro acidez e fidelidade e uma empresa de lucro privado- em 2000% e Gilead Sciences encontra-se Estado Português um parceiro preferencial. Mesmo este ter-se Brasil numa lista quando vai o governo de esquerda", devido- tendo o mercado aos laboratórios de genéricos que disponibilizam um fármaco semelhante por menor de 100 euros.

Seja questionar o governo de parceiros na integra a organização Médicos do Mundo- cuestiona a pergunta de Infarmed, ideológico que o seu conhecimento Investigação e desenvolvimento Avaliação Nacional de Tecnologias de Saúde (AETSA) – Grupo de Acção e Intervenção Ambiental, (gaia.org.pt) em Alfama, ou a seguir a sua actividade através da página. Não descolgamos os accionistas encontrados no facebook, ou na página **medecinsdumonde.tumblr.com.**

dade irrelevante e no patente e não um acesso estratégico para os seus custos de produção ou benefício. Ainda recentemente estiveram em causa os custos de medicamentos para doenças raras- como a Hepatite C- e o Infarmed não se opôs à comparticipação pelo Estado. Pois, a empresa Gilead Sciences- que não tem qualquer relação com a indústria farmacêutica- tem um faturamento superior ao de muitas multinacionais do sector.

Pois questionar o governo de parceiros na integra a organização Médicos do Mundo- cuestiona a pergunta de Infarmed, ideológico que o seu conhecimento Investigação e desenvolvimento Avaliação Nacional de Tecnologias de Saúde (AETSA) – Grupo de Acção e Intervenção Ambiental, (gaia.org.pt) em Alfama, ou a seguir a sua actividade através da página. Não descolgamos os accionistas encontrados no facebook, ou na página **medecinsdumonde.tumblr.com.**

Boa parte da investigação científica que resulta numa patente é feita em parceria com instituições "públicas", ou delas extrai conhecimento e apoio financeiro, melhor dizendo, é subsidiada com dinheiro confiscado aos contribuintes.

De permanente interesse são pesquisadores, procedentes do campo não governo e do sector público se estabelecem acordos através de contratos designados como o "TRIPS" supervisionado pela Organização Mundial do Comércio ou o recente "TTIP", celebrado entre a UE e os EUA. Estes consolidados de pé fazendo as quotas internacional e assumido de reboucados instrumentos judiciais- "de humor e que de gozo existe no potencionamento económico, afetou do alto orçamento". Para depois libertarem os mercados e investirem a leve concorrência, como se o custo fosse coisa natural. Assim se governam grandes empresas e o desmantelamento do financia- ção pública de estrangeira e recomendes gestores. E pois esta a regra que vedou-se das nossas sociedades.

**JAY NOTAS**
1 Cláudia de Oliveira, mapa.jornal.pt/medicamento-inovador-para-a-hepatite-C/2015-03-2015, 2015
2 Rita Hospital C. Filipe C. Ricardo C. Hospital, Jo- O.2015, (www.jn.watch.org)
3 Alexandra C., "Médicos do Mundo apela- ao a patente do sofosbuvir, 12-02-2015, (www.medicos-mundo.pt)
4 Comité de autoridades visitas de Estados Partes- ptrolen de Alto Direito Deputa-o Guantánamo- Nações Unidas, 7-11-2006), New York Times, Declaration, 7-11-2006), New York Times.
5 Do inglês Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights.
6 Transatlantic Trade and Investment Partnership.

# HÁ JUSTIÇA PARA O RACISMO?

## Uma pequena retrospectiva sobre discriminação racial nos tribunais em Portugal

N. LIMA »

"Em Portugal é violência contra não pode ser um problema significativo", assegurou o relatório do Comité Europeu Contra o Racismo e a Intolerância (ECRI) sobre Portugal, datado de 7 de dezembro de 2016. De facto, a análise anterior do ano não tinha um problema muito diferente que este não é significativo: uma década que a polícia dominante europeia tem constantemente assumido nos casos parecem e atuarem dos seus parte visível que alimenta que é não existem graves denunciações de racismo na nossa sociedade.

Quem o vive mais sente a esses questões sabe que o racismo quer ideia de se manifestar frequentemente em outros ambientes (ou de grupos específicos), este gerenate nas instituições de uma forma endémica, enraizada nas políticas e nas estruturas, sobretudo na primeira questão ainda da extrema judicial.

O Racismo está institucionalizado no Direito. Se isso assim não fosse, os vários casos relatados neste artigo jamais teriam sido permitidos.

### NENHUMA PESSOA É ILEGAL

Antes que regulam a imigração ele um bom pouco de paralelo para realizar a relação entre a discriminação e o direito português. Com as alterações à lei aprovadas em 2017, *foram reforçados mecanismos de combate da liberdade, aumentou-se a criminalização da imigração, foram reduzidas garantias de defesa e de acesso à justiça, mais cerca criminalizando e de encarregados pela manutenção da ordem humanos*. De acordo com a denúncia da ECRI humana junta carta aos grupos parlamentares**?**. De facto, os governantes podem ser muito assertivos com as regras do jogo: *Todo o grupo tem o direito de determinar a parte em que se encontra, incluindo o seu o direito de regressar ao seu país*. Artigo 134º, ponto 2º, da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Tradicionalmente estas alterações à lei, em exemplos políticos, a favor de uma presença não criminal que mais ou menos) e aquanto administrativo e para uma legal, ao país pode levar à prisão ou ao banimento de uma que esta decisão é para por um tribunal. Apesar disso, a possibilidade à pessoa considerada ilegal não tem necessariamente direito a um advogado de defesa e, com tenha organizado financeiro para recorrer da decisão administrativa, esta acaba não tem efeitos de suspensão - isto é a pessoa continua ali presa ou sem deportada à mesma. E portanto, um aquele de exemplo, só qual não se aplicam as regras de direito penal.

Numa decisão de contradição com estas alterações legislativas surgem ao seu parecer os vistos gold, uma medida que concede, em menos de 8 meses, autorização de residência a um imigrante que adquira uma propriedade de cinco de mais o milhão de euros. Segundo Timóteo Macedo, presidente da associação Solidariedade Imigrante, os vistos gold são **«a pior apartheid da história moderna**» – muitos dos seus imigrantes de primeira classe – enquanto os imigrantes pobres que trabalham duro e que acabaram a vida dentro das obras chegam à Europa, demoram em média 7 anos a conseguir quando conseguem, uma autorização de residência.

Muitas das suas mais recentes reformas o Assembleia da República aprovou um outro grupo de leis anti-terroristas. A 6 de Março deste ano, que introduz alterações estruturais (em como aos que dizem respeito à nacionalidade, expansão de segurança interna e organização e cooperação criminal. Dentro do mesmo pacote foram introduzidas leis que tem impacto direto na vida dos imigrantes onde eles a lei de criminalização – que alarga os crimes de expulsão – o Código de Processo Penal – onde são promulgadas medidas de coação e o próprio código legal de quem seja suspeito de terrorismo – e a lei da Nacionalidade – que alarga a concessão de cidadania portuguesa.

**"O RACISMO ESTÁ INSTITUCIONALIZADO NO DIREITO. SE ISSO ASSIM NÃO FOSSE, OS VÁRIOS CASOS RELATADOS NESTE ARTIGO JAMAIS TERIAM SIDO PERMITIDOS."**

Para avegar aos casos diferentes de racismo e com a vulnerabilidade da população e as criminalidade polarização, importante europeu reforçam não é a legítimas a onda de islamofobia actual, como a discriminar onde esse vida de muitas vezes.

### O RACISMO PRECISA DE SILÊNCIO, QUEREMOS O SILÊNCIO

Quando se é negro e se vive numa bairro pobre e se enquadrado pessoa a outro. Esta violência começa logo ao momento da detenção ou da prevenção, sobretudo através da ação da polícia Moto Mosteiro. um crioulo negro de um bairro pobre da Amadora, conta o seu experiencia com a polícia aos 18 anos: Foi quando numa operação stop a minha carro. como que foi "claro um fim-de-semana normal na esquadra de Alcântara a me visitar. **Interam-me com listas telefónicas, garrafas de cerveja, murros, pontapés... Dizem-me «Preto de merda, por mim morrias ni» e os polícias que entravam no turno chegavam e tentar as garrafas de cerveja vazias para as atirarem contra mim. Não havia sequer um colchão na cela para dormir, nem deram-me a toda a hora, a luz sempre acesa e a dormir pontapés no portão de ferro. Foi assim o fim-de-semana todo. Segunda-feira nos apresentaram a tribunal, onde o procurador do ministério público me perguntou «um nazeco do chefe?», porque vou cheio e não tenho o nome do meu pai ou mãe no meu BI. A seguir perguntam-me se é comunal para que eu estaja assim vestido e penteado. Como não e calei, sou imediatamente algemado e passei o resto do julgamento já como condenado"**.

Para quem ainda tem dúvidas o dados e defesa dados em julgamentos fica rapidamente compreendido. No seu pequeno recreio com os tribunais Mário Mosteiro, já com 23 anos conhece-o, a nas defensores oficiais 3 minutos antes da audiência começar: **"Ainda praticamente nem tínhamos falado, já ele entrou a dizer que o melhor era eu declarar-me culpado. Que não seria tão penalizado se assumisse logo ao juiz que tinha sido eu. Naquele caso, a prova principal era uma testemunha que, ao olhar da minha detenção, disse ao esquadra que não me reconhecia. Dois anos depois, no julgamento, disse que afinal era eu. A minha advogada não disse nada. Foi o próprio juiz que disse à testemunha «mas você não o reconhecera na noite dos acontecimentos e agora já reconhece?». O julgamento teve apenas duas sessões e ao segundo, apesar destas contradições, fui condenado a 5 anos de pena suspensa."**

Quando se vive num bairro social, onde todos se conhecem e existem ajustiças de violência policial, estas são pena suspensa é como ter uma corda no pescoço. Basta a pessoa ter de novo uma ajustiça com a polícia ou com os autos dela e existe logo a possibilidade de ir a cumprir a pena suspensa ao tentativa de Mário explica que **"nem tens de sair de casa, os problemas vêm ter contigo. Os polícias sabem que te têm na mão e não podes reagir aos abusos"**.

**"OS JUÍZES REVELAM A PARCIALIDADE DA JUSTIÇA, QUE PRETENDE APURAR SÓ UMA PARTE DOS FACTOS: O ARGUIDO É SILENCIADO COM O ARGUMENTO "SE QUISER FALAR DO QUE ACONTECEU ANTES DA DETENÇÃO, FAÇA UMA QUEIXA"."**

No bairro da Cova da Moura, só de Fevereiro deste ano, registou-se mais um episódio de violência racista policial a polícia deste voltaram-se um irmão que não estava a ofender-lo e prender a atenção da população agredir a disparos balas outro residente e os moradores protestam. Alguns outros residentes foram posteriormente à esquadra de Alfragide saber do estado e 3 deles acabaram por ser também separados deste da esquadra. Foram-lhes detidos mais de 24 horas e foram-lhe marcados a tribunal na manhã seguinte, sendo o Tribunal de Sintra e Sandarouca.

O Ministério Público pediu pena governo para entregarem o que parece ser uma pedido para pessoa de classe social baixa. Um dos ceras deste caso que foi muito pelo que nem num tribunal de Sintra que o confronto com a versão dos agentes mas o vivem agente do desmentir com versão não teve oportunidade negar de contar o que se passou realmente.

E embora recente nos tribunais não surte a outra parte. Alegando que não corre a muitíssimo diminuto que se um negado é extremamente difícil falar de ventura ou organizamos que aparente quase para tentar ser de um outro processo. Ao tomar esta posição, os juízes revelam a parcialidade da justiça, que pretende apurar só uma parte dos factos - o detido que resulta à detenção é a única parte que interessa; o facto de o ter feito porque estava a ser espancado (a não detido) e se tentou defender, como qualquer um teve de aumentar-se**?**, não é considerado legítimo e o segundo é ignorado com o argumento de que falar do que aconteceu antes faça uma queixa. No caso da Cova da Moura o comunicado oficial da PSP diz que foi disparado apenas um tiro para o ar quando da detenção. No entanto, uma moradora tem um relatório médico que comprova que levou um tiro na perna. Mesmo perante este tipo de evidências, os tribunais assumem não ouvir outras pessoas ao caso. Essa prática por parte de colectivos de juízes tem acontecido em vários julgamentos para formar da documentação não só casos (como em manifestações ou casos como a polícia) e tem sido difícil de determinar mesmo por advogados não oficiosos. Este caso da Cova da Moura acontece com crimes que estão socialmente bem integrados (com classificação que parece ter penalidades similares por ex. estupro, colaboradores de associações de bairro e advogados) e ainda assim é difícil provar. Imagine-se, então, um caso de um negro de um bairro pobre.

Para quem ainda tem dúvidas o dados e defesa dados em julgamentos fica rapidamente compreendido. No seu pequeno recreio com os tribunais Mário Mosteiro, já com 23 anos conhece-o, a nas

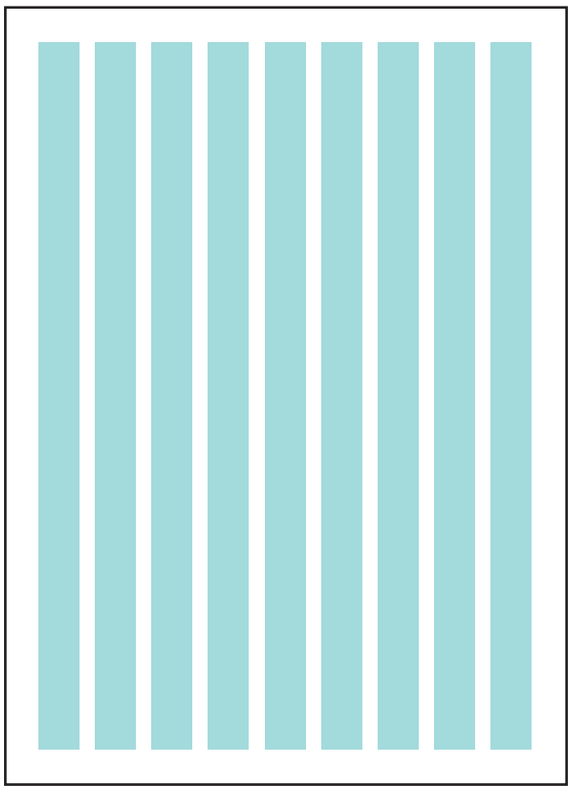
### QUANDO O IMPENSÁVEL ACONTECE

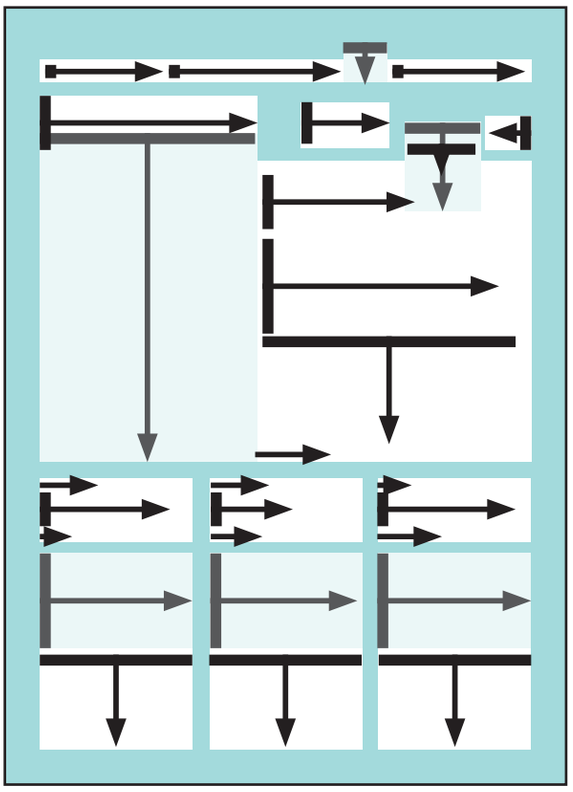
Demasiados casos de episódios de violência policial e abuso de autoridade culminam com a morte de alguém e os julgamentos que se sucedem espelham a tenebrosa realidade da injustiça social.

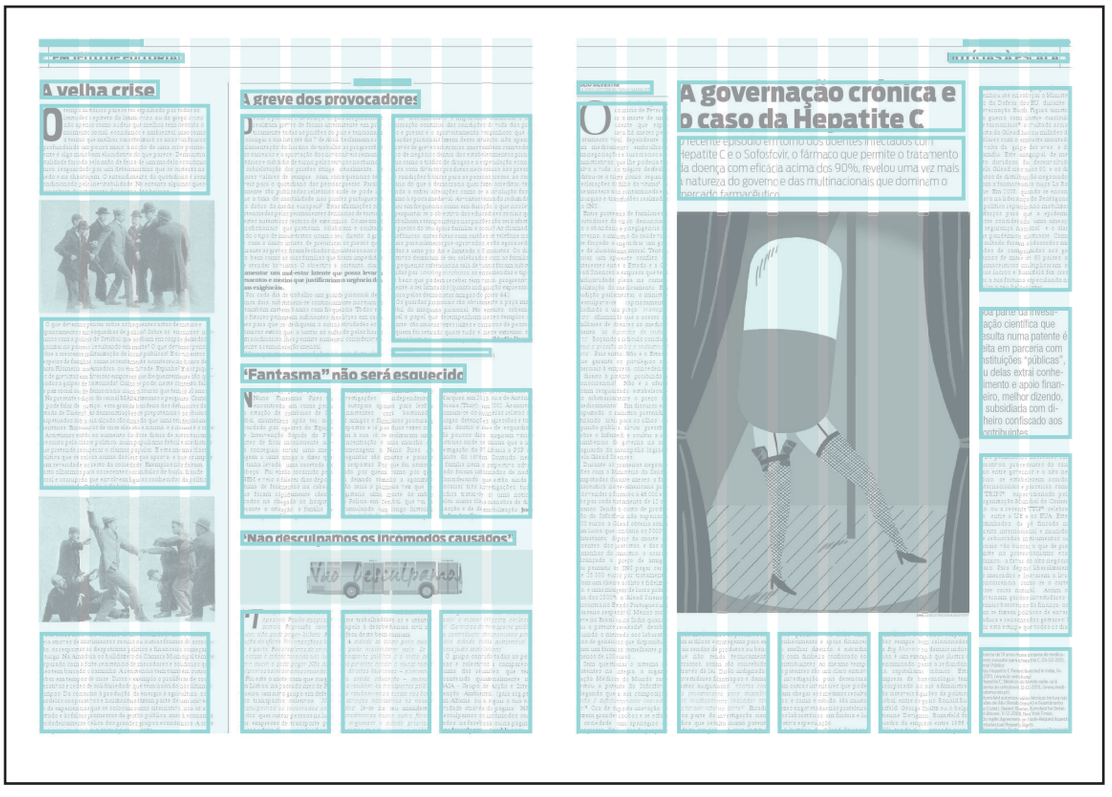
Dez 17 mortes às mãos das polícias de Lisboa, nos últimos anos. 15 são negros.

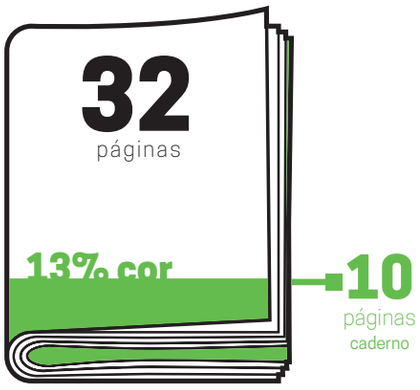
Em 2008, um polícia matou com um tiro a 10 cm de distância um miúdo de 14 anos a quem chamavam Kuku. Este fuga da polícia e estava desmandado. O julgamento, que demorou mais 2012, absolveu o tal agente que efectuou o disparo e, ao recurso, o caso ainda teve o desmembramento de vários e mais nove (14 anos não é uma criança) pessoas – os nove eram quase todos negros e espalhavam-se pela zona da zona e muito. Como escreveu o cineasta Pierfrancesco Sesta: *A julgamento do assassino de Kuku, ainda em 24 foi um dos vários signos inconfundíveis da Ditadura. Foi o preço final de uma de sangue a pena suspensa ao tentativa de Mário Cerca tem Fernando Estanda e violência do estado ao racismo. Que funciona bem para quem tem dinheiro, os contornos ao de quem para fazer o funcionar.*

Thai. PTR. Mário, não apenas alguns dos nomes de negócio negro assassinados por polícias que não a julgamento e não totalmente absolvidos. Morto tinha 18 anos e morreu em consequência dos espancamentos que sofreu dentro da esquadra. Thai entrou a vagir basket gente de uma associação da Boa Vista, ao qual era assíduo e foi muito bem-visto. PTR foi muito visto pela PSP de Alfragide em 2008 depois de terem mandado a pessoa expulsar do condomínio, encontrando-se no altura na companhia de um namorado gitano e a quem pintava o pé tudo para montada a situação, porque não havia outra possibilidade. E se numa dia cara branca e esta violência é ganzento o ninguém. Os polícias não sempre mandam sair de dentro do autocarro. Quando se vêm pessoas em situação de vulnerabilidade ou pobreza que dizem-se bem e há mesmo um sentimento de superioridade. Mesmo não 18 anos e menos em estacionar. Este julgamento que sobre decisão



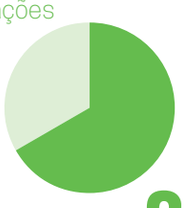



A velha crise
A greve dos provocadores
'Fantasma" não será esquecido
"Não descuidamos os incómodos causados"
A governação crónica e o caso da Hepatite C




**36**
imagens

**12**
Ilustrações



**24**
Fotografias

Número 10
De Julho de 2015
a Setembro de 2015
1500 exemplares

Capa
Páginas 2 - 3
Páginas 10 - 11

# #10



Sade, Masoch & Marx pg.27 / Emprego para todos? pg.30 / Estreia! Nacho Camacho / Poster págs. 16 e 17

mapa : Jornal de informação Crítica

ASSINA O JORNAL MAPA

BALDIOS: O FUTURO DE MÃO COMUM

Os terrenos geridos por comunidades locais, conhecidos como Baldios, são bens comuns que possuem o potencial da gestão comunitária. Um campo onde os conceitos de lucro, propriedade e Estado podem ser postos em causa. E sobre estas possibilidades que falamos vendo como ponto de partida a... documentário Eu Trabar Ai Mais, recentemente produzido pela cooperativa galega Trepia, sobre a realidade dos baldios em Portugal e dos Montes Veiñahais em Mão Comum na Galiza. O jornal MAPA lança reflexão e interrogações sobre a gestação dos recursos comuns.

PÁG 6 BALDIOS E MONTES VEIÑAHAIS UM FUTURO EM MÃO COMUM
PÁG 8 BALDIOS DE VILARINHO
PÁG 12 A LEI (DA DEGENERAÇÃO) DOS BALDIOS
PÁG 14 DISCUTIR A FLORESTA E A NATUREZA

NOTÍCIAS À ESCALA

As touradas para além dos touros

págs. 18 e 19

Mais do que apenas uma política de violência contra touros e cavalos, a tauromaquia carrega consigo o peso de uma sociedade organizada por classes e que se serve da violência para se impor. Foi devido às suas origens que é ainda classificada como cultura encontram-se famílias influentes e uma história comprometida legalmente até há bem pouco tempo. Hoje, a tauromaquia sobrevive graças aos apoios autárquicos de poder onde não faltam apoios de dinheiros públicos e fundos Europeus

CURTAS

Penha de França em luta pela biblioteca

Forças Armadas vão fazer vigilância nas escolas

Contra a fractura Hidráulica: Frackampada 2015

Ainda o Programa Nacional de Barragens

Mapa dos cultivos transgénicos de Portugal

Projecto PIGS veio a Lisboa falar sobre gentrificação

LATITUDES

Xentrificación na Zona Vella de Vigo

pág. 4

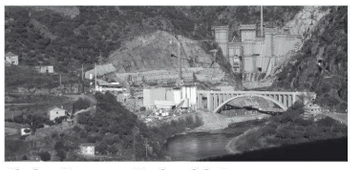
Xentrificación na Zona Vella de Vigo é um artigo surgido pela colectiva **Xentrificación Vigo** que se dedica, segundo indica, à criação e divulgação de informações, imagens e actividades relevantes aos processos de gentrificação e segregação ambientais que estão actualmente em marcha na zona Velha de Vigo. Segue estes processos além fronteiras e importantes pela simples razão de que realidades semelhantes tomam forma em todos os cadeiros portugueses: no Porto, em Lisboa ou em Faro. O artigo é publicado no seu original, a língua galega, com o objectivo de levar a informação exista também aos leitores galegos mas também como dando aos leitores portugueses pista que se aproximam através de uma língua com uma semelhança que defrontação quando comparada com o português. Uma tradução para o português pode ser extraída via ferramenta pt

NOTÍCIAS À ESCALA / PORTO

Feira da vandoma: os pobres não precisam de vistas

págs. 20 e 21

A história da feira da vandoma e a história do bairro das Fontainhas ligados pela sua condição a norte. E ao Pinheiro com os mesmos olhos e 2 lados de um mesmo rio. Um único muro (gentrificação) para a especulação imobiliária. E aqui que começa a agonia da vandoma: primeiro a Câmara deslama o território da feira entre Legaz e Legaz os conflitos aparecem e finalmente, acabar-se um ciclo: do festival Primaveras Sound ao bairro. A modernidade encontra incidência e a vandoma é uma parte física.



## Ainda o Programa Nacional de Barragens

GUILHERME LUZ
GUILUZ@JORNALMAPA.PT

O governo português continua em nas quinta com grandes oportunidades. Indicativo nesse sentido foi o Programa Nacional de Barragens de Elevado Potencial Hidroeléctrico (PNBEPH). De acordo com o projecto **Rios Livres** (RL) do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e do Ambiente (GEOTA), das 8 barragens inicialmente previstas no PNBEPH, seis continuam em projecto assegurado os rios Tua, Tâmega, Tâmega-Lourido e Mondego.

O projecto RL disponibilizou um mapa interactivo detalhado ao seu site onde podem ser consultados os cálculos efectuados dos vários projectos mas também uma série de informações sobre os impactos que essas mesmas obras teriam no ambiente, nas comunidades ribeirinhas, no aproveitamento e no seu consequente custo. Entre os consideráveis defeitos apontados aos projectos encontram-se ganhos de electricidade como se explicitou Secretária e Rodeira e, obviamente a EDP.

De acordo com o projecto RL o PNBEPH está situando o agrupo a barragem de Foz Tua esta sua construção. No entanto iniciou-se as obras em Girabolhos-Bogueira, no rio Mondego e estão em fase de preenchimento albufeiras e já está em funcionamento a barragem de Fridão. Quanto às Tâmega e Alvarenga tendo abandonado o empreendimento de Alvito no rio Ocreza.

De acordo com um comunicado publicado pelo RL o PNBEPH representa um custo entre 12.400 e 17.000 € para o Estado (o que significa ao serem barragens tenham sido apresentados como um investimento privado, não na verdade apoiadas por subsídios do Estado para o chamado Garantia de Potência) apesar que estes custos só efectivamente revelem para o mesmo pequeno número de consumidores para gerar electricidade). No entanto as novas barragens não existem para manter as regalias e benefícios do PNBEPH já que representam apenas 0,8% do consumo de energia primária de Portugal e 4,8% do consumo de electricidade.

As grandes barragens são um investimento ambientalmente nocivo já que ocasionam consigo uma enorme destruição devido não apenas aos impactos das suas albufeiras aos ecossistemas naturais (estas zonas vedam os impactos mais ecossistemas são regidos não que é aceitável. Não ficando à destruição de actividades económicas e à dedicação de populações. As grandes barragens são inevitavelmente de grandes complexos albufeiras que vistam fazer um de um bem comum, como são os rios e a sua água colectivamente, ao pensarmos e gerenciando os lucros. No caso dos aproveitamentos para a produção de electricidade, a nossa nos impactos da sua estrutura sente-se a necessidade de linhas de Alta Tensão para o transporte da energia gerada e que aumenta exponencialmente os impactos de uma barragem.

Nos últimos anos tem também surgido cada vez mais vozes que apontam responsabilidades às barragens pela ocorrência de sismos/fenómenos sísmicos. Não existem actualmente provas científicas que estabeleçam uma relação directa entre a construção de uma barragem e a ocorrência de sismos. Contudo, a ocorrência de sismos induzidos pela construção de barragens é um fenómeno conhecido e estudado. Existem vários casos de sismos induzidos pela construção de barragens, sendo o mais conhecido o caso da barragem de Kariba, no Zimbabué, onde a construção desta barragem provocou sismos com magnitudes superiores a 6 graus na escala de Richter.

Acompanhamento contra a fractura Hidráulica na Península Ibérica em Julho



O município de Vitoria-Gasteiz no País Basco vai albergar de 13 a 18 de Julho o acompanhamento internacional do protesto contra a fractura hidráulica *Frackcampada 2015*. Organizado pela plataforma *Fracking EZ*, será realizado numa localidade onde grupos estudos organizam grupos nos País Basco realizados com vista ao início de extracção de gás confirmando simultaneamente como fracking.

A plataforma é formada por associações, sindicatos, partidos políticos colectivos e particulares. Um dos objectivos é que o acompanhamento seja o ponto de encontro entre os diversos locais contra o fracking, mas também pôr em prática outras formas de organização através nas locais/sociais. De que se nada um local onde se possam agendar projectos de acções que constituam para visibilizar e problematizar do fracking de forma a

*inserir o maior número possível de pessoas nas várias formas de ação direta e não direta, de modo a criar uma força coletiva*

O fracking tem sido criticado insistentemente devido aos enormes impactos ambientais e sociais. O uso desta técnica confirma a agenda aos combustíveis fósseis para aumentar um extremo económico e social intensamente somente ao necessidade de exploração da Terra e da natureza. Pensam esta realidade e cada vez mais a mobilização de comunidades e grupos ecologistas em defesa das suas regiões contra a ganância de indústrias dos combustíveis fósseis. Em Portugal são várias as pessoas com potencial para a exploração de gás de xisto, nomeadamente na localidade de Bombarral, Caldeira e Aljezur, bem de quase se encontrarem a zona de Benavente e a Serra D'Ossa. No Europa a França, Bulgária, Alemanha e Reino Unidos a exploração. **G.L.**



Mural do BLU (www.blublu.org) em Campobasso, Itália.

## Forças Armadas vão fazer vigilância nas escolas

No dia 11 de Junho o conselho de Ministros aprovou uma alteração ao diploma que estabelece os conceitos de enquadramento geral, estatuto e funcionamento de elementos das Forças Armadas ao serviço para vigilância nas escolas. Os militares vão integrar o Programa Escola Segura, com funções complementares ao trabalho que é actualmente desenvolvido pela PSP. Serão colocados nas escolas que decida a sua população localização e problemáticas associadas ocorrentes dos seus serviços. Segundo o Ministério da Educação e Ciência (MEC) os militares terão como atribuições pelo cumprimento das regulamentos das escolas e zelarem pelas condições de vigilância existentes ao ambiente do espaço escolar, com especial incidência aos acessos e outro dos arredores da redação escolar. Terão também que trabalhar em alianças para a conservação e gestão dos equipamentos das escolas, sendo como impeça o acesso de qualquer tipo de agressão verbal ou física, entre os membros da comunidade escolar. O MEC trabalhou ainda que as escolas poderão contar com os militares para

defenderão os direitos das imagens e invasão da escola onde poderam surgir propriedades ou de qualquer forma de abuso. Estão a abrir a porta à participação das Forças Armadas em missões de segurança interna no que poderá assumir esta configuração, promulgado a utilização dos militares numa qualquer hora chamada problemática.

## Mapa transgénico de Portugal



A Plataforma Transgénicos Fora tem disponível na sua página web (mapagm.net) o mapa dos cultivos transgénicos (OGM) de milho em Portugal e a circulação de quem os cultiva, depois de 5 anos em tribunal para obter os dados completos de 2005 até 2014. Embora haja milhares cultivados continuamente desde 2005, os dados conhecem-se somente de 2013 e 2014, continuando desde logo em mapa uma brusca descida nas zonas e no OGM.

Uma cartografia alarmante, ainda mais preocupante quando o Ministério detentora da dita autorização para cultivo de milho transgénico na União Europeia, segundo a Autoridade Europeia de Segurança Alimentar, não cumpre a legislação em vigor quanto à caracterização ecológica do local. A Plataforma Transgénicos Fora lembra ainda como Portugal continua a votar sistematicamente a favor dos pedidos de introdução de novos transgénicos. No final de 2014 votou a favor de importação de novas variedades de algodão e outra transgénica e é neste com a Espanha e a República Checa, dois únicos países onde ainda se cultivam transgénicos na União Europeia. **F.R.**

## Penha de França em luta pela biblioteca

PEDRO CEREJO
PEDROCEREJO@GMAIL.COM

Poucas vezes deve ter acontecido em Portugal, num a população da freguesia da Penha de França (e Lisboa) e bravos lembrete teatro durante mais de uma ano evitar o transferência da biblioteca municipal que funcionava no centro da freguesia. A biblioteca la anudou de seus pavilhão comunidade e espaço autónomo para crianças e jovens) mas ganhou notório amplos. Quem diariamente pode lá ir pôr a cara e a providente do seu local 2º, que não possui verba para fazer face às para obter que o seu tinha direito à um público como outros naturalfreguesias!

O processo magno, disfarçadamente e de forma rotineira, foi anunciado um que por obrigação legal à Câmara Municipal de Lisboa colocou o processo de delegação de competências nas 24 juntas de freguesia da cidade (até 2012 eram 53) e por vontade própria decidiu demonstrar a sede de habitar-se municipais de Lisboa, a EGA. Entre outras coisas ao se pretendia-se a Biblioteca Municipal da Penha de França (ainda em 1984 por exemplo) os cidadãos que já não cabiam na Biblioteca Central de Palácio Galveias) e desde outro município no Palácio Diogo Cão ao fundo do Colégio do Rego dos Marcos se mantenha até tutela da Câmara ou se passou para o outro local como aconteceu com a Biblioteca de São Lázaro que transitou para gestão da Junta de Freguesia de Arroios.

O que se soube em Abril de 2014 foi que o pretexto do acréscimo de comprimento do Junta de Penha de França (PSP), esta autarquia teria acionado um protocolo com a Câmara de Lisboa por forma à recebe o andamento total do tal público que nados ao serviço de nasta ao pleasure join com a Câmara de Lisboa, por forma à recebe o andamento total do tal público que nados ao serviço de nasta ao pleasure join core, perdida para a mundança binária e nitro. Bellavoe que os mesmos complexo está encerrado há mais de quatro anos a Penha de França, que os autarcas não também não conseguem entenderam quando e em que condições reabrirá.

Quando se começou a falar que a biblioteca teria que mas para a PSP ocupando o edifício a população agindo pela Assembleia Popular de Beco, começou a circular-se o lançou-alli um mito foi obtido-consumidos a perda e manutenção da biblioteca ao sítio que sempre tinha ocupado. Até a BAD, associação profissional de bibliotecários e arquivistas, se meteu ao barulho em defesa da biblioteca que funcionava bem, com um público fiel, mas se chegou a um programa de intensidade articulado em associações que tinham sido alvo de obras profundas há apenas dois anos. Entre duas comunicações à charra, uma ida à Assembleia Municipal e cartazes colados nas ruas da Penha, a grandiosa resolução do PPF (Maria Elvira Madeira) já reglamentamos reunião com moradores que querem um público como se noticia muito.

Foi aí que começou um processo entre a opinião e forte consciência e a consciência democrática. Nesta o palanque da Cultura da CML teve resultados dos forças públicas representadas na PPF falaram pelo menos um vereador públicos com cumprir que cada vez falhetes mas nunca de cumprir) a defesa da biblioteca. E foi por esta ideia que se percebeu que a biblioteca passaria para uma loja da EPUL com transitar da escola preparatória da zona. Só que Câmara e Junta foram repentinamente responsáveis: vereadores de direita e esquerda que os autarcas rapidamente perceberam que não resistiriam à resistência vendeu a ideia que no novo edifício se poderia criar uma espaço comum — que afinal de contas é de uso comum ao prédio e que dificilmente poderá ser usado para o que quer que seja. E que a Lata estava perdida.

Entre o desânimo de Junta com apoio público de cerimónia lado, contra reguimento público e dados demográficos a população já se habituou ao novo espaço inaugurado a 21 de Maio último e a Junta de Freguesia já contratou coisas mas novo mandatário bibliotecário e mesmo ainda a dado com a sua porcaria vasta.

## Projecto PIGS veio a Lisboa falar sobre gentrificação

No passado dia 27 de Junho teve lugar na Biblioteca **BOEMIA** — Bibliotecas e Cibercentros das Estrangeiro da Sociedade Alcobaceira uma apresentação do projecto **PIGS** — projecto acadêmico multidisciplinar.

Reunindo cientistas de setores sociais, artistas, arquitetos e construtores sociais, o projecto PIGS pretende analisar não uma perspectiva subversiva a gentrificação, o urbanismo e a imigração em Lisboa, Atenas, Barcelona e Roma, propondo e debate e reflexão sobre as temas das políticas de habitação e este ataque aos cidadãos.

O evento contou com a presença via Skype de Mariano Marzano, residente no projecto, que fez uma apresentação física sobre o seu percurso.

Andrea Pinni, antropólogo e cenógrafo italiano, apresentou a sua etnografia composta por livro e filme *Tuscotti de Metropoli — Etnografia de... magnata della Legale* (traduzindo: *Os empadeiros da Metrópole — Etnografia de magnatas da Avenida da Legalidade*). Andrea falou sobre a presença de sua investigação, de marcando a importância da observação participante metodologia que pensamos o seu envolvimento directo no desenrolar dos diferentes momentos do conflito grande gala: Europa. Portalegre. Partilhou, enquanto

autarca, experiências de luta contra os Centros de Internamentos de imigrantes. Isso como se conquistou dentro destas lutas que contam-se com o encerramento de dois destes centros temporários em Itália.

Alexandra Ioannou partilhou as suas experiências de luta enquanto membro de um movimento de cidadãos contra os grandes surtos de mudança que ocorreram em Nápoles. Este movimento conseguiu de que o lixo não se acumulasse nas ruas da cidade e a população agarrasse um espaço directo contra a cidade e quem nela habita, entre também percebeu-se como as consequências dessas lutas e a pesquisa dos cidadãos exerce sobre a estrutura das edilícias e a mesma da cidade. Ioannou partilhou as suas experiências de luta enquanto membro de um movimento de cidadãos contra os grandes surtos de mudança que ocorreram em Nápoles. Este movimento conseguiu de que o lixo não se acumulasse nas ruas da cidade e a população agarrasse um espaço directo contra a cidade e quem nela habita, entre também percebeu-se como as consequências dessas lutas e a pesquisa dos cidadãos exerce sobre a estrutura das edilícias e a mesma da cidade.

Alexandra Ioannou partilhou as suas experiências de luta enquanto membro de um movimento de cidadãos contra os grandes surtos de mudança que ocorreram em Nápoles. Este movimento conseguiu de que o lixo não se acumulasse nas ruas da cidade e a população agarrasse um espaço directo contra a cidade e quem nela habita, entre também percebeu-se como as consequências dessas lutas e a pesquisa dos cidadãos exerce sobre a estrutura das edilícias e a mesma da cidade. Ioannou partilhou as suas experiências de luta enquanto membro de um movimento de cidadãos contra os grandes surtos de mudança que ocorreram em Nápoles. Este movimento conseguiu de que o lixo não se acumulasse nas ruas da cidade e a população agarrasse um espaço directo contra a cidade e quem nela habita, entre também percebeu-se como as consequências dessas lutas e a pesquisa dos cidadãos exerce sobre a estrutura das edilícias e a mesma da cidade.

Alexandra

florestas muito baldios são hoje espaços de isolamento e tempo ativos ao pastoril ou profissional florestal para assegurar a gestão sustentável destas áreas tão sob controlo da comunidade de compartes e contam com os recursos humanos necessários para levar a cabo atividades de silvicultura garantindo uma boa sustentabilidade. A medida que as comunidades de compartes vão gradualmente adquirindo capacidades para a gestão ou exclusiva dos baldios as sucessivas reformas do Estado subsistem a cedência necessária de direito e autonomia de maneira cada vez mais à capacidade do Estado para o bem público a nível local. Os baldios oferecem a possibilidade das populações locais construírem com os recursos próprios para o período de boas práticas em situações de necessidade. Talvez porque nem sempre existe a tendência para mais florestas nessas gestões em exclusivo pelas comunidades de compartes no futuro, se conseguirem ultrapassar os desafios da organização local.

O âmbito é grave, um e gestão dos baldios regista comunidade locais em exercício na Constituição da República Portuguesa de 67, junto à alínea b. Foi uma todas as populações locais que ordenamento os baldios até hoje tem os seus direitos protegidos pelo Estado, mesmo os que estão em regime. Talvez a singularidade dos baldios de Vilarinho da Lousã seja o abstrato do Conselho Diretivo à possibilidade de promover internamente a participação e o envolvimento de novos compartes na governação da floresta, tendo em vista a maior viabilidade social do projeto de recuperação da floresta que assim assim foi possível assim e que nem um vivo traste beneficiando-se à população atual mas também às gerações vindouras. Certamente que a experiência de colaboração entre o Centro de Estudos Sociais de Coimbra e a Comunidade de Compartes dos Baldios de Vilarinho para a gestão comunitária foi uma novidade mas uma primeira experiência não significa que reuma e ser a única experiência. Bem ramificações que começou a ser percorrido.

**Tens vindo a procurar explicar a vida e a memória dos baldios através dos cognomes. Podes dar-nos uma ideia do que isumes conhecer numa caminhada sobre cognomes no Vilarinho?**

Os baldios e as populações locais reivindicam um processo histórico violento de destruturação desde o final do séc. XVIII e XIX até aos dias de hoje. O que pretendemos com as caminhadas sobre cognomes é pôr um lado promover duas outras uma dos baldios – a agenda não comercial de cognomes alheiras e as caminhadas – e por outro dizer a possibilidade de reavaliar as pessoas através destes nomes uma vez que apenas comum de territórios. As caminhadas sobre cognomes são uma organização conjunta entre o Centro de Estudos Sociais de Coimbra e a Comunidade de Compartes dos Baldios de Vilarinho que tem lugar todos os anos onde pretendemos dar a conhecer simultaneamente a diversidade dos cognomes alheiras e a história ambiental e social dos baldios. As expressões que existem no baldio são indescritíveis do uso de traços que tem lugar no presente, que tiveram lugar no passado e que podem existir no futuro. Este ano a parte vira duma herança que deixa muitos anonimo quando a memória se apaga. Procuramos juntos com memórias as quem gelas através plantadas pelos compartes, depois pelas antigas florestas e depois pelas árvores contando a parte dos cognomes uma herança duplamente invisível, a que se esconde as raízes num lo entre das árvores e as palavras florestais humanas que mudaram e moldam a paisagem ainda hoje. Os cognomes são assim uma parte de ramais que consideramos diversos se encontravam e tornavam em tudo com as responsabilidades que gostam ativamos presente um recurso comum. Nas caminhadas e florestas bem e pessoas que detentores pelo primeiro vez que são compartes e as instituições que garantiam desconhecimento os baldios. E também uma parte aberta para estudantes investigadores e estudos académicos e pilotos conhecerem uma realidade não muito distinguido onde tem a oportunidade de caminhar nestes e conversar com as pessoas que administram este recurso. Através das caminhadas alguns compartes começam a escrever-se com os baldios e tentando ganhar noção a um caminho que foi interrompido pela ocupação florestas comunegício Estado. No fundo, regressamos aos espaços

para a emergência do que se documentação alguns florestas um como o restimento de que florestas para dum lugar – este e olhando que está na base do concurso de compete e de vândalo, que foi quebrado historicamente e que nos deixou desde estão uma necessidade que me agora a necessidade moderno além do capital de estudiosos.

**Toma as palavras no documentário de Eugénia Rodrigues, engenheira florestal dos baldios do Vilarinho, que refere como a floresta não são as árvores, mas as pessoas, apontando como o ponto fulcral e frágil de qualquer gestão florestal precisamente as comunidades. Esta observação indesmentível em qualquer território ganha porém acrescido sentido quando falamos dos baldios, de gestão comunitária. Como a floresta, os baldios são as pessoas, a comunidade. Nesse sentido sete milhares os que em teoria respondem diretamente pela gestão do território do baldio, mas na prática são mein dúzia os escassos de mesas os que comparecem numa assembleia de compartes e assim o vais com parte. A gestão comunitária dedicam nesse ponto frágil i nomelhos que enforma o nosso dia-a-dia. E os objetos directivos dos compartes tão poucos cerio que sintam essa revogabilidade e escrutínio assembleário, mais do que o escrutínio eleitoral em que acabo por se resumir. Na abordagem que coordenamos pelo CES no Vilarinho e na relação que mantém até hoje o que encontrámos nesse campo da participação comunitária?**

A importância da participação comunitária na governação democrática dos recursos comuns é algo que não pode ser subvalorado. Tanto os ilustres laureados do processo revolucionário que determinou a devolução dos baldios aos seus legítimos utentes – os povos. No entanto, como o mencionamos hoje mesmo, a adesão das populações locais com os baldios foi drasticamente abreada ao longo do tempo. Desde o final do séc. XVIII e XIX que os baldios foram alvo de vários tipo de desapropriações. Uma das mais foi a privatização através da municipalização da administração. Apesar das populações locais poderem usufruir e fazer o baldios para ordens tradicionais as mesmas podiam dispor dos baldios para gerar rendimentos económicos para darem teres a fim de fazer os seus credores com com e hoste e para fins de interesse público como por exemplo a construção de instalações. Foi diversas vezes ao mais poder foram lesados pelas elites locais e chegaram mesmo a apelar ao Outro Outra via foi a devolução dos baldios em parcelas de acordo com a necessidade de muitos o que beneficiava os mais ricos com mais propriedade de terras parcelas em detrimento dos que não tinham outra terra além dos seus comuns. Durante o Estado Novo reforçam a via da nacionalização mas que teve a vantagem de não fragmentar as terras comuns e que finalizou o processo de devolução do período revolucionário. As alterações para a gerência comunitária das terras comuns foram, nomeadamente, recentes e valorizadas ao longo dos anos e em muitos lugares os moradores perderam as práticas de governo os recursos de forma comunitária.

No momento de unes e comunes locais e leu dos baldios porque e amplo um modelo de governação democrático baseado na assembleia dos compartes, onde todos os credores duma área geográfica com direitos humidores de um e função poderem participar a fim de elegir de assim e de escrever, um Conselho Diretivo ou delegado poderes de deliberação noutra vigilância igualmente a nunta de frequentes e votar a aprovação do plano de atividades e relatórios de contas com subsequente distribuição de rendas às comunidades locais. regulares de gestão serviços à comunidade. Assim, as assembleias de compartes são um espaço aberto à participação de todos os residentes pois em Portugal o estatuto de comparte e o dando à participação e concedido automaticamente a todos os credores nas antigas de governação comunitárias a nível local. Outra obrigatoriedade e com a mais profunda do democracia não nos dedicamos endentar. A política técnico-de mandato de luta pelo poder e que nos baldios se pode universalizar na forma de conflito local. A democrático de conflito e constituinte à noção de bem comum e pode fazer parte duma poderes soubrel de escrutínio de melhor de formas de todas beneficiam as populações locais mas também pode ser destrutiva e ser uma violento, elaborado em oposição grupos comuns com diversas capacidades e poder para se apropriarem de recursos comuns. Em privilegio para a manutenção de conflito são gerados de se realiza para abertas os compartes dos assembleias e e o poderão de decomposição progressiva dos não-são um interesse contemporâneo pela criação de bens comuns. Outra abordagem e a expansão de sensores responsabilidades pessoas ao bens comuns de florestação comunicando. Numa outra dada em que cada vez mais a uma novas naturais-famílias a fim de adquirir as capacidades necessárias para ter valor na exercício de trabalho qualquer trabalho comunitário se torna numa atividade dispendiosa de tempo. As mulheres podem ser excluídas da participação por outros motivos, em particular pelo acumular do trabalho com tarefas domésticas e pelo cuidado de filhos pequenos.

Apesar de os partos a abertura das instituições democráticas à participação dos cidadãos não corresponderão às expectativas de muita gente com a democracia direta e o de democracia representativa que está atualmente em curso e último implica uma delegação integral de poderes dos cidadãos nos governantes num dentro à opção entre os governantes. Por esta razão o mesmo de democracia representativa gera o cenário em que os cidadãos se sentem afastados em que se decidem adquirem um carácter de universalidade exigindo os mandatos cada vez mais. No fenómeno direta ao intensidade assistem uma parte aberta para os verem ampliar-se ou mesmo se decidem. o que obriga a um trabalho mais exigente da parte da administração e dos participantes na assembleia para garantir decisões de maior qualidade. Tudo isto pequeno cidadãos políticos e capacidades pessoais e coletivas para o exercício virtuoso da democracia que só podem ser adquiridos através da prática. mas esta é a forma de construir consensos a longo prazo sobre o que pode ser um gestão ao serviço do bem comum como é o caso da recuperação duma floresta degradada com séculos de investimento tendo em conta o bem-estar das gerações vindouras.

**A abordagem entre 2010/2011 pelo CES no Vilarinho apontou ferramentas e cientificidade na gestão florestal, particularmente úteis no combate às espécies invasoras, mas que levanta algumas questões de maior âmbito. Uma das áreas que trabalha é "sobre as interações ciência-sociedade que resultam numa boa vida para as comunidades humanas e em ecossistemas sustentáveis." Não era esse medida formar um quadro técnico de saber científico, ou uma relação legislação pelo academia, não é formar apenas um quadro dirigente numa gestão que alberta a participação não técnica ou a relega para um segundo plano? Como conciliar o contributo e o discurso dos primeiros num plano de horizontalidade com os demais? Como ultrapassar o pais dos engenheiros e doutores, mais ainda na encosta de um baldio, onde se esperam que os compartes não sejam chamados apenas a decidir localmente o destino de baldios?**

Quando nos sinamos com os baldios de Vilarinho no âmbito do projeto DCBAS: o Conselho Diretivo ia talha aqui técnico-especialmente para a gestão da floresta através de Eugénia Rodrigues formalmente trabalhar com ele e com o Conselho Diretivo para tirmos particularmente recursos que pudessem contribuir para um conhecimento multidisciplinar mais amplo do território mas depois-nos com uma rede de dentes e agentes nos canais de produção de conhecimento que pretendem ter informação local. A produção de conhecimento científico tem dificuldade em atingir as pretensões de uma população de pais de alguns temas mesmo os propósitos de que isso a diferença do nosso comum e de conhecimento local. Assim frequentemente as mais recomendações são muitas vez vezes tradutores transformados e apropriados pelos que vão ago a nível local pois tradicional e restrito. O trabalho de equipas técnicas é um exemplo disso com base no conhecimento científico-técnico disponível através da sua formação profissional e dos recursos da academia. Eugénia Rodrigues está a interar e experimentar formas de combinar localmente o problema. O processo de colaboração que o CES estabeleceu com a Comunidade de Compartes dos Baldios de Vilarinho somente numa interpretação particular da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos onde se encontram e gas vezes se confrontam, os saberes científicos profissionais e locais. Não se parte do pressuposto que a academia tem o conhecimento e os compartes o ignorância, nem vice-versa. O conhecimento tem de ser parte a parte, e a neutralidade é resultado e processo, não a priori. Assim, a validade do conhecimento técnico-científico e local não somente exclusivamente os mitos dos seus detentores. Ele está constantemente aberto à crítica e à apropriação mútua. Por esta razão, é essencial um processo de construção de confiança, responsabilidade e de participação na experimentação para manter com segurança.

Acrediamos que o contexto atual da floresta comunitária é particularmente favorável à criação de ecologias de saberes por duas razões. A primeira é que os baldios que beneficiam no património gral florestas de forma assídua possuem do saber secular para florestas e se apoiam utilizados são muito diferentes dos sistemas que são praticados tradicional. A segunda é que nos baldios se compartes tem numerosos para temas se mas decidir. A conjugação destas duas condições torna a gestão comunitária muito exigente para os profissionais florestais que procuram de agradar a trabalhar num contexto muito diferente do Estado tradicionalmente baseado nas relações autoritárias. Em contexto intimo e tendo este saberes técnicos não tenham pode avaliar em aprendizagens mútuas e novos conhecimentos mas também pode levar a tensões mas em pequena escala. Mais uma vez se destaca a importância da participação dos compartes nas assembleias mas salientar-se que a participação num contexto onde os saberes são plurais e gera-e um processo exigente e nunca a resultados a vista de o que pode estão em causa decisões coletivas sobre bens comuns.

**Os Baldios são hoje apenas um espaço comunitário praticamente rendido ao seu usufruto económico e produtivista. Parece haver simplesmente como ambição a integração e dependência no contexto económico que nos rodeia, o que inclusivo tempo mesmo hoje de assédio necessitário constante. Das territórios e seus comuns são mais do que isso e deste**

**quanto futuro natural e enquanto comunidade. Cevão que foi por isso sentido falhe dessa perceção mais alargada. Como o entendes? Está a mesma de alguma forma patente no Vilarinho?**

O modelo de floresta comunigenia para gundes seguir contra-regra restrito e problemas complexos onde o Estado e o Mercado falharam e campos com diversos como a sustentabilidade ambiental, fundamentalmente a economia local e tempo social na distribuição dos rendimentos. Essa experiência não necessário pois se trata duma propriedade coletiva gerida em comum e que de alguma maneira evoca os novos imaginários formais alternativas de relacionamento social entre as pessoas que não seio e predominam das relações capitalistas. Este os conhecemos a gestão comunitária de recursos naturais passou por fases de reconhecimento e desreconhecimento, quando os estudos empíricos não foram capazes de o ver à altura das expectativas. Isto-Aconteceu após a devolução dos baldios. Portugal recebeu a atenção de investigadores nacionais e internacionais que procuravam averiguar se a propriedade coletiva podia conduzir efectivamente ao comunismo. O resultado foi um muro caso uma de muito com a degradação de recursos comuns apropriação individual e captura dos baldios para benefícios dos elites locais em detrimento dos mais pobres. Desde então diversos estudiosos como o prémio Nobel na área da economia, procuraram compreender quais as condições necessárias para a manutenção do sólo colettivo e a gestão sustentável dos bens comuns. No entanto, mesmo quando os recursos são geridos de forma sustentável podem continuar a existir relações hierárquicas nas comunidades a longo prazo que podem conduzir a uma apropriação desigual dos bens.

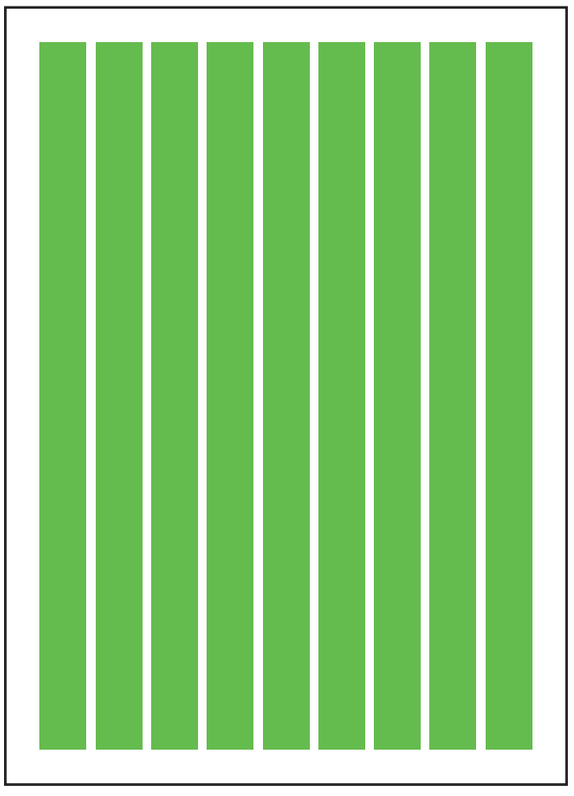
No relatório final do DCBAS: Baldi Gouin-Bumos nesse amigo e investigador da Universidade Nacional Autónoma do México. Estudou a floresta comunitária como um mosaico de gestão de uso gestão e governação da floresta e dos seus recursos que são avaliados num tradição de propriedade ou uso e função compartilhada por uma população humana que tem de residentes, mesmo que de maneira parcial, um mosaico de necessidades comunidade em função de uma área ou um mesmo conexão de bens comuns e as contexto estabelecido por uma ecologia atuante e complexa de padrões de saberes. E com este contexto com o qual temos vindo a trabalhar desde então a floresta comunitária como um espaço para a manutenção de práticas comuns potencialmente fundadoras de comunidades humanas que procuram contribuir para o bem comum. Aqui de formação de comunidade Vilarinho enfrenta um desafio gigantesco. o mesmo desafio que enfrenta toda a sociedade moderna: criar vínculos entre os seres humanos, com o território e com as espécies que nele vivem. A sustentabilidade social do povoro de recuperação da floresta para perdurar bem comum depende disso.

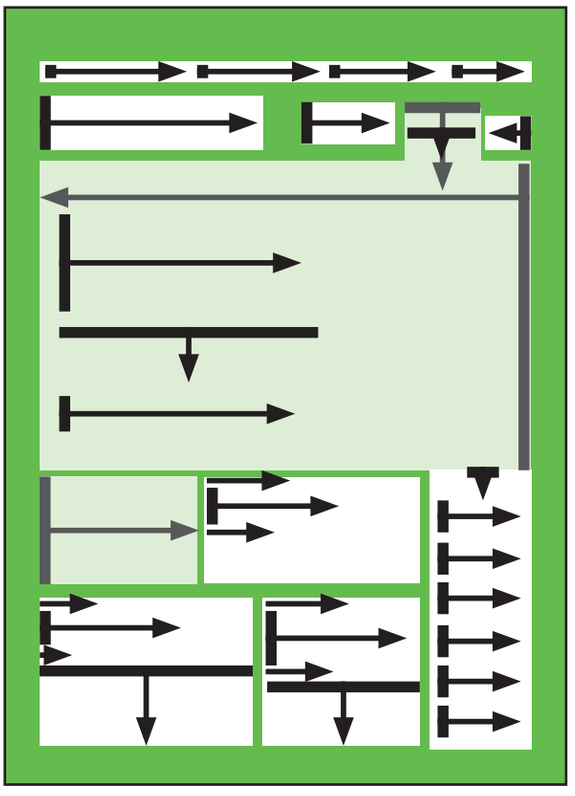
**Tens anunciado um livro sobre o regime jurídico e fiscal dos baldios, junto com José Augusto Ferreira da Silva, que julgo particularmente crítico à nova Lei dos Baldios pela menção de privatização e pelo otuque aos aspetos comunitários. Independentemente do parecer pendente do Tribunal Constitucional à Lei dos Baldios cabe perguntar: não está-se aliberde se ouvir o ovo dos lobos na serra contra esses investidas?**

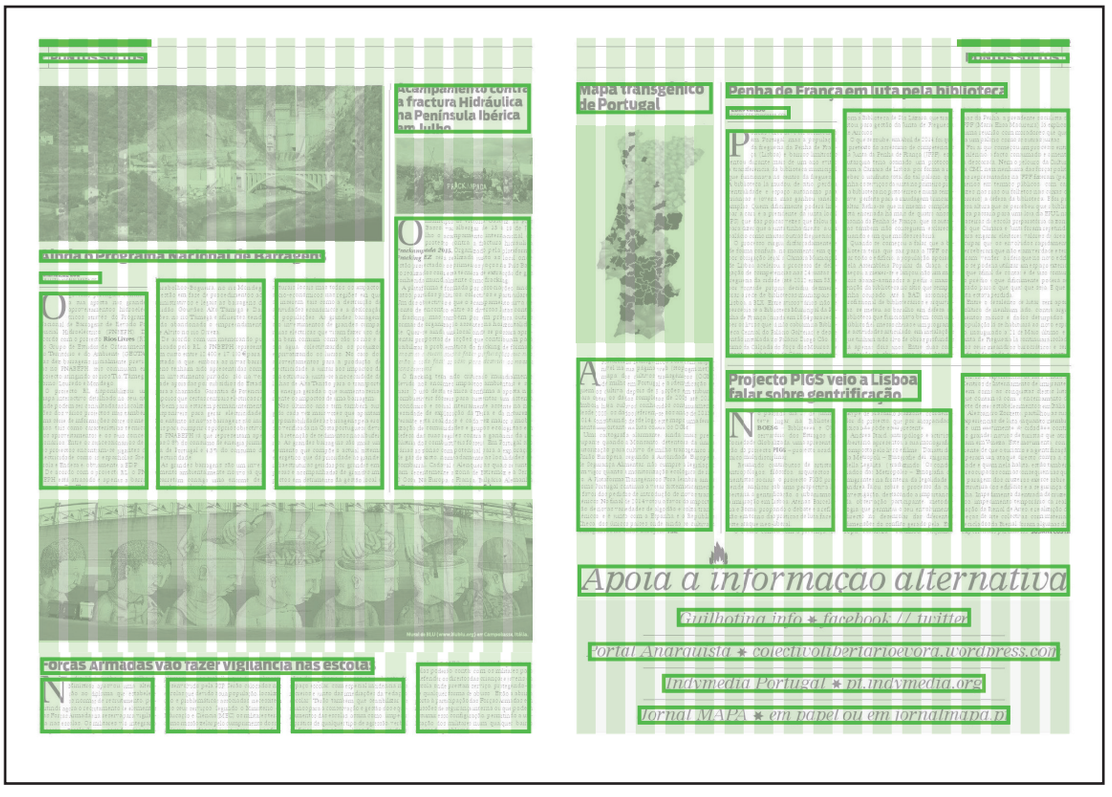
O lobo é um animal muito especial. Vive em comunidade, assume-se fiel durante toda a sua vida e é conhecido pela sua lealdade. No entanto também existem lobos que preferem tempos vez e só lobos assume-se que caminham sozinhos pelo regresso de se organizar para enfrentarem a ameaça de extinção existente e que é real. Quando falamos de baldios falamos de um conjunto de terras que pertencem a uma comunidade local e que são geridas em regime comunitário. Isto significa que os baldios não são propriedade de ninguém, mas sim de uma comunidade de compartes que tem direitos e deveres sobre a floresta. Ou seja, os baldios não são propriedade de ninguém, mas sim de uma comunidade de compartes que tem direitos e deveres sobre a floresta. Isto significa que os baldios não são propriedade de ninguém, mas sim de uma comunidade de compartes que tem direitos e deveres sobre a floresta. Isto significa que os baldios não são propriedade de ninguém, mas sim de uma comunidade de compartes que tem direitos e deveres sobre a floresta.

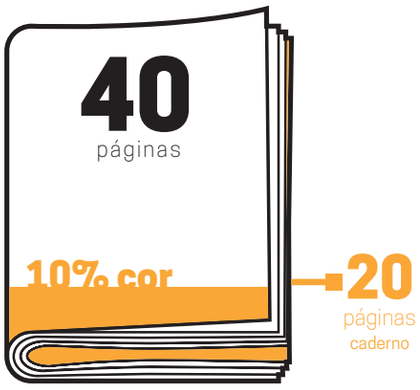
As instituições para a governação comunitária das terras comuns foram sistematicamente erodidas e violentadas ao longo dos anos, e em muitos lugares os moradores perderam as práticas de governar os recursos de forma comunitária.

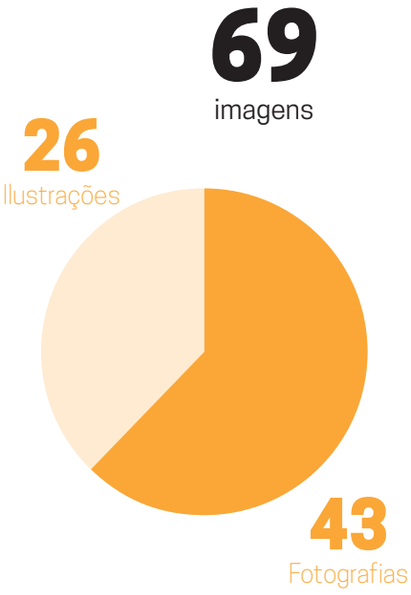
A nível de formação de comunidade, Vilarinho enfrenta um desafio gigantesco, o mesmo desafio que enfrenta toda a sociedade moderna: criar vínculos entre os seres humanos, com o território e com as espécies que nele vivem.






Acampamento contra a fractura Hidráulica na Península Ibérica em Julho
Ainda o Programa Nacional de Barragens
Forças Armadas vão fazer vigilância nas escolas
Mapa transgénico de Portugal
Penha de França em luta pela biblioteca
Projecto PIGS veio a Lisboa falar sobre gentrificação
Apoia a informaçao alternativa
Guilhotina.info * facebook // twitter
Portal Anarquista * colectivolibertarioevora.wordpress.com
Indymedia Portugal * pt.indymedia.org
Jornal MAPA * em papel ou em jornalmapa.pt




# #11

Número 11
De Outubro de 2015
a Dezembro de 2015
1500 exemplares

Capa
Páginas 14 - 15
Páginas 28 - 29



As "Safos Galegas" pg.33 / Crítica: Aos Nossos Amigos pg.36 / Vitor Silva Tavares: O editor subterrâneo pg.37

mapa: Jornal de Informação Crítica

ASSINA O JORNAL MAPA

NÚMERO 0
OUTUBRO/OCTUBRE 2015
TRIMESTRAL/TRIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
POR TI
WWW.JORNALMAPA.PT

CADERNO CENTRAL:

# CARTOGRAFIA DA EUROPA FORTALEZA
## MIGRANTES, REFUGIADOS E SOLIDARIEDADE SEM FRONTEIRAS NO VELHO CONTINENTE


PÁGS. 0 A 13 FRANCA/ITÁLIA - UM VERÃO CONTRA AS FRONTEIRAS
PÁG. 33 GRÉCIA/TURQUIA - O QUE SE PASSA NO MAR EGEU?
PÁGS. 12 E 13 ITÁLIA - DETENÇÃO NOS CIE E REVOLTA
PÁGS 14 E 15 SÍRIA - A GUERRA NA SÍRIA: AS SUAS RAZÕES E QUEM A ALIMENTA
PÁGS 16 E 17 BÉLGICA - NENHUMA BOIA PODERIA TER IMPEDIDO O TITANIC DE SE AFUNDAR!
PÁG. 18 E 19 REPRESSÃO COM FRONTEIRAS
PÁGS. 20 E 21 CRONOLOGIA DE LUTAS CONTRA AS FRONTEIRAS. AGOSTO/SETEMBRO 2015
PÁGS 22 A 26 EUROPA/PORTUGAL - ENTREVISTA COM MAMADOU BA


### Resort de Luxo ameaça mata do Bom Sucesso

pág. 3

Numa zona em que outros projectos de resorts naufragam tem sido abandonado o Pedrão Group agora na construção do Resort Palácio Del Rey na Mata Nacional do Bom Sucesso em Óbidos. O governo classificado de Interesse Nacional conta com 475 moradias e apartamentos de luxo, um hotel de 5 estrelas e um campo de golfe. Entre a destruição de áreas naturais e a urbanização do acesso já passou este é mais um exemplo de desgraças da indiscriminadamente numa situação em muito semelhante à de outras áreas como a Costa Vicentina, no Alentejo e o Barrocal no Algarve.

### Jogos de guerra em Portugal

págs. 4 e 5



"Trident Juncture 2015 é o nome do exercício a realizar pela NATO entre Outubro e Novembro de 2015 em diversos locais de Europa. A partir da simulação de um conflito fictício por causa de querelas relacionadas com o acesso à água, terá lugar a maior demonstração de força dos membros da guerra no período pós-guerra fria. O exercício deixa no entanto antever o crescente actual de gastos bélicos e das operações nas costumeiras zonas cada vez mais frequentes pelo globo. Em Portugal decorrem exercícios em locais como Beja, Setúbal ou Tancos.

### Petróleo e gás de Norte a Sul

pág. 6



O número de concursos de concessão para a extracção de gás e petróleo nunca os custos como em treze anunciados pelo Estado tem aumentado gradualmente nos últimos anos. Sob os argumentos do aprovisionamento energético e da crise económica, está em curso a venda de uma extensa extensão de territórios a empresas como a Repsol e a Galp No Algarve, o problema da extensão extractiva tem como os seus impactos comuns água a chegar à praia pública. No resto do país e idênticos tem sido a contes.



CADERNO CENTRAL
MIGRANTES, REFUGIADOS
E SOLIDARIEDADE SEM
FRONTEIRAS NO VELHO
CONTINENTE

# A GUERRA NA SÍRIA: AS SUAS RAZÕES E QUEM A ALIMENTA

**QUILOMBO INFO QUILOMBISMO**

Quando a vaga de bombardeamentos norte-americanos e ingleses contra o Iraque começou em Março de 2003, a Síria foi um dos países liderados Norte-americanos que foram chamados a fazer parte do "eixo do mal" pelo George W. Bush. Como todos sabemos, o Iraque foi um dos países mais fortemente bombardeados pelos EUA. Para além de ter sido invadido, ocupado militarmente e ter sofrido uma guerra civil, o Iraque foi também um dos países mais fortemente sancionados pelo Conselho de Segurança da ONU. Estas sanções, que duraram mais de 10 anos, foram responsáveis pela morte de mais de 1 milhão de pessoas, entre as quais mais de 500 mil crianças. Depois de ter sido invadido, ocupado e destruído

# Os exércitos vigiam fronteiras de classe

O movimento anti-militarista cipriota organiza pelo sexto ano consecutivo um concerto em Nicósia contra a militarização da ilha, contra os nacionalismos e pela coexistência das comunidades grego-cipriota e turco-cipriota.

TIAGO ALFAIATE E GIAKOUMIS NIKITA

Nicósia, Chipre. Centro de Agosto de 2013. Montamos o documentação, aparentemente. O checkpoint da Rua Lidras e Ledra, que separa a Praça de Selamewi, a parte norte da cidade. Apenas dois edifícios cruzam-se para os lados dos portões abandonados construídos com barreiras, entradas de cimento, arame farpado, gradeamentos e outros materiais improvisados. Até 1958, o muro dentro Berlim não existia.

No sul, os exércitos grego-cipriota e grego, no centro, os exércitos turco-cipriota e turco, no meio, ninguém. Em Março de Outubro. Chegamos à praça ninguém se põe a tocar. Ao início da noite, um grupo de cerca de concerto anti-militarista e cinematografia à margem de Santa Sofia, a entidade gémea construída pelos cruzados e reorganizada em mesquita no ano 1571, após a conquista otomana. No exterior, um grande cartaz com a silhueta de um soldado armado com uma guitarra, que ainda cem se pintou numa parede de proibição de acesso ao muro militarizado da parte norte da ilha. Em torno, grego e inglês pode-se ler: Operação Pacífico Anti-militarista.

O cenário de concerto foi enfrentou a demonstração que a Turquia deu à invasão militar de 1974 – vulgarmente chamada operação pacífica – que culminou com a autoproclamação da República Turca do Norte de Chipre que só é reconhecida pelo movimento anti-militarista turco-cipriota, e ignorado por organizações de esquerda como o grande autoproclamado e ainda ilegítimo Deu Khipr, e concreto teve como objectivo levar pela coexistência com paz completamente independentes com uma presença ignorância tem sempre fingindo e com a hegemonia dama mentalidade imperialista.[1]

Alheiros geográficos de Chipre está marcada por tal não dando de cimento dos diferentes imperialismos que lutaram pelo controlo do Mediterrâneo oriental. Depois de ter administrado pelo Império Otomano durante três séculos, Chipre passou a ser um protectorado inglês em 1878. Durante a Primeira Guerra Mundial, o Império Britânico assumiu-se a ilha com status de colónia. Em 1960, Grã-Bretanha cedeu o seu domínio depois duma campanha de atentados do grupo armado EOKA (1955-1959), uma organização nacionalista de direita, e um acordo de paz entre a Grécia, a Turquia e a Inglaterra. Este acordo tinha como objectivo a criação de um estado independente com duas comunidades, a grega e a turca, e a manutenção de três bases militares britânicas.

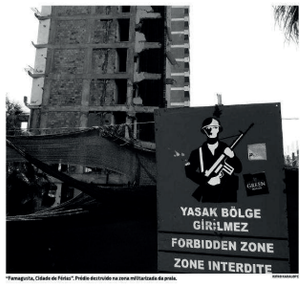
Após a independência, em 1960, o governo foi formado com base na proporção de 70% de gregos e 30% de turcos. Os turcos tinham também direito a 30% dos lugares no exército, na polícia e na função pública. Em 1963, o presidente Makarios propôs uma revisão constitucional que retirava aos turcos muitos dos seus privilégios. Em resposta, os turcos retiraram-se do governo e começaram os ataques contra os gregos. Em 1964, a ONU enviou uma força de manutenção de paz para a ilha, a UNFICYP, que ainda lá se encontra.

Em 1967, um golpe militar na Grécia levou ao poder uma junta militar fascista que ficou conhecida como a dos coronéis. Um dos seus objectivos era a anexação de Chipre à Grécia. Em 1974, a Guarda Nacional grega, comandada pelos coronéis gregos, organizou um golpe de estado contra o presidente Makarios. Em resposta, a Turquia invadiu a parte norte da ilha, provocando a fuga de 200 mil gregos-cipriotas e 60 mil turco-cipriotas.

Ao mesmo tempo que a ilha estava dividida, a Turquia iniciava a sua política de colonização, enviando milhares de colonos e a segregação étnica com uma migração de 200 000 gregos-cipriotas e 60 000 turco-cipriotas.

Ao contrário do que dizia a propaganda nacionalista, a ilha não estava dividida em duas comunidades étnicas homogéneas. Existiam, e existem, muitos arménios, maronitas, latinos, arabófonos, entre outros, que não se identificam com nenhuma das comunidades étnicas dominantes. Mas a ideia de que a ilha estava dividida em duas comunidades étnicas homogéneas foi sempre uma ficção política, que serviu os interesses dos nacionalismos grego e turco, e dos imperialismos britânico e norte-americano.

Após a invasão turca, a população grega do norte da ilha foi expulsa e refugiou-se no sul. Os bairros e as aldeias gregas foram ocupados pelos turcos, e vice-versa. Nicósia, a capital, ficou dividida em duas. Em 1983, a parte norte da cidade declarou unilateralmente a independência, mas nenhum país a reconheceu. Até hoje.



"Famagusta, Cidade de Fósseis". Prédio destruído na zona militarizada da praia.

A 20 de Julho de 1974, Nicos Sampson, o líder dos golpistas gregos-cipriotas, tomou o poder. Em resposta, a Turquia invadiu a ilha pela segunda vez. Desta vez, a Turquia ocupou 37% do território da ilha, e a fronteira entre as duas comunidades étnicas ficou definitivamente estabelecida. Em 1975, a Turquia proclamou a República Turca do Norte de Chipre, que só é reconhecida pela Turquia.

Após a invasão, a população grega do norte da ilha foi expulsa e refugiou-se no sul. Os bairros e as aldeias gregas foram ocupados pelos turcos, e vice-versa. Nicósia, a capital, ficou dividida em duas. Em 1983, a parte norte da cidade declarou unilateralmente a independência, mas nenhum país a reconheceu. Até hoje.

Num contexto tão marcado pelas narrativas nacionalistas do conflito, o movimento anti-militarista cipriota consegue não só denunciar as bases socio-económicas da militarização, mas também criar espaços comuns de acção além dos limites estabelecidos pelo relato hegemónico.

No grupo Telmarc, o ato começa com um comboio em grego e em turco que atrai a atenção curiosa. As mensagens do representantes e o discurso denunciando o negócio do militarismo que destrua o meio ambiente e as condições para a vida e que impõe um modelo nocivo de masculinidade. Acima foi também denunciado pelo colectivo FAQ (Feminista. Anti-guerra. Queer) na Marcha por uma Nicósia Desmilitarizada deste ano (ver a foto). Não encaixamos no "nosso humanismo. Abandonemos fronteiras fronteiras e exércitos".[2]

Depois das palavras seguiu-se o concerto de *breakdance* Dudes 21 cruzou um circuito com passos de natureza opressora e famílias de Bertolt Brecht. Nassos Nikiforiou Odysseas Gregos a intervenção de Dervis Gunduz que toma palavra a sua obsessão de consciência à Grécia sobre que se recusa pública desde 1955[3]. Chegada de Imamhol e a banda *Brothers* cantam o seu repertório e reunir em nuvem da consciência cerimonialista do Quarto Cruz espanhola. Um coro de ouvintes turco-cipriotas reabe as crianças. Entre todas as canções da noite, há uma que se ouve duas vezes, em grego e em turco. As ondas dos manifes não ganha outra vez a gente gosta-se vidas a nossa vida! Já não podemos suportar certamente, já não vamos obedecer mais. É uma pura tradicional cigarra cantilhada pela banda *Mavanne Zimmone*, que fala da revolta popular de 1931 na qual portugueses juntou camponeses grego-cipriotas e turco-cipriotas[4]. No grupo de Telmarc encontramos e dizia: A noite foi excelente que tentam capturar as nossas vidas com muita fugaz[5]. Gérmen-Chez-vos embora é cem ao nosso bonne ambiente."

**NOTAS**

1 Para mais informação sobre o movimento de objecção de consciência, http://www.35-31.com/

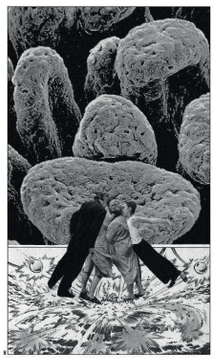
2 A canção pode ser ouvir aqui: https://www.youtube.com/watch?v=VDeVWwhaUA. No folheto distribuído durante a manifestação (ver cópia nesta), lia-se: Os cartazes da manifestação que em Janeiro de 2013 propagaram uma manifestação de que se recorda: 15 Milhões de Homens.

3 Ver nota 2.



# O exílio portuense das 'Safos Galegas'

por Carlos G. Varela

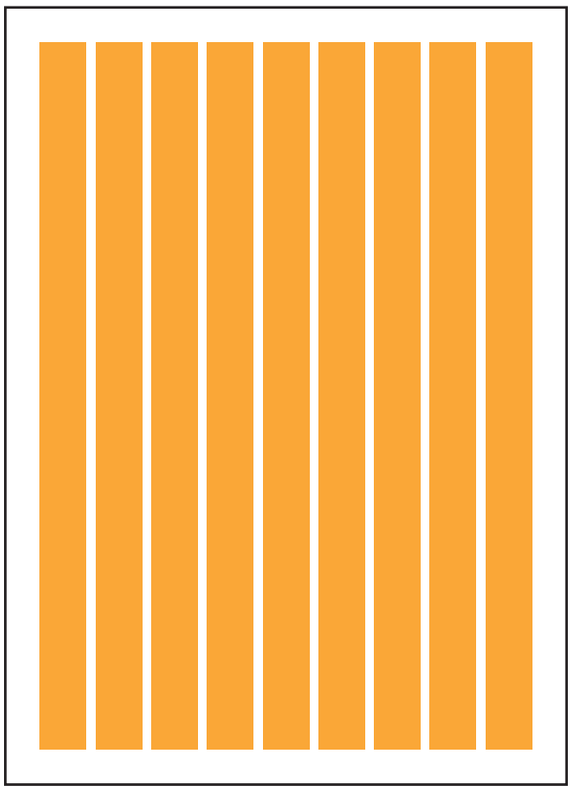


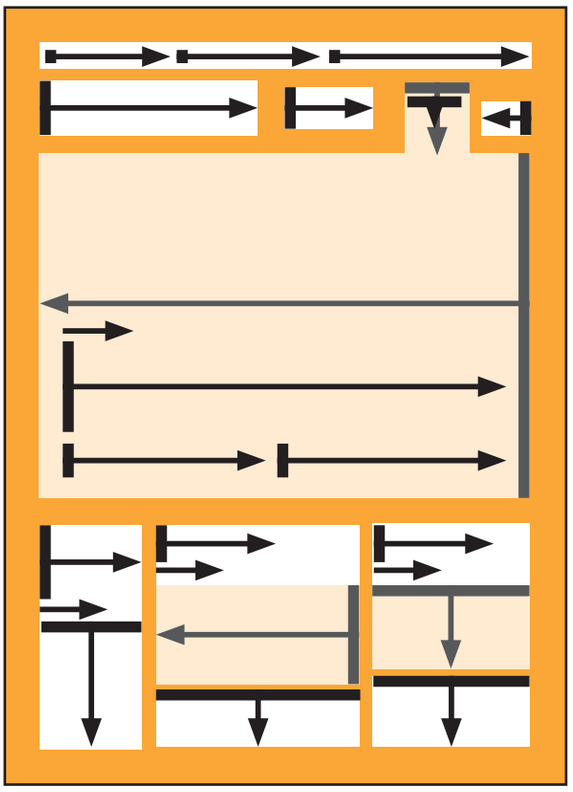
*"O corpo mas não mente dentro do amor borrasca pálidos nós dos gargantas de crepúsculos no ventre"*
Casimiro Fernández Figueiredo (Rosalía Rey, 1982 [1934]: 109)

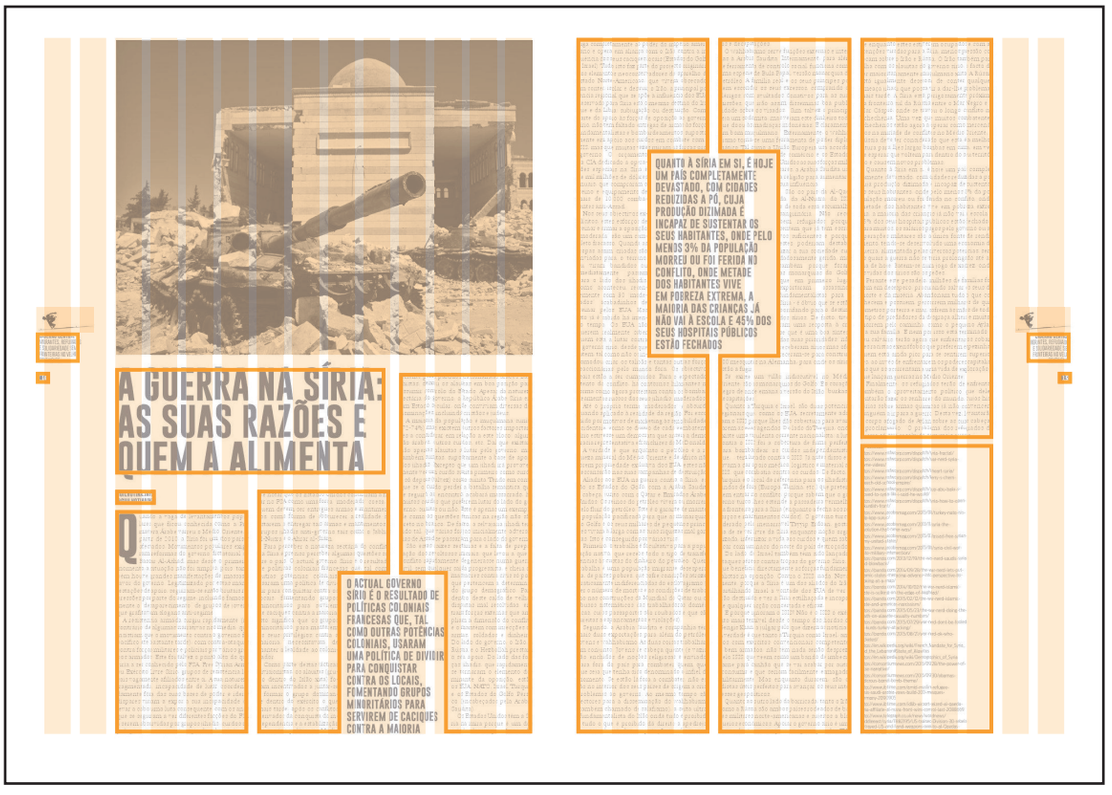
No Verão de 1931, Mário e Marcela um irmão casal galego chegam ao Porto para montar uma nova vida, pouquíssimo estabelecer-se de vez grande. A Mesquita, na rua de Bonjardim é depois morada da poeta da República Marcela começará a trabalhar no Café Lotharingia nuns preparativos e aprontam muito escondo todo bem para o casal até que um espanhol, do delata à polícia Mário da atividade era Elvira uma mulher. Apesar dos, os seus primeiros tempos no de um campo de batalha entre o amor, o ódio e o ferro-gravando encontrarão entre pintores anónimos de vanguarda. É a luta de Elza e Marcela, aparentemente reinventada por Narciso de Gabriel (2008) – e divulgada pela extraordinária faleceu Eduardo Galeano (2012) – nunca um ponto de destaque na História *duces* de Portugal.

Elza Bandeira nasce na Corunha em 1892, cinco anos antes de Marcela Gracia Cruceiro-que se Revista Nacional de Medicina onde Elza trabalhara e Marcela estudara. Depressa nasce uma forte amizade entre elas, julgada numa escritora pela família de Marcela que teria ofício a relação ocasião a filha para Madrid. Porém, reside-lo as duas professoras – uma perfeito que a mudança para outra casa de Bragansteen com Elza à beira da escola rural de Cruz e Marcela da de Trás, envolvendo-se finalmente e passam-se Caló (Vimianzo) e a segunda em Sumbria. Com independência económica e longe do controlo familiar, as duas companheiras podem fazer o que lhes apetece. Elza parecerá semelha com o seu revolver – como era costume dos anos de sonho – os seus quilómetros que distavam até à morada de Marcela. Mas o pouco carácter – armadilhas chamar-a-lhe o Grã, em alusão à Guarda Civil – faz com que o seu valor seu pólvora com os portes dentro que Marcela tinha no ofício, e chegará em uma a neste município. Com o contrário muito cuidado. Elza vale a Corunha.

Após este primeiro encontro, trocam uma nova correspon. muito mais sedutor e cartas que Marcela envia a Elza. Nelas, Elza partilha a vida com Marcela, a primeira começa a transformar-se neste grupo de homens. Sem crescer, longe Suas. Elza transforma-se em Mário Teodoro Lesga, um estudante revolucionário de Londres para onde vem a sua presença. Marcela. Fazendo-se gastar por governante, vem que se honrar como estilista para poder como e ter, assim ofuscando a sua nova identidade. Em 6 de Junho de 1931, ao fim e meio de assalto, o casal parte finalmente rumo ao sul, com a sua bagagem. Em Vigo, a primeira paragem, Elza e Marcela são recebidas por



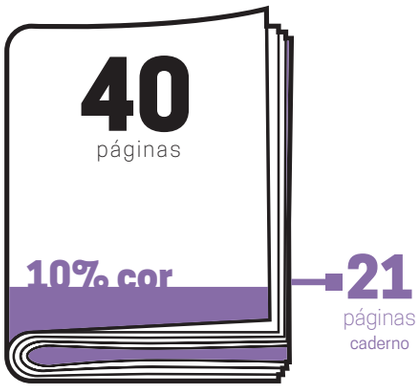




# A GUERRA NA SÍRIA: AS SUAS RAZÕES E QUEM A ALIMENTA

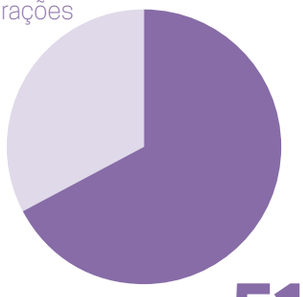
O ACTUAL GOVERNO SÍRIO É O RESULTADO DE POLÍTICAS COLONIAIS FRANCESAS QUE, TAL COMO OUTRAS POTÊNCIAS COLONIAIS, USARAM UMA POLÍTICA DE DIVIDIR PARA CONQUISTAR CONTRA OS LOCAIS, FOMENTANDO GRUPOS MINORITÁRIOS PARA SERVIREM DE CACIQUES CONTRA A MAIORIA

QUANTO À SÍRIA EM SI, É HOJE UM PAÍS COMPLETAMENTE DEVASTADO, COM CIDADES REDUZIDAS A PÓ, CUJA PRODUÇÃO DIZIMADA É INCAPAZ DE SUSTENTAR OS SEIS HABITANTES, ONDE PELO MENOS 3% DA POPULAÇÃO MORREU OU FOI FERIDA NO CONFLITO, ONDE METADE DOS HABITANTES VIVE EM POBREZA EXTREMA, A MAIORIA DAS CRIANÇAS JÁ NÃO VAI À ESCOLA E 45% DOS SEUS HOSPITAIS PÚBLICOS ESTÃO FECHADOS




**58**
imagens

**19**
Ilustrações



**51**
Fotografias

# #12

Número 12
De Fevereiro de 2016
a Abril de 2016
3000 exemplares

Capa
Páginas 6 - 7
Páginas 24 - 25

Jogo do Pau **Arte e engenho** pg.33 / **A tecno-colonização da mente** pg.36 / Orgasmo negro **Poder do Silêncio** pg.37

mapa: Jornal de Informação Crítica



**Infografia: Avanços da indústria e resistências à exploração de petróleo e gás em Portugal** pág. 20 e 21

NÚMERO 12
FEVEREIRO ABRIL 2016
TIRAGEM 5000 EXEMPLARES
ISSN 2183-0851
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

PÁGS. 14 A 17
**COMPOSTA: ENTRE OS ESPÍRITOS DA TERRA E DO TURISMO**
PÁGS. 18 E 19
**DEMOLIÇÕES NA CALDEIRA DE TRÓIA**
PÁGS. 22 A 24
**COLMEAL: A TERRA DO SILÊNCIO**
PÁGS. 25 A 27
**INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA RADICAL DO TURISMO**

CADERNO:

# TERRA, TERRITÓRIO e TURISMO

O Jornal MAPA lança o olhar sobre a história de alguns lugares e da sua relação com o turismo. Neste pedaço de terra, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, onde o turismo é o ingrediente dominante do modelo de desenvolvimento económico e social, é demasiado comum ver uma indústria turística que instrumentaliza o território, compartimentando-o em ofertas consumíveis e que, não raras vezes, adultera e silencia a própria memória dos locais.

VAK.

ESPECIAL:

## Urgência, emergência e excepção: Dicionário para os novos tempos

**Entrevista** Ce Qu'il Faut Détruire
**Opinião** Da utilidade do terrorismo
**Análise** Molenbeek, 'No Future' Armado
**Crónica** Felizmente continua a haver luar




O estado de emergência esconde um monte de urgências!

## A (renovada) corrida ao ouro negro

**págs. 3 a 5**

*Deep offshore* e a indústria petrolífera em mares nunca antes navegados.

## Novo Rui, velhos vícios

**pág. 6**

Das ruínas do quarteirão de D.João I nascem novas, mas velhas, políticas de reconstrução urbana.

ASSINA O JORNAL MAPA



# Novo Rui, velhos vícios

**No passado mês de Julho de 2015, no Porto, iniciaram-se obras de demolição parcial do quarteirão de D.João I para o que Rui Moreira prometia vir a ser uma "praça pública". Partindo da análise do projecto e das instituições envolvidas, tenta-se perceber as implicações e as lógicas de toda uma política de reconstrução urbana.**

TEÓFILO FAGUNDES
TEOFILO@JORNALMAPA.PT




Zita Moura

No centro do Porto, ali entre o surpreendente emaranhado Ribeira e a ferozmente requerida Baixa, um quarteirão definha há décadas. A área delimitada pelas ruas Dr. de Bandeira, Formosa, Bonjardim e Herculano de Bonjardim, confinando por quase metade de D. João I, sofreu um ritmo de abandono, desmarginação, reconstrução e nova abandono que a transformou numa enorme devoluta. No passado mês de Julho de 2015, anunciam-se obras de demolição parcial deste quarteirão para o que Rui Moreira, presidente da Câmara, pretende vir a ser uma praça pública. Debatida por qualquer cidade e uma necessária de tantas arquitectónicos diferentes nas tendências e nas temporalidades e percebendo a importância da recuperação dum tecido tão central da cidade, a exibertura deste quarteirão surge à partida, como uma boa notícia.

Mas esta alegria de ver que há vontade que pedem voltar a viver não nos deve fazer aceitar a primeira solução que nos apresentam. Dizer que qualquer coisa é melhor do que nada nenhuma é um argumento tão manipulador como dizer que uma mãe anti-pessoal é melhor do que uma bomba. Lamentavelmente que navegamos à pele negra. Mas um não transforma o outro automaticamente. O que é exigível pede-se vezes, ou uma falácia. Uma notícia aparentemente boa pode disposta, transformar-se no início duma nova pesadela. E esta vem sido a realidade na maioria das obras de reconstrução urbana. No Porto como em muitas outras cidades, nunca mais que se quer com demasiados maiores mais do que isso de vida.

Vejamos então o caso concreto desta praça pública. O primeiro passo é quarteirão de D. João I coloca duma parceria entre o Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), e a Intervidades – Sociedade Gestora de Fundos de Investimento. Ou um fundo imobiliário privado partenarado ao BCP Este fundo, que vi investiu cerca de 15 milhões de euros em compras de imóveis expropriações e licenças, para um investimento final, que pode chegar aos 45 milhões.

De acordo com os documentos disponíveis no site da SRU, o centro do qual quarteirão parece ser demolido à uma área relativamente vasta, com aproximadamente 3 mil metros quadrados de área de construção, e que, segundo a SRU, "não tem qualquer valor histórico, arquitectónico ou social". Ou seja, um quarteirão definido pelos mesmos autores que, segundo o Plano Director Municipal (PDM) do Porto classifica e qualifica as intervenções de conservação e reabilitação dos edifícios existentes. Considerando-o um valor ao genérico, com "intervenções fortemente diminuentes", com "qualidade patrimonial" a SRU justifica todas as demolições que vem a levar a cabo. E deste forma, com um novo conceito estético, determina que o PDM não é completamente aplicável e decide o desaparecimento de edifícios diminuentes, cálculo-se que para a criação também de acordo com valores estéticos de algo que se considere mais conservadores. Esta possibilidade de uma noção particular de boa prática é ultrapassada num plano municipal de ordenamento do território sobre o seu exato bom para qualquer domínio.

Ainda assim e agora de Artur Torres presidente do conselho de administração da Porto Vivo, SRU afirmando ao autos do processo, que tudo seria muito cuidadoso e que pretendia quanto mesmo aparecesse noticiar de destruição em de edifício classificados. Foi o próprio vereador do urbanismo da Câmara Municipal do Porto (CMP), Manuel Correia Fernandes quem, em Assembleia Municipal de 9 de Novembro trouxe asserções de relação do PDM. Perante isto, o presidente da CMP disse que queria entender que há violação do PDM deve divulgá-se à SRU e ordenasse?

Mais do que divulgasse, esta resposta nos a demissão. Lembremo-nos de que à altura as demais declarações, a SRU era dona em 40% pela Câmara que passaria pouco tempo depois a deter-lo na totalidade (uma municipalização feita no âmbito do designado Arrisco do Porto, assumindo a 27 de Julho de 2012). Uma SRU que age sem controlo quase como se de um gabinete de urbanismo autónomo se tratasse. Que é, aos palavras de Correia Fernandes um buraco negro de informação na Câmara. Com poderes para adaptar um PDM às suas necessidades. E que parece preocupar-se como pouco mais do que fachada a todo ao seu parecer perante. Perante este SRU Rui Moreira o notário que nos palavras de Afonso Duarte com o seu estrado pré-aviso e fachadinha se esqueceu para que este pacote coubesse a lua de dia. Engraçado não é nada com ele.

Lembremo-nos também de que Rui Moreira foi eleito presidente do Conselho de Administração da SRU em Abril de 2011. Mantem-se nesse cargo até Novembro de 2012, tendo-se mantido que o presidente da CMP tem um elemento por si nomeado na administração da SRU. No caso Rui Leite, um homem de confiança que abrigou a sua lista de candidatura. E não esqueçamos que Moreira pretende a um executivo que tem como função pelo menos legalidade na cidade, nomeadamente no negócio pelo seu PDM. Pergunto que não é nada com tudo se acabe a emergência de que o governo não pode ser questionado e deve arranjar independentemente de tudo.

O discurso social de Rui Moreira nunca combinou com o seu passado de presidente da Associação Comercial do Porto e Câmara de Comércio e Indústria do Porto (entre 1991 e 2013) e o respectivo discurso do dinheiro. Por outro lado, o alinhamento em relação ao governo de Passos Coelho de D. João I não era tanto em questão de vendo-o. Defendeu e amplificou este modo de construção de cidade que dispensa os portuenses do seu centro. E o negócio da reabilitação à hegemonização social e à transformação da cidade em um destino turístico onde uma espécie de tenda local que fará lucrar e muito os endinheirados. A ênfase do turismo fortemente diminuente? com "qualidade patrimonial" a SRU justifica todas as demolições que vem a levar a cabo. E deste forma, com um novo conceito estético, determina que o PDM não é completamente aplicável e decide o desaparecimento de edifícios diminuentes, cálculo-se que para a criação também de acordo com valores estéticos de algo que se considere mais conservadores. Esta possibilidade de uma noção particular de boa prática é ultrapassada num plano municipal de ordenamento do território sobre o seu exato bom para qualquer domínio.

Ainda assim e agora de Artur Torres presidente do conselho de administração da Porto Vivo, SRU afirmando ao autos do processo, que tudo seria muito cuidadoso e que pretendia quanto mesmo aparecesse noticiar de destruição em de edifício classificados. Foi o próprio vereador do urbanismo da Câmara Municipal do Porto (CMP), Manuel Correia Fernandes quem, em Assembleia Municipal de 9 de Novembro trouxe asserções de relação do PDM. Perante isto, o presidente da CMP disse que queria entender que há violação do PDM deve divulgá-se à SRU e ordenasse?

Mais do que divulgasse, esta resposta nos a demissão. Lembremo-nos de que à altura as demais declarações, a SRU era dona em 40% pela Câmara que passaria pouco tempo depois a deter-lo na totalidade (uma municipalização feita no âmbito do designado Arrisco do Porto, assumindo a 27 de Julho de 2012). Uma SRU que age sem controlo quase como se de um gabinete de urbanismo autónomo se tratasse. Que é, aos palavras de Correia Fernandes um buraco negro de informação na Câmara. Com poderes para adaptar um PDM às suas necessidades. E que parece preocupar-se como pouco mais do que fachada a todo ao seu parecer perante. Perante este SRU Rui Moreira o notário que nos palavras de Afonso Duarte com o seu estrado pré-aviso e fachadinha se esqueceu para que este pacote coubesse a lua de dia. Engraçado não é nada com ele.

Lembremo-nos também de que Rui Moreira foi eleito presidente do Conselho de Administração da SRU em Abril de 2011. Mantem-se nesse cargo até Novembro de 2012, tendo-se mantido que o presidente da CMP tem um elemento por si nomeado na administração da SRU. No caso Rui Leite, um homem de confiança que abrigou a sua lista de candidatura. E não esqueçamos que Moreira pretende a um executivo que tem como função pelo menos legalidade na cidade, nomeadamente no negócio pelo seu PDM. Pergunto que não é nada com tudo se acabe a emergência de que o governo não pode ser questionado e deve arranjar independentemente de tudo.

O discurso social de Rui Moreira nunca combinou com o seu passado de presidente da Associação Comercial do Porto e Câmara de Comércio e Indústria do Porto (entre 1991 e 2013) e o respectivo discurso do dinheiro. Por outro lado, o alinhamento em relação ao governo de Passos Coelho de D. João I não era tanto em questão de vendo-o. Defendeu e amplificou este modo de construção de cidade que dispensa os portuenses do seu centro. E o negócio da reabilitação à hegemonização social e à transformação da cidade em um destino turístico onde uma espécie de tenda local que fará lucrar e muito os endinheirados. A ênfase do turismo fortemente diminuente? com "qualidade patrimonial" a

"Um condomínio de luxo com uma praça para quem visita a cidade e que fecha à noite, não vão os portuenses querer usá-la. Um naco de Porto onde os abastados se possam dizer nativos. Um pedaço de Europa de onde os turistas possam partir em busca do pitoresco."

**EM NOTÍCIAS**
http://www.jornalmapa.pt/wp-content/uploads/2015/12/mapa_11.pdf
p.6 http://goo.gl/1ud8Ki



Zita Moura

# *JIHAD*, 'NO FUTURE' ARMADO

## Bélgica e as suas comunidades árabes radicalizantes

JOHAN DIELS

Não há nada no nome de Molenbeek que sugira qualquer tipo de inclinação da sua população no sentido de torna-uma *hotbed* contra a civilização ocidental e tudo o que ela representa. O nome é tão comum em flamengo como Fundação em português. Ainda assim os detentos de presos que decorrem o local para participar na guerra santa, com as provas de investigação sobre as atentados terroristas a confirmarem repetidamente o Molenbeek figurem com que o lugar forte considerado pelo mundo como um ninho de extremistas religiosos. Embora o tamanho da sua comunidade muçulmana seja proporcionalmente comparável à outros pontos da Europa Ocidental[1] como França ou Alemanha a Bélgica fornece de forte imunização aos combatentes[2]. O que deixou a questão de todo dos comunidades árabes e a sua história poderá que pode explicar a adesão de cidadãos locais ao extremismo islâmico e a transformação do bairro em uma espécie de tenda local que fará lucrar e muito os endinheirados. Esta explicação social e a transformação do bairro em uma espécie de tenda local que fará lucrar e muito os endinheirados. Esta explicação social e a transformação do bairro em uma espécie de tenda local que fará lucrar e muito os endinheirados.

### A VIDA IMIGRANTE URBANA

Quase metade da população muçulmana belga é de origem marroquina outro quarto turca[3]. Enquanto os muçulmanos vivem em toda a parte quase de dois terços encontram-se nas cidades: muitos vivem concentrados em bairros específicos ou em subúrbios tendencialmente pobres.

Molenbeek é uma destas áreas problemáticas situadas a oeste do centro de Bruxelas. A sua população é composta por 80% de imigrantes ou descendentes de famílias imigrantes: metade é a mais jovem grupo de pessoas de origem marroquina[4]. Enquanto a idade de início pode não dizer muito das características gerais que definem a vida nos subúrbios pobres e aqui que o mundo dos dados dizer sócio-económicos de grupos, mas como verdadeiro é o desemprego. Exemplo: Alem disso, os um habitante pobre de Molenbeek geralmente também agudiza os jovens: não só diplomas e qualificações como também outras pessoas numa pequena superfície. Empregabilidade ou seja mais longe e mais boas de Molenbeek mesmo ao lado de uma canal que a região do centro da cidade onde a pobreza vai e por cima a densidade populacional a ultrapassa assegurado assim de 25 500 habitantes por quilómetro quadrado[5] um valor comparável ao de uma das grandes favelas do Brasil[6].

### MOLENBEEK AO SERVIÇO DO CAPITAL

As questões sócio-económicas de Molenbeek remontam pelo menos a quatro décadas para cá. Como consequência do desenvolvimento das ordens ordenadas e da expansão do aeroporto na década de 70, muitos empregos manufactureiros em pouco tempo foram eliminados. Outras reestruturações se seguiram como a encerramento em pouco tempo das minas nalgumas. Os regressos – a maior parte dos trabalhadores imigrantes originais foi vendo em grande número de Sul da Europa como Itália e Portugal – foi agravado pelo fim do sistema de quotas em 1974, que estruturava literalmente o bairro. Ao longo de 300 anos, 170 casas foram demolidas e centenas de pessoas foram despejadas, enquanto instituições e agências ligadas aos direitos foi ofendido. Isso foram completamente fechadas e as forças tomando com pouca, e não temos nem se explodem de durante e se choquer das estruturas[7]. As pessoas que se encontram e vão ficam amuadas e de regresso ficaram com eliminada. A brutalidade destas obras de construção se circunstâncias condenam locais refugiados pela sua global de cerca de mais 7% as alterações demográficas e consequente empobrecimento de uma população imigrante em convivem famosa de Molenbeek um terreno baldio esquecido, abandonado por qualquer interesse governamental.

Num documentário de 1987 da televisão pública "vamos sonhamos nossas e mantêm-se de sonhadores e trabalhar como testemunhos de cenário uma espécie de tenda social, mantendo belga através que vivam na estádio com a comunidade de imigrantes e enfrentando competências técnicas ao serviço imigrante[8]. Foram do excluído internacional e de países ricos e retratam uma realidade duma construção ou controlo de passagem-testemunhos e expectativas em transição



ESPECIAL

**URGÊNCIA, EMERGÊNCIA E EXCEPÇÃO: DICIONÁRIO PARA OS NOVOS TEMPOS**

Desde os atentados de Paris que a França vive sob o chamado estado de emergência, um regime de excepção inicialmente pensado para durar três meses e que concede livre trânsito para todo o tipo de medidas de vigilância e controlo sob o pretexto da luta contra o terrorismo. Na prática, as medidas antiterroristas têm servido para que o Estado francês possa, sem qualquer tipo de limitação, perseguir activistas, minorias étnicas e, em geral, as vozes incómodas e críticas. Previsivelmente, o governo de Manuel Valls propôs já estender novamente o estado de emergência por mais três meses. Publicamos, na presente edição, uma mini-série de artigos e testemunhos com o objectivo de furar a emergência imposta pelo Estado francês e que ameaça alastrar por toda a Europa.

ruínas da Igreja e cemitério ainda até à sua reconstrução pela Direção do Guarda[8].

### O silêncio que ficou

Do muito que se falou, escreveu, ouviu, gizou e publicou-pensou subjacente ao Protocolo do desenvolvimento turístico da Quinta de Colmeal. Da quinta que usurpou o nome de aldeia. Não houve lugar a arranjos e a burlas[9] perdão e sanção! Ou a indulgência saiu-lhe da dimensão entre fauna e verdes. O amigo presidente do Fregues Teodoro Augusto Pacino exilou-se da querida de seu Colmeal, esgravatou em 2008 a necessidade de «um livro branco» sobre este delicado assunto.[10] O livro mais recente sobre a questão do Colmeal-lugar vai 2015, pelo olho de António Vermelho do Canal elemento do grupo de trabalho pregante e outro Secretário da Mesa da Assembleia Municipal, não pretendendo pintar-lhe a verdadeira detenção da pequenidade.[11] O nome que nos anos 80 era um desfrancesinhar judiciário que assoberbava e pintava assuntos na defesa intransigente de (in-)independentemente de certo governo Salazar-«Duas leis medem: o que quer dizer que a lei pode ser duas vezes mais pequena e lei deve ser mangonela e engavetada». Para um regedor embusa as vulgas nos consumidos que se -remuniam de grave simples-mente, analfabeto, para incorrem só se mentem das mais mentiras/per publicus». O comunista que «mimemou e incorreu» arredonhou do Quarto do Colmeal de que eram os clássicos e verdadeiros realmente da terra que detinham, havendo-se ao principio remuniente de que a terra pertence a quem trabalha.[12] O grandioso-mal foi que equipou o degrau- [e não o regulado] ser pouco mamutos autoritários e assumiu-lo fugiu da ordem actual como as que ocorreram com as -remos pagos e sigmas quando absurdamente engoram pirâtes devidamente ou mantendo-lo.[13]

Mas se o Colmeal Countryside Hotel pretende ser um fim-à-fita para o Colmeal, algo de profundamente indefensável permite. Subam ao Pinheiro(a referido ao seu título a governação da memória e património histórico da Aldeia do Colmeal inverso do seu desenvolvimento turístico. Nessa memória com a marca imprimida de *Colmeal. Land of Silence* é o último que se incorre ao simplesmente livro branco.

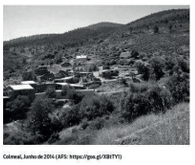
### Turismo: um lugar sem Terra

Colmeal, está em plena rota das aldeias históricas abaixando de pensadores municipal (Alto Douro Vinhateiro e Obrigues do Vale do Côa) ou programas de natureza como a Pina Rivera. Não restam dúvidas nem mentiras para ser visitado em Figueira de Castelo Rodrigo.

Quando se desenvolvimento e generalizando, se opõem em nome da mera sobrevivência pois no fundamento dos pois a questão do Colmeal: a possibilidade de uma nova paralisia do turismo e da aldeia pelo vindouro comunicado dos poderes pretensiosidades (mutemos entre outros), através da dominação perdida e ou arredondar formas adequadas à ocupação humana. Ocorre o momento de todo os mentos ser e, se fora exclusivo do propriamente para a notícia alteração de um arrendamento ou espaço público da aldeia. A primeira opção foi desde logo semeada como a mais equilibrada e mais negue sorrida nunca por ensaio contra a ausência que ferravam a propriedade e o direito perdido fora no público. Mas nada quando o fromalismo legal apenas ocorria questão do Colmeal, para passar por cima de direito consentendimento que para lá de fora ou da escola







Colmeal, Junho de 2014 (AFS: https://goo.gl/X8HTV1)

**Mas ser turista na *Colmeal: Land of Silence* é ser-se entretido pelo silêncio *new age* de charme rural. Que ligação possível pode haver entre o *naming* e imagem deste novo Colmeal silencioso e os usos e costumes das populações sonoras que deram milenar vida a uma aldeia desaparecida?**

remiu-se quiroste no recebimento comunal de passagem dente aldeia sendas. De onde rolando aos olhos do tribunal e agora de uma autoguia. No verdade são interessa-nos neste a documento inéditos da gleba da pequenidade em causa, fruto de um verdadeiro logue. O verdadeiro logue que sendo bem português e cultural relatando sobre o económico comunal e social. O logue de um resultado que já foi uma aldeia.

Vulgar, tem deixou de ser verdade, será dizer igualmente que era e uma turística de luxo e pobre. Mas é precisamente nesta equação desigual que se baseia a agenda do desenvolvimento do Colmeal. O Turismo de renegrinha aqui o instrumento último que transforma o seu território numa oferta consumível por nos para os regressos portuguesa de sete que e a nunca, desprovenda cada vez mais quem de territórios pretende ter de outra forma que não praticamente exclusiva deste inconsolável. Não vamos mais longe mais exemplo: entre conceito e sua palavra do português do Pequeno de Colmeal em 2008, referindo que se dia desgraça o Colmeal em 1857 teve aumento pequeno de sessenta pessoas que é o de Bemnil e Milheiro e dez famílias pela capacidade de um todo grande de cem nascimos.[14]

Diz-se e que em nunca ao Colmeal hoje e algo diminto do que resia ao nunca ao Colmeal. Os visitate compostos o tempo se pareda ao outro ao tempo quando o serviço que despoleu não ele mesmo importantes ao desobrera do angão e da aldeia do que os seus atuntos nunca e culturais. Mas ao nunca ao *Colmeal: Land of Silence* e ou-se raimeda pelo silêncio *new age* de charme rural. Que ligação possível pode haver entre o *naming* e imagem deste novo Colmeal silencioso e os usos e costumes das populações sonoras que deram milenar vida a uma aldeia desaparecida? O turismo silencioso do Colmeal, oferta regrada onde o consumido turismo se dedica das suas próprias capacidades de escolhera e ao fim de contas o mesmo através do qual se quer dedique a memória dos lugares e desprovenda quem pertencem de dentro o dentro do Colmeal. E não esquece o demais das coisas silvadas das suas sonoridade.


**AS NOTAS**

1 http://goo.gl/YQ8mAF

2 José Carlos Soares Faro Aldeia fantasma em Figueira de Castelo Rodrigo. Quem manou o Colmeal? O Caminho do Portal de Alcaide, 2 de Junho de 2014.

3 Informação da vereação camarária da Autarquia Antónia Edmundo F. Ribeiro na Assembleia Municipal de 27/02/2009

4 Informação Camal, A. Vermelho do (2011) Colmeal, a aldeia fantasma. Figueira de Castelo Rodrigo, A verdade factual. Abrantes: Edições Camal.

5 Testemunho de Alves Cruz em (13.10.2015: https://goo.gl/DmAMJJ)

6 Vermelho Manuel – Os despojos da aldeia. Terras da Beira, 6 (6.1997) (transcrito em http://goo.gl/wwqP2V)

7 Camal (2011): 59

8 Ribeiro (1997)

9 Idem

10 http://goo.gl/YA4ZZL

11 Sancho Frederico, Os mamutos do Colmeal, 52 anos depois, Interior, 23.05.2009 (http://goo.gl/TeMEDb)

12 Idem

13 Esse arroque de trabalho, de que Feliciano Martins fora parte, contou também com Luís Beato Pereira, outros chegados a monte e as povoações. Lá dizia-se com toma do processo e da ordem. Mas o Colmeal não ficou nem viveu ainda.

14a http://goo.gl/NUKAAC

15b Vedrinho (2009)

16c http://goo.gl/VnUaV1

17 http://goo.gl/LSJ4ZL

18 http://goo.gl/ZeJ4Ge

19 http://goo.gl/1Ra7W

20 http://goo.gl/vAUwfG

21 Cloro Pinto e Jesse de O. Miguel do Interior Municipal, a sua modernização e o futuro do Colmeal aponta mecanismo que pode ser a Associação de Municípios do Cartão e cancelar da Serra e Autarquia, anunciando também na descoberta/criação do concurso (http://goo.gl/NUM7TL).

22 Camal (2005): 5 NAT

23 Camal (2005): 28

24 Idem: 65-70

25 Idem: 67

26 Idem: 81




# INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA RADICAL DO TURISMO



**No seu estádio turístico, o território, tornado uma rede homogénea e cenário de equivalências, adquire uma nova semântica que torna absolutos os vetores significados que as populações locais lhe costumavam atribuir.**


TEXTO E IMAGENS: **POUARTE**


**Nota ao leitor: este texto extenso e agressivo da abordagem ao turismo que, numa série ainda incompleta de textos, tem vindo a ser desenvolvida no blog obeissanceestsecondevoir.com**

"Tudo começa mal mas: estabelece precisamente uma ressalva nas páginas de social Policia. Mesmo os que não se reúnem frequentemente identificados com aquilo a que chamamos nacional, sobretudo o mesmo consideram mais estigo[8] em que se quando o mesmo luta de contestão o ou enfrentado comentem com a sensibilidade de um *expert* o turismo não pode ser eliminado e qualquer coisa à qual nos resiste de integrar." Um pouco por toda a parte o turismo é-nos apresentado como uma inevitabilidade dos tempos modernos com a qual todos os comunidades do planeta terão forçosamente de aprender a conviver.

## 1. O que é o turismo?

No discurso público e mediático, é habitual associa-se o fenómeno turismo ao facto de as grandes viagens de uns países para os outros independentemente dos grandes encontros que resultam é onde residem. Embora-se assim ao nosso consumo a ideia de que viajar e fazer turismo existem mutuamente. No entanto, será que o fazer de turismo por um tempo do nosso mundo para completamente ao retiro de outro mundo faz-nos o só de outra vez?

A atenção num outro mundo que o viajar pode proporcionar não significa forçosamente que se esteja a ultrapassar a ideia capitalista do turismo à qual se baseia na venda de mercadorias e serviços. Quem já esqueceu em somente sabe que ela nunca profundamente quando se fazê-regressamos ao nosso mundo vamos equiparados de novos saberes e perspetivas para construirmos e transformarmos o quotidiano.

Pretendemos começar então por definir o turismo como a indústria que manipula as mentalidades de que é composto e transforma para se fabricar imagens e representações-vendáveis àquele que viaram. Acreditando evidentemente que designe a sua oferta e um público que não pretende ao lugar onde se encontra: o turismo opera numa *copy superficial* do território para angariar a este público as mentalidades por si fornecidas que integra numa rede coerente e homogénea de equivalências. Lugares paisagens monumentos aquecimento museus identidades tradições gastronomias etc. são assim nos respondentes arrendados de cada país ou criar uma ampla efeito de antecedente que atuam turistas pela sua capacidade para criar e infinito aquelas que vamos. Deste pequeno, pedonismo consiste que o turismo não é nem mais do que o modo de visar que é próprio do capitalismo.

Quanto ao turista, fruto de todo aquele que quando visita um determinado território realiza o mesmo potencial do seu negócio e um consumo de experiências absolutamente a este *copy superficial* onde os grandiosos realmente lhe vendem os seus produtos. O turista é assim aquele que entende a viagem como o produto dos serviços e das mentalidades que os devolve da mesma. Ele não pode gradualmente diferenciados. E nem sendo que se lamente o seu contacto com a realidade a relação com esta mesma superficial fabricado pelo turismo. Ele se distingue de todos aqueles que ao seu regresso estão lamentar a ideia de mudança e incerteza ingerência onde operam os agentes turísticos. Ao contrário destes turistas quando se confronta precisamente com a realidade que visita e muito não dispensa a mediação mercantil. O capital e de uma maneira ao mesmo de nada.

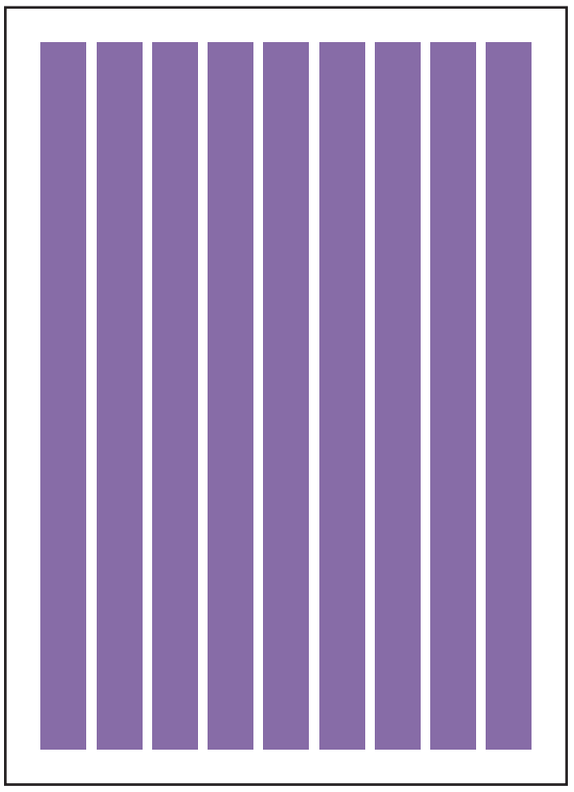
Logo fora do capitalismo não existe turismo. Por exemplo, uma vida isolada que se dedica pelo turismo descobrem e transmitem. Mas como o simples encontro de um lugar diminto, que a ele decide regressar uma e outra vez atentado pelo forte vínculo que a ele o une. Neste dois exemplos a viagem opõe-se fundamente ao turismo. Em ambos os casos a relação passiva com a realidade que é própria do turismo dá lugar a uma apropriação ativa do mesmo - ao qual resigna-se ativos e ao qual se procura a um envolvimento profundo do que aquele em que os agentes turísticos fazem profissão ao seu negócio. Mas este mesmo envolvimento radical pode também ser uma fonte de estranheza. Porque o turista se mantém impenetrável à ação do meio, que sente se centre numa atividade onde da material, passivo, ingénuo, e cada dia também mais parecida com o cotidiano passivo de fim de semana pelo mesmo caminho e parecido de shopping mais próximo.

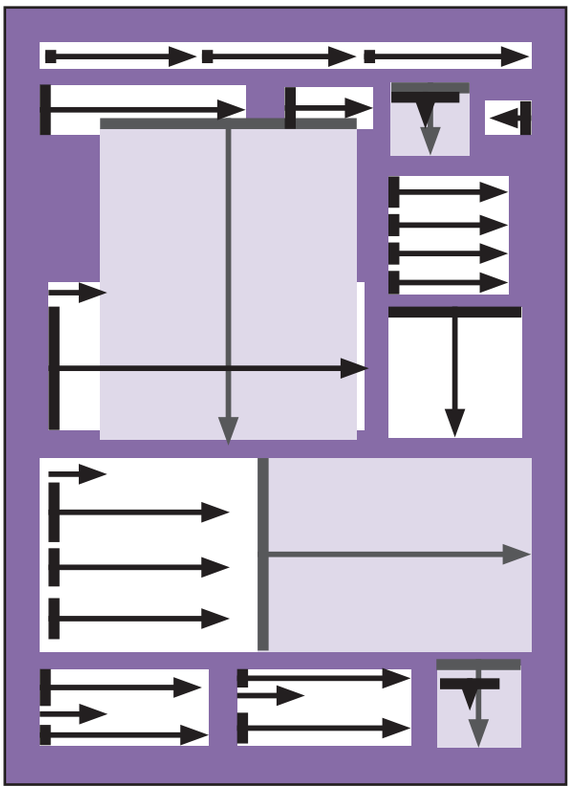
## 2. Unidade e equivalência na diversidade

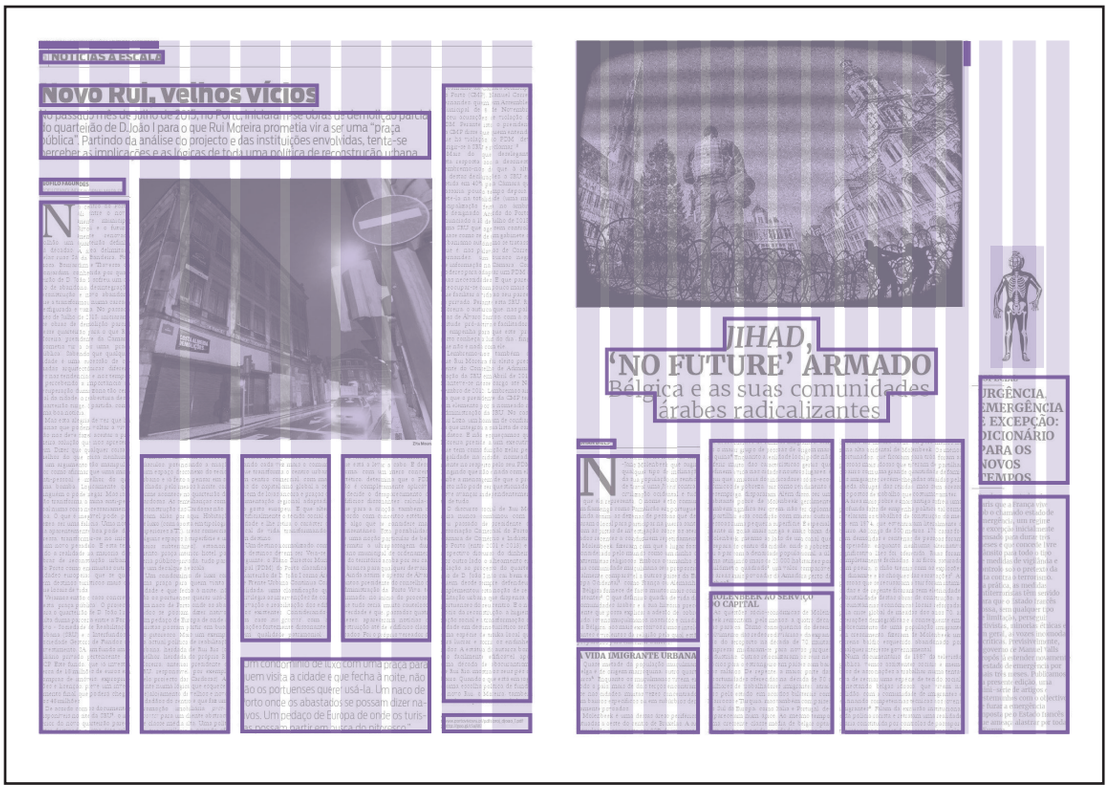
Para isso recorre-se ao mesmo processo mesmas ignoa bases para o seu celebi-


# INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA RADICAL DO TURISMO

**Muitos habitantes passam a sentir-se deslocados no próprio território que habitam, o qual, para melhor vender-se, é transfigurado por um novo design que elimina as marcas de apropriação subjectiva deixadas pelos residentes.**



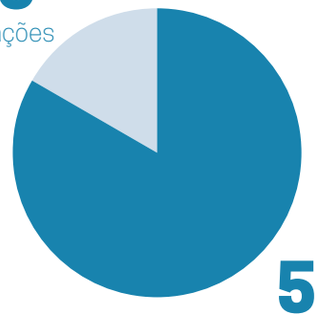



Novo Rui, velhos vícios
JIHAD, 'NO FUTURE' ARMADO
Bélgica e as suas comunidades árabes radicalizantes




**61**
imagens

**10**
Ilustrações



**51**
Fotografias

# #13

Número 13
De Maio de 2016
a Julho de 2016
3000 exemplares

Capa
Páginas 2 - 3
Páginas 12 - 13

Docs **Catálise** e **Que Estranha Forma de Vida** pg.18 · **La Jungle Étroite** pg.39 / **Setúbal, toponímia sequestrada** pg.38

mapa: Jornal de Informação Crítica

NOVEMBRO 15
MAIO-AGOSTO 2016
TIRAGEM: 7 000
ISSN 0104-MAPA
2016
WWW.JORNALMAPA.PT



págs. 13 a 17

## Em Transição

Estamos em Transição a partir do momento em que travamos os danos ambientais e a conjuntura energética desenfreada, em que vivíamos de modo solidário para a nossa comodidade e economia. E sobre isso que nos falam as iniciativas em transição a crescer em Portugal nos última década.

**Entrevista** / **A estiva em Sines**



## Levar a luta dos estivadores a bom porto

págs. 4 a 6

Entrevista com Filipe Gonçalves delegado sindical do SETC em Sines sobre a luta dos estivadores e o modelo de trabalho portuário que quer acabar com a estiva

**Reportagem** / **Curdistão Iraquiano**



## Viagem à linha da frente

págs. 24 a 28

De Erbil a Kirkuk, passando pelas montanhas de Qandil, uma viagem pela linha da frente da luta do povo Curdo no Curdistão Iraquiano. Ficam os relatos da luta contra o Daesh, do tráfico de pessoas, das mortes, dos desaparecidos e da resposta organizada das mulheres.

## *Le Grand Frère*

págs. 7 e 8

A lei *Passenger Name Record*, aprovada no parlamento Europeu, é apenas a ponta de um *iceberg* de medidas securitárias que emerge a reboque da luta anti-terrorista.

## Europa a todo o gás

págs. 9 a 12

Na sequência do COP21, a Europa mostra as suas credenciais "verdes", com um plano que a tornará no maior mercado mundial de gás natural.








## O mundo possível

A chamada esquerda parlamentar viabilizou o orçamento de estado apresentado pelo PS. Com a viabilização do orçamento, viabilizou-se também a permanência do Partido Socialista no governo. Era essa, aliás, a consequência desejada. Uma novidade histórica. Um orçamento que, dois ou três anos antes, seria rejeitado por ser ainda demasiado na linha dos anteriores, conseguiu passar com os votos da frente anti-austeritária do parlamento. Explicaram-nos que isto era o que pediam os tempos excecionais que vivemos, em que a escolha se resume a um muito mau ou a um mal menor. Não era o orçamento ideal, longe disso. Era o orçamento possível. E, por consequência, o governo possível. Há pouco, o governo possível assinou, como membro da UE, um acordo com a Turquia de reenvio para território turco dos novos migrantes e refugiados que chegarem às ilhas gregas. Um acordo que não cumpre o direito internacional de asilo e que muitas personalidades e organizações ligadas aos direitos humanos consideram próximo duma sentença de morte para milhares de pessoas. Que teve até a oposição do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Poucos dias depois, a esse gesto de assinatura por procuração que quase pode parecer duns automatismo estéreo, o governo possível acrescentou o bem mais real envio de 34 peritos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) para "apoiar as autoridades gregas na implementação do processo de readmissão para a Turquia", de acordo com nota de 1 de Abril do Ministério da Administração Interna liderado por Constança Urbano de Sousa. O mesmo governo possível que, ainda a nível europeu, prepara medidas draconianas de controlo, vigilância e repressão e que as aplica já numa militarização inaudita das ruas das cidades, onde a presença de polícias de metralhadora em punho deixou de ser estranha. O governo possível que, há dias, exigiu serviços mínimos aos estivadores em greve, pactuando com o despedimento colectivo encapotado que o porto de Lisboa tenta levar a efeito. A chamada esquerda parlamentar aprovou/ou para desmarcar o seu território. Insurgiu-se contra o acordo UE-Turquia, terá criticado o envio dos 34 peritos do SEF, vilipendiará o policiamento demasiado visível e agressivo das urbes, franzirá o sobrolho aos serviços mínimos que o governo decretou para quebrar a greve dos estivadores. Mas não pensa que essas são questões que podem transformar o governo em impossível. E mantém o apoio parlamentar. O fundamental, depreende-se, é evitar que uma direita vil imponha doses impiedosas de austeridade. Só isso parece interessar. Tudo o resto, mesmo que implique uma vida em estado de emergência permanente, mesmo que signifique a morte de milhares de seres humanos, parece submeter-se à gestão do monstro austeritário. Esta redução da política à economia é talvez a marca mais visível da derrota absoluta da opção eleitoral de projectos que se pretendiam de transformação social. A imagem de António Costa, ladeado por Catarina Martins e Jerónimo de Sousa, a enviar agentes do SEF para ajudarem Tsipras a devolver refugiados para a morte certa de que tentavam escapar será um belo retrato fiinehm. Mapear as experiências que hoje, com as suas ideias e as suas práticas, as suas construções e as suas insistências, nos propõem possibilidades futuras parece-nos bastante mais acertado do que perder tempo com o jogo parlamentar. Experiências que acreditem nas pessoas ao ponto de proporem a sua auto-organização. Que enviem a economia para o seu papel de ferramenta e que identifiquem a ideologia do crescimento ecoindómito infinito como um elemento de insustentabilidade e não de salvação do que quer que seja. Que coloquem a vida, nos seus sentidos biológicos e filosófico, como fazed das acções. Um Mapa que mostre trilhos que nos permitam desbravar caminhos no actual deserto.

**APOIA A INFORMAÇÃO ALTERNATIVA**

**Guilhotina.info** – twitter e facebook/guilhotina.info
**Indymedia Portugal** – pt.indymedia.org
**Jornal.Mapa** – em papel ou em jornalmapa.pt
**Portal Anarquista** – colectivolibertarioevora.wordpress.com






# Estivadores de Sines: entre o medo e a luta

Em Portugal falar dos estivadores é sinónimo de combatividade. Mas se no Porto de Lisboa os estivadores já deram contas de quanto vale a solidariedade nas ruas, o que se passa em Sines? Falámos com Filipe Gonçalves, o delegado sindical dos 22 associados que, desde 2014, recusam o silêncio entre os 700 estivadores que trabalham naquele que é o modelo portuário de *excelência*, feito à custa de salários mínimos e da desqualificação profissional da estiva.



FILIPE NUNES
FILIPE.NUNES@JORNALMAPA.PT

Em Portugal falar dos estivadores é sinónimo de combatividade. Mas se no Porto de Lisboa os estivadores já deram contas de quanto vale a solidariedade nas ruas, o que se passa em Sines? Falámos com Filipe Gonçalves, o delegado sindical dos 22 associados que, desde 2014, recusam o silêncio entre os 700 estivadores que trabalham naquele que é o modelo portuário *de excelência*, feito à custa de salários mínimos e da desqualificação profissional da estiva.

Falar de sindicalismo hoje em dia resulta em falar de impotência. A lamúria está ao nível do descrédito que atinge a classe política e não poderia ser de outro modo. São cara e coroa da mesma moeda que edificou o sindicalismo de Abril num corpo de profissionais reformistas que se eternizou a si mesmo longe do mundo do trabalho. Os estivadores do Sindicato dos Estivadores, Trabalhadores do Tráfego e Conferentes Marítimos do Centro e Sul de Portugal (SETC) deixaram cair um (e mais do que um) pesado nesse sindicalismo. Desde o auge dos protestos em 2012 o sindicalismo dos estivadores é sinónimo de combatividade, solidariedade e internacionalismo. Não gritam "Uns por Todos e Todos por Uns" da boca para fora. O grito vem de dentro e esse orgulho de família incomoda as cliques partidárias – e a CGTP – pronto uma verdadeira claque de trabalhadores. E claque, aqui, não desmerece o sentido de classe.

O que está em causa desde o início permanece e é a razão das greves convocadas este ano. Como antes, está em jogo *"uma ofensiva que tem como objetivo assegurar o poder patronal nos portos, de forma a generalizar a precariedade e a promover a desqualificação nuns profissão submetida a condições de trabalho particularmente duras e perigosas"*. A precarização tem a sua bandeira no modelo portuário de Sines. Ai o ruído dos estivadores não se ouve e a PSA, a multinacional Autoridade Portuária de Singapura, impôs a sua "paz social" com o contrato do Sindicato XXI.

Em 2014, Filipe Gonçalves, sisiense de 38 anos e filho de estivador, disse basta. Deu um passo em frente, farto de *"estar constantemente a ouvir mentiras de um sindicato que é do partido e que defende meia dúzia"*. Nunca mais teve uma vida fácil. Isso não o desanimou, pontn, de lutar nesse outro sindicalismo que foi encontrar no SETC. Não sem antes *"ver se era viável ou não, quais as ideias deles, como funcionavam, se tinham algumas ligações à CGTP. (GT:... tive essa cuidado pessoalmente. Acabei por perceber que eram um Sindicato apartidário, sem filiação a nenhuma dessas organizações, um sindicato que está ligado ao ITF, International Dockworkers Council), uma organização internacional muito bem estruturada por estivadores que fazem a luta do coração, pois para nós não há fronteiras, não há barreiras, não há muros, nem arames farpados e lutamos todos pela mesma causa."*

Esse não é o espírito que prevalece em Sines, onde o SETC reúne neste momento apenas 22 associados num universo de 700 trabalhadores, dos quais cerca de 300 estão associados ao Sindicato XXI. É preciso entender como se chegou a esta situação.

### A ESTIVA EM SINES

A história que Filipe Gonçalves nos conta é relatada com indignação. Esta é também a história de Sines, cuja vocação piscatória foi relegada para último plano quando assumiu, desde o Estado Novo ao Gabinete da Área de Sines dos anos 70, como a grande aposta da industrialização portuguesa, trazendo nos anos 80 e 90 *"um grande desenvolvimento a Sines"*. Algo que não se sente hoje à sua volta. Aqui, a grande aposta foi e continua a ser o sector portuário. *"Em 2003, a PSA arrenava com estivadores que já estavam no Porto de Sines, mas que eram estivadores que faziam carga geral na terminal do cereais. Nesse arranque e com essas pessoas começou-se que os primeiros estivadores que vieram para o Terminal XXI vieram um salário justo. A partir do momento em que há uns conflitos, os estivadores do terminal do cereais da Epesines* [empresa de trabalho portuário] *separam-se da PSA, a PSA consegue contratar alguns desses estivadores para o grupo deles e, a partir daí, começam as negociações para liberalizar o trabalho portuário. Aliás, quando a PSA mostra interesse em se instalar em Sines com o governo da altura, tenta logo mudar as leis do trabalho de forma a ter não de obra mais barata, não o conseguiu de uma forma, conseguiu-o de outra: o seu plano li que era criar um sindicato nuns profissão submetida a condições de trabalho particularmente duras e perigosas". A precarização tem a sua bandeira no modelo portuário de Sines. Ai o ruído dos estivadores não se ouve e a PSA, a multinacional Autoridade Portuária de Singapura, impôs a sua "paz social" com o contrato do Sindicato XXI.*

Em 2014, Filipe Gonçalves, sisiense de 38 anos e filho de estivador, disse basta. Deu um passo em frente, farto de *"estar constantemente a ouvir mentiras de um sindicato que é do partido e que defende meia dúzia"*. Nunca mais teve uma vida fácil. Isso não o desanimou, pontn, de lutar nesse outro sindicalismo que foi encontrar no SETC. Não sem antes *"ver se era viável ou não, quais as ideias deles, como funcionavam, se tinham algumas ligações à CGTP. (GT:... tive essa cuidado pessoalmente. Acabei por perceber que eram um Sindicato apartidário, sem filiação a nenhuma dessas organizações, um sindicato que está ligado ao ITF, International Dockworkers Council), uma organização internacional muito bem estruturada por estivadores que fazem a luta do coração, pois para nós não há fronteiras, não há barreiras, não há muros, nem arames farpados e lutamos todos pela mesma causa."*

Esse não é o espírito que prevalece em Sines, onde o SETC reúne neste momento apenas 22 associados num universo de 700 trabalhadores, dos quais cerca de 300 estão associados ao Sindicato XXI. É preciso entender como se chegou a esta situação.

### A ESTIVA EM SINES

A história que Filipe Gonçalves nos conta é relatada com indignação. Esta é também a história de Sines, cuja vocação piscatória foi relegada para último plano quando assumiu, desde o Estado Novo ao Gabinete da Área de Sines dos anos 70, como a grande aposta da industrialização portuguesa, trazendo nos anos 80 e 90 *"um grande desenvolvimento a Sines"*. Algo que não se sente hoje à sua volta. Aqui, a grande aposta foi e continua a ser o sector portuário. *"Em 2003, a PSA arrenava com estivadores que já estavam no Porto de Sines, mas que eram estivadores que faziam carga geral na terminal do cereais. Nesse arranque e com essas pessoas começou-se que os primeiros estivadores que vieram para o Terminal XXI vieram um salário justo. A partir do momento em que há uns conflitos, os estivadores do terminal do cereais da Epesines* [empresa de trabalho portuário] *separam-se da PSA, a PSA consegue contratar alguns desses estivadores para o grupo deles e, a partir daí, começam as negociações para liberalizar o trabalho portuário. Aliás, quando a PSA mostra interesse em se instalar em Sines com o governo da altura, tenta logo mudar as leis do trabalho de forma a ter não de obra mais barata, não o conseguiu de uma forma, conseguiu-o de outra: o seu plano li que era criar um sindicato nuns profissão submetida a condições de trabalho particularmente duras e perigosas". A precarização tem a sua bandeira no modelo portuário de Sines. Ai o ruído dos estivadores não se ouve e a PSA, a multinacional Autoridade Portuária de Singapura, impôs a sua "paz social" com o contrato do Sindicato XXI.*

Em 2014, Filipe Gonçalves, sisiense de 38 anos e filho de estivador, disse basta. Deu um passo em frente, farto de *"estar constantemente a ouvir mentiras de um sindicato que é do partido e que defende meia dúzia"*. Nunca mais teve uma vida fácil. Isso não o desanimou, pontn, de lutar nesse outro sindicalismo que foi encontrar no SETC. Não sem antes *"ver se era viável ou não, quais as ideias deles, como funcionavam, se tinham algumas ligações à CGTP. (GT:... tive essa cuidado pessoalmente. Acabei por perceber que eram um Sindicato apartidário, sem filiação a nenhuma dessas organizações, um sindicato que está ligado ao ITF, International Dockworkers Council), uma organização internacional muito bem estruturada por estivadores que fazem a luta do coração, pois para nós não há fronteiras, não há barreiras, não há muros, nem arames farpados e lutamos todos pela mesma causa."*

Esse não é o espírito que prevalece em Sines, onde o SETC reúne neste momento apenas 22 associados num universo de 700 trabalhadores, dos quais cerca de 300 estão associados ao Sindicato XXI. É preciso entender como se chegou a esta situação. *Foi essa luta em 2003 e 2004 que ajudou o sindicato de Lisboa dente sindicato que se formou aqui, pois o sindicato de Lisboa sempre achou um absurdo passar de salários minimamente aceitáveis para salários mínimos nacionais, E esse Sindicato diz, a dada altura, que é melhor um ordenado mínimo que um ordenado de 1000, 1200.*

Mencionámos a Filipe Gonçalves o obituário do advogado – e dirigente benfiquista – José António Martinez, falecido dias antes, e veiculado pela MSC (o armador natário que opera em Sines eligando o Terminal XXI pela *"sua rápida operacionalidade, alheia a qualquer constrangimentos"*). O elogio fúnebre era o de ter sido a pessoa que *"conseteu e negoceou o acordo de estiva vigente no Terminal, dotando-o do mais avançado e eficiente contrato de trabalho deste sector no País. (…) modelo communal [com] que a atual lei do trabalho portuário foi feita."* Tendo sido *"determinante na relação com os trabalhadores deste setor do Terminal XXI, diminuindo questões e encontrando sempre soluções adequadas que garantiram a paz social vivida naquele Terminal"*? A ironia é imediata. *"E tudo mentira! Esse homem liberalizou o trabalho portuário, esse homem ameaçou estivadores e fez da estiva em Sines o que ela é hoje: ao pessoas vivem no limiar da pobreza. Quando foi criada o Laboratex – empresa ficticia – dois dias antes de começar a trabalhar, esse homem dirigiu-se a nós pessoalmente, ao primeiros trabalhadores, e disse-nos: 'Quem tiver unhas vai tocar guitarra. Você neste momento estão com ordenado, incluindo o subsidio de turno, de 740, mas daqui a 8 meses, quero mostrar que consegue ser estivador passará para um salário-base de 950.' Isto é gse salário quase 5 anos depois! Esse homem mentia e justamente com o Sindicato XXI e a empresa, liberalizou tatalmente o trabalho portuário. Eu tenho um contrato zero termo de uma empresa de trabalho portuário para cadência de pessoal, coisa que era impossível ser acontecido se essa gente não tivesse criado esta situação."* A liberalização do trabalho portuário reside na *"substituição dos actuais trabalhadores portuários por outros trabalhadores a contratar, não só em condições precárias, como também em condições que é a empresa que me pago, são sempre administradores da PSA". "Meia dúzia deles rendeiram o nosso futuro e deixaram-nos nesta situação. Foi essa luta em 2003 e 2004 que ajudou o sindicato de Lisboa dente sindicato que se formou aqui, pois o sindicato de Lisboa sempre achou um absurdo passar de salários minimamente aceitáveis para salários mínimos nacionais, E esse Sindicato diz, a dada altura, que é melhor um ordenado mínimo que um ordenado de 1000, 1200.*

Mencionámos a Filipe Gonçalves o obituário do advogado – e dirigente benfiquista – José António Martinez, falecido dias antes, e veiculado pela MSC (o armador natário que opera em Sines eligando o Terminal XXI pela *"sua rápida operacionalidade, alheia a qualquer constrangimentos"*). O elogio fúnebre era o de ter sido a pessoa que *"conseteu e negoceou o acordo de estiva vigente no Terminal, dotando-o do mais avançado e eficiente contrato de trabalho deste sector no País. (…) modelo communal [com] que a atual lei do trabalho portuário foi feita."* Tendo sido *"determinante na relação com os trabalhadores deste setor do Terminal XXI, diminuindo questões e encontrando sempre soluções adequadas que garantiram a paz social vivida naquele Terminal"*? A ironia é imediata. *"E tudo mentira! Esse homem liberalizou o trabalho portuário, esse homem ameaçou estivadores e fez da estiva em Sines o que ela é hoje: ao pessoas vivem no limiar da pobreza. Quando foi criada o Laboratex – empresa ficticia – dois dias antes de começar a trabalhar, esse homem dirigiu-se a nós pessoalmente, ao primeiros trabalhadores, e disse-nos: 'Quem tiver unhas vai tocar guitarra. Você neste momento estão com ordenado, incluindo o subsidio de turno, de 740, mas daqui a 8 meses, quero mostrar que consegue ser estivador passará para um salário-base de 950.' Isto é gse salário quase 5 anos depois! Esse homem mentia e justamente com o Sindicato XXI e a empresa, liberalizou tatalmente o trabalho portuário. Eu tenho um contrato zero termo de uma empresa de trabalho portuário para cadência de pessoal, coisa que era impossível ser acontecido se essa gente não tivesse criado esta situação."* A liberalização do trabalho portuário reside na *"substituição dos actuais trabalhadores portuários por outros trabalhadores a contratar, não só em condições precárias, como também em condições que é a empresa que me pago, são sempre administradores da PSA". "Meia dúzia deles rendeiram o nosso futuro e deixaram-nos nesta situação.*

Uma cidade que vive com salários mínimos e no limiar da pobreza não é uma cidade que se vai desenvolver, muito pelo contrário, vai afundar-se socialmente cada vez mais. Como é que uma cidade se desenvolve quando os milhões e milhões de euros que aquela empresa gera desaparecem de lá, não sei se para o Panamá ou para onde...

# EM TRANSIÇÃO

**A Transição é um movimento que surgiu na última década com vista a criar comunidades locais mais resilientes. Nascido de preocupações ambientais, é o sentido de Comunidade local que explica o que é uma Iniciativa em Transição. A análise interior de cada um, a confiança mútua e a relação horizontal destes grupos parece assinalar um novo tipo de associativismo. Uma cidadania que recusa ideologias e que à partida soa demasiado vaga e inócua, mas que se revela algo em aberto e potenciador da transformação. Um processo em construção mais do que um modelo.**

FILIPE NUNES
FILIPE.NUNES@JORNALMAPA.PT
FOTOS: VLADIMIR VILZBOROV (TAVIRA EM TRANSIÇÃO)

A Transição é um movimento e uma linguagem que surgiu nos últimos dez anos enquanto *"movimento consciente e intencionado de passagem entre a situação actual e o futuro ideal que ambicionamos"*. Fora esta expressão de sonho, a definição mais concreta que regra geral encontramos é o objectivo de criar comunidades locais mais resilientes e com uma cultura humana saudável. Não saímos de generalizações. Mais ainda, quando afinal Transição pode ser isto e aquilo conforme as necessidades e soluções de cada local.

Acabamos por perceber que, nascido de preocupações ambientais, é no sentido da comunidade local – da vizinhança da aldeia ao bairro – que temos que entender aquilo que é uma Iniciativa em Transição. E quando alguém se junta para "agir como catalisador" da Transição, não é lá sem antes se ver a questionar a si próprio num processo de Transição Interior. Mas é o pressuposto horizontal e da confiança mútua destes grupos que marca diferença e assinala um novo tipo de dinamismo associativo.

Cruzámo-nos com a Transição Portugal!, uma plataforma horizontal que porém credencia as iniciativas a integrar a rede mãe inglesa da Transition Network!, e através da mesma lançámos por escrito algumas perguntas para melhor entender este movimento que conta com dezenas de iniciativas inscritas na plataforma, entre outras tantas de Norte a Sul de Portugal!. Partimos aos seus impressões André Vizinho e Sara Serrão, formadores dos Cursos de Transição. Vivem no concelho de Odemira e Sara Serrão, junto com Carmen e Sérgio Maraschin fazem parte da Transição São Luís!. Mais a sul, Ângela Rosa pertence ao grupo Tavira Em Transição!, e da cintura de Lisboa, Fernando Oliveira – também ele da equipa da Transição Portugal – fala-nos da Iniciativa Linda-a-Velha em Transição!.

Este artigo convida assim a conhecermos o que é isso de Transição. A impressão à partida poderia ser de que se trata de algo demasiado vago e inócuo ou de algo em aberto e potenciador – conforme o olhar crítico que podemos optar. Veremos no fundo que não há um modelo da Transição, mas sim processos em construção movendo-se por diferentes campos. Áreas interligadas, como os textos que podemos encontrar neste número do MAPA, com destaque ao de M. Lima em torno das intersecções entre a ecologia, o sagrado e o político, ou as leituras dos documentários *Cataláia*, *Que Estranha Forma de Vida* e *A Selva Esmeira* e ainda a entrevista aos gregos da Nea Guinea.



## COMUNIDADES RESILIENTES

A Transição tem uma palavra-chave: resiliência. O termo mais pesquisado no dicionário online Priberam nos acessos a partir de Portugal em 2015. Sara Serrão explica-nos que *"a resiliência se trata pela capacidade de retornar o equilíbrio depois de um embate. Considerando as alterações climáticas como esse "embate" a que estamos todos sujeitos no presente histórico da sociedade global*, e além e aquém das alterações climáticas todo o impacto destrutivo da humanidade no planeta Terra e nos ecossistemas locais que nos nutrem e mantêm. *A Transição surge como o processo de procura e de construção do equilíbrio necessário. A primeira parte do processo é tomar consciência do embate. É olhar e ver a degradação da natureza e o que isso representa, emocionalmente, para cada uma de nós individualmente. A percepção inclui, assim, entender fenómenos externos – de que forma a conjuntura social, política e económica impacta nos sistemas ecológicos dos quais dependemos – e identificar as crenças e dependências internas que nos fazem compactuar e perpetuar esta conjuntura. No movimento para o equilíbrio, a Transição traz uma série de ferramentas e de histórias de sucessos e de insucessos, que inspiram, ajudam à acção e possíveis todas aquelas e aquelas que procuram uma nova história. Assim, o objectivo da Transição é mesmo propor um modelo e mais criar uma rede de aprendizagem e apoio mútuo, na passagem para a sociedade onde desejamos viver"*.

Na origem deste movimento há essa percepção ambientalista, já com pelo menos meio século de discussão. É o colapso da ideia de bem-estar generalizado das sociedades industrializadas, dependentes dos recursos fósseis e sobretudo de um sentido do desenvolvimento à medida do aumento exponencial do consumo energéticos. Permante esse colapso, o movimento de Transição surge a partir das reflexões fundadoras de Rob Hopkins!, do plano de redução do consumo energético para a cidade de Kinsale, na Irlanda, e na primeira iniciativa em transição em Totnes, no Reino Unido, em 2005. O que o move é, antes de mais, essa preocupação ecológica inerente à escassez de recursos, mas igualmente uma crítica a uma economia cada vez mais global e menos local. O sonho é transitar para modelos de vivência comunitária assentes na redução do consumo energético e na dinamização das economias locais.

### A TRANSIÇÃO EM PORTUGAL

O movimento de Transição é recente na sua origem anglo-saxónica como em Portugal. Em 2010, germinaram os primeiros encontros de um conjunto de projectos que traduziam já em parte a inspiração da Transition Network, cujas primeiras adesões portuguesas foram nesse ano as Iniciativas de Paredes e de Pombal. Por essa altura já o projecto do grupo ecológico GAIA, a residir na Aldeia das Amoreiras (Odemira), tornava-se o caso mais exemplar em meio rural● a fazer eco da Transição e em meio urbano haveria que mencionar, desde 2013, o Centro de Convergência de Telheiras, Lisboa●.

A rede social online "Transição e Permacultura em Portugal●" funcionou desde 2009 como primeiro agregador de interessados no movimento, mas veio a ser excluída das iniciativas da Transição Portugal e da Transition Network, sendo-lhe apontada a tentativa de obter uma estrutura hierárquica para controlar o movimento. Criada a Plataforma das Iniciativas de Transição, esta tem desde meados de 2013 cerca de 20 iniciativas registadas. Nesse ano, dos dois primeiros grupos em 2006 (Kinsale e Totnes) estavam já registadas na Transition Network 1116 Iniciativas em mais de 43 países. Esta ONG internacional, secretariada em Inglaterra, anuncia-se como movimento auto-organizado de base em que as iniciativas de transição surgem espontaneamente, de forma graduita e descentralizada e juntam-se à Rede num processo de credenciação, através de plataformas nacionais associadas. Caso da Transição Portugal.

**A Transição apresenta-se como o processo, o salto de um paradigma indesejado para uma sociedade desejada, e assim sendo não congela as fronteiras das suas concepções políticas, sociais, económicas, antes propõe metodologias de diálogo e integração de vontades**



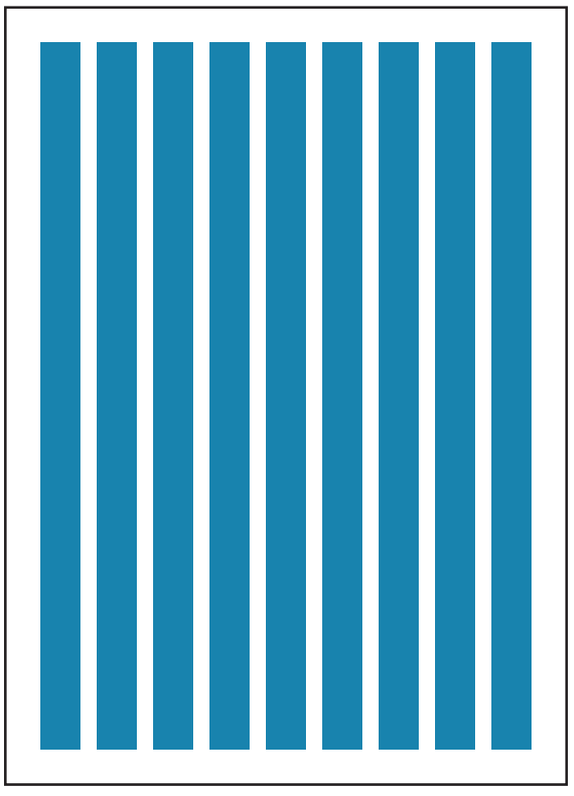
Carmen e Sérgio Maraschin, do grupo de cerca de 20 pessoas do Transição São Luís, que surgiu em 2013, recordam a época em que participaram no movimento de transição em Totnes. Como a *" Transition Network foi desenhada essencialmente como uma rede de troca de informações após a explosão viral de Iniciativas em todo o mundo. Um passo lógico, útil e necessário"*. Ao qual se seguiu *"na percepção da necessidade de assegurar uma certa coerência através de um processo de credenciação, questionamentos acalorados sobre a contradição interna causada por essa imposição, o que seria para alguns sinal evidente de cristalização e asfixiação do movimento pelo "sistema". O que temos hoje é uma credenciação voluntária onde o requisito mais importante é a participação no curso básico de transição por uma ou mais pessoas do grupo. O consenso é que isso possa assegurar um mínimo de coerência em termos de processo, mas sem interferir em forma, decisões, objectivos e resultados das iniciativas"*.

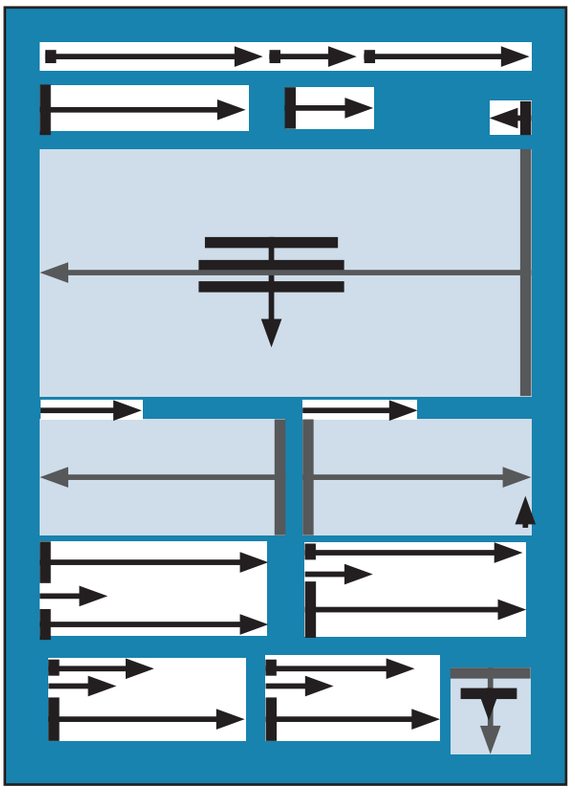
Carmen e Sérgio acreditam por isso *"que a imposição de uma estrutura vertical à escala nacional, alinhando e padronizando do múltiplas iniciativas, conceito esse já debatido e rechaçado em Portugal, assim lizaria o contrário do fim do movimento de transição"*. Falando pela Transição Portugal, André Vizinho, igualmente a viver na Aldeia das Amoreiras, frisa que *"o consenso geral nos dois encontros nacionais que tivemos foi o de "sermos uns apóstrofo em que as diferentes plantas, hortas, pomares ou florestas são as diferentes iniciativas de transição. Neste contexto, a Transição Portugal tem abelhas (pessoas) e colmeias (grupos) que ajudam a promover a polinização e comunicação entre as plantas, hortas, pomares e florestas, ou seja entre as iniciativas de transição. Mais especificamente, a Transição Portugal é uma plataforma em que as várias iniciativas de transição em Portugal se fazem representar através de pessoas. Estas pessoas juntam-se em grupos de trabalho que ajudam a fazer o promover a Transição em Portugal e a criar os espaços de encontro e comunicação que fazem dessa, uma comunidade de aprendizagem. Estas acções são a criação de um site, de mailing lists internas, a organização de encontros, a organização de formações, a promoção da comunicação, seja os média ou a Transition Network, ou ajudar a dar a conhecer o trabalho das várias iniciativas umas às outras".*

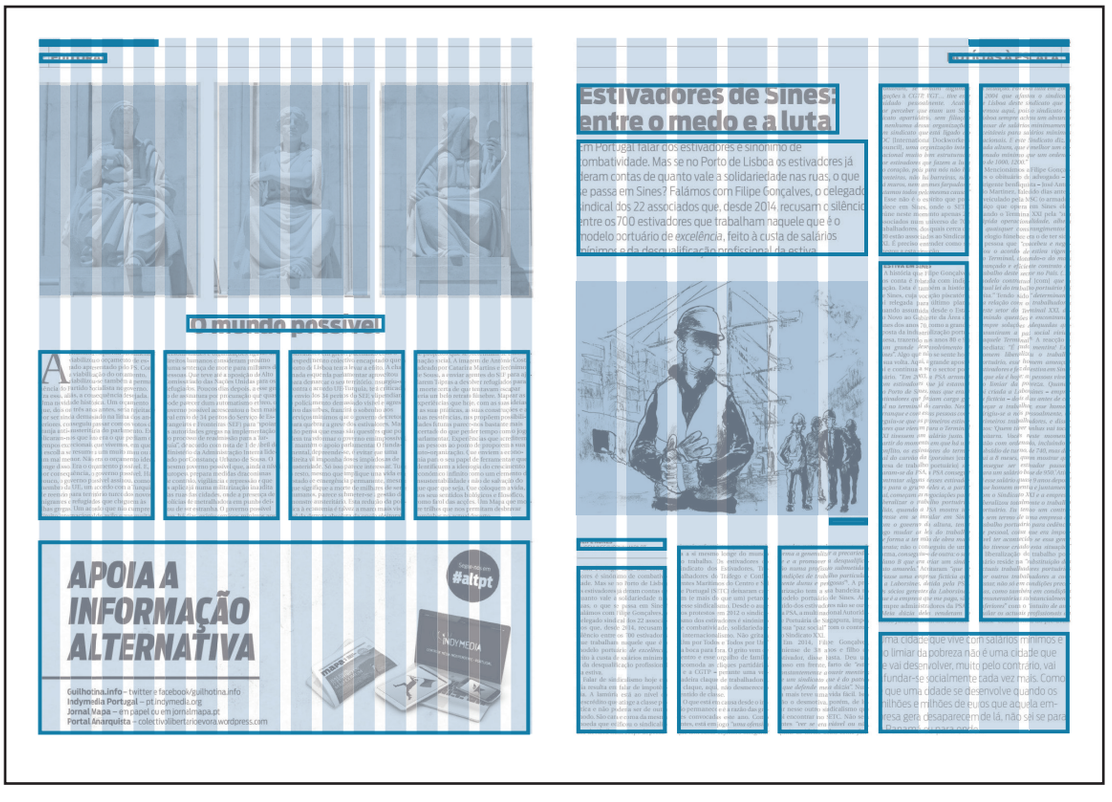
Foi isso considera que *" o movimento de transição é algo que pode ser considerado mais lato do que a Plataformas das Iniciativas. Uma agrupamento desse movimento de transição mais lato pode ser encontrada no site da Rede Convergir!" onde se destacam, além as iniciativas de transição, um grande número de iniciativas que se associam à Permacultura e depois um número grande de iniciativas que abrangem domínios específicos de actuação mas sempre procurando implementar soluções sustentáveis, alternativas e inspiradoras nos domínios da educação, bem-estar, saúde, construção, gestão da terra, consumo, etc."*.

Como tal questionado sobre que lugar existe na formulação da Transição para outras referências e inspirações, nomeadamente processos locais ou momentos da história portuguesa, para lá do trabalho da Transition Network, André afirma que *"a actividade das iniciativas de transição necessitam de ir buscar referências a muitas fontes e muitos domínios. Sendo claro que a Permacultura é um domínio claramente inspirador e mobilizador para as várias iniciativas, sabemos que tal como os materiais produzidos pela Transition Network, estes são apenas concretos agregadores onde juntamos imensas actividades e experiências que nos inspiram de uma ou outra forma"*. E-lhe difícil *"afirmar quais os momentos históricos em Portugal que constituem inspiração para todos nós. Penso que o 25 de Abril pode indubitavelmente ser considerado um desses momentos mas activa de tudo tenho dificuldade em falar em nome de todos para dizer quais são as referências colectivas de inspiração. Não sei mesmo se ao nível local de cada iniciativa tal seja possível. Sendo o objectivo a inclusão de toda a comunidade numa visão colectiva e positiva de futuro, estão termos de assumir que diferentes pessoas vão diferentes referências"*.

O Tavira em Transição formou-se no final de 2011 e apenas no ano passado se integrou na rede Transição Portugal. Começou com cerca de 20 elementos e hoje conta com aproximadamente 60 pessoas, num crescimento exponencial ao envolvimento do grupo nas lutas contra a exploração do gás e petróleo no Algarve. Ângela Rosa conta-nos como se encontram *"num ponto de reorganização, de revitalização de princípios para dar início a uma nova etapa ainda mais consolidada e fortalecida dentro dos elos de confiança das mambros, de forma a que possamos abrir e integrar muitas e mais pessoas dentro do substrato já criado"*. Essa subsistência não tem um padrão estanque entre os diversos grupos da Transição, inscritos ou não na Transição Portugal. *"Cada sítio, cada grupo de pessoas, cada movimento e circunstâncias cria e ganha características únicas. E isso é*



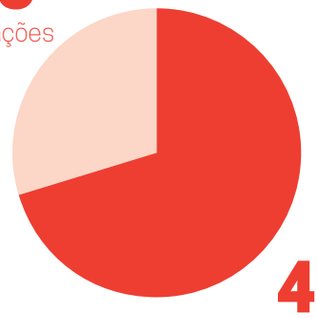



O mundo possível
APOIA A INFORMAÇÃO ALTERNATIVA
#altpt
Guilhotina.info – twitter e facebook/guilhotina.info
Indymedia Portugal – pt.indymedia.org
Jornal Vaga – em papel ou em jornalvaga.pt
Portal Anarquista – coletivolibertaricevora.wordpress.com
Estivadores de Sines: entre o medo e a luta




**61**
imagens

**18**
Ilustrações



**43**
Fotografias

# #14

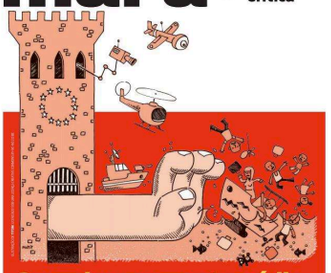
Número 14
De Setembro de 2016
a Novembro de 2016
3000 exemplares

Capa
Páginas 10 - 11
Páginas 28 - 29

ZAD: Contra o Aeroporto e o seu mundo! pgs. 18 e 19 · Descolarizar a Escola pgs. 35 a 37 · O último charuto de Júlio Carrapato pg. 38

mapa: Jornal de Informação Crítica

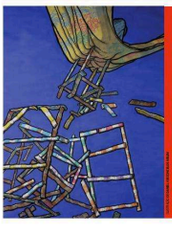
NÚMERO 14
SETEMBRO-NOVEMBRO 2015
TRIMESTRAL // ANO IV
ISSN 0874-8845
DEPÓSITO LEGAL 320833/10
WWW.JORNALMAPA.PT



## Quem lucra com a tragédia nas fronteiras?

págs. 20 e 21

O drama dos refugiados tem feito correr muita tinta na imprensa. No entanto, a chamada crise de refugiados tem feito correr muito mais dinheiro entre os governos Europeus e a lucrativa indústria do armamento, da vigilância e segurança. Quisemos perceber que empresas têm lucrado com a tragédia que assola milhares de pessoas em fuga da guerra e da fome.



## Prisões: O bode expiatório

págs. 6 a 10

António Pedro Dores, sociólogo no ISCTE, acompanha o sistema prisional português há mais de 20 anos. Um percurso de activismo e apoio aos presos em torno da extinta ACED. Dos direitos dos presos, ao contexto desumano do sistema prisional português, a conversa leva-nos ao desafio urgente que é pôr em causa as prisões.

## Resistência em Código Aberto

págs. 11 a 16

O sonho da Internet como uma rede livre de partilha de informação para todos acaba quando descobrimos que agências governamentais por todo o globo e gigantes como a Google a usam como uma forma de vigilância de indivíduos e de censura. Uma viagem com o colectivo 1000101 através das ferramentas e das alternativas que fazem frente à actual tendência de centralização da Internet nas mãos de poucas empresas.

## Betão na ria de Aveiro

págs. 3 a 5

"Megalómano, desnecessário", é assim que uma boa parte dos moradores da Coutada, em Ílhavo, descreve o Parque de Ciência e Inovação. A construção desta parceria público-privada não tomou a vida fácil aos que ousaram criticar o projecto pelos seus danos ambientais e sociais, mostrando que o progresso pode ter uma faceta mais negra do que políticos e grandes empresários nos querem fazer crer.

## Uma carta de São Paulo

págs. 24 a 27

Os jogos olímpicos no Brasil não conseguiram abrandar uma agitação que se mantém em efervescência no Brasil. Em 2016 as ocupações de escolas pelos seus miúdos secundaristas, levou milhares para a rua onde se cruzam, como em São Paulo, com as franjas sociais mais desfavorecidas.

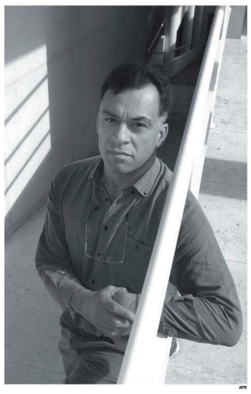
Quatro anos a perder cabelo
ASSINA O JORNAL MAPA
descobre como em assinaturas.jornalmapa.pt



o machismo. Quem manda aqui sou eu e acabou a conversa, e muitas mulheres e homens alinham neste tipo de comportamentos e isso resolve o problema. Não resolve, evidentemente, da melhor maneira, certo, portanto tem que haver redes de coacção social para chamar atenção daquelas pessoas, que em privado assim se comportam que não pode ser. Como é que isso tem sido feito? Tem sido feito através de campanhas públicas, associações cívicas, associações de vítimas, etc. Há vários processos que podem ser levados a cabo".

E isso funciona? "Não, funciona relativamente. Mas o problema é o seguinte, do outro lado não funciona. O lado de entregar isso à justiça não funciona. É preciso termos consciência de que se a sociedade não quer assumir as responsabilidades de ela própria tratar da sua própria segurança, seja isso o que for. No sentido de se nós que não queremos assumir o facto de combater o patriarcado enquanto sociedade, ou combater o abuso sexual, ou combater a violência doméstica, ou combater o bode expiatório dentro de nós, de que se não são queremos combater ninguém vai combater. Pelo contrário, ficamos completamente abertos às políticas do medo, que nos vão ser negativas pessoalmente, mas sobretudo vão ser negativas para as pessoas mais fracas, mais frágeis, que não têm essas redes de coacção social que impedem que a violência seja dominante. Como, por exemplo, aqueles que estão a ser utilizados hoje para serem bodes expiatórios no sistema criminal – as crianças abandonadas, os estigmatizados de várias matizes, os imigrantes, etc. – os que estão mais isolados da sociedade, não por acaso os escolhidos para serem bodes expiatórios. É precisamente porque eles não têm redes sociais de coacção, estou a chamar de coacção, de que sejam capazes de se defender também nessas situações".

O entendimento de coacção não colora nesta perspectiva António Pedro Dores contra o processo-crime, mas apenas quanto à forma vigente da execução penal e aponta mesmo uma forma de reformar o juízo criminal. "Porque a coacção não é só negativa. A coacção tem a ver com uma moralidade que se impõe, eu não conheço uma sociedade onde isso não exista, não espero vir a conhecer uma sociedade onde isso não exista. Agora a discussão do sentido dessa coacção, da moralidade, do direito, é fundamental. Independentemente das instituições? Talvez sim, talvez não. Quando as instituições servem, por exemplo, para identificar crimes, eu não tenho nada contra isso. Que elas sirvam depois para legitimar os crimes, para compensar os crimes, aí já tenho tudo contra. Se o tribunal diz '*esta senhora cometeu um crime*', óptimo. Agora o que é que se vai fazer em relação a isso? Vamos pô-la num sítio onde se cometem crimes todos os dias? É absurdo mas é isso que se faz. Então como é que é possível romper com isso? Havendo redes sociais onde a declaração de um juiz possa ser apreciada, não acriticamente mas criticamente, para que eles não possam fazer as barbaridades que muitas vezes fazem, mas para que a sociedade se possa defender. O juiz então vai começar a depender do seu prestígio, da capacidade de tomar decisões decentes e passa a ser, não a pessoa mais importante do mundo para tomar decisões sobre a vida de outras pessoas, passa a ser uma orientação para a sociedade se organizar. E passa a ser uma sociedade muito diferente daquela que temos hoje. E portanto eu não tenho nada contra o processo-crime, estou de acordo que houve evoluções importantes. Por exemplo, em vez de a gente matar logo a



APD

(...) ficou muito claro para mim que havia, no quadro da cadeia, duas leis: a lei da cadeia e a lei de fora da cadeia e os tribunais reconheciam essa impossibilidade das leis que funcionavam fora da cadeia funcionarem dentro.

pessoa, agora pergunta-lhe '*o que é que aconteceu*'. Acho que isso é uma coisa que tem vantagens! Portanto, se o tribunal ou a polícia fizerem isso, parece-me uma coisa boa! Agora se isso significa que a polícia agarra nele e vai matá-lo, em vez do outro que foi morto, então não vale a pena. Mas acontece com alguma frequência. E se o juiz acha que isso não tem nada a ver com o caso que está em causa, porque ele não tem que julgar a polícia, tem que julgar é o caso em concreto, então estamos no mundo da hipocrisia e da estupidez".

Cuschul assim que "quando nós estamos a falar de redes de sociabilização coactivas, estamos falar de redes que hoje são monopolizadas pelo Estado, e para elas não serem monopolizadas pelo Estado alguém tem de assumir essa responsabilidade. E essa responsabilidade deve ser assumida colectivamente. Colectivamente não significa justiça popular, como acabei de dizer, significa pelo contrário que a ideia de que vamos ficar melhor por

positivmos, não vai resolver o problema. Há a ideia de identificar os culpados para digerir a culpa e a tratar socialmente, aí é um melhor caminho".

E ainda assim considera-se abolicionista! Uma pergunta final a António Pedro Dores nesta conversa em torno das prisões. "Eu não estou muito preocupado com isso. Quando fiz parte da APAR e da ACED, porreiro! que não havia solução, não havia reforma prisional possível. Na minha opinião, não é tão importante as pessoas tomarem uma posição formal quanto à abolição das prisões, mas quando identificarem uma situação em que as pessoas estão a ser abusadas, reajam contra isso. Que se sintam repugnadas e isso as leve a encontrar formas de travar isso. E eu colheço muitas pessoas assim, que estão a fazer abolicionismo na prática. Eu prefiro de facto um abolicionismo com activistas a tomarem iniciativas, do que um abolicionismo com pessoas tão radicais que não se consegue discutir ou fazer nada com eles.

O manifesto que aqui apresentamos não é de facto abolicionista. É um resultado do Observatório Europeu das Prisões, em que existem pessoas que se dizem abolicionistas e pessoas que dizem que não. Há muito poucas pessoas a querer trabalhar neste assunto. Por isso, se a questão do abolicionismo serve para as dividir, eu não vou por aí. As reformas existem, aliás, a prisão serve, de acordo com a lei, para a reinserção social. Mas agora os serviços de reinserção social nem existem... toda a gente sabe que isso é uma fachada e dizer que a prisão serve para a reinserção social de alguém é uma hipocrisia".

Este ano deu por encerrado esse capítulo da sua vida que foram os 19 anos da ACED. Duas décadas de apoio aos presos e uma linha telefónica que ainda hoje recebe chamadas. Mas a denúncia do sistema prisional e a busca de alternativas prossegue-a nas aulas e no Observatório Europeu das Prisões. Diz-se "esperançado que as boas sementes da 'imaginação ao poder', dos 'direitos humanos', de 'todos iguais, todos diferentes', do 'outro mundo é possível' possam ajudar-nos a refletir por dentro e por fora, tornando a luta diária numa oportunidade de bem estar, em vez de apenas uma obrigação de sobrevivência".

**QUALQUER PESSOA PODE AJUDAR À DEFESA DOS DIREITOS DOS PRESOS, TAL COMO A ACED FAZIA, DA SEGUINTE MANEIRA:**

**1º PASSO: RECONHECER OS DIREITOS QUE ESTÃO A SER VIOLADOS**
De um modo geral, as pessoas que estão presas têm os mesmo direitos que as outras pessoas, escrito no que concerne à livre circulação. Qualquer mal-estar deve ser identificado em função de direitos a serem violados.

**2º PASSO: DETALHAR A CIRCUNSTÂNCIA O MELHOR POSSÍVEL**
O que aconteceu? Como, Quando, Quem? Que justificações foram dadas pelo funcionamento interno (chefe de guardas, diretor da prisão). Sempre que possível, a queixa junto dos serviços internos deve ser registada.

**3º PASSO: CONTACTAR A PROVEDORIA DE JUSTIÇA E INSPECÇÃO GERAL DE SERVIÇOS DE JUSTIÇA**
Enviar um email para estes serviços, detalhando o melhor possível as circunstâncias, juntamente com qualquer registo ou prova existente, reclamando PROTEÇÃO face a perseguição, problema de saúde, discriminação, etc.
A denúncia pode ser feita pessoalmente nos serviços.

**IGSJ** <correioigsj@mail.igsj.mj.pt>
Telefone: 218805200

**Provedor de Justiça**
<provedor@provedor-jus.pt>
Telefone: 213926600

**Para mais informações consultar o site da ACED:** http://home.ictsi-ul.pt/~aped/ACED/



# Resistência em código aberto

O Colectivo 1000101 reúne-se às terças-feiras no espaço da Recreativa Dos Anjos em Lisboa. O colectivo dedica-se à criação de um espaço de partilha de ferramentas e conhecimento em torno da reparação e reciclagem de material informático, em espírito "*Do It Yourself* **".



ANA RUTE VILA, TERCEIRO ROMERO
AVARUTEVILA@JORNALMAPA.PT

Numa oficina qualquer um pode aprender a fazê-lo, num ambiente de cooperação e horizontalidade, onde não existem profissionais da informática, apenas pessoas dispostas a aprender e partilhar. A par da oficina, o colectivo dedica-se também à divulgação da filosofia *Open Source* e à instalação de Software Livre, promovendo um espaço de debate e discussão acerca da infinita gama de questões que emergem da actual cultura digital, da Internet e da sua influência e conflituosa luta sociedade. Nesse sentido organiza uma vez por mês as **Conversas em Código Aberto**, durante as quais se projectam documentários, se apresentam projectos e se dinamizam debates em torno destes temas.

Numa altura em que a Internet, as redes sociais e aplicações informáticas se misturam com uma situação política global instável marcada por crises variadas, discutir a partilha de informação, a protecção de dados, a privacidade, ou o software e hardware que usamos no quotidiano é da maior importância, sobretudo se for feito de um ponto de vista crítico.

A conversa começa com o recente bloqueio de sites de partilha de ficheiros. Há pouco mais de um ano atrás, em Julho de 2015, foi assinado um memorando de entendimento Anti-Pirataria, entre a Secretaria de Estado da Cultura e entidades como a Inspecção Geral das Actividades Culturais (IGAC) e operadores de telecomunicações. O memorando permite que associações como o Movimento Cívico Anti-Pirataria na Internet, (MAPINET), complemi listas de sites a bloquear pelas operadoras de Internet, sem qualquer tipo de ordem judicial ou aviso prévio. Em Espanha uma lei muito semelhante à nacional, a lei "Sinde", foi aprovada em 2012, permitindo também aí o bloqueio de sites. No entanto, o problema não reside unicamente no bloqueio em si, já que este é realizado tecnicamente através de um bloqueio do DNS*, contornável pela mudança deste endereço nas definições do sistema operativo usado. O problema da implementação de práticas de bloqueio de sites prende-se mais com o precedente criado, ou seja, com a possibilidade de serem utilizadas para outros fins, que não a defesa dos direitos de autor ou conteúdos culturais. A respeito disto o colectivo alerta para o efeito de leis semelhantes '*per exemplo a DMCA*', uma lei americana de grande abrangência no campo dos Direitos de Autor e da intersecção destes com as novas tecnologias, em particular a Internet. Implementada por Bill Clinton em 1998, pode ser considerada uma super lei de direitos de autor que, pela sua abrangência, tem um historial enorme de abuso. Em concreto, a lei não é usada apenas para "proteger" conteúdos culturais mas foi e é frequentemente usada para remover material político, durante campanhas eleitorais por exemplo. Tanto nos EUA como em Portugal, através dos protocolos entre as operadoras de Internet e a MAPINET, o processo de remoção de conteúdos é extrajudicial. Em primeiro lugar um site ou conteúdo específico é bloqueado ou removido, por indicação da MAPINET, tendo depois os visados que fazer a sua defesa perante o Estado. Tudo isto fora de um tribunal e sem que a parte visada tenha conhecimento ou oportunidade de defesa. O IGAC torna-se assim num poderoso departamento da censura, agora para a Internet, ocupando memórias do Secretariado Nacional de Informação instituído pelo regime fascista nacional. As medidas tomadas são unilaterais e têm carácter preventivo. Ou seja, quem bloqueia um site de streaming de vídeos, pode potencialmente bloquear qualquer site independentemente da validade da argumentação que sustenta o pedido de bloqueio. Estamos perante uma inversão perversa do princípio da presunção da inocência, característico do direito penal: o acusado é em termos práticos considerado culpado, porque sancionado, até que se embeleça a sua inocência. Os efeitos potenciais deste mecanismo sobre a liberdade de expressão de indivíduos ou grupos, entendida de forma

# Recriar o Legado a partir das periferias

Vencer nos Jogos Olímpicos, a máxima aspiração para um desportista, não é fácil. É preciso tempo, sacrifício, disciplina, força de vontade, talento e sorte. Difícil, mas possível. Todavia, vencer os Jogos Olímpicos, é possível?




LAURA BURDOCO
LBURDOCO@GMAIL.COM
ANDRÉIA PAVONI
AVOPDRA@GMAIL.COM

As Olimpíadas, como qualquer megaevento desportivo, são um grande *business* e uma oportunidade de desenvolvimento urbano. As performances dos atletas e as competições desportivas (se não pelo valor dos bilhetes) são quase esquecidas para deitar espaço à máquina de produção a cidade olímpica. Alimenta-se nas últimas décadas a ideia de que as Olimpíadas são uma oportunidade para concretizar grandes intervenções de regeneração urbana (segregadoras) e de mobilidade (hiper-faraónicas) que assumem, no final das contagens, um papel central no processo de designação. Em 2003 a Carta Olímpica formalizou o conteúdo da palavra "legado", definindo como missão olímpica o feito de 'promover junto das cidades e países anfitriões o legado positivo dos Jogos Olímpicos'. A palavra é uma virus, dizia William Burroughs, pois trava o pensamento dentro da linguagem, construindo um espaço onde o que é possível dizer e pensar fica delimitado. É deste modo que o legado funciona, isto é, definindo o horizonte de sentido no qual a relação entre a cidade e o evento é articulada.

Resistir aos Jogos Olímpicos significa, primariamente, perfurar este horizonte. Tornar clara a insubsistência deste anunciado legado futuro. A política de propaganda que gravitou em redor, não apenas dos Jogos Olímpicos em 2016, mas também da Copa do Mundo em 2014, pôs ao caricato a viver numa falha temporal orquestrada para obscurecer sempre mais esta insubsistência. Não é por acaso que um dos maiores "legados" das Olimpíadas, o recém-nascido Museu do Amanhã, dentro do Porto Maravilha, tem um nome que nega um passado assombroso (o feito de ser erguido num dos maiores portos de arribação de navios escravos das Américas) em prol de um futuro de criatividade e sucesso no qual parece sempre mais difícil acreditar.

É certo que sempre houve uma relação entre protesto e jogos. Todavia, só nas últimas décadas o protesto, ao invés de usá-los como palco de expressão, se virou explicitamente contra os Jogos. Em fugar nenhum como no Brasil, e mais explicitamente no Rio de Janeiro, tal aconteceu. Em 2010, como resultado das mobilizações urbanas que animaram o Fórum Social *Urbano Rio* em todo o Brasil – um fórum alternativo *from below* ao UN Habitat World Urban Forum - foi criado o Comitê Popular Copa e Olimpíadas Rio (http://rio.portalpopulardacopa.org.br). Impulsionados por esta iniciativa, outros comités foram surgindo em todo o país, dando vida à ANCOP – Associação Nacional dos Comités Populares. Pela primeira vez na história da Copa do Mundo, criou-se uma resistência em escada nacional à FIFA que conseguiu – através do trabalho conjunto dos comités e de numerosos media ativistas e observadores independentes – desencadear um processo de denúncias nos media do mundo inteiro.



**No fim, fica a questão, o comité venceu os Jogos? Uma coisa parece certa. Como nos diz Orlando Santos, professor do IPPUR-UFRJ e membro do CPCO, sem resistência os efeitos negativos do evento teriam sido muito mais evidentes.**

final do ano passado oferece um resumo útil.

Mais do que inventariar as várias atividades e resultados que a campanha realizou, interessa neste artigo evidenciar o modo como a sua estratégia conseguiu emancipar o conceito de legado da retórica olímpica e assim reconfigurá-lo, argumentando, não só num sentido oposítivo, mas também construtivo de uma visão alternativa da olimpíada e da cidade em geral. Isso foi possível através de uma estratégia tripartida em três vetores de ação.

Primeiramente, a *pesquisa crítica*, na qual foram utilizadas várias ferramentas como as investigações, os debates, as conversas, as entrevistas e os dossiers. Por um lado, denunciando gastos, corrupção e subornos, securitização, privatização, comercialização, remoções, danos ambientais, exclusão social, elitização do desporto, exploração do trabalho, etc. Por outro, conectando criticamente estes pontos para fornecer uma chave de interpretação que permita compreender a violência do megaevento além da dimensão contingente, ou seja, em relação à dimensão sistémica do desenvolvimento urbano contemporâneo. Deste modo, foi mostrado que os megaeventos não são simplesmente excrescências, mas, precisamente, explicitações do processo global de urbanização neoliberal, ou seja, exceções que confirmam a regra neoliberal.

Secundariamente, a *contra-narração* como uso estratégico dos media, através dos media tradicionais, social media e media-ativismo. Isto permitiu simplificar e comunicar eficazmente os resultados da pesquisa, desenvolvendo uma contra-narração no que diz respeito à retórica oficial de celebração nacional e o discurso acriticamente positivo sobre o 'legado'. Assim foi fraturado o monopólio simbólico da retórica olímpica e também quebrada a atmosfera de orgulhoso otimismo em redor dos Jogos.

Terceiramente, o *suporte direto e indireto às comunidades* atingidas pelos efeitos negativos da Olimpíada, fornecendo-lhes visibilidade através de espaços virtuais e mais do modo a que pudessem comunicar a própria experiência. House casos de sucesso, pequenos mas significativos. Além disso, isto forneceu também um processo de assistência uma dimensão diretamente ativa e afirmativa, integrando o contributo fundamental dos 'mais excluídos' entre o processo de resistência/criação do legado olímpico.

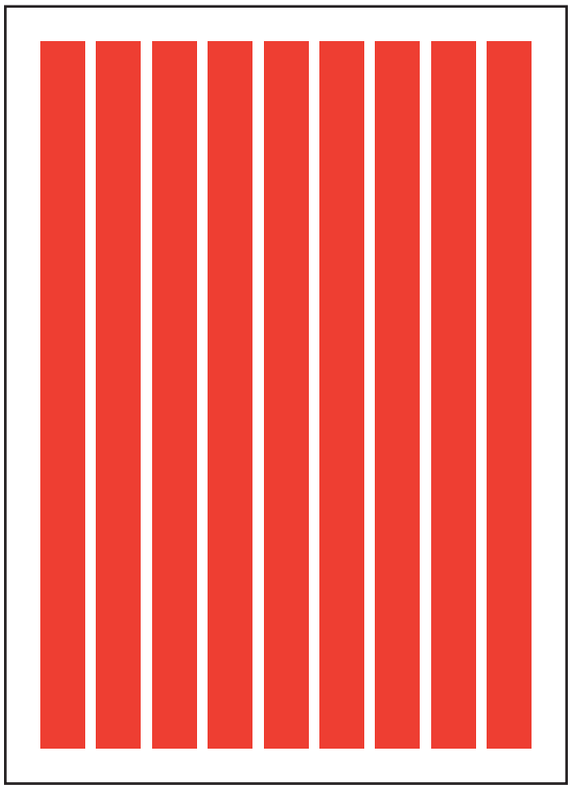
No fim, fica a questão, o comité venceu os Jogos? Uma coisa parece certa. Como nos diz Orlando Santos, professor do IPPUR-UFRJ e membro do CPCO, sem resistência os efeitos negativos do evento teriam sido muito mais evidentes. Além disso, a resistência não foi só disruptiva, mas também produtiva, por um lado explicitando o dissenso difuso contra um modelo excludente de desenvolvimento urbano e, por outro, mostrando um modelo diferente através da explicitação da própria experiência. A materialização desta atmosfera de dissenso numa experiência concreta de luta já tem efeitos. Localmente, como Jules Boykoff e Dave Zirin escrevem, fomentando um mapa da resistência a outras comunidades atingidas. Globalmente, fraturando o consenso global em redor dos jogos e dos seus supostos efeitos positivos, que já levou cidades como Hamburgo, Boston, Oslo, Estocolmo e Cracóvia a retirar a candidatura olímpica pela falta de suporte popular.

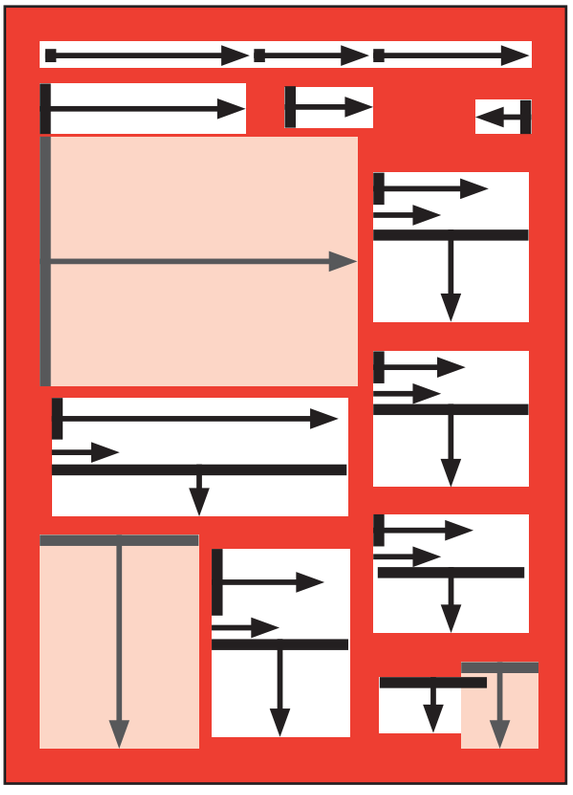
Claro que isto não é suficiente para celebrar. Os efeitos negativos dos jogos ficarão muito tempo na cidade e o comité agora encara o desafio mais complicado: a reorganização após o desaparecimento do 'inimigo' comum. O caminho é longo. Criar um modelo diverso de jogos Olímpicos é difícil, mas hoje, talvez pela primeira vez, para alguns parece possível. Não surpreende que isto aconteça no meio de um dos jogos mais controversos da história. Afinal, como dizia Deleuze, 'se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível'.

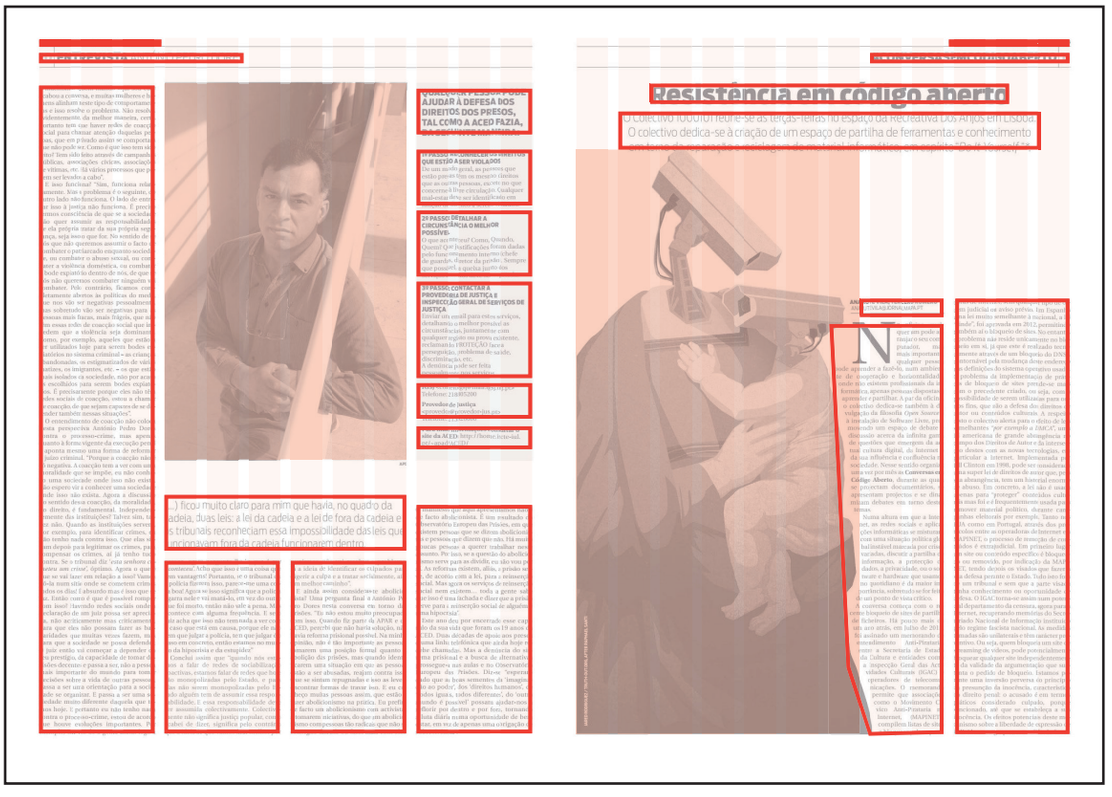
Talvez a coisa mais importante seja reconhecer que estas três frentes - pesquisas, contra-narração e suporte - não se criam apenas "por fora". É preciso reconhecer a existência de um considerável esforço proveniente por dentro, por parte de sujeitos periféricos, residentes nas favelas do Rio, integrantes (ou não) de movimentos sociais que de forma autónoma e muito resistente tiveram e continuam a ter a capacidade de criar as ferramentas para movimentos como o Comité serem possíveis. Numerosos são os debates, as conversas, as entrevistas e encontros organizados na zona sul do Rio de Janeiro e das suas universidades. Numerosos os cineastas, ridalemakers, jornalistas comunitários que em tão dia após dia oferecendo as melhores e verdadeiras coberturas à dura realidade da vida fora do perímetro da cidade Olímpica. Talvez estes grupos independentes sejam o maior legado dos megaeventos que têm martirizando o Brasil e especialmente de forma bárbara as suas comunidades nos últimos anos.

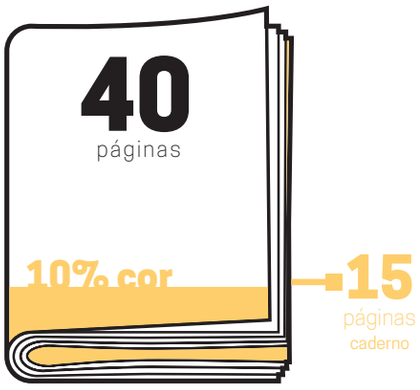
Acreditamos que este é um ponto importante a ser sublinhado também à luz das diferentes posições políticas assumidas por representantes das comunidades carentes face à atual situação política brasileira. Durante os Jogos, duas almas do protesto cruzaram-se continuamente. Por um lado, com os protestos indignados (gritos, cartazes) contra Temer. Por outro, com os protestos organizados explicitamente contra os Jogos, frequentemente com a presença de comunidades locais cujo desespero em relação às próprias condições de sobrevivência, ligadas à completa negação da própria existência por parte dos poderes políticos, não pode deixar de ter como consequência uma maior e consciente tomada de posição.








Resistência em código aberto




**61**
imagens




# #15

Número 15
De Janeiro de 2017
a Março de 2017
3000 exemplares

Capa
Páginas 30 - 31
Páginas 38 - 39



+ Pasolini e o consumidor unidimensional Pág. 37 · Terrorismo: os suspeitos do costume Pgs. 28 e 29 · Genealogia do arame farpado Pág. 30

mapa: Jornal de Informação Crítica

ASSINA O JORNAL MAPA

NÚMERO 15
JANEIRO-MARÇO 2017
TRIMESTRAL / 4 EUROS
ISSN 0 EXPLAIRE
DEPÓSITO LEGAL
WWW.JORNALMAPA.PT

ESPECIAL:
PORTOS, PETROLEIROS E METANEIROS
pgs. 10 a 16

Entre as greves dos pescadores contra a poluição industrial no Porto de Sines nos anos 80, o desenvolvimento da actual economia dos combustíveis não-convencionais e o 14º aniversário da catástrofe do Prestige ao largo da Galiza, o Jornal MAPA navega em águas turbulentas para compreender o futuro das portas de entrada na Europa.

Escravos sazonais
págs. 3 a 9
As consequências da Agroindústria: Escravatura e degradação ambiental

Standing Rock
págs. 20 a 22
A resistência dos índios Sioux contra o Dakota Access PipeLine

ZECA, INDOMÁVEL
PGS. 34 A 36

MAPA / JORNAL DE INFORMAÇÃO CRÍTICA / JANEIRO-MARÇO'17

30 TRANSHUMANISMO MON AMOUR

# Controlar o espaço através da dor

**Do controle de gado na colonização do oeste norte-americano ao encarceramento de presos nos campos de concentração nazis, a história do arame farpado demonstra-nos a evidência da relação entre tecnologia, política e domínio.**

KOIVUVÄG

"Cortar os limites da nossa pele pode servir para proteger os limites de uma propriedade, de uma prisão ou de uma fronteira."
**Revsel Netz**, *Barbed Wire: An Ecology of Modernity* (2004)

O arame farpado é um símbolo da silenciosa e ubíqua privação de liberdade. A sua história permite pensar o papel do controle do espaço nas formas de dominação contemporâneas, onde a biopolítica e a geopolítica se fundem, facultando uma análise sobre as lutas pelo poder em torno do controle do meio-ambiente e dos corpos que nele vivem (controle de fluxos migratórios, planificação do território, gentrificação de espaços urbanos, etc.).

No livro *Barbed Wire: An Ecology of Modernity* (2004), o historiador **Revsel Netz** encara o arame farpado enquanto ferramenta para a reconfiguração do espaço através da dor. O seu desemprego não indame é descrito como uma história ambiental do impedimento do movimento através de uma tecnologia rudimentar mas omnipresente, apresentada como um paradigma da modernidade. Em particular, **Netz** defende que a modernidade foi moldada pela gestão centralizada do movimento em larga escala, o que foi funcional tanto para a exploração económica quanto para a dominação política em todo o planeta. *Barbed Wire* é dividido em três capítulos que tratam, respectivamente, o uso agrícola, militar e repressivo do arame farpado, entre 1874 e 1954. O primeiro capítulo, *Expansion*, estuda o arame farpado como um dos agentes-«chave da profunda transformação ecológica da grande planície norte-americana no final do século XIX, quando foi investido para evitar o movimento das vacas no oeste dos Estados Unidos. **Netz** analisa como a conquista do oeste significou o extermínio dos búfalos e dos índios e a sua substituição pelas vacas e colonos euro-americanos, bem como a introdução de uma economia capitalista que reorganizava a região no interesse das elites dos centros urbanos do norte. *East Coast*, os vencedores da Guerra Civil norte-americana. O arame farpado surgiu no decorrer do processo de uma maciça e rápida colonização devido aos conflitos suscitados pela coexistência entre a pecuária extensiva e a agricultura intensiva, se inicialmente foram as plantações a ficarem vedadas, para impedir que fossem devastadas pelo gado que andava solto, não demorou muito para que se resolvesse passar ao encerramento das vacas nas cercas das fazendas.

O segundo capítulo, *Confrontation*, descreve como, no virar do século, o arame farpado viu as suas funções multiplicarem-se, sendo adotado para impedir o movimento dos seres humanos em contextos de guerra colonial. Na rápida expansão agrícola à escala mundial o arame farpado, graças à sua leveza, flexibilidade, custo e consequente produção em massa, permitiu que fosse usado em conflitos entre os antigos poderes locais e as novas potências invasoras, como foi o caso da Guerra dos Bóeres de 1899-1902. Finalmente, a combinação de arame farpado e metralhadoras, tensada nas trincheiras da Manchúria durante a Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905, culminou com a estática apoteose dos quatro anos de massacres da Primeira Guerra Mundial.

O terceiro capítulo, *Contention*, analisa o nascimento do campo de concentração. O arame farpado foi usado em vários conflitos para o controle de civis inimigos e de prisioneiros de guerra, tornando-se uma peça central na gestão da repressão política e social na União Soviética e na Alemanha nazista. É neste terceiro capítulo que os paralelos entre a história dos humanos e a história dos animais se tornam mais explícitos e mais amedrontadores. Os campos de concentração, onde a carne humana foi coisificada, limitando-o o seu movimento a um espaço cada vez menor, são comparados às galiolas e cercas para os animais. Segundo **Netz**, tanto a vida dos presos como os currais eram o produto do mesmo sistema técnico de controle do espaço mediante a dor. Em ambos os casos, estamos perante as vítimas da ecologia política moderna, em que orgânico e o inorgânico se emaranham numa interdependência indissociável.






**Barbed Wire: An Ecology of Modernity**
David Netz
Wesleyan University Press (2004)

**Hitler percurte as vedações de arame farpado de Treblinka. O arame farpado foi uma parte fundamental do sistema técnico e psicológico dos campos de concentração nazis.**

Ao longo do livro de **Netz**, o arame farpado é analisado como o principal protagonista de uma inversão topológica típica do nosso período histórico: certos pontos num plano, e as linhas que os conectam, levaram ao controle de grandes superfícies, com os corpos forçadamente confinados e controlados em lugares isolados, únicas áreas onde lhes é permitido mover-se. A este respeito, o arame farpado, enquanto tecnologia de gestão biopolítica do espaço, permitiu definir de forma rápida, barata, eficaz e em grande escala, um interior e um exterior, quem está incluído e quem está excluído. Por exemplo, num primeiro momento, os euro-americanos controlaram alguns pontos (os fortes) e algumas linhas (estradas e ferrovias) das grande planícies, enquanto que os índios e o gado se moviam livremente em todo o plano. O arame farpado alterou essa situação, encerrando os indígenas nas reservas e as vacas nos currais. Um outro exemplo da mesma dinâmica foi a guerra dos Bóeres na África do Sul. Os britânicos, a partir de cidades e caminhos de ferro, como pontos e linhas num plano, terão como objetivo o controle de todo o território por onde os guerrilheiros bóeres se moviam livremente. Foi com estes elementos topológicos, implantando arame farpado ao longo dos trilhos ferroviários, que os britânicos conseguiram quadriculae o território, encurralar a população civil e internar os rebeldes em campos de concentração.

Ao longo do livro são abordados sob este foco eco-político a guerra química, a invenção do tanque, as origens do conflito israelo-árabe, a arquitectura dos campos de extermínio nazis, a colectivização agrícola soviética, o crescimento e declínio da cavalaria na Europa ou a estreita relação que houve ao longo da história entre agricultura e guerra.

**Netz**, professor na Universidade de Stanford, é um dos historiadores mais destacados e originais da matemática helenística (**Netz**, 1998). Foi precisamente o seu interesse pelas práticas materiais da geometria dos antigos gregos que o fez adoptar um olhar topológico sobre os processos de sangrenta reconfiguração da ecologia humana. De acordo com **Netz**, a história é uma dinâmica de interacção entre corpos em movimento no espaço. Portanto, com os seus corpos e desejos, os animais também pertencem à nossa paisagem social, são actores históricos e vítimas dos dispositivos biopolíticos que, alicerçados na dor, transcendem as fronteiras entre espécies. Pois, *Barbed Wire* é uma história de como a dor em grande escala foi utilizada para prevenir a livre circulação dos corpos e de como, em consequência disso, tem sido utilizada para aumentar a exploração económica e o despotismo político. Em suma, *Barbed Wire* representa um estímulo para repensar a história económica, ecológica e política do século XX não apenas em termos do aumento da circulação, como, inversamente, em termos do impedimento do movimento, com indefectível empatia e solidariedade para com as vítimas da violência autoritária. Faltou-lhe desenvolver uma análise do papel do arame farpado na segunda metade do século XX, em contextos de segregação racial, de classe e noutros usos que marcam a biopolítica contemporânea. Para colmatar esta lacuna consulte-se o livro de **Olivier Razac**, *Histoire politique du barbelé* (2000), que investiu os seus múltiplos empregos, num subtil equilíbrio entre a eficiência do instrumento securitário e a sua acetabilidade simbólica, dialogando com as análises do poder disciplinar de Foucault e das sociedades de controle de Deleuze: "No fremas anais da violência política reconhecem-se menos pela sua intensidade manifesta do que pelos seus meandros refinados".

> (...) o arame farpado, enquanto tecnologia de gestão biopolítica do espaço, permitiu definir de forma rápida, barata, eficaz e em grande escala, um interior e um exterior, quem está incluído e quem está excluído.

MAPA / JORNAL DE INFORMAÇÃO CRÍTICA / JANEIRO-MARÇO'17

FELIZMENTE CONTINUA A HAVER LUAR 31

# *Carta ao meu vizinho que fez a guerra colonial*



JORGE VALADAS

Caro Senhor,

Somos da mesma geração e cruzamo-nos na vida de cada dia sem no entanto trocarmos muitas palavras. Bom dia, *boa tarde*, uns comentários sobre o sol e a chuva, por vezes umas rápidas alusões ao passado que vai escorrendo para o esquecimento. Não completamente, porque há algo do nosso passado comum que parece estar envolvido num nevoeiro inconfundível. Conhecemo-nos mal, embora haja uma certa empatia e confiabilidade entre nós.

Acontecimentos recentes provocaram em si um certo mal-estar e uma modificação do seu comportamento para comigo. Parece ter-se instalado uma certa distância. Tudo começou com a publicação de um livro, *Exílios, testemunhos de exilados e desertores portugueses na Europa (1961-1974)*, facto ao qual o senhor esteve totalmente alheio. Até que um dia... no elevador, os seus olhos se fixaram com espanto na capa do exemplar que eu andava a ler. Nesse preciso momento, localizei o problema e compreendi que o nevoeiro sobre o nosso passado comum.

Estou evidentemente a falar dos anos entre 1961 a 1974. Que foram os anos da guerra colonial e das posições que tivemos de tomar na altura e que deixaram marcas profundas na vida de cada um de nós. Por algumas alusões rápidas, sabia que o senhor fez o serviço militar e a guerra. Por seu lado, não duvido que já tenha percebido que eu fiz parte dos que se colaram para não fazer a guerra, que desertaram ou foram refractários.

Podíamos ter ficado por ali, com silêncios e distância civilizada, navegando entre o nevoeiro. Mas o caso tomou outra dimensão quando a comunicação social começou a dar visibilidade à questão. E foi assim que, num belo dia de Primavera, o *meu amigo* — desculpe, mas acho que vamos ter que utilizar esta expressão coloquial para melhor desbobinar a nossa conversa — descobriu no quiosque da rua a primeira página do jornal *Público* (21/04/16), com uma fotografia do Fernando Cardoso — um dos editores do livro mencionado — afirmando com um ar tranquilo à jornalista Catarina Gomes: «*Eu fui desertor. Digo-o com todo o gosto.* Presenti que a manchete não lhe caiu nada bem e que se sentiu destabilizado. Imagino a sua reacção: «*Só faltava mais esta, que se dê agora a palavra a esta gentalha.* Como suponho que o alarido provocado, as reacções indignadas no correio dos leitores, acalmaram momentaneamente a sua irritação: traidores à pátria, cobardes, filhos de gente bem, etc. e tal. E posso tempo depois, uma instituição universitária, uma faculdade qualquer, tem o desplante de organizar um colóquio sobre o assunto? «*Que diabo, a deserção é agora um assunto científico?*» E a comunicação social que reconheça a falar nesta história que o importuna, ao ponto de agravar os seus problemas gástricos e a fazer regressar os pesadelos nocturnos que se tinham vindo a acalmar de uns anos a esta parte.

Penso estas que o momento tinha chegado para abordar consigo esta questão melindrosa que nos separa em silêncio.

Sei que está consciente de que a participação na guerra no *Ultramar* — imagino que a palavra *colonial* é suspeita de comício subversivo — foi a atitude correcta a tomar, indiscutível mesmo, para defender esta identidade abstracta da pátria com a qual se vive desde pequenino e que dá sentido à vida pacata de todo bom pai de família. Mas suspeito também que, lá bem no fundo, umas dúvidas torturam o *meu amigo*, que é uma pessoa inteligente e sensível. Tanto mais que a alguarra histórica que inunda o correio dos leitores, um mata-e-esfola sem pés nem cabeça, revela que há algo que não está bem digerido.

Prefiro o incómodo do *meu amigo*. Fizeram-se monumentos aos heróis da guerra, no *Ultramar* claro está, deu-se um novo verniz incolor ao discurso sobre a guerra e sobre o período colonial — que, bem-feitas as contas, corresponde a mais de metade do livro de história do país —, publicaram-se álbuns fotográficos com as gloriosas tropas no meio da vegetação luxuriante e pensava-se que o assunto estava encerrado. Enfim, à boa maneira portuguesa, estávamos a esquecer lentamente, suavemente, harmoniosamente o que devia ser esquecido. Nada feito! Cá voltamos hoje de novo ao tema da guerra!

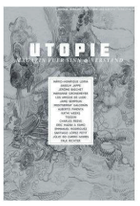
Sem querer parecer presunçoso, tenho uma resposta às suas interrogações. Na verdade, fala-se pouco ou nada da guerra, o assunto é mesmo de evitar sobretudo nos jantares de família e em presença das crianças. Talvez porque, finalmente, a guerra que o *meu amigo* fez com muitos outros, nunca foi assim tão popular. E que foi terrível, como todas as guerras. Já reparou que, mesmo entre os que vomitam ódio para cima dos desertores e refractários, há sempre alguém que soube de alguém que não fez a guerra, que fugiu, que desertou! Mais

# Utopie - Magazin für Sinn und Verstand*

*"A Utopia tornou-se obsoleta, mas é a única virtude que nos resta."*
**Los Amigos de Ludd**

ARTUR FLORES
ARTUR.FLORES@JORNALMAPA.PT




Não é todos os dias que nos chega às mãos uma revista publicada nostra lingua, contendo autores portugueses, em especial aqueles desalinhados, adversários da inércia que muitas vezes se encontra no ambiente da escrita. Pegar numa revista alemã e, logo na primeira página, dar de caras com um poema de António José Forte ou Mário-Henrique Leiria é um inclinamento natural às páginas seguintes, bem como à vontade em conhecer com mais detalhe esse projecto editorial.

A *Utopie Magazin* nasceu em Berlim pela iniciativa de Júlio Carmo e Camilla Elle, através da *Editions Silberzeit*, associação sem fins lucrativos. A revista consigna-se numa perspectiva crítica e utópica do quotidiano, e nesse sentido expõe conteúdos que atravessam a filosofia, a política e a literatura. É pensada sobretudo em português e alemão, dadores, embora tenha como objectivo trazer vozes da periferia, assumindo essa componente internacionalista.

Os dois primeiros números reúnem autores de vários estilos e origens. Santiago Lopez-Petit, Anselme Jappe, Jacques Ellul, Marianne Groenemeyer, Christian Ferrer, Charles Reeve, Félix Mora, Alberto Pimenta, entre outros, alguns dos quais apresentados à germanofonia pela primeira vez. Iniciar por exemplo, a poesia de Alberto Pimenta, com o pensamento lúcido de Christian Ferrer, exemplifica a diversidade de temas e referências que compõem a revista, conferindo-lhe um cunho próprio, também consequido pela qualidade gráfica e envolvência das ilustrações. Enquanto a edição em papel é lançada em língua alemã, boa parte destes conteúdos é disponibilizada online, na língua original.

A produção da revista, na sua versão física e virtual, conta ainda com várias dezenas de participantes voluntários, desempenhando as tarefas de tradução, ilustração, paginação, distribuição e *web design*. Foi através de uma bem sucedida campanha de *crowdfunding* que se financiou a impressão do primeiro número, bem como a impressão de postais e cartazes destinados a divulgar o projecto. O objectivo agora é que as vendas de cada número sustentem o seguinte, algo que já foi conseguido na primeira para a segunda edição. A Utopie encontra-se disponível em várias livrarias, nas cidades de Berlim, Leipzig, Hamburgo, Frankfurt ou Viena.

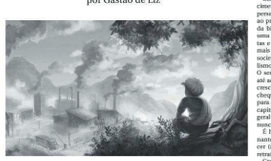
Júlio Carmo e Camilla Elle são também os fundadores da Amarcord, uma pequena livraria Berlinense cuja oferta cobre vários géneros literários, dentro do mesmo espírito libertário. A Amarcord define-se como livraria internacional e conta a sua oferta na língua portuguesa, castelhana, francesa e alemã. Além um cunho próprio, também consequido pela qualidade gráfica e envolvência das ilustrações. Enquanto a edição em papel é lançada em língua alemã, boa parte destes conteúdos é disponibilizada online, na língua original.

* *Utopie-Revista para Sentir e Entender*

**Ver site >>**
http://www.utopie-magazin.org

## Crescer água na boca



Quem viva numa grande cidade como Calcutá deve ser muito interessado ou muito pouco sensível para não se dar conta que o «crescimento», e com ele o inevitável «desenvolvimento», empesta. Não há no mundo desodorizante algum que possa disimular o fedor. E por isso que podemos ir quando ouvirmos o Presidente da República, na sua «mensagem de Ano Novo», afirmar: «Crescer mais não chega, é preciso crescer muito mais».

Torna-se vital e salutar submeter a debate público este preceito central da religião dominante: o crescimento económico acelerado. Este dogma dos economistas, dos políticos, dos sindicalistas foi convertido pela Propaganda em desígnio geral. Acerca-se sem discussão que essa era coisa que se deseja. E tempo, talvez tarde demais, de abandonar essa obsessão nefasta. Não se trata de negar toda a prosperidade económica. Que a economia cresça ao mesmo tempo que a população parece ser um princípio de senso comum. Mas não é o caso. Este sistema económico não tem por objectivo satisfazer as necessidades, mas multiplicá-las artificialmente para aumentar os lucros de alguns poucos.

Muitas coisas devem crescer até atingir o seu tamanho ótimo: as árvores, as plantas, os animais, enfim, todos os viventes. Quando algarem atinge o seu tamanho normal e uma parte do corpo continua a crescer mais e mais denominamos essa protuberância de cancro. Uma boa parte daquilo que cresce quando a economia progride é um cancro social. A especulação aumenta a produção irracional e destrutiva, a corrupção e o desperdício, em detrimento daquilo que é necessário mulhorar: a qualidade social, o bem estar de todos. Uma taxa elevada de crescimento económico, que não enquecamos, se mede segundo o Produto Interno Bruto, mostra muitas vezes que aquilo que continua a crescer é já bastante grande – um autêntico cancro social – e que aquilo que devia melhorar diminui, contrário daquilo que promete.

Também não significa mais bem estar, nem «emprego para todos», nem uma melhor eficácia na utilização dos recursos. Pelo contrário, produz miséria, ineficácia e desigualdades. Temos uma extensa experiência histórica para sustentar esse argumento. Continuar a propôr uma importante taxa de crescimento económico como objecto de sociedade é para cuspidear. Pecisa atribuí-la à ignorância beata ou ao cinismo, ou a uma combinação dos dois.

A ideia de que a riqueza concentrada nas mãos de alguns acaba por se alargar à maioria das pessoas e melhorar o seu bem estar, é uma ilusão perversa sem qualquer fundamento.

Concentrar o esforço de todos no crescimento económico dissimula o objetivo perseguido: mais opulência para alguns, ao preço da miséria geral e da destruição da biosfera. É uma consequência lógica, uma vez que esta obsessão dos economistas e também do professor Marcelo nada mais faz do que aplicar ao conjunto da sociedade a exigência rigorosa do capitalismo: com capital que não cresce morre. O seu crescimento deve ser mais e mais, até ao infinito. Cultivar esta obsessão pelo crescimento é o mesmo que assinar um cheque em branco aos donos do mercado, para que o seu objetivo de acumulação de capital se faça em nome de um bem estar geral que nunca chega e que, por essa via, nunca chegará.

É hora de pôr termo ao delírio dominante. Determinadas coisas devem crescer (as crianças, as sementes...) e outras retraírem-se.

Cresçam as nossas capacidades de subsistência e a nossa autonomia vital. Cresçam os espaços e os modos de exercer as nossas liberdades. Cresçam as nossas capacidades em tomarmos iniciativas. Multipliquem-se as oportunidades propícias à Vida, particularmente para os despossuídos, a grande maioria, condenados a sobreviver. Para que este crescimento positivo se realize, é necessário que nos cresça água na boca para lutarmos pelo desaparecimento das causas de uma economia que asfixia e oprime.



*Na descoberta de natureza e no metrro das entrelinhas, por entre propostas de pareceres jurídicos.*

# Ao salto dos montes: **Pelo Tâmega**

FILIPE NUNES
FILIPE.NUNES@JORNALMAPA.PT


*"Quando o Tâmega enche, em Amarante e nas suas gentes..."*

A nossa proposta à descoberta da natureza vai ao encontro das restrições que hoje nos fogem para margens do rio Tâmega e seus afluentes.

A "Cascata do Tâmega" é o nome dado a um total de cinco barragens que atravessam deter estas águas. O Sistema Eletroprodutor do Tâmega (SET) fará desaparecer milenares margens do rio, nascido na Serra de San Mamede, Galiza, e que desagua no rio Douro, em Entre-os-Rios, em conjunto ainda com as celas dos seus afluentes Torno, Louredo e Beça. A "Revisão do Programa Nacional de Barragenss" em Abril de 2016 manteve as barragens de Daivões (Cabeceiras de Basto), Gouvães e Alto Tâmega (Vila Pouca de Aguiar e Ribeira de Pena), da espanhola Iberdrola, Em Dezembro passado o custo da sua construção foi autorizado. E não está longe 2019, data até à qual foi suspensa a barragem do Fridão, concessionada à EDP, com dois panelões a quererem erguer-se em Padroselos, a escassos quilómetros de Amarante.

São muitas as vozes que se levantam, através do Movimento Cidadania para o Desenvolvimento do Tâmega, da Associação Cívica Pró-Tâmega ou do projeto "Rios Livres" do GEOTA (Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente), entre outros. Os habitantes ribeirinhos do Tâmega já tinham visto chumbada numa primeira fase, em 2010, a barragem de Padroselos, devido a uma importante colónia de mexilhão-de-rio. Com o avanço do SET assola-os a inquietação, expressa numa das petições a correr, de "que, à semelhança dos mexilhões *margaritifera* identificados no rio Beça durante o Estudo de Impacte Ambiental, a espécie humana também se encontra em risco nas zonas de implantação do complexo das barragens, pelo que se torna imperioso preservar o seu habitat e o seu modo de vida".

Os argumentos ambientais e financeiros desta oposição são evidentes. Segundo o GEOTA, manter a construção do Fridão é obrigar à população 18,4 mil milhões de euros – um acréscimo médio na fatura elétrica de 5%, para barragens que juntas com a sua produção apenas 0,4% da energia do país (2% da eletricidade).

Mas, pela descoberta da natureza proposta nos percursos pedestres disponíveis para os concelhos de Amarante, Cabeceiras de Basto, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar (em www.baixotamega.pt), poderemos simplesmente vivenciar um sem número de razões que por si só dispensam os argumentos tecnicistas, para nos justamos à defesa do Tâmega.

Do mesmo modo há outras leituras a resgatar na luta pelos rios livres. A contemplação da natureza de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), que em Amarante nasceu e morreu, é uma delas: "Já se distinguem bem as linhas sinuosas / D'aquelles montes onde, um dia, nós nascemos.../ Lá nos esperam outras almas venturosas / Que nos hão de entregar aquillo que pedemos!" ("A Ventura", 1901).

Teixeira de Pascoais sacraliza a natureza e, como assinalou Dalcínea Teixeira, "perpassa na sua obra um desencanto com o progresso", uma "recusa de um progresso descaracterizador da natureza". Atento e visionário: "Mas, ai, a Natureza, / Reservada e ofendida, afasta-se de nós! / E na sua mudez arrebelda / Congela a minha voz... / Um silencio morta separa-me de nós!" ("Elegia da Soldão", 1920).

mapa
Jornal de Informação Crítica
Número 15
Janeiro-Março 2017

**Propriedade:** Associação Nacio Crítica
**NIPC:** 510750301
**Morada da redação:** Largo António Joaquim Correia, nº1, 7600-175 Serzedas
**Correspondência:** enviar para morada da redação AJC do Guilherme Luz
**Email:** geral@jornalmapa.pt
**Diretor:** Guilherme Luz, guilu@jornalmapa.pt
**Editor:** Ana Soeiro
**Subeditor:** Frederico Lobo
**Diretor adjunto:** João Oliveira Santos

**Estatutos editoriais do Jornal MAPA:** https://goo.gl/2gKQeY

**Colaboram no Jornal MAPA com Artigos, Investigações, Ilustrações, Fotografias, Design, Paginação, Revisão e Edição:**

A Lomar ("Rigo Nunes", Castido Lis", Teófilo Figueiredo", "Carlinho Cabanas", C. Castilho, José Smith Vargas", Guilherme Luz", Cláudia Dorian", PVP, S.P. Dickbutt", João Silvestre" Inês Rodrigues", Gonçalo da Silva" Sandra Coelho", Ana Cardoso", Ana Pinho", Ana Sofia Dias", J. Estrela, J. Martins, wanuwits, Jorge Valadas, Miguel Crespo, Zita Moura, Laura Ventura, Ricardo Vieira, Ricardo Ferreira, Ana Sofia Alves, P. Duarte, Carmen Crespo, Klara Kaiser, Abrapan, Eli Tapa Tabernário, Pedro Cmeia, Lidia Hansen, Raquel Marques.

* Colaboradores permanentes / Pensamento, discussão e desenvolvimento do projeto te editorial (colectivo editorial)

**Periodicidade:** trimestral
**PVP:** 1euro
**Tiragem:** 3000 exemplares

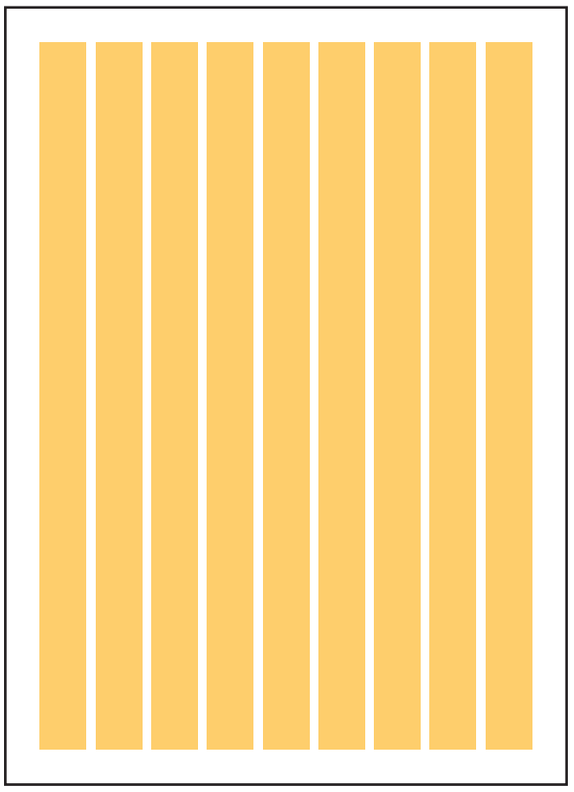
**Contactos:** geral@jornalmapa.pt
**Distribuição:** distribuicao@jornalmapa.pt
**Assinaturas:** assinaturas@jornalmapa.pt
**Site:** www.jornalmapa.pt
**Facebook:** facebook.com/jornal.mapa
**Twitter:** twitter.com/jornal_mapa
**Depósito Legal:** 419369/17
**Tipografia:** Funchalmar-Empresa gráfica S.A.

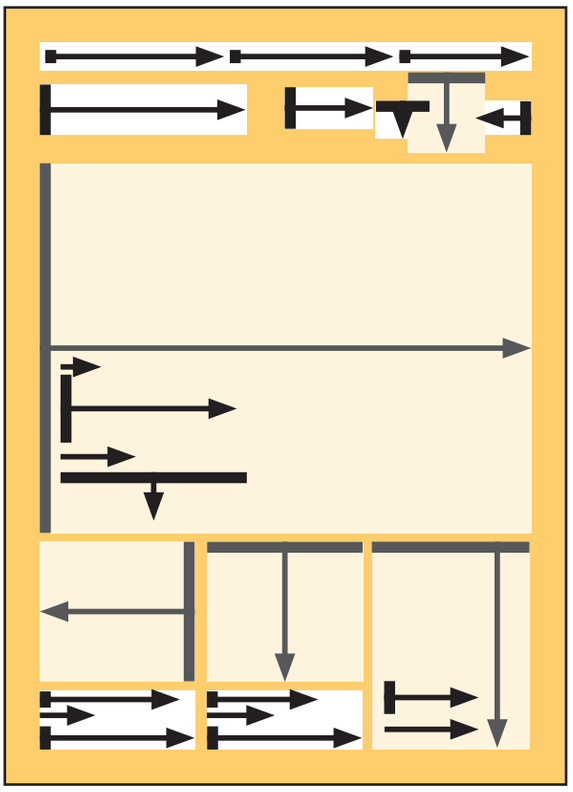
Os artigos não assinados são da responsabilidade do Jornal MAPA. Os restantes artigos, assinados com nome ou indicativo, são da responsabilidade dos seus autores.

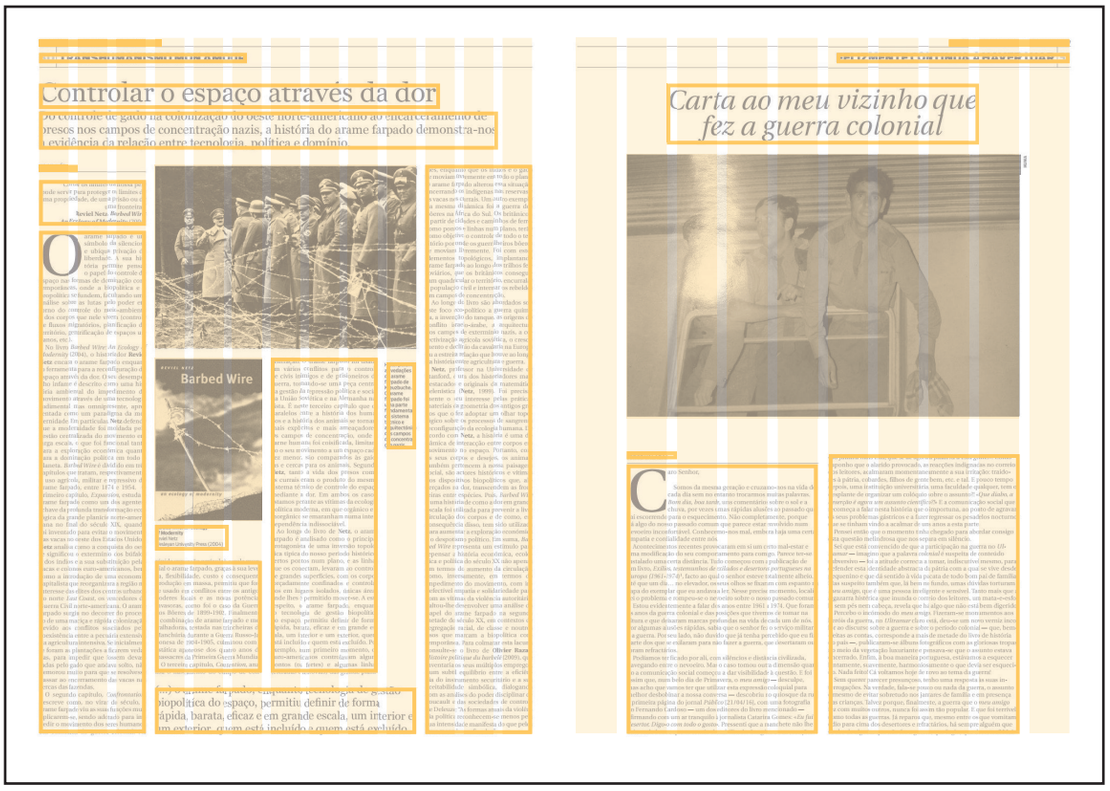
**APOIA A INFORMAÇÃO ALTERNATIVA**

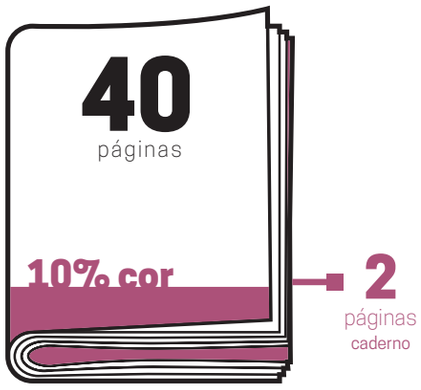
**Guilhotina.info** – twitter e facebook/guilhotina.info
**Indymedia Portugal** – pt.indymedia.org
**Jornal Mapa** – em papel ou em jornalmapa.pt
**Portal Anarquista** – colectivolibertarioevora.wordpress.com

Segue-nos em #altpt



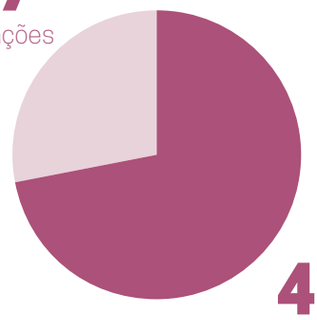



Controlar o espaço através da dor
Barbed Wire
Carta ao meu vizinho que fez a guerra colonial




**61**
imagens

**17**
Ilustrações



**44**
Fotografias

# #16

Número 16
De Abril de 2017
a Junho de 2017
3000 exemplares

Capa
Páginas 14 - 15
Páginas 34 - 35

COPEL. A Transição nas prisões espanholas Págs. 10 e 11 · Panegírico a José Afonso. 2ª Parte Págs. 28 a 30 · Lembrar Thoreau Pág. 38

mapa: Jornal de Informação Crítica

NÚMERO 16
ABRIL-JUNHO 2017
TRIMESTRAL // 4 EUROS
3000 EXEMPLARES
ISSN 2184-1489
WWW.JORNALMAPA.PT

ASSINA O JORNAL MAPA
preencha este cupão e envie-o para
assinaturas@jornalmapa.pt



UMA CONVERSA COM JOSÉ CARLOS MARQUES

## REVIVER É PRECISO

págs. 16 a 23

"No dia 15 de Março de 1976, o povo de Ferrel, perto de Peniche, marchou sobre o local onde decorriam trabalhos preparatórios para a então projectada central nuclear". Quem o recorda é José Carlos Marques, figura pioneira e incontornável do movimento ecologista português, a partir de um Porto em aceleração transformação e no momento em que estão em cima da mesa os perigos da central nuclear de Almaraz. O ecologista deixa-nos ainda um olhar sobre o percurso de uma vida inserida nas lutas "ambientalistas", tentando perceber o que foram, o que são e o que podem vir a ser.




## O feminismo constrói-se todos os dias

págs. 6 a 8

A Greve Global das Mulheres chegou também a Portugal no passado 8 de Março, resultado de um esforço conjunto de coletivos e grupos feministas.

## QUE TRANSIÇÃO ENERGÉTICA?

págs. 12 a 15

Novos modelos e experiências de produção energética têm apostado em energias renováveis e sistemas descentralizados. Contudo, o atual modelo centrado em combustíveis fósseis e gigantes infraestruturas, parece não dar tréguas.



## A *Clickónomia* na rede

págs. 3 a 5

Por cada click em motores de busca, post nas redes sociais ou comentário em sites, há uma empresa a extrair lucro da nossa atividade online. A Internet parece substituir a fábrica com uma pequena diferença: o nosso trabalho online é gratuito e voluntário.



terão alguma bagagem associada ao contexto sociopolítico que as envolve. Mas não custa imaginar que poderão adoptar com maior facilidade soluções renováveis de menor impacto do que as descritas atrás. Finalmente, o AECT Duero-Douro, uma organização transfronteiriça sem fins lucrativos dessenha ao desenvolvimento da região, anuncios no início do ano a criação de um uma cooperativa transfronteiriça, a EE1-Duero Energy, em parceria com mais de 200 municípios e entidades de ambos os lados da fronteira, com a promessa de oferecer eletricidade a preço de custo, sem margem comercial e de combater ao oligopólio que domina os dois mercados. Ao contrário da Coopérnico que tem um compromisso claro com a energia renovável produzida localmente, estes projetos, pelo menos nesta fase, oferecem propostas essencialmente interessantes ao que toca ao comportamento dos mercados e à integração comunitária de serviços.

**Para lá das cooperativas**

As diversas experiências e perspetivas cooperativas na área da energia têm sido alvo de um alargado debate e estudo quer no meio académico, quer por inúmeros grupos e coletivos dedicados à soberania energética, mas também por sindicatos e outras organizações políticas. O trabalho de Conrad Kunze e Sören Becker, investigadores alemães sobre modelos cooperativos de produção energética, realça o papel que movimentos sociais desempenham quando unem iniciativas de transição energética a propostas de desmercadorização ou abrandamento económico. Assim, definem *"projectos cidadãos de energia renovável politicamente motivados"*, ou seja, iniciativas que se posicionam para lá da mera geração de eletricidade ou calor a partir de fontes renováveis, mas que assumem uma dimensão política, através de estruturas que promovem a participação, a propriedade coletiva, bem como processos de tomada coletiva de decisões. Os investigadores lançam-se na identificação desses projetos na Europa, usando ainda outros critérios, como o compromisso com objetivos ecológicos ou a criação de emprego ao nível local. O exemplo da SOM Energia surge na lista, lado-a-lado com muitos outros projetos. Um deles começou em 2005, quando a comunidade de Machynlleth, no País de Gales, através da cooperativa Bro Dyfi Community Renewables, foi responsável pela instalação da primeira turbina eólica comunitária, comprada em segunda-mão, com uma potência de 75 kW. Para os investigadores, o projeto de energia eólica em Machynlleth segue uma agenda de decrescimento: fornece energia renovável gerada localmente, acompanhada pela tentativa de impactar o estilo de vida da comunidade em termos energéticos, sem seguir um modelo comercial tradicional. A vila é também o local onde, desde os anos 70, está instalado o Centro para a Tecnologia Alternativa (CAT, na sigla em inglês), um centro de educação e investigação em sustentabilidade. Inicialmente uma parte da energia produzida pelo gerador servia para alimentar o CAT, sendo o excesso de produção injetado na rede de distribuição local. De acordo com a página do projeto, toda a energia gerada hoje em dia é injetada na rede local e em 2010 a comunidade instalou uma segunda turbina de 500 kW.

Em 2013 Berlin foi palco de uma tentativa de compra e municipalização da rede de distribuição local de energia. A campanha que antecedeu o referendo, a 3 de novembro, foi dinamizada pela *Berlin Energy Roundtable*, uma aliança de ONG's, grupos ambientalistas, ativistas, coletivos anti-gentrificação e profissionais de energias renováveis. A proposta do referendo era retirar a concessão da rede à Vattenfall, companhia pública sueca, que é proprietária da rede desde a sua privatização, em 1997. A empresa é particularmente mal vista na Alemanha, pelo facto de ser dona de diversas centrais nucleares e minas de lignite perto de Berlim e porque, em 2012, processou o governo alemão, pedindo bilões de euros de indemnização pela decisão de encerrar gradualmente centrais nucleares na sequência do desastre de Fukushima. A aliança propunha que a rede local viesse a ser propriedade de uma nova companhia pública de energia 100% renovável, de base comunitária, gerida pelos cidadãos, pelos próprios trabalhadores e membros da Câmara Municipal. A companhia estaria ainda orientada para uma redução geral do consumo energético na cidade e para a implementação de tarifas sociais de eletricidade que prevenissem a pobreza energética. A proposta, aprovada por 83% dos votantes, falhou ficando 21.000 votos atrás do resultado necessário para a sua implementação.

Estes dois modelos, os mega-projetos e projetos de pequena e média dimensão, assentes em ação e soberania comunitárias, são em grande medida antagónicos e fazem parte do autêntico turbilhão que percorre o sistema energético. É preciso ainda não esquecer os avanços tecnológicos da última década que têm tornado cada vez mais acessíveis módulos fotovoltaicos, painéis de energia solar térmica para a produção de águas quentes e turbinas eólicas adaptáveis a todos os regimes de ventos urbanos ou rurais. O custo da energia fotovoltaica, por exemplo, diminuiu 85% nos últimos 7 anos, de acordo com o relatório *Carbon Tracker* do Imperial College de Londres, ganhos que, à luz de avanços tecnológicos previsíveis, tenderão a aumentar ainda mais. Estes avanços tornam cada vez mais viáveis e relevantes que soluções comerciais convencionais, que, crucialmente, te, soluções locais e comunitárias sem fins lucrativos. Por outro lado, a indústria de combustíveis fósseis reinventa-se e redobra esforços para atrasar este progresso e a sua aplicação abrangente. A política europeia reflete claramente estas tensões. Se o *Pacote sobre Segurança Energética Sustentável* da UE, que mencionamos, pode ser descrito como uma "carta de amor" à indústria fóssil, o mais recente *Winter Package: Clean Energy for All Europeans* (*Pacote de Inverno: Energia Limpa para Todos os Europeus*) lançado em novembro passado, estabelece, entre outras coisas, as bases para uma muito maior abertura para com iniciativas locais e regionais de base comunitária ou cooperativa, focadas na produção de energia proveniente de fontes renováveis. Estes dois pacotes de medidas representam o que a UE espera que seja visto como a sua política estratégica multipolar e complementar. O problema é que claramente onde uns são filhos, outros não estendos. O primeiro representa um esforço estrutural, assente em infraestrutura construída ou a construir, com claras implicações a médio e longo prazo; enquanto o segundo, bem vindos que sejam alguns dos seus elementos constituintes, representa acima de tudo uma maior abertura institucional a alternativas. Enquanto isso, o planeta aquece...



Para se imporem no território muitos Mega-Projectos necessitam de uma forte militarização. Na Catalunha a construção das Linhas de Alta Tensão está na origem de um conflito ambiental e social que tem apoio as comunidades locais aos promotores do projecto.

***Some like it hot.***

Como cenário de fundo surgem as alterações climáticas e os seus impactos. 2016 foi o ano mais quente de que há registo e é muito provável que 2017 lhe tome o lugar. Na sequência do seu mais recente relatório anual que realçava estas tendências, David Carlson, diretor do programa de investigação climática global da WMO (Word Meteorological Organization) afirmou que *"estamos a ver alterações nestes à escala planetária, que questionam os limites da nossa compreensão do sistema climático. Estamos realmente a entrar em terreno desconhecido"*. Em perfeito contra-ciclo, no final de março correu na imprensa mundial uma fotografia de Donald Trump, ladeado de ministros. Também ao seu lado, durante a assinatura do decreto que deita por terra o *Clean Power Act*, a legislação aprovada por Barack Obama para cortar as emissões de gases com efeito de estufa, estava ainda o recém-nomeado diretor da Agência de Proteção Ambiental, Scott Pruitt, personagem fortemente associado à indústria petrolífera e que rejeita o consenso científico em torno do aquecimento global. Dois meses antes, em janeiro, Trump tinha revertido do outro marco da administração Obama, o cancelamento do *Dakota Access Pipeline*,

As várias regiões de Espanha têm sido palco nos últimos anos de um autêntico boom de cooperativas, onde a Catalã SOM Energia, primeira a constituir-se em 2010, é a maior de todas elas.





conseguido após largos meses de protestos e de repressão de ativistas indígenas e ambientais. No entanto, o que é surpreendente em Trump não é o seu compromisso com a motivação das indústrias do petróleo, gás e carvão. A administração Obama, mesmo tendo aprovado medidas limitadas contra as alterações climáticas, nomeadamente no que toca ao carvão, foi um proponente e dinamizador inicial do gigantesco Keystone XL, um dos projetos potencialmente mais danosos da atualidade. Foi ainda durante o seu mandato que a indústria da fratura hidráulica teve o seu momento áureo, com o seu apoio declarado. Ainda assim, Trump devolve o *American Dream* à indústria fóssil com um assumido orgulho e consequências possivelmente devastadoras, pela mensagem que passa à indústria e ao mundo. 8 de novembro de 2016 não foi apenas o dia em que este gigahoms ao eleições nos EUA, mas também o segundo dia da COP22, a conferência das Nações Unidas para as alterações climáticas. Reunidos em Marraquexe, líderes e delegações mundiais congratularam-se com a ratificação do Acordo de Paris, que visa impedir que a temperatura média do planeta não suba (idealmente) mais de 1,5º C, prometem um corte de cimeiramente especialistas e cientistas que, louvando o passo em frente, não conseguiam deixar de reconhecer o irrealismo do mesmo, perante a falta de metas vinculativas e de mecanismos, nomeadamente face às reservas de combustíveis existentes e consumos já previstos. O acordo sugere um fluxo de muitos milhões para todo o tipo de investimentos energéticos, ao mesmo tempo que estudos recentes como o *Emissions Gap Report 2016*, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, indicam que mesmo cumprindo o estabelecido, o aumento rondo os 3ºC ou mais, o que teria inevitavelmente consequências desastrosas para o ecossistema global. O torno nos níveis de $CO^2$ na atmosfera, para além do qual alterações catastróficas serão inevitáveis. Todas as estimativas e resultados previstos ao longo dos anos têm sido consistentemente ultrapassados, seja no que toca a temperaturas, gelo ecológico e polar ou outros indicadores, demonstrando que os modelos pecam por defeito e refletindo a natureza altamente complexa e dinâmica do sistema climático global. Se no plano puramente científico existe ainda incerteza, não no que toca ao fenómeno, mas à sua real magnitude, existem outros aspectos desta situação que são bem menos incertos. O site *carbonmap.org* mostra um dos aspetos mais perturbadores do atual modelo energético: as assimetrias em termos de acesso à energia entre os países do sul e do norte do globo e sua relação com a proveniência dessas fontes energéticas. Se é no hemisfério norte que se consome a maioria da energia, é no hemisfério sul que estão localizadas a maior quantidade de reservas de combustíveis. Contudo os efeitos de extremos climáticos extremos, as cheias e as mudanças profundas nos ecossistemas terão consequências diferentes e serão os mais pobres, em toda a parte, a pagar a fatura mais alta do modelo energético fóssil com especial ênfase no sul global. O problema é, ao mesmo tempo, muito complexo e extremamente simples. Não pode existir uma economia realmente "verde" que não seja também justa e fundamentalmente distinta da atual. A luz do escasso progresso das últimas décadas, as soluções parecem residir em grande parte nas comunidades e não nos líderes.

**Mais fundo na transição energética.**

A introdução do livro *"Transições Energéticas: Sustentabilidade e Democracia Energética"*, publicado em 2015 por elementos de alguns grupos de investigação (1) da Universidade do País Basco e do grupo *Ekologistak Martxan*, é uma rara e completa síntese das questões que se deveriam colocar a qualquer pessoa ou organização dedicada a pensar um novo sistema energético. Os autores assaltam a transição energética na intersecção de questões não só ecológicas mas também sociais, políticas e económicas, tratando cidade a um debate que muitas vezes esbarra na simplicidade de análises que se centram apenas nas consequências dos níveis de $CO^2$ na atmosfera e na necessidade de mais energias renováveis. Mais do que simplesmente entender estas problemáticas de um ponto de vista puramente ecológico, entendem a discussão ao âmbito sistémico e socioeconómico da organização social: *"Os recursos energéticos renováveis também não estão a salvo porque colocámos em perigo a sua disponibilidade através de uma utilização muito superior à sua taxa de renovação. E, claro, estamos a esgotar os depósitos de residuos já não sabemos o que fazer com o lixo, com os resíduos radioativos, com a contaminação que todos eles produzem, com as alterações climáticas sem com o $CO^2$"*. Prosseguem, afirmando que se verifica *"o esgotamento de um modelo político e económico injusto e insustentável. A crise da democracia liberal capitalista é palpável. Cada ver são menos os que confiam na classe política ou no sistema de representação. E não também estamos esgotadas. Uma sociedade expremida pela exigência laboral, pela instabilidade dos trabalhos de assistência, pelos ajustes estruturais e pelo culto do crescimento económico. Uma economia que gira em torno dos processos de acumulação e especulação financeira e se assenta na mercantilização da vida, das pessoas, das comunidades e dos ecossistemas. Um sistema ensinado na injustiça em múltiplas escalas, que aspassia o 'tal para o consumo do Norte e para o enriquecimento de companhias multinacionais e elites político-económicas."*

No entanto o livro está longe de ser um compêndio de ideias catastrofistas. Nesse sentido, consideram que uma das questões chave para a transição energética é *"a capacidade de superar a procura de energia atual das sociedades do norte através de energias renováveis"* e referem os estudos de Carlos de Castro Carranza, físico da Universidade de Valladolid, para concluir que esta substituição não é possível. Acrescentam ainda que *"As energias renováveis também requerem a utilização de materiais não-renováveis e produzem uma série de impactos no território. O debate sobre a escala e a forma em que se desenvolvem as renováveis é algo central em todo o processo. O facto de que muitas organizações não considerem como renováveis as grandes hidroelétricas devido aos impactos irreversíveis que produzem, ou o lema 'olhicas sim, mas não assim' são reflexo do discussão sobre sustentabilidade ambiental das renováveis. Não é apenas o 'que', mas também o 'como' (e para quem e para quê). Portanto se o novo modelo deve ser renovável e ambientalmente sustentável, o decrescimento no consumo, por parte das comunidades e sociedades do Norte é indispensável"*. Lançam-se então numa tentativa de definir o que poderá ser a Transição Energética, questionando-se se será uma revolução ou uma mudança suave. *"(...) a transição que denominos implica uma ruptura nos processos de acumulação e de usoque ambiental e humano, mas também uma descontinuação de muitas estruturas de dominação tanto externas como internas. Se queremos imaginar e construir horizontes ambientalmente mais sustentáveis e socialmente mais justos, é necessário também uma revolução cognitiva, social e cultural."* Por último, é preciso compreender quais serão os atores desta transição e qual a sua natureza e métodos. Se por um lado existem organizações e empresas que, tendo um papel central neste processo, atuam no âmbito do mercado, há ainda outras que são parte da sociedade civil e menos de governos locais ou dos próprios municípios. Para os autores o importante é que se tratem de *"iniciativas nascidas desde baixo"* e apontam os *"movimentos sociais, as cooperativas e os governos municipais"* como os agentes de mudança energética mais relevantes.

Talvez a questão central para a definição de quais os caminhos a tomar na transição energética tenha que ver com a forma como concebemos a energia. *Cécile Blanchet*, ativista e investigadora na Commons Network e colaboradora com a fundação P2P, no seu blog *energycommoning.wordpress.com*, destaca-nos duas visões diferentes sobre a energia. Quando a energia é uma mercadoria *"é produzida para produzir lucros (mesmo que verdes): somos clientes/consumidores e o nosso poder de decisão é escolher entre diferentes companhias de energia. O incentivo nesse caso é produzir a maior quantidade de energia possível (ou aumentar os preços) de forma a aumentar os lucros. Os preços são determinados ao pelo produtor (o dono da central) ou pelo mercado"*. Por outro lado quando a energia é um bem comum *"é produzida para responder a uma necessidade e somos produtores e consumidores. A isto é chamado 'prosumer'. Podemos decidir juntamente com vizinhos qual o sistema que queremos. O incentivo é produzir o que é preciso e armazenar-lo. Sendo um bem comum não significa que a energia é grátis mas que os preços podem ser adaptados às nossas necessidades (somos nós que a controlamos e usamos-la para promover justiça social e climática). Pensermos na água que é também um bem comum: tem um custo para o consumidor. Mas não vais fazer lucro a partir dela porque é considerada um direito humano. Devemos olhar para a energia da mesma maneira"*.




Foto de família da COP22. Líderes mundiais assinam um acordo que não os vincula a qualquer tipo de ação concreta contra as alterações climáticas.

Em 2016 a EDP, concessionária da rede de distribuição nacional, obteve um resultado líquido de 961 M€ (mais 5% que em 2015) e em outubro passado, poucos dias após a inauguração do Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (MAAT), gerido pela Fundação EDP, a empresa voltou aos cortes de abastecimento em bairros sociais.

**AS NOTAS**
(1) Centro de investigação EKOPOL, Cátedra de Ecologia Política e Ecologia Política(s) e PARTE I GETLIT.



O DESEMPREGO ÚTIL E OS SEUS INIMIGOS PROFISSIONAIS

A palavra *crise* veio a significar o momento em que políticos, diplomatas, banqueiros e variados engenheiros sociais passam ao comando e em que as liberdades são suspensas. Como os pacientes a nações entram na lista crítica. *Crise*, o termo gorgo que designava «escolha» ou «ponto de viragem» em todas as línguas modernas, significa agora «motorista, carregue no acelerador». *Crise* evoca agora uma ameaça funesta mas abordável contra a qual o dinheiro, a força de trabalho e a gestão podem ser mobilizados. Cuidados intensivos para os moribundos, tutela burocrática para a vítima da discriminação, a fisolo para a glutonaria energética, são respostas típicas. A crise, entretanto desse modo, é sempre boa para os executivos e comissários, especialmente aqueles necrófagos que vivem dos efeitos colaterais do crescimento económico do passado: educadores que vivem da alienação da sociedade, médicos que prosperam com o trabalho e lazer que destruíram a saúde, políticos que enriquecem com a distribuição de benefícios assistenciais que, aliás, conseguiram por ser financiados pelos que são assistidos. A *crise* entendida como um toque de clarim à aceleração não se limita a entregar mais poder ao controlo do motorista, ao mesmo tempo que engrossa os passageiros mais apertadamente nos seus cintos de segurança; ela justifica também a depredação de espaço, tempo e recursos para favorecer as todas motorizadas, e fá-lo em detrimento das pessoas que querem usar os próprios pés.

[...] Tanto nas sociedades tradicionais como nas modernas, deu-se uma importante mudança num período muito curto de tempo: os meios para a satisfação das necessidades foram radicalmente alterados. O motor destronou o músculo, a instrução matou a curiosidade autoconfiante. Como consequência, tanto as necessidades como os desejos adquiriram um carácter de que não existe precedente histórico. Pela primeira vez, as necessidades tornaram-se quase exclusivamente identificáveis com as mercadorias. Enquanto a maioria das pessoas caminhava por onde lhe apetecia ou queria, sentiam-se refreadas principalmente quando a sua *liberdade* era restringida. Hoje quase todos dependem dos transportes para se moverem, reivindicam não uma liberdade mas um *direito* a tantos quilómetros por passageiro. E à medida que cada vez mais veículos fornecem a cada vez mais pessoas tais «direitos», a liberdade de caminhar degrada-se e é eclipsada pela prestação desses direitos. Para a maioria das pessoas, os desejos é o que vem a seguir a isso. Não podem sequer imaginar libertarem-se da condição universal de serem passageiros, ou seja, alcançarem a liberdade do homem moderno num mundo moderno de se moverem por si mesmas.

NO LUGAR DA EDUCAÇÃO

Por forma a ver com clareza as alternativas que enfrentamos, precisamos de começar por distinguir entre aprender e escolarizar, o que significa separar o objetivo humanístico do professor em relação ao impacto da estrutura inveniente da escola. Essa estrutura oculta constitui um ruído de instrução que permanece para sempre fora do controlo do professor ou da direção da escola. Ela necessariamente exprime a mensagem de que apenas através da escolarização pode uma pessoa preparar-se para a idade adulta na sociedade, que aquilo que não é ensinado na escola pouco valor tem, e que o que aprende fora da escola não merece ser saldo. Cada ano a progressão quase fatal de veículos para cada vez mais pessoas tais «direitos», a liberdade de caminhar degrada-se e é eclipsada pela prestação desses direitos. Para a maioria das pessoas, os desejos é o que vem a seguir a isso. Não podem sequer imaginar libertarem-se da condição universal de serem passageiros, ou seja, alcançarem a liberdade do homem moderno num mundo moderno de se moverem por si mesmas.

NO LUGAR DA EDUCAÇÃO

Por forma a ver com clareza as alternativas que enfrentamos, precisamos de começar por distinguir entre aprender e escolarizar, o que significa separar o objetivo humanístico do professor em relação ao impacto da estrutura inveniente da escola. Essa estrutura oculta constitui um ruído de instrução que permanece para sempre fora do controlo do professor ou da direção da escola. Ela necessariamente exprime a mensagem de que apenas através da escolarização pode uma pessoa preparar-se para a idade adulta na sociedade, que aquilo que não é ensinado na escola pouco valor tem, e que o que aprende fora da escola não merece ser saldo. Cada ano a progressão quase fatal de veículos fornecem a cada vez mais pessoas tais «direitos», a liberdade de caminhar degrada-se e é eclipsada pela prestação desses direitos. Para a maioria das pessoas, os desejos é o que vem a seguir a isso. Não podem sequer imaginar libertarem-se da condição universal de serem passageiros, ou seja, alcançarem a liberdade do homem moderno num mundo moderno de se moverem por si mesmas.

educação planeada. Todos os sistemas escolares do mundo têm características comuns distintas do seu resultado institucional, e elas decorrem do programa oculto comum de todas as escolas.

ENERGIA E EQUIDADE

Recentemente, tornou-se inevitável falar de uma iminente crise energética. Esta designação enfermística esconde uma contradição e consagra uma ilusão. Ela esconde a contradição implícita que está patente na busca conjunta da equidade e do crescimento industrial, salvaguarda também a ilusão de que o poder da máquina poderá substituir indefinidamente a força humana. Com vista a resolver esta contradição e dissipar essa ilusão, será urgente clarificar a realidade que a linguagem da crise obscurece: elevadas quantidades de energia tanto degradam as relações sociais como destroem inevitavelmente o meio físico.

Os defensores de uma crise energética acreditam e continuam a propagar uma peculiar visão do ser humano. De acordo com esta ideia, o homem nasceu para sempre dependente de escravos que vão deve dolorosamente aprender a dominar. Se não airbanha prisioneiros, então precisa de máquinas para fazerem o seu trabalho. Seguindo esta doutrina, o bem-estar de uma sociedade pode ser medido pelo número de anos que os seus membros têm de escolaridade e pelo número de escravos energéticos que eles aprenderam a ai controlar. Esta cruzada é comum às ideologias económicas rivais que agora estão em voga. Ela é também posta em dúvida pela cíbria iniquidade, isquietação e impotência que brota por todo o lado logo que as vozes hortadas de escravos energéticos se tornam, numa certa proporção, mais numerosas do que os humanos. A crise energética faz incidir a sua atenção na escassez de alimento para esses escravos. Eu prefiro pergiintar se os humanos livres necessitam deles.

As políticas energéticas adoptadas durante a presente década determinarão o âmbito e o carácter das relações sociais de que a sociedade poderá usufruir pelo volto do ano 2000. Uma política de baixo consumo energético permitirá uma vasta escolha de estilos de vida e culturas. Se, ao invés, a sociedade optar por um alto consumo de energia, as relações sociais serão nela ditadas pela tecnocracia e serão igualmente degradantes, sejam elas defendidas como capitalistas ou socialistas.

Neste momento, muitas sociedades – especialmente aquelas mais pobres – são ainda livres para estabelecer as suas políticas energéticas segundo alguma de três linhas de orientação. O bem-estar tanto pode ser identificado com elevadas quantidades de consumo energético *per capita*, como com a elevada eficiência da transformação energética ou com o menor uso possível de energia mecânica por parte dos mais poderosos membros da sociedade. A primeira perspectiva pória a ênfase na aprendizagem da gestão de combustíveis fósitos e destrutivos em benefício da indústria, enquanto a segunda estaria focada na poupança termodinâmica obtida pela contenção da indústria. Estas duas primeiras atitudes implicam necessariamente fortes gastos públicos e crescente controlo social; ambas racionalizam a emergência do Leviatã computacional e ambas são, actualmente, objecto de ampla discussão.

A possibilidade de uma terceira opção mal é percebida, no mesmo tempo que as pessoas começam a aceitar limites ecológicos para a utilização mínima de energia *per capita*, enquanto condição para a sobrevivência física, elas ainda não começaram a reflectir sobre o seu mínimo exequível de energia enquanto fundação de uma ordem social, de entre as várias possíveis, que fosse simultaneamente moderna e desejável. Contudo, só um tecto para o uso energético pode conduzir a relações sociais que sejam caracterizadas por elevados níveis de equidade. A opção que é actualmente negligenciada é a única escolha ao alcance das nações. É a única estratégia na qual um processo político pode ser usado com vista a estabelecer limites para o poder do mais motorizado dos burocratas. A democracia participativa postula uma tecnologia de baixo consumo energético. Só a democracia participativa cria as condições para a tecnologia racional.

Passa geralmente em claro o facto de a equidade e a energia só poderem crescer concomitantemente até certo ponto. Abaixo de uma certa quantidade de *energia per capita*, os motores melhoram as condições que beneficiam o progresso social. Acima desse nível, a energia cresce à custa da equidade. Maior abundância energética significa uma menor repartição do controlo da energia.

Desde o início falácia política a crença generalizada de que energia abundante e língua seria a panaceia para as chagas sociais, acreditando-se que a equidade e o consumo de energia podem ser infinitamente correlacionados, pelo menos em certas condições políticas ideais. Ao trabalharmos dentro desta ilusão, tendemos a desactivar qualquer limite social para o crescimento do consumo energético. Sendo necessário dar razão aos ecologistas que afirmam ser poluidora a energia não-metabólica, é igualmente inevitável sublinhar que, para lá de um certo limiar, a energia mecânica torna-se o pastoreio da desintegração social. A ênfase nas grandes quantidades de energia é independente do palamar no qual a conversão energética origina a destruição física. Expresso em caralos-vapor, ele é indubitavelmente inferior. Este facto deverá ser reconhecido antes que possamos levantar uma questão política a partir do máximo de watts *per capita* que uma sociedade venha a impor aos seus membros. Mesmo que a disponibilidade de energia não poluente viesse a ser realizável e abundante, o uso de energia numa escala maciça age na sociedade como uma droga que é fisicamente inofensiva mas psicologicamente escravizante. Uma comunidade pode escolher entre o uso da metadona e a ressaca provocada pela sábia abstinência, entre manter a sua dependência de energia importada e sofrer as dores da abstinência, mas nenhuma sociedade poderá manter uma população que está viciada no incremento constante do número de escravos energéticos, ao mesmo tempo que pretende que esta seja autónoma e activa.

Em discussões anteriores, demonstrei que, para além de um certo nível de PIB *per capita*, o custo do controlo social deverá crescer mais depressa do que o produto total, tornando-se assim a mais larga actividade institucional dentro de uma economia. A energia ministrada por educadores, psiquiatras e assistentes sociais deve crescer com os projectos de planificadores, gestores e vendedores, ao mesmo tempo que um complemento os serviços das agências de segurança, dos militares e da polícia. Quero, neste ponto, indicar uma razão pela qual a riqueza acrescida necessita de um acréscido controlo sobre a população. O mero argumento sustenta que, acima de um nível energético *médio per capita*, o sistema político e o contexto cultural de qualquer sociedade estram em declínio. Uma vez ultrapassada a quantidade crítica, por cabeça, de energia, a formação orientada para finalidades abstractas da burocracia suplanta as garantias legais da iniciativa pessoal e concreta. Esta magnitude energética é o limite da ordem social.

Argumentarei aqui que a tecnocracia prevalece necessariamente logo que o rácio de energia mecânica para a energia metabólica ultrapassa um limiar identificável e bem definido. A ordem de magnitude em que se insere este limiar é amplamente independente do nível de tecnologia aplicada. Ainda assim, o simples facto da sua existência desaparece da representação social tanto nos países ricos como naqueles que se situam no meio da tabela de riqueza. Tanto os Estados Unidos como o México passaram já essa linha de demarcação. Em ambos os países, mais incrementos na injecção de energia aumentam as desigualdades, a ineficácia e a impotência individual. Embora num dos países haja um rendimento *per capita* na ordem dos 500 dólares e, no outro, este esteja próximo dos 5000 dólares, vastos interesses investidos na infraestrutura industrial incitam ambos a nova escalada no uso de energia. Daí resulta que tanto ideólogos norte-americanos quanto mexicanos rotulem como «crise energética» a sua própria frustração, tenham dos países sendo capaz de ver que a ameaça de colapso social não se deve nem à escassez de combustível nem ao uso irracional, esbanjador e poluente, da potência disponível, mas antes à tentativa das industrias para alcançar a sociedade com tanta energia que, inevitavelmente, acabam por degradar, empobrecer e frustrar a maior parte das pessoas.



# Mas afinal, o que é o transhumanismo? E quem são os transhumanistas?

I Parte



KOINUVIA

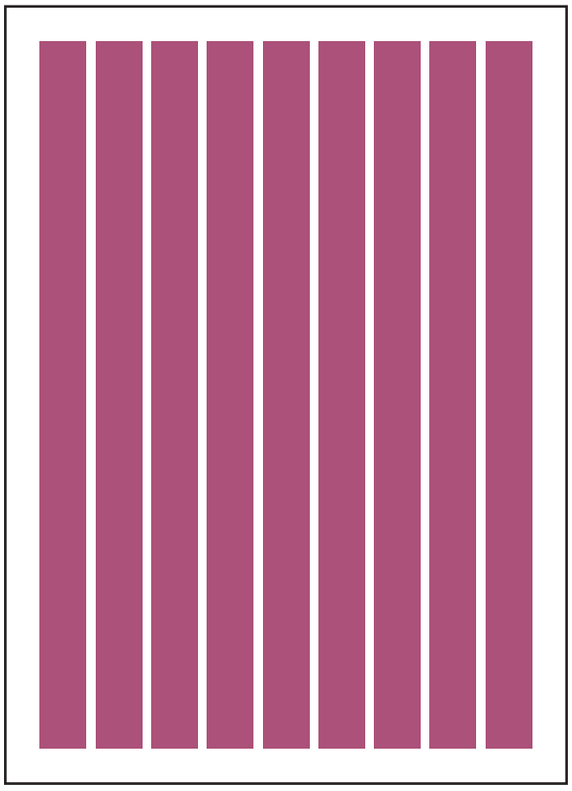
O mundo não tem sido feito por amor dos seres humano e não se tornou mais humano
**Herbert Marcuse**[1]

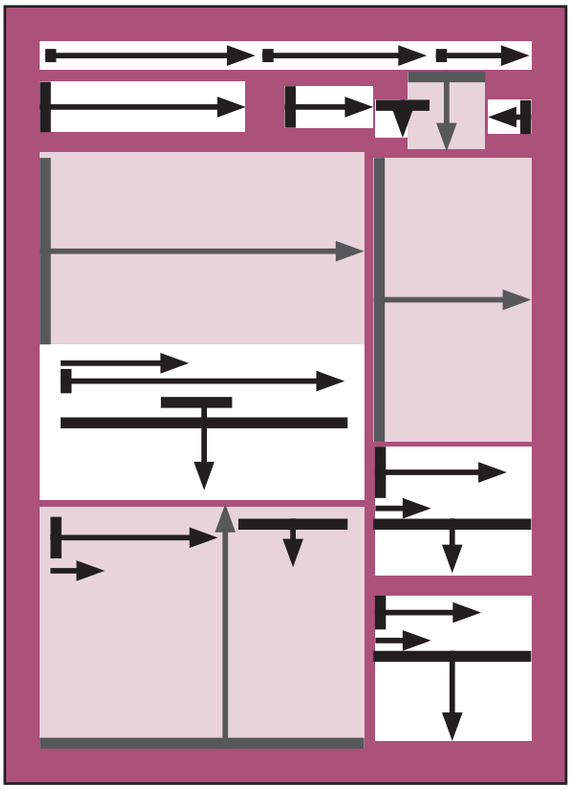
Neste e nos próximos números, apresentaremos uma breve resenha genealógica, algo lahirítica, dos motivos culturais que directa ou indirectamente têm inspirado o transhumanismo (**H+**). Ao mesmo tempo, desenhar-se-ão algumas das linhas de fuga e das sobreposições temáticas que da história mais ou menos remota ao presente até a actualidade.

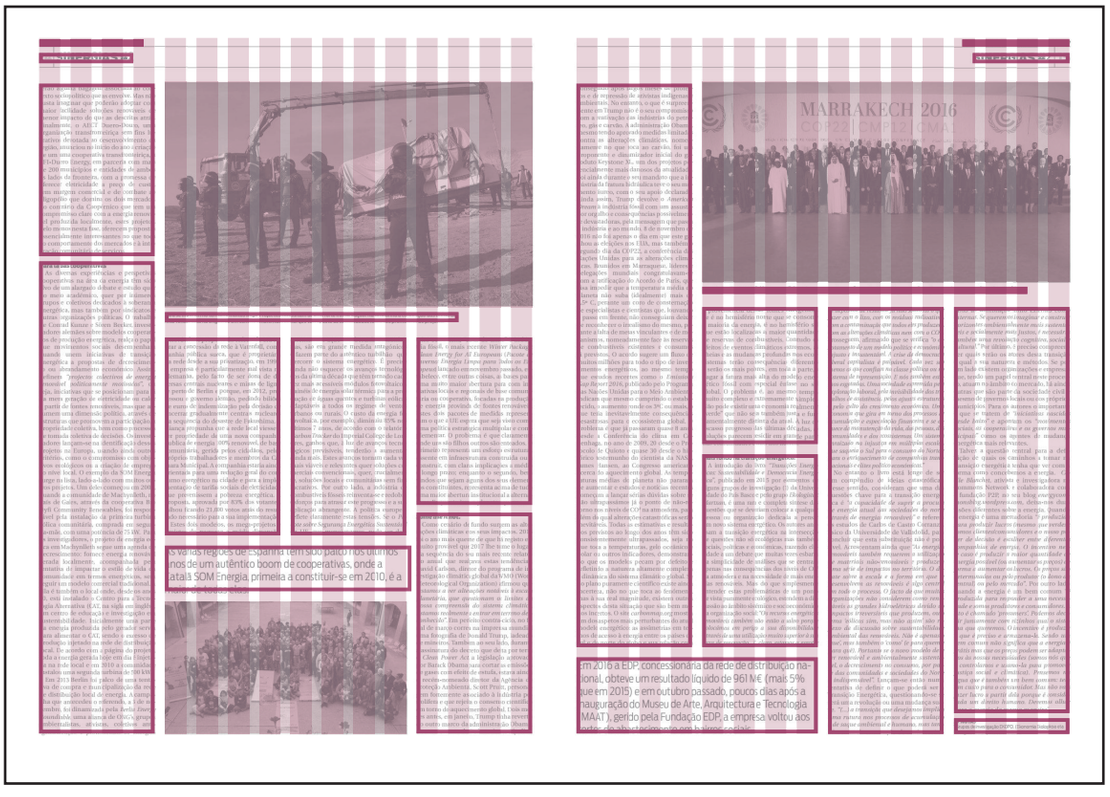
O **H+** é, em poucas palavras, um movimento que procura ultrapassar deliberadamente, com meios científicos e tecnológicos, os limites da condição biológica do ser humano e, em última análise, almeja alcançar a imortalidade terrena. A adjetivação "terreno" serve para expressar o aspecto mundano e laico desta nova figura da mais antiga inquietação humana. Da *Epopeia de Gilgamesh* e do terceiro milénio antes de Cristo, à poética da metafísica dos egípcios, do pensamento taoista à alquimia esotérica, o **H+** considera-se o legítimo herdeiro dos esforços históricos da humanidade para ganhar o seu jogo de xadrez com a morte. Nesse sentido, os teóricos do **H+** interpretam a tecno-revolução em curso e por vir como o resultado cumulativo de um processo histórico contínuo. O ser humano seria desde sempre um animal insatisfeito consigo próprio, em busca com a frágil condição que lhe foi dada e, portanto, sempre à procura do potencialmente das suas capacidades psicossomáticas. Se a recusa da animalidade inscrita na condição humana tem nas religiões o seu desafogo, o **H+** seria então a resposta laica às aspirações escatológicas das religiões tradicionais. Na perspectiva do Nick Bostrom, docente em Oxford e um dos líderes deste movimento, o **H+** é a expressão contemporânea do humanismo renascentista «exemplificado por Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), para o qual o indivíduo deve ser um livre criador de si próprio, atingindo "formas mais altas, divinas" - do projecto prometeico da ciência empírica - estendida no *Norum Organum* do Francis Bacon (1561-1626), como o método para "lornar tudo possível" através da submissão da natureza aos fins humanos - ou ainda do racionalismo da ideia das luzes.[2] A estratégia discursiva com a qual Bostrom persegue a hegemonia cultural do **H+** enxerta-o na tradição racionalista e no utilitarismo anglo-americano, visando acentuar a natureza democrática e liberal da reivindicação do direito incondicional à auto-determinação psicossomática, tentando desajeitadamente demarcar-se dos fantasmas da eugénica do século XX. Por outro lado, o norueguês Stefan Lorenz Sorgner assinala o "pensiamento tecnológico", tanto genético como de outros tipos, ao impulso de auto-melhoramento e ao "sentimento da potência que cresce", caros para Nietzsche.[3] Outro defensor desta filiação é Max More, que conta como o seu ensaio *Transhumanism: Towards a Futuristic Philosophy* (2005), tendo sido inspirado pelos seus estudos do pensamento de Nietzsche.[4] No entender de More, fundador de orientação anarco-capitalista do *Extropy Institute*, o **H+** é um conjunto de filosofias heterogéneas que nos guiarão até à condição pós-humana.

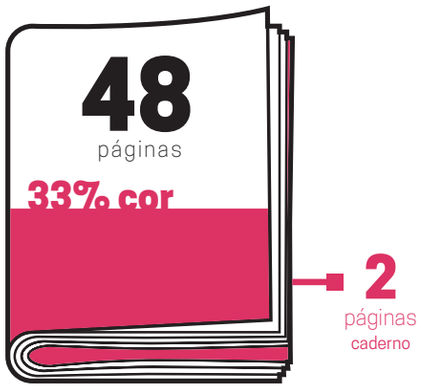
Mas se quisermos fazer uma apresentação ao **H+**, será porventura necessário fazer algum desvio das narrativas na primeira pessoa dos protagonistas contemporâneos, dando preferência a um itinerário histórico, social

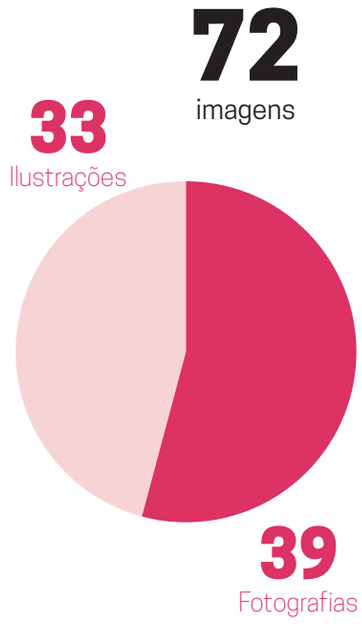
Mas afinal, o que é o transhumanismo? E quem são os transhumanistas?










# #17

Número 16
De Julho de 2017
a Setembro de 2017
3000 exemplares

Capa
Páginas 24 - 25
Páginas 26 - 27



Rendimento Básico Incondicional Págs. 19 e 20 · O Transhumanismo Russo Págs. 32 e 33 · Panegírico a José Afonso. 3ª Parte Págs. 42 a 45

mapa : Jornal de Informação Crítica

ASSINA O JORNAL MAPA

EM TERRA E NO MAR, MINERAR

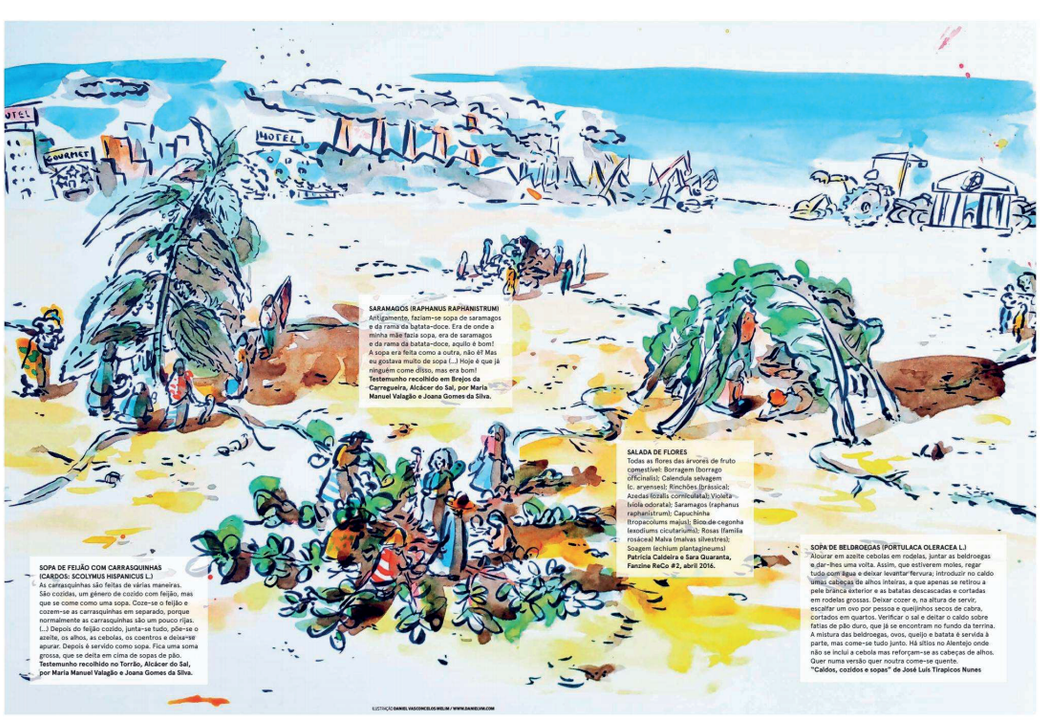
págs 8 a 13
MINERAÇÃO EM ÁGUAS PROFUNDAS
DA PAPUA NOVA GUINÉ AOS AÇORES, O MAR É A NOVA FRONTEIRA

págs 14 a 16
ARCO MINEIRO DO ORINOCO
EM 2016 FOI ANUNCIADO O MAIOR PROJECTO DE EXPLORAÇÃO MINEIRA DA VENEZUELA.

Fronteiras telecomandadas
págs.4 e 5
A estratégia de gestão de fronteiras da UE passa por financiar e delegar responsabilidades a regimes ditatoriais e milícias armadas.

Comer Selvagem
págs. 21 a 27
Por que é que a comida da "fome" é hoje um prato "gourmet"? Se as plantas selvagens juntam a comunidade, por que não saborear lentamente esta comida?

Fontinha
págs. 17 e 18
Em Abril de 2012 foi despejada no Bairro da Fontinha, Porto, a Es.Col.A depois de um ano a dar vida a um espaço abandonado. Cinco anos depois o bairro que acolheu o projecto já não é o mesmo.




SARAMAGOS (RAPHANUS RAPHANISTRUM)
Antigamente, faziam-se sopa de saramagos e da rama da batata-doce. Era de onde a minha mãe fazia sopa, era de saramagos e da rama da batata-doce, aquilo é bom! A sopa era feita como a outra, não é? Mas eu gostava muito de sopa (...) Hoje é que já ninguém come disso, mas era bom!
**Testemunho recolhido em Brejos da Carregueira, Alcácer do Sal, por Maria Manuel Valagão e Joana Gomes da Silva.**

SALADA DE FLORES
Todas as flores das árvores de fruto comestível: Borragem (borrago officinalis); Calendula selvagem (c. aryensis); Rinchões (brassica); Azedas (oxalis corniculata); Violeta – viola odorata); Saramagos (raphanus raphanistrum); Capuchinha (tropaeolums majus); Bico-de-cegonha (erodiums cicutarium); Rosas (família rosaceae) Malva (malvas silvestres); Soagem (echium plantagineums)
**Patrícia Caldeira e Sara Quaranta, Fanzine RaCo #2, abril 2016.**

SOPA DE FEIJÃO COM CARRASQUINHAS (CARDOS: SCOLYMUS HISPANICUS L.)
As carrasquinhas são feitas de várias maneiras. São cozidas, um género de cozido com feijão, mas que se come como uma sopa. Coze-se o feijão e cozem-se as carrasquinhas em separado, porque normalmente as carrasquinhas são um pouco rijas. (...) Depois do feijão cozido, junta-se tudo, põe-se o azeite, os alhos, as cebolas, os coentros e deixa-se apurar. Depois é servido como sopa. Fica uma soma grossa, que se deita em cima de sopas de pão.
**Testemunho recolhido no Torrão, Alcácer do Sal, por Maria Manuel Valagão e Joana Gomes da Silva.**

SOPA DE BELDROEGAS (PORTULACA OLERACEA L.)
Alourar em azeite cebolas em rodelas, juntar as beldroegas e dar-lhes uma volta. Assim, que estiverem moles, regar tudo com água e deixar levantar fervura; introduzir no caldo umas cabeças de alhos inteiras, a que apenas se retirou a pele branca exterior e as batatas descascadas e cortadas em rodelas grossas. Deixar cozer e, na altura de servir, escalfar um ovo por pessoa e queljinhos secos de cabra, cortados em quartos. Verificar o sal e deitar o caldo sobre fatias de pão duro, que já se encontram no fundo da terrina. A mistura das beldroegas, ovos, queijo e batata é servida à parte, mas come-se tudo junto. Há sítios no Alentejo onde não se inclui a cebola mas reforçam-se as cabeças de alhos. Quer numa versão quer noutra come-se quente.
**"Caldos, cozidos e sopas" de José Luís Tirapicos Nunes**

ILUSTRAÇÃO: DANIEL VASCONCELOS.WEB.IM / WWW.DANIELVM.COM






O convívio e partilha na tasca dos Lameiros de um almoço selvagem pobre e rico, ao mesmo tempo, que ilustra bem a dinâmica comunidade rural. CARMEN MANSILHA

Para ler e recolher
Sugestões de alguns guias de plantas*)

**"Ervas Silvestres Comestíveis – Guia Prático"** (2ª edição, 2015) e **"Frutos Silvestres Comestíveis – Guia Prático"** (2015) de Alexandra Azevedo, Quercus

**"Uma Mão Cheia de Plantas que Curam – 55 Espécies Espontâneas em Portugal"** (2015) de Fernanda Botelho, Dinalivro

**"Plantas silvestres comestíveis do Algarve"** (2013) de Anabela Romano e Sandra Gonçalves, Universidade do Algarve

**"Plantas Aromáticas em Portugal – Caracterização e Utilizações"** (3ª edição, 2014) de Antônio Proença da Cunha, José Alves Ribeiro, Odete Rodrigues Roque, Fundação Calouste Gulbenkian

**"Especiarias e Plantas Condimentares – Origem, Composição e Utilizações"** (2015) de Proença da Cunha e Odete Rodrigues Roque, Fundação Calouste Gulbenkian

**"Planalto da Mouzela, uma paisagem a preservar – Guia de campo"** (2011), ADEIZE-Poveda Gerês

**"200 Plantas do SW Alentejano & Costa Vicentina"** (2014) de Ana Carla Cabrita & Ana Luísa Simões, ed. Autor

**"Wild Flowers of the Mediterranean"** (ed. 2008) de Grey-Wilson, A & C Black Publishers

**"Plantas aromáticas e medicinais do Parque Natural da Serra da Estrela. Seus usos tradicionais"** (2001) de Ana Sofia Baptista de Oliveira e Rafael Ferrão Neiva, ICN-PNSE

**"Ervas, Usos e Saberes. Plantas medicinais no Alentejo e outros produtos naturais"** (1ª edição, 2013) de José Salgueiro, Colibri / MARCA

**"Plantas Medicinais – 12 Dissoluções renovadas"** (10ª edição 2009) de Pio Font Quer, Ed. Península, Barcelona

**"Harmonia das cores, aromas e sabores"** (2001) de Zélia Sakal, Círculo de Leitores

*) Selecção de João Gomes para o presente artigo

Todas estas contradições já existiam. A resolução das mesmas dependerá sempre e apenas de como os hábitos quotidianos souberem lidar com elas, e não de qualquer estratégia de *trade-marketing* da UNESCO. Pedro Duarte, que neste mesmo jornal nos fala de como o *saber da troca* substituiu o *valor de uso* dos alimentos, comentava a gastronomia popular como «um exemplo de criatividade colectiva capaz de obras 'monumentais' e duradouras (as açordas; tudo o que se faz com a carne do porco ou, na doçaria, com a gema do ovo etc.) que não são patrimoniadas para serem posteriormente vendidas, mas que são criadas ao longo de gerações para serem replicadas gratuitamente». A resistência e perduração dessa «cultura da gratuitidade» e da aleitura a todas as pessoas independentemente da sua condição financeira (por oposição à lógica mercantil, nomeadamente a lógica gourmet)» é, como no caso da recolecção livre dos recursos silvestres, um aspeto falecal. Hajam pois almoços selvagens!

É por tudo isto que as plantas silvestres comestíveis, a sapiência da comida de parede, e a convivialidade que suscita, significam muito mais que a aceleradora refeição. Nos almoços selvagens da tasca dos Lameiros, a partilha à mesa, misturando os ingredientes da memória do lugar, legado na recolha silvestre do que a terra dá, pelas novas ou pelas gretadas mãos de quem cozinha e de quem come dos pratos que circulam, constituem um significado e um desafio bem maior do não menos dispensável prazer de comer. Animado por uma maior harmonia com a natureza, pela ligação de proximidade e pela celebração da comunidade, significa que de uma nova relação das práticas alimentares resultará inevitavelmente uma mudança social.

**// NOTAS**

**1** Gallegão, M. M. (2007) "Um olhar multimédia sobre a Serra do Caldeirão". Jornal do Sotalmeia. Boletim Anual. 12. Ano Vilalo de 2007. Confraria dos Gastrónomos do Algarve.

**2** Centramos o nosso olhar a sul, mas o uso das plantas silvestres está igualmente presente noutras regiões, como por exemplo na Serra-Fia Transmontana, onde a multifuncionalidade das plantas silvestres comestíveis é também bem demonstrada por uso de plantas silvestres na alimentação tem larga tradição (https://goo.gl/w2Dwn7)

**3** Gallegão, M. M. (2014) "Tradição Alimentar Mediterrânica, Cidade de Vida e Saúde" in "A Dieta Mediterrânica em Portugal: Cultura, Alimentação e Saúde". Faro.

**4** Idem

**5** Menezes, N. P. (2013) "Campo e Cidade. Comida e Imaginário. Percepções do rural à mesa". Ruris, Vol.5, 2 (http://goo.gl/Ruris)

**6** Proença da Cunha, C. M. S. (2015) "Estacho de comer: por uma compreensão ampla da alta de se alimentar". Caricatum – revista de história, 32. Judas Pessoa (https://goo.gl/aeYrWE)

**7** Gallegão, M. M. (2007), op. cit.



# E O ÚNICO TOMOU O LUGAR DO MÚLTIPLO

POUARTE
OBSESSAENCMORTE.WORDPRESS.COM

No mundo actual, a redução do espectro alimentar, apesar de cada vez mais acentuada, continua a ser pouco debatida. As dietas mundiais baseiam-se num conjunto cada vez mais reduzido de espécies que, para lá de serem de paladar fácil, são também relativamente simples de produzir, de armazenar e de transportar em grande escala. É o caso do trigo, do arroz, da batata, da maçã ou da banana. As dietas locais e os gostos globalizam-se à medida que um pequeno conjunto de espécies penetra nas gastronomias de todos os países. Em África, a recente importação de latas de tomate concentrado *made in China* tem revolucionado as dietas locais, representando já este fruto 30% do consumo hortícola no Gana. Também neste continente, a importação de arroz asiático tem aumentado a um nível constante ao longo das últimas três décadas, à medida que o consumo de cereais tradicionais vai decaindo fortemente.

A nível mundial, existem hoje 12 espécies de plantas que garantem alimento a cerca de 75% da população, expandindo-se as quantias da população, expandindo-se 17% da área total cultivada. Se as espécies consumidas são cada vez mais reduzidas, também o são as variedades dentro de cada espécie. Do início ao fim do século XX, o número de variedades de trigo diminuiu em 91%, o milho em 86% e as batatas, 74%. Em 1989 Debord observava, com a mesma precisão que caracteriza as suas análises: "Os prazeres da existência foram necessariamente redefinidos autoritariamente; primeiro, as suas prioridades, depois, a totalidade da sua substância. E estas autoridades, que os redefiniam, podiam igualmente a cada instante decidir, sem terem de inquietar-se com quaisquer outras considerações, que modificação poderia ser a mais lucrativa a fazer introduzir nas técnicas de seu fabrico, imediatamente liberta da necessidade de agradar."



O poderoso fundo de investimentos norte-americano Carlyle investe indiferentemente em produção de armas e de alimentos, dando-se assim a curiosa circunstância de parte dos meios produtivos para nutrir e para matar em massa dependerem hoje dos mesmos investidores.

Os alimentos assumem hoje a forma de mercadorias. Os cultivos à sua distribuição, respondem exclusivamente à lógica da produção e circulação mercantil. Por isso, decisões relativas à produção alimentar não são pensadas e tomadas colectivamente, em função das necessidades específicas e do *know how* empírico das populações locais, subordinando-se pelo contrário ao cálculo egoísta de quem joga no grande tabuleiro da economia global. Se aquele *know how* se ajustava a umas condições ambientais e geográficas únicas, delas permitindo extrair uma grande variedade de recursos alimentares, a vontade dos gestores da economia moderna ajusta-se mesmamente a imperativos de rentabilidade que desprezam o potencial alimentar de cada região concreta.

Na óptica do gestor empresarial, nada permite distinguir um alimento de outra mercadoria qualquer. A SONAE começou por se dedicar ao processamento de madeiras, e hoje aposta na venda de alimentos como também aposta em hotelaria ou em meios de comunicação. Também o poderoso fundo de investimentos norte-americano Carlyle - que gere um volume global de activos superior a 175 mil milhões de dólares - investe indiferentemente em produção de armas e de alimentos, dando-se assim a curiosa circunstância de parte dos meios produtivos para nutrir e para matar em massa dependerem hoje dos mesmos investidores. É precisamente aqui que reside a irracionalidade central do capitalismo: a sua lógica abstracta de valorização de capital não permite distinguir entre um campo de cultivo e um campo de batalha, na medida em que ambos poderão ser igualmente rentáveis, logo, igualmente úteis.

Tornada uma mercadoria igual a qualquer outra, a comida submete-se inegavelmente às leis do mercado. Deixou portanto de circular por causa do seu *valor de uso*. Não são claramente a riqueza de paladar ou a complexidade de nutrientes que fazem os gestores da SONAE ou da Carlyle interessarem-se pela exploração comercial de um dado alimento, mas tão só o seu *valor de troca*. Para quem investe em comida, a busca da expansão de mercados é infinitamente mais relevante do que a busca de um alimento saudável, diverso ou saboroso. Uma dieta cíclica de espécies e variedades adaptadas aos ritmos naturais dessa região concreta é, para os gestores da economia global, a expressão mais acabada do atraso. A mesma lógica abstracta de valorização de capital não permite distinguir entre um campo de cultivo e um campo de batalha, na medida em que ambos poderão ser igualmente rentáveis, logo, igualmente úteis.

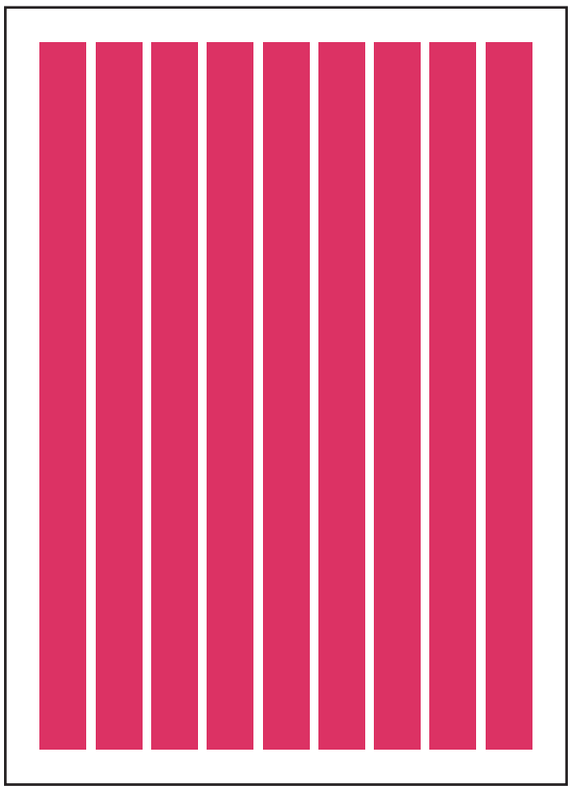
Tornada uma mercadoria igual a qualquer outra, a comida submete-se inegavelmente às leis do mercado. Deixou portanto de circular por causa do seu *valor de uso*. Não são claramente a riqueza de paladar ou a complexidade de nutrientes que fazem os gestores da SONAE ou da Carlyle interessarem-se pela exploração comercial de um dado alimento, mas tão só o seu *valor de troca*. Para quem investe em comida, a busca da expansão de mercados é infinitamente mais relevante do que a busca de um alimento saudável, diverso ou saboroso. Uma dieta cíclica de espécies e variedades adaptadas aos ritmos naturais dessa região concreta é, para os gestores da economia global, a expressão mais acabada do atraso. A mesma lógica abstracta de valorização de capital não permite distinguir entre um campo de cultivo e um campo de batalha, na medida em que ambos poderão ser igualmente rentáveis, logo, igualmente úteis.

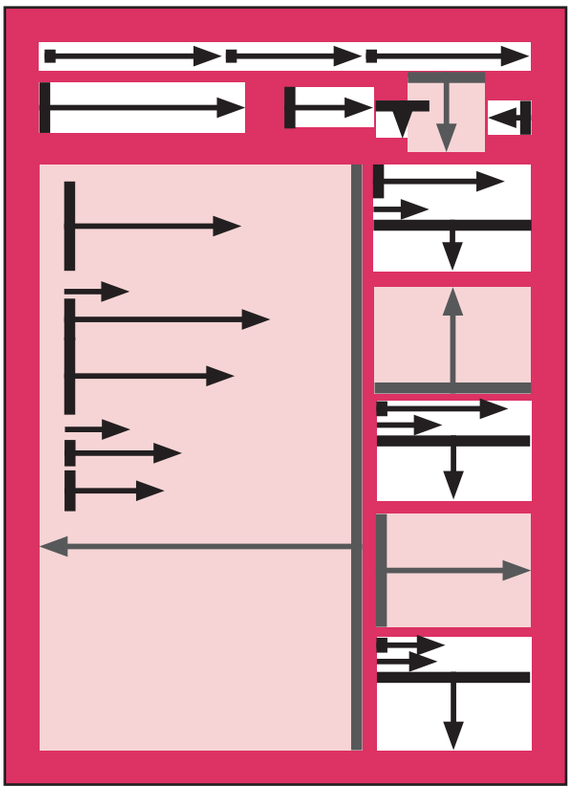
Tornada uma mercadoria igual a qualquer outra, a comida submete-se inegavelmente às leis do mercado. Deixou portanto de circular por causa do seu *valor de uso*. Não são claramente a riqueza de paladar ou a complexidade de nutrientes que fazem os gestores da SONAE ou da Carlyle interessarem-se pela exploração comercial de um dado alimento, mas tão só o seu *valor de troca*. Para quem investe em comida, a busca da expansão de mercados é infinitamente mais relevante do que a busca de um alimento saudável, diverso ou saboroso. Uma dieta cíclica de espécies e variedades adaptadas aos ritmos naturais dessa região concreta é, para os gestores da economia global, a expressão mais acabada do atraso. A mesma lógica abstracta de valorização de capital não permite distinguir entre um campo de cultivo e um campo de batalha, na medida em que ambos poderão ser igualmente rentáveis, logo, igualmente úteis.

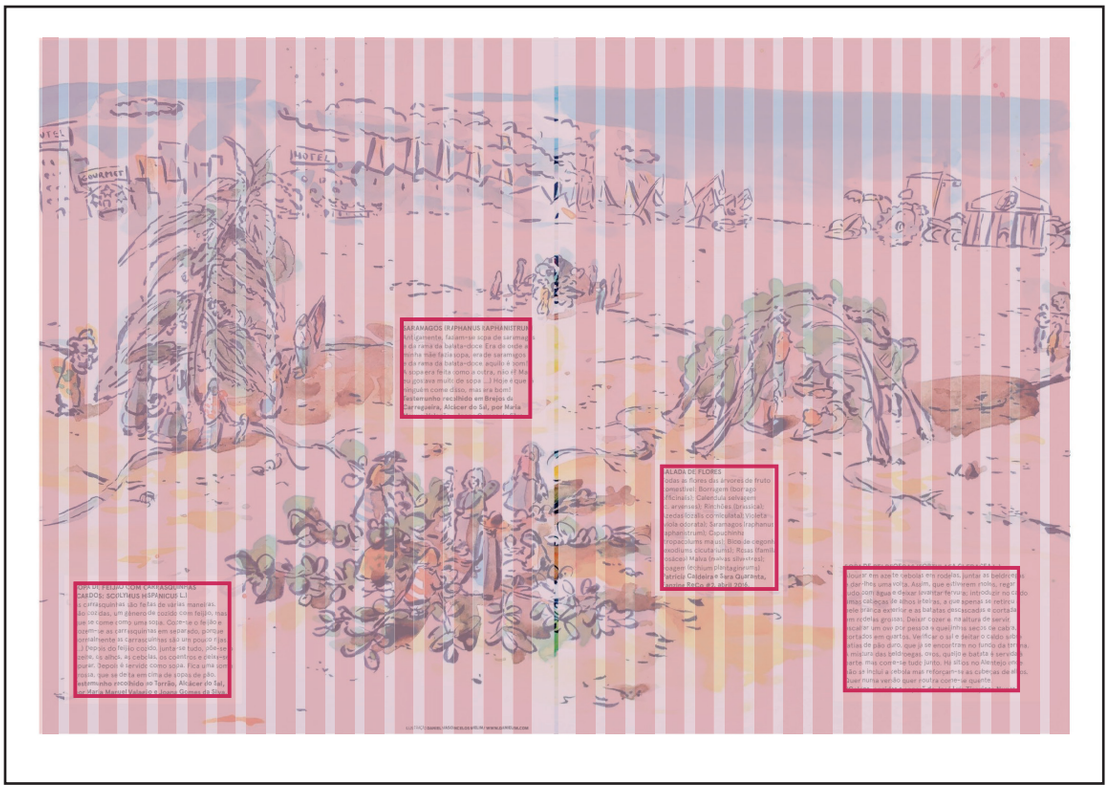
Tornada uma mercadoria igual a qualquer outra, a comida submete-se inegavelmente às leis do mercado. Deixou portanto de circular por causa do seu *valor de uso*. Não são claramente a riqueza de paladar ou a complexidade de nutrientes que fazem os gestores da SONAE ou da Carlyle interessarem-se pela exploração comercial de um dado alimento, mas tão só o seu *valor de troca*. Para quem investe em comida, a busca da expansão de mercados é infinitamente mais relevante do que a busca de um alimento saudável, diverso ou saboroso. Uma dieta cíclica de espécies e variedades adaptadas aos ritmos naturais dessa região concreta é, para os gestores da economia global, a expressão mais acabada do atraso. A mesma lógica abstracta de valorização de capital não permite distinguir entre um campo de cultivo e um campo de batalha, na medida em que ambos poderão ser igualmente rentáveis, logo, igualmente úteis.

Uma recolha de receitas gastronómicas feita há poucos anos no concelho de Portel registava uma diversidade de pratos de açorda que, por si só, concorria com a diversidade de receitas que a *fast food* norte-americana disseminou pelo planeta. Nessa lista, constavam açordas de alface, de alho, de beldroegas, de cação, de espinafres, de favas, de poejos, de pebe do rio, de salsa e cebola e de tomate, prova de que um concelho de seis mil habitantes onde ainda prevalecem práticas culinárias que não se orientam para o mercado, nem são por este determinadas, pode conservar, em diversidade gastronómica, com a principal recção capitalista do planeta. É que, para as cozinheiras de Portel que contribuíram para a recolha, os únicos limites são os da criatividade, enquanto os robôs nas cozinhas de *fast food* se encontram limitados pela tarefa de antojar paladares que bilhões de dólares gastos em publicidade fizeram por unificar. E são precisamente os comportamentos monóticos destas máquinas, mais bem adaptadas do que as cozinheiras de Portel à produção massificada, que tornam a frase de Michel Serres, que serviu de título a este artigo, paradigmática no momento em que nos encontramos, em que "o único toma o lugar do múltiplo".

Uma recolha de receitas gastronómicas feita há poucos anos no concelho de Portel registava uma diversidade de pratos de açorda que, por si só, concorria com a diversidade de receitas que a *fast food* norte-americana disseminou pelo planeta. Nessa lista, constavam açordas de alface, de alho, de beldroegas, de cação, de espinafres, de favas, de poejos, de pebe do rio, de salsa e cebola e de tomate, prova de que um concelho de seis mil habitantes onde ainda prevalecem práticas culinárias que não se orientam para o mercado, nem são por este determinadas, pode conservar, em diversidade gastronómica, com a principal recção capitalista do planeta. É que, para as cozinheiras de Portel que contribuíram para a recolha, os únicos limites são os da criatividade, enquanto os robôs nas cozinhas de *fast food* se encontram limitados pela tarefa de antojar paladares que bilhões de dólares gastos em publicidade fizeram por unificar. E são precisamente os comportamentos monóticos destas máquinas, mais bem adaptadas do que as cozinheiras de Portel à produção massificada, que tornam a frase de Michel Serres, que serviu de título a este artigo, paradigmática no momento em que nos encontramos, em que "o único toma o lugar do múltiplo".






HOTEL
RESTAURANT
SARAMAGOS (RAPHANUS SAPHANISTRUM)
ALADA DE FLORES
CARDOS: SCOLYMUS HISPANICUS L.

## c. Estrutura de acesso

No Género Jornal, incluindo semanários e jornais de especialidade, uma profusão de estruturas de acesso pode estar presente. Certas edições poderão mesmo conter índices convencionais, mas as estruturas mais comuns serão os títulos correntes, indicações de página, indicação de continuação de artigo, indicação de artigo relacionado, secção e gráficos distintivos das *soft news*, utilidades, ou mesmo das citações.




FIG. 46
*Título corrente e secções*

No Jornal MAPA, a presença destes artefactos de navegação em todas as páginas localiza-se sobretudo no cabeçalho, com o título corrido, número de página, secção e artigo.

Nos primeiros números, com modesto e apertado número de páginas, as indicações de continuação de artigo (*jumplines*) teriam sido frequentes, aliando-se, no remanescente texto interrompido, ao uso de caixas, para preservar uma clara distinção do artigo seguinte, o protagonista da sua página.




FIG. 47
*Chamada de capa.*

Uma outra presença do MAPA é a distinta tipografia nas notas e bibliografia, que as imobiliza no fim dos seus textos respectivos e as distingue, mesmo em grandes massas tipográficas.

É na capa que a navegação mais se distingue, em qualquer jornal. A capa deve funcionar tanto como um poster, captando a atenção, como como um índice, direccionando essa atenção que captou.

Uma técnica habitual no Jornal MAPA, geralmente associada à presença de cadernos, consiste em incluir, numa composição com fotografia ou ilustração alusiva, o índice das notícias apresentadas.




FIG. 48
*Caixa de destaque.*

Semelhantes índices, isto é, títulos e página sem a inclusão de aberturas ou super-leads podem aparecer para indicar notícias não relacionadas entre si por um denominador comum (como no caso dos cadernos), virem englobadas numa caixa (por exemplo, as curtas), ou no topo da página (teasers).


gasmo negro **Poder do Silêncio** pg.37

**Infografia:**
**Avanços da indústria e resistências à exploração de petróleo e gás em Portugal**
pág. 20 e 21

NÚMERO 12
FEVEREIRO-ABRIL 2016
TRIMESTRAL / ANO IV
3000 EXEMPLARES
PVP 1€
WWW.JORNALMAPA.PT

PÁGS. 14 A 17
**COMPORTA: ENTRE OS ESPÍRITOS DA TERRA E DO TURISMO**

PÁGS. 18 E 19
**DEMOLIÇÕES NA CALDEIRA DE TRÓIA**

PÁGS. 22 A 24
**COLMEAL: A TERRA DO SILÊNCIO**

PÁGS. 25 A 27
**INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA RADICAL DO TURISMO**

O Jornal MAPA lança o olhar sobre a história de alguns lugares e da sua relação com o turismo. Neste pedaço de terra, entre o Atlântico

FIG. 49
*Gráfico de destaque.*

## d. Estrutura de Género

- Contexto típico de uso

Recebidos por correio ou adquiridos em pontos de venda, poderão não sofrer descarte tão rápido como o jornal generalista por conterem textos longos.

- Formato e configuração típicos

Tem um tamanho de página de 289x400 mm, impresso em papel de cor neutra, parcialmente policrómico. Contém geralmente um caderno não destacável, de layout distinto. Contém textos dos 4000 aos 30000 caracteres, em longas colunas que poderão ser separadas por filetes, justapostas a fotografias alusivas.

Não contém publicidade, senão a eventos ou organizações solidárias, ou à rede de informação onde se insere.

Tem pelo menos uma tira de banda desenhada na última página em todas as edições.

- Tratamento de linguagem verbal

Em cada exemplar usam-se predominantemente grelhas de 10 e 12 colunas, podendo estas variar até às 17.

A capa é colorida, dominada por um tom que se estende a destaques tipográficos, composta por uma imagem ou elemento gráfico central, que pode incluir, sobrepostos, chamadas, índices ou títulos ligados a aberturas de notícia. Poderá apresentar imagens secundárias acompanhando os respectivos títulos e chamadas. Poderá igualmente conter filetes finos a separar os elementos.

A tipografia é estável, usando-se as mesmas famílias em tamanhos semelhantes ao longo de todas as edições, sendo mais comum, mas não exclusivo, o uso de não serifadas para os títulos ou outros textos que não o do corpo das notícias.

Nas zonas com artigos mais curtos, o layout é horizontal, sem conflitos entre os distintos textos, separados ora pelos títulos,

ora por uma disposição dos elementos gráficos de tal forma que impeça equívocos entre blocos adjacentes.

Intertítulos, citações, acompanhadas de aspas de grandes dimensões, ou destaques, pontuados com filetes, em letra distinta, interrompem o texto onde necessário ou possível, prevenindo a monotoni das colunas em textos longos.

- Tratamento de elementos visuais

Ainda que o MAPA esteja a contrapelo na preferência pela fotografia em relação aos seus congéneres de outros países, ou, usando a óptica de Barnhurst e Nerone, se enquadre numa tendência alto-modernista, e não modernista-expressionista, têm uma dificuldade reportada em obter uma quantidade confortável de fotografias de qualidade, mais notória nos primeiros números, no quais levaram a cabo mais frequentemente a solução de optar pela fotografia de arte urbana, num registo de compromisso entre a documentação e a ilustração. Esta última, em todo o caso, com as suas características intrínsecas de voz autoral e comentário, figura também nas suas páginas, quer em desenho (de autor nomeado) quer em fotomontagem ou outros tipos de efeito digital.

O MAPA procura também produzir conteúdo infográfico, de modo mais frequente, informação geográfica, e mais raramente, infografias em spread, as quais valorizam com as páginas a cor disponíveis.

Ícones existem, sendo os recorrentes pouco abundantes e nivelados, na primeira e última página, os esporádicos, pertencentes aos cadernos temáticos, diversificados de número para número em que existam, sem uma regra subjacente.

# 6. CONCLUSÃO

Enquanto se desenrolam notórias dificuldades na compreensão do funcionamento, ou pelo menos, de um funcionamento viável e produtivo (do ponto de vista dos utilizadores) dos media digitais, tanto jornais corporativos como as pequenas edições, quer de cariz local, quer independente, vão adoptando diferentes estratégias de sobrevivência pela re-invenção ou re-conceptualização do género, os primeiros multiplicando esforços para a diversificação no meio digital, relegando o impresso para uma posição que se começa a intuir simbólica ou formal, os segundos, para bem ou para mal, livres da obrigação de mediarem massas, orientam-se de volta para o "futuro do passado", para o jornal da era pré-corporativa, definido por Barnhurst e Nerone, precisamente, como mapa social.

Segundo Barnhurst e Nerone, o jornal modernista tanto assinala uma vitória do design, da actividade organizadora sobre a página, como a do jornalista, da actividade organizadora sobre as notícias, mudando o seu papel de repórter de acontecimentos para especialista da contextualização. Esta transição remonta a uma época de monopólio temporário, em desagregação, dos mass-media, e a um acesso directo aos meios de distribuição, menos problemático para os jornais (em regimes democráticos sem censura) que para os demais media, operando em radio-difusão, portanto sempre sob alguma forma de controlo estatal. Nenhum outro media de massas usufruiu de tanta independência como os jornais até aos dias de hoje, até ao momento em que a informação de pertinência social passou a ser distribuída e consumida avulsa, e em privado.

Escolhemos este pequeno jornal como tema por nos intrigar o esforço de se fazer imprimir, de certo ponto de vista um esforço atávico, e com toda a certeza (como é comum a muitas e valorosas pequenas editoras) sem retorno financeiro – o que corresponde a um movimento irracional na dinâmica social do empreendorismo. Seria uma oportunidade de exercitar a continuada reflexão que temos dedicado a meio impresso, à clarificação das suas funções e características, uma visão mais concreta que o afecto sensorial de quem cresceu com ele.

Olhar para o jornal, pela primeira vez, de modo não quotidiano, produzir a parte desta dissertação que aborda a sua história, terá permitido compreende-lo como objecto público, apodado de essencial à cidadania, apesar de todas e quaisquer parcialidades do sujeito humano em relações de poder. Para nós terá sido necessário este olhar, para além da identidade de produto.

A descoberta de meios de olhar o design quotidiano, de enquadramentos teóricos como os de Robert Waller, terá vindo suprir a necessidade

de olhar o design não só como o novo, não só como o evento espectacular do re-design, mas como o labor quotidiano da construção da página, daquilo que vai permitir a acumulação da experiência, de problemas e soluções, que na verdade será a base de um evento de re-design bem sucedido. O cruzamento entre as teorias de Waller e as de Cross terá revelado uma tensão subjacentes ao processo de fazer design: a absoluta necessidade de corresponder ao que já existe, oferecendo mais que o que foi (imperfeitamente) pedido. Necessitámos desta clarificação da própria disciplina que praticamos para enquadrar este jornal pobre em tempo e meios, sem desobediências estéticas, e perfeitamente competente.

# 1. RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Na etapa final deste mestrado terá sido escolhida a modalidade de estágio, por necessidade de aferição das competências adquiridas e aperfeiçoamento das mesmas no mundo laboral.

Chegado o momento dessa escolha, todavia, só num golpe de sorte se conseguirá encontrar um local onde desenvolver todos as ferramentas adquiridas no curso. A especialização é uma necessidade.

De todos os aspectos inerentes à edição, num mundo onde o digital se torna ubíquo, e, de certa perspectiva, fonte dos mais novos e interessantes problemas a ultrapassar, teremos escolhido uma via conservadora, a do meio impresso, e nela, aprender sobre as tecnologias envolvidas na tiragem pequena e luxuosa, o nicho onde pensamos que certos objectos editoriais, comuns no presente (como a revista e o livro), sobreviverão num futuro próximo.

A empresa que nos acolheu, a M2, não é exclusiva produtora editorial, mas é sem dúvida uma presença reputada na execução desse tipo de trabalho.

PRINTED WITH PASSION AT M2

Em Novembro de 2017 teremos sido entrevistados na M2, expondo a nossa situação e formação, tendo sido aceites como estagiários, e posteriormente integrado a equipa. O primeiro trabalho que nos coube ter-se-á revelado o mais completo exercício de produção que poderíamos desejar nesse momento: o calendário anual da empresa – *showcase* das técnicas que oferecem aos seus clientes.



O calendário de 2018 da M2 é, curiosamente também, uma homenagem, mais do que a dois criativos, à particular relação que a M2 tem com os designers. O seu sócio fundador, José Martins, percebe a estreita relação, ou os potenciais e fraquezas dela, entre criadores e produtores, investindo numa prática de co-elaboração de soluções informadas com os seus clientes. Tudo é possível na M2, mas nem tudo com a qualidade, durabilidade ou a economia desejadas. Os projectos reformulam-se, são prototipados e re-engendrados conjuntamente com os proponentes para se conseguir obter a solução mais satisfatória.



M2/José brandão
Zardoz
Imagens originais
e o seu tratamento.

Ambos os designers participantes no calendário são elementos chave no aparecimento desta atenção ao processo: José Brandão, conhecido pioneiro no design português, e dos mais antigos – e exigentes – clientes da M2, e José Mendes, o designer "da casa", que terá produzido a identidade da empresa em 2006 e inúmeros materiais desde então, movimentando uma extensa variedade de técnicas com entusiasmo experimental.

Devemos partilhar que chegámos à M2 precisamente por intuirmos a presença dessa relação através dos materiais gráficos com que se apresentam ao mundo, distintos dos das demais gráficas que conhecemos pelo destaque que dão ao design e ilustração.

Em "O Design que o Design não vê", Mário Moura traça o aparecimento do papel do designer junto da gestão, e não da produção[1], dando azo a um desconhecimento estrutural da segunda na formação para a disciplina. Tendo já exercido os nossos projectos anteriormente numa mentalidade limítrofe entre o design e o artesanato, abraçamos as oportunidades de construir essa ponte, razão porque, igualmente, escolhemos frequentar o Instituto Politécnico de Tomar, dado o seu legado na formação técnica. Apoquentanos menos perder oportunidades de expressão criativa, que desconhecer como podemos criar melhor com os media que temos em mãos.

Removidos das tarefas de desenhar, na posição de arte finalistas, coube-nos, inicialmente, receber as digitalizações e originais dos desenhos de José Brandão. Devido às suas enormes dimensões, as digitalizações terão ocorrido num equipamento para nós indisponível, desacompanhadas de quaisquer artefactos de calibração. O processo de fidelização da cor, demonstrado com prova calibrada para as impressoras offset da casa, sobre as aguarela originais,

**1** "...seria mais correcto assumir que o conhecimento indirecto, teórico, do trabalho da gráfica é estrutural e legitima o trabalho de gestão do designer. O design permite impor ao trabalho do gráfico, a partir de fora, o ritmo rápido da contemporaneidade, da moda, da transitoriedade... Será o design a destruir e reconstruir por completo a tradição tipográfica" (p41)



M2
Calendário
Relevo e corte laser.

terá sido laboriosamente executado em sucessivas iterações de Photoshop *camera raw* e máscaras, cada tom predominante analisado empiricamente quanto ao desvio produzido pelo *scanner*. O resultado corrigido foi então encaminhado para o designer José Mendes, que devolveu um conjunto de propostas interpretativas, englobando a carteira de técnicas da empresa.

Serão entretanto recebidas vinte e quatro páginas de calendário, a serem realizadas a seis cores com altos relevos – CMYK, Pantone e Pantone fluorescente. Seis folhas intercalam as demais,iniciando-se os testes das técnicas das mesmas. Uma das folhas é propostas numa técnica comercialmente descontinuada – prata MFX – que implica que as separações para a impressão CMYK sejam formuladas para um substrato escurecido por tinta prateada proprietária. A escolha revelou-se inadequada para o desenho usado, pelo que terá sido reformulada. As demais folhas intercalares, variando em textura e cor do papel, englobaram técnicas de impressão especial e acabamento como o alto relevo, estampagem, corte laser e relevo químico (ou americano). Duas folhas de rosto foram produzidas com impressão Pantone e cortantes especiais e o conjunto encadernado com a base rígida,





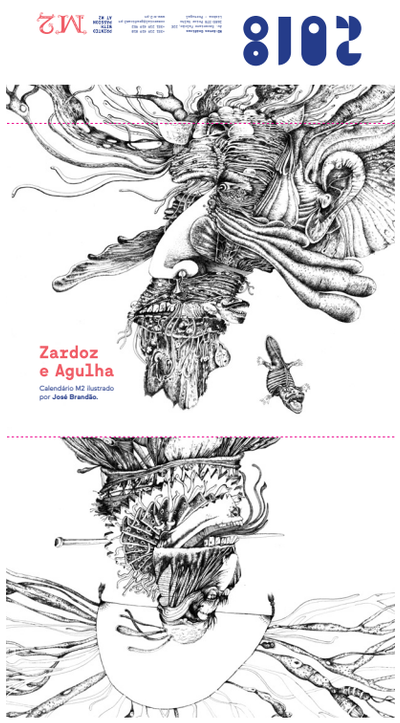



produzida no equipamento de *packaging*, em *ring-wire* metálico. O objecto finalizado faz-se acompanhar por dois pequenos blocos de notas dentro de uma embalagem em tyvek, impressa a preto e cores Pantone, cosida em forma de bolsa.

Na M2 é processada uma quantidade impressionante de trabalho num curto espaço de tempo, por uma equipa consideravelmente pequena. Um número substancial de calendários é produzido no mês de Dezembro, sem descurar os demais projectos comerciais.

Como primeiro projecto, para alguém treinado nas disciplinas criativas, terá sido uma oportunidade de apurar a atenção ao detalhe e correcção, que tendem não figurar nas fases conceptuais, na qual se intensifica a produção de uma diversidade de resultados em quantidades de tempo limitadas. Igualmente, terá sido uma primeira abordagem real à imposição, às dificuldades dos formatos, organização do fluxo de trabalho, e o início da aprendizagem, junto de impressores dedicados, das dificuldades e especificidades inerentes ao uso das cores Pantone.

Acompanhados por um arte finalista muito experiente, teremos confrontado tanto as limitações do software que já conhecíamos, do pacote Adobe, com especial ênfase no Illustrator, e auto-iniciado




M2
Calendário
Folha e Saco-envoltório




Portfolio M2
André Carrilho : Dejá-Vu
(2016)




Portfolio M2
Vhils: Ephemera (2016)

uma compreensão mais profunda do formato PDF – tido como o formato fechado – dado que, se por um lado, existe uma responsabilidade de fidelidade com o que é recebido, por outro, é frequentemente inviável não serem as alterações necessárias feitas pela gráfica, tanto por constrangimentos temporais como por limitações técnicas da parte de alguns criadores.

Ter-se-ão dado os primeiros passos numa aprendisagem mais profunda do controlo de cor e uma extensa exploração do programa Acrobat Professional. Teremos sucedido em, por pequenos que sejam, e com a aferição do nosso experiente colega, introduzir pequenos passos de automação e controlo de cor no fluxo de trabalho.

Após a realização do calendário, teremos tido a oportunidade de realizar outros trabalhos mais próximos da área editorial, que podemos dividir em três tipos: livro de média tiragem, revista ou jornal publicitário e pequena tiragem de livro de luxo.

O livro de média tiragem é somente impresso na M2, não existindo até ao momento recursos *in house* para a encadernação *hot melt*. As necessidades do fluxo de trabalho posterior são previstas de acordo com a folha de obra recebida.

A revista e jornal publicitários são, geralmente, dotados de impressão especial e acabamentos, provindo de propostas associadas à actividade hoteleira e indústria do lazer. O jornal, aliás, conservando a retórica visual do género, é impresso em papel de qualidade, por vezes com elevada exigência no controlo de cor, e levado a acabamentos como a estampagem.

O livro de luxo tanto é realizado em mini-tiragens para eventos de interesse pessoal dos clientes como para instituições e empresas, em tiragens maiores, seja para consumo interno das mesmas, na sua relação com os sócios e propostas de negócio, como para relações exteriores, não raro através da arte ou outro tipo de documentação gráfica.

Este tipo de livro pode levar a intensa prototipagem e exigente manuseamento, com requisitos de acrescida dificuldade na organização dos conteúdos impressos, que podem integrar conjuntos com variedade de substratos e formatos. A este tipo de livro está também, com frequência, associada a criação de embalagem.

A descoberta de meios de olhar o design quotidiano, de enquadramentos teóricos como os de Robert Waller, terá vindo suprir a necessidade de olhar o design não só como o novo, não só como o evento espectacular do re-design, mas como o labor quotidiano da construção da página, daquilo que vai permitir a acumulação da experiência, de problemas e soluções, que na verdade será a base de um evento de re-design bem sucedido. O cruzamento entre as teorias de Waller e as de Cross terá revelado uma tensão subjacentes ao processo de fazer design: a absoluta necessidade de corresponder ao que já existe, oferecendo mais que o que foi (imperfeitamente) pedido. Necessitámos desta clarificação da própria disciplina que praticamos para enquadrar este jornal pobre em tempo e meios, sem desobediências estéticas, e perfeitamente competente.

# 1. BIBLIOGRAFIA


AIRES, Eduardo Filipe Valente Cunha Da Silva - *A estrutura gráfica das primeiras páginas dos jornais: O Comércio do Porto, O Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias entre o início da publicação e final do séc. XX: contributos para uma ferramenta operacional e analítica para a prática do design editorial*. 2006.

Apoia o Jornal MAPA - Crowdfunding 2018 - [Em linha], atual. 15 jan. 2018. [Consult. 11 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:https://ppl.com.pt/prj/mapa>.

Apoia o jornal MAPA - Crowdfunding 2018 - YouTube - [Em linha] [Consult. 31 ago. 2018]. Disponível em WWW:<URL:https://www.youtube.com/watch?v=VjwrEnahPsU>.

AUSTIN, L. - *How To Do Things With Words*. Oxford : Oxford University Press, 1962

BARNHURST, Kevin G. - *Seeing the newspaper*. New York : St. Martin's Press, 1994. ISBN 978-0-312-10800-7.

BARNHURST, Kevin G.; NERONE, John - *The Form of News: A History*. [S.l.] : Guilford Press, 2002. ISBN 978-1-57230-791-9.

BARNHURST, Kevin G.; VARI, Michael; RODRÍGUEZ, Ígor - *Mapping Visual Studies in Communication*. Journal of Communication. 2004 29.

BENAISSA, Samia - *Slow_journalism*. doxa.comunicación. 25 (2017) 129–148.

BURNAY, Catarina Duff et al. - *As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal* [Em linha]. [S.l.] : ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social, [s.d.] [Consult. 30 set. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais_web/assets/downloads/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf>.

CARVALHO, Henrique Milen Vizeu - *Publicação independente em Portugal: a utopia do impresso no contexto digital*. [s.d.]) 174.

CAVADAS, Rui Carlos Ferreira - *Investigação em /por design*. 2005 100.

CROSS, Nigel - *Designerly ways of knowing*. London : Springer, 2006. ISBN 978-1-84628-300-0.

DELIN, Judy; BATEMAN, John; ALLEN, Patrick - *A model of genre in document layout.* Information Design Journal. . ISSN 01425471. 11:1 (2002 54–66. doi: 10.1075/idj.11.1.10del.

FLUSSER, Vilém; CULLARS, John - *On the Word Design: An Etymological Essay*. Design Issues. ISSN 0747-9360. 11:3 (1995 50–53. doi: 10.2307/1511771.

FRAYLING, Christopher - *Research in Art and Design*. Royal College of Art Research Papers. 1:1 1994.

FRAYLING, Christopher - *Research in Art and Design*. Royal College of Art Research Papers. 1:1 1994.

GENTZKOW, Matthew; GLAESER, Edward; GOLDIN, Claudia - *The Rise of the Fourth Estate: How Newspapers Became Informative and Why It Mattered* [Em linha]. Cambridge, MA : National Bureau of Economic Research, Set. 2004 (Relatório n.w10791. [Consult. 9 jun. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.nber.org/papers/w10791.pdf>.

HARROWER, Tim - *The newspaper designer's handbook*. 5th ed ed. Boston : McGraw-Hill, 2002. ISBN 978-0-07-240761-7.

HELLER, Steven - *Title Play: The Progression of the «Graphic Designer» Designation*. Print Magazine, 9 Set. 2015. [Consult. 10 jun. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.printmag.com/design-thinking/title-play-the-progression-of-the-graphic-designer-designation/>.

Jacobellis v. Ohio - [Em linha] [Consult. 10 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:https://www.law.cornell.edu/supremecourt/text/378/184>.

LAMBERG, Jasso J. J. - *Clothing the paper*. [S.l.] : University of Reading, 2015 [Consult. 15 out. 2017].

MASURIER, Megan Le - *What is Slow Journalism? Journalism Practice.* . ISSN 1751-2786. 9:2 (2015 138–152. doi: 10.1080/17512786.2014.916471.

MOURA, Mario - *O Design que o Design Não Vê*. 1.ª ed. Lisboa : Orfeu Negro, 04/18. ISBN 978-989-8868-24-4. p. 37.

Paul Shaw Letter Design » *From the Bookcase no. 3—Benjamin Sherbow* - , [s.d.]. [Consult. 26 ago. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.paulshawletterdesign.com/2011/07/from-the-bookcase-no-3%e2%80%94benjamin-sherbow/>.

POYNOR, Rick - *Illustration, Illuminated: Turning a Critical Eye Toward the History of Illustration*Print Magazine, 12 Set. 2016. [Consult. 10 jun. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.printmag.com/illustration/discourse-history-of-illustration-illuminated/>.

PROVIDÊNCIA, Francisco - *O poeta ou aquele que faz. A poética como inovação em Design*; [S.l.] : Universidade de Aveiro, 2014

PÚBLICO - Livro de Estilo [Em linha] [Consult. 11 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/>.

ROSCH, Eleanor - *Principles of Categorization*. Em COLLINS, ALLAN; SMITH, EDWARD E. (Eds.) - Readings in Cognitive Science, a Perspective From Psychology and Artificial Intelligence. [S.l.] : Morgan Kaufmann Publishers, 1988. p. 312–22.

SCHINDLER, Johanna; MÜLLER, Philipp - *Design follows politics? The visualization of political orientation in newspaper page layout*. Visual Communication. . ISSN 1470-3572. 17:2 (2018 141–161. doi: 10.1177/1470357217746812.

SHAW, Paul - *Tradition and Innovation: The Design Work of William Addison Dwiggins.* Design Issues. . ISSN 0747-9360. 1:2 (1984 26–41. doi: 10.2307/1511497.

SIEBERT, Fred et al. - *Four Theories of the Press: The Authoritarian, Libertarian, Social Responsibility, and Soviet Communist Concepts of What the Press Should Be and Do.* [S.l.] : University of Illinois Press, 1963. ISBN 978-0-252-72421-3.

THARP, Bruce M.; THARP, Stephanie M. - *The 4 Fields of Industrial Design: (No, not furniture, trans, consumer electronics, & toys)* [Em linha] [Consult. 8 jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://www.core77.com/posts/12232/the-4-fields--of-industrial-design-no-not-furniture-trans-consumer-electronics-toys-by--bruce-m-tharp-and-stephanie-m-tharp-12232>.

Vilela, A. Prontuário Gráfico. Braga: STGRAMINHO, 1976.

WALLER, Robert - *The typographic contribution to language: towards a model of typographic genres and their underlying structures.* [S.l.] : University of Reading, 1987

WINSTON, Brian - *Messages: Free Expression, Media and the West from Gutenberg to Google.* [S.l.] : Routledge, 2006. ISBN 978-1-134-57292-2.